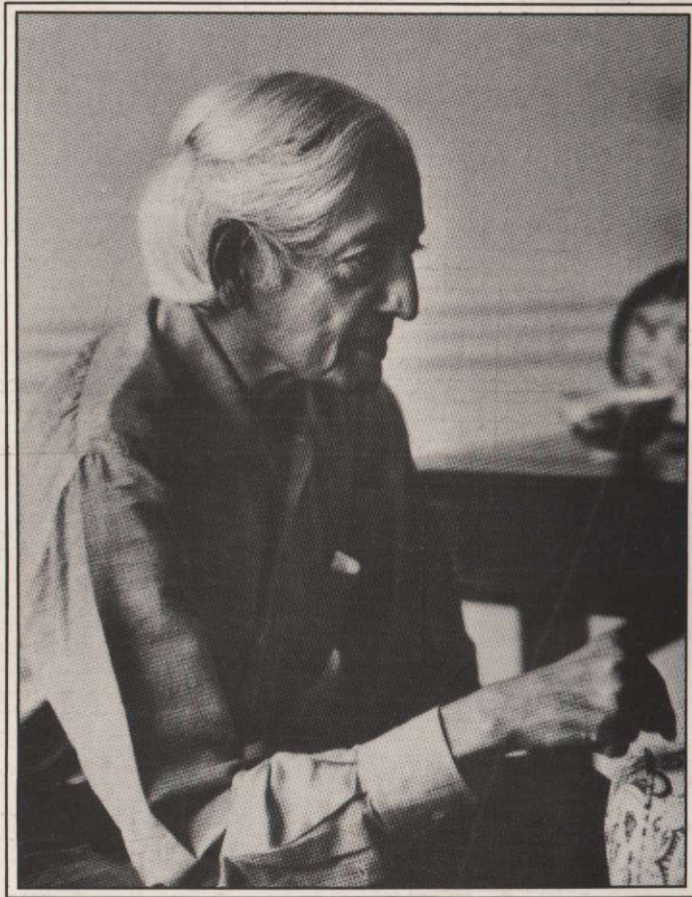
A Eliminação do Tempo Psicológico

Diálogos entre

J. Krishnamurti / David Bohm

Cultrix

A ELIMINACAO DO TEMPO PSICOLOGIC
ISBN 85-316-0143-6
9 788531 601439

A eliminação do tempo psicológico é a transcrição de um debate em profundidade mantido entre dois mestres do pensamento moderno: J. Krishnamurti e David Bohm. O ponto inicial destes diálogos é a questão: "Terá a humanidade trilhado um rumo errado, acarretando com isso uma divisão, conflito e destruição sem fim?" Essa questão leva à pesquisa da pergunta-chave seguinte, referente à natureza do homem e do seu relacionamento com a sociedade: "Acaso a fonte do conflito humano estaria na incapacidade de o indivíduo encarar o fato do que ele *é* psicologicamente, resultando na imposição de uma meta ilusória do que ele deve tentar *vir a serV* A incapacidade de enfrentar esse fato tem sua origem nas profundas divisões introduzidas na psique pelo pensamento e, especialmente, por aquele pensamento que deu origem a experiência do tempo psicológico e do "eu".

Por que o homem considera o pensamento tão importante em cada aspecto da sua vida? Acaso permitiu-se que o pensamento, limitado técnica e temporalmente, deslizasse para áreas mais sutis de desenvolvimento, nas quais ele é inadequado? A libertação dessa atividade irracional e confusa, e centralizada nele mesmo, só acontece através de certo tipo de discernimento. Esse discernimento torna possível a percepção de que, além do pensamento, existem energia e forma, sem "eu", sem tempo, e, na verdade, sem nada; e de que, além desse "nada", há "algo" muitíssimo mais amplo. Essa é a razão de toda a existência, que é o início e o fim de tudo. É essencial que a humanidade entenda essa razão, se é que a vida deva ter um significado real.

A ciência identificou essa razão com a matéria, mas isso não justifica os aspectos interiores de nossas vidas. Ela não afeta profundamente nossas divisões e conflitos psicológicos que, se não forem resolvidos, mais cedo ou mais tarde podem levar a humanidade à autodestruição. Krishnamurti enfatiza que a verdadeira razão da existência só pode ser apreendida com a percepção direta, quando a mente está em silêncio, vazia de pensamentos. Krishnamurti e David Bohm sempre retornam ao tema de que há necessidade de certa qualidade de discernimento que não se restringe a determinados setores (ciência, arte, religião, etc.). De preferência, esse discernimento tem de dissolver o "centro da escuridão" que, em essência, é o "eu". Esse centro cria confusão e a espalha por toda a área da função mental. A eliminação da atividade desse centro será uma revolução ou mutação fundamental.

CAPA: Fotos de Mark Edwards © Krishnamurti Foundation.

Qual será, então, o relacionamento de alguém que ainda está preso à armadilha da escuridão com al guém que já se libertou dela? No fundo, essas pessoiis não são diferentes mas, pelo fato de atuar a partir do centro sombrio, uma delas não pode ver com clareza c tem a ilusão de que é diferente. Poderá uma outra pessoa que enxerga claramente libertá-la dessa ilusão? Estes diálogos são a resposta a essa pergunta.

Se o cérebro humano permanece na ignorância autogerada, ele se desgasta com o conflito resultante. Um cérebro assim poderá, acaso, ser revitalizado? A deterioração das células cerebrais e a senilidade podem ser evitadas? Krishnamurti sugere que, através do discernimento, o cérebro pode sofrer uma mudança física e atuar de modo organizado, provocando assim a cura do dano que lhe foi infligido durante muitos anos de mau funcionamento. Esse discernimento tem origem numa energia que transcende o pensamento, o tempo e a matéria. Portanto, o que atua é a organização do universo como um todo, do ser como um todo, tanto em seu aspecto físico como em seu aspecto mental. Não se trata, assim, de algo pessoal e tampouco isso diz respeito apenas à raça humana.

Os diálogos terminam com nova referência ao rumo errado trilhado pela humanidade. Entretanto, isso não é visto como algo para o qual não existe saída. Há uma insistência no fato de que a humanidade é capaz de mudar fundamentalmente; mas isso requer o abandono de nossos interesses restritos e particulares em favor de um interesse comum e, em última análise, requer que nos aprofundemos ainda mais na pureza da compaixão, do amor e da inteligência que se originam num motivo que transcende o pensamento, o tempo e até mesmo o vazio. Isso significa entregar nossa mente, nosso coração e todo o nosso ser à investigação feita durante o transcurso destes debates.

Krishnamurti não precisa de apresentação. O dr. David Bohm é muito conhecido como autor de quatro livros: *Quantum Theory* (1951), *Causality and Chance in Modem Physics* (1957), *The Special Theory of Relativitv* (1966) e *Wholeness and the Implicate Order* (198Ó). David Bohm é americano, mora atualmente nos Estados Unidos e foi professor no Birkbeck College durante mais de vinte anos, até 1983. Sua obra está ligada ao principal campo da teoria quântica, da relatividade e de questões filosóficas. Antes de trabalhar no Birkbeck College, deu aulas em duas Universidades americanas, na Califórnia e em Princeton, na Universidade de Haifa (Israel), além de ter sido um dos fundadores do Departamento de Física da Universidade de São Paulo. Depois de Haifa, ele trabalhou durante alguns anos como pesquisador na Universidade de Bristol. Atualmente é professor emérito da Universidade de Londres.

A ELIMINAÇÃO DO TEMPO PSICOLÓGICO

DIÁLOGOS
ENTRE
J. KRISHNAMURTI E DAVID BOHM

Tradução
CLAUDIA GERPE DUARTE

EDITORA CULTRIX
São Paulo

Este livro foi elaborado com base em diálogos entre J. Krishnamurti e o professor David Bohm nos Estados Unidos e na Inglaterra, entre abril e setembro de 1980. Em certas ocasiões, outras pessoas estiveram presentes, e suas contribuições eventuais aos debates, quando não forem expressamente especificadas, são atribuídas ao "Interrogante" e não às pessoas pelo próprio nome.

SUMÁRIO

UM

AS RAÍZES DO CONFLITO PSICOLÓGICO

KRISHNAMURTI: Como começaremos? Eu gostaria de perguntar se a humanidade tomou uma direção errada.

DAVID BOHM: Uma direção errada? Bem, acredito que sim, há muito tempo.

K: É isso o que sinto. Há muito tempo. . . Parece que foi assim. Por quê? Da maneira como vejo, a humanidade procurou sempre alguma coisa.

DB: É bem possível. Fiquei impressionado com algo que li certa vez a respeito de o homem ter tomado o rumo errado há cerca de cinco ou seis mil anos, quando começou a ser capaz de saquear e fazer escravos. Depois disso, seu principal objetivo na vida passou a ser apenas a exploração e o saque.

K: Sim, mas há o sentido da transformação *interior.*

DB: Bem, deveríamos esclarecer como essas coisas estão conectadas. Que tipo de transformação estava envolvida em tal objetivo? Em vez de ser construtivo e de descobrir novas técnicas, utensílios e assim por diante, o homem em determinada ocasião achou mais fácil saquear seus semelhantes. Agora, eles querem se transformar no quê?

K: O conflito foi a origem de tudo isso.

DB: Qual era o conflito? Se pudéssemos nos colocar no lugar dessas pessoas que viveram há muito tempo, como você veria esse conflito?

K: Qual é a raiz do conflito? Não apenas do conflito externo, mas também desse tremendo conflito interior da humanidade? Qual é a raiz disso tudo?

DB: Bem, parece que são os desejos contraditórios.

K: Não. Não será porque em todas as religiões você tem de se transformar em alguma coisa? Você tem de alcançar alguma coisa?

DB: Então, o que fez com que as pessoas quisessem fazer aquilo? Por que não ficaram satisfeitas em ser apenas o que eram? Veja, a religião não teria se tornado popular se as pessoas não sentissem que havia algum atrativo em se transformarem em algo mais.

K: Não seria uma fuga não sermos capazes de enfrentar o fato, e nos voltarmos, por isso, para outra coisa — para mais, mais, e mais?

DB: Qual seria, a seu ver, o fato com o qual as pessoas não conseguiam conviver?

K: Os cristãos disseram que foi o Pecado Original.

DB: Mas o passo errado foi dado muito antes disso.

K: Sim, muito antes disso. Muito antes disso, os hindus já tinham essa idéia do karma. Qual é a origem disso tudo?

DB: Dissemos que havia o fato com o qual as pessoas não conseguiam conviver. Seja lá o que for, elas queriam imaginar algo melhor.

K: Sim, algo melhor. A transformação.

DB: Além disso, você diria que elas começaram a fazer coisas tecnologicamente melhores, e que depois expandiram isso, e disseram: "Eu também devo me aperfeiçoar".

K: Sim, aperfeiçoar-se interiormente.

DB: Todos nós juntos devemos nos aperfeiçoar.

K: Isso mesmo. Qual é a raiz disso tudo?

DB: Bem, creio que é natural ao pensamento projetar essa meta de aperfeiçoar. Ou seja, isso é intrínseco à estrutura do pensamento.

K: Será que o princípio de aperfeiçoamento exterior se deslocou para aperfeiçoamento interior?

DB: Se é bom se aperfeiçoar externamente, então por que eu não deveria me aperfeiçoar interiormente?

K: É esta a causa do conflito?

DB: Está dirigindo-se a ela. Está chegando mais perto.

K: Está chegando mais perto? O fator é o tempo? O tempo — como neste caso: "Preciso de conhecimento para poder fazer isso ou aquilo?" O mesmo princípio aplicado internamente? O tempo é o fator?

DB: Não creio que o tempo em si mesmo seja o único fator.

K: Não, não o tempo. A transformação — que subentende o tempo.

DB: Sim, mas não vemos como o tempo pode causar problemas. Temos de dizer que o tempo aplicado externamente não cria qualquer dificuldade.

K: Ele cria um pouco — mas estamos examinando a idéia de tempo internamente.

DB: Então, temos de examinar por que o tempo é tão destrutivo internamente.

K: Porque estou tentando me transformar em alguma coisa.

DB: Sim, mas a maioria das pessoas diria que isso é apenas natural. Você tem de explicar o que está errado no transformar-se.

K: Evidentemente, existe conflito, no sentido de que, quando estou tentando me transformar em alguma coisa, há uma batalha incessante.

DB: Sim. Podemos ir mais além: Por que há uma batalha incessante? Não seria uma batalha se eu tentasse melhorar minha posição externamente.

K: Externamente, não. Externamente tudo continua mais ou menos em ordem, mas quando o mesmo princípio é aplicado internamente, ele leva a uma contradição.

DB: E a contradição está ...?

K: Entre "o que é" e "o transformar-se no que deveria ser".

DB: A dificuldade está no seguinte: Por que se trata de uma contradição internamente e não externamente?

K: Internamente ela cria um centro, um centro egotista, não é?

DB: Sim, mas podemos encontrar alguma razão pela qual ela o faria? Será que ela cria um centro quando é realizada externamente? Parece que não necessariamente.

K: Não necessariamente.

DB: Mas quando a estamos realizando interiormente, estamos tentando nos forçar a ser alguma coisa que não somos.

K: Sim. Isso é um fato. Será que o cérebro das pessoas está tão acostumado ao conflito que elas rejeitam qualquer outra maneira de viver?

DB: Mas por que as pessoas chegaram à conclusão de que o conflito é inevitável e necessário?

K: Qual é a origem do conflito?

DB: Creio que nos aproximamos disso quando dizemos que estamos tentando nos forçar. Quando somos alguma coisa que queremos ser, também queremos ser alguma coisa mais, que é diferente; em conseqüência, queremos duas coisas diferentes ao mesmo tempo. Seria isso?

K: Eu entendo assim. Porém estou tentando descobrir a origem de toda

essa miséria, dessa confusão, desse conflito e dessa luta — qual é o começo disso? É por isso que eu perguntei no início: Será que o homem tomou uma direção errada? Será que a origem não está no "eu não sou eu"...?

DB: Creio que estamos chegando perto.

K: Sim, é isso; e o "eu" — por que a humanidade criou esse "eu", que deve, inevitavelmente, ser causa de conflito? "Eu" e "você", e "eu" melhor do que "você", e assim por diante.

DB: Creio que foi um erro cometido há muito tempo ou, como você diz, um passo na direção errada, que introduziu a separação entre várias coisas externamente, e, que continuamos a cometer não devido à má vontade, mas simplesmente por nos faltar conhecimento.

K: Exatamente.

DB. Não percebíamos o que estávamos fazendo.

K: É essa a origem de todo esse conflito?

DB: Não tenho certeza de que seja essa a origem. O que você acha?

K: Sinto-me inclinado a considerar que a origem é o ego, o "mim", o "eu".

DB: Sim.

K: Se não há um ego, não há problema, não há conflito, não existe o tempo - tempo no sentido de vir a ser ou não vir a ser; de ser ou não ser.

DB: Pode ser, porém, que voltemos a escorregar naquilo que nos fez criar o ego em primeiro lugar.

K: Espere um pouco. Será que essa energia — sendo tão vasta e ilimitada — foi condensada ou estreitada na mente, e o próprio cérebro se contraiu porque não podia conter toda essa enorme energia? Você está acompanhando o que estou dizendo?

DB: Estou.

K: Em conseqüência disso, o cérebro, gradualmente, contraiu-se até reduzir-se ao "mim", ao "eu".

DB: Não acompanhei isso muito bem. Eu entendo que foi isso o que aconteceu, mas não consigo perceber exatamente todos os passos. Você diz que a energia era enorme e que o cérebro não podia manipulá-la, ou decidiu que não podia manipulá-la?

K: Ele não podia manipulá-la.

DB: Mas se ele não podia manipulá-la, parece que não há saída.

K: Não, espere um minuto. Vá devagar. Eu quero apenas indagar, pressionar um pouco. Por que o cérebro, com todos os pensamentos, criou esse sentido do "mim", do "eu"? Por quê?

DB: Precisamos de um certo sentido de identidade para poder funcionar.

K: Sim, para poder funcionar.

DB: Para sabermos qual é o nosso lugar.

K: Sim. E seria esse o movimento que produziu o "mim"? O movimento do exterior? Eu tive de me identificar com minha família, minha casa, meu negócio ou minha profissão. Tudo isso, gradualmente, transformou-se no "mim"?

DB: Penso que essa energia a que você se refere também participou disso.

K: Sim, mas quero chegar a isso lentamente.

DB: Veja bem, o que você afirma está correto, de algum modo esse sentido do "mim" gradualmente se fortaleceu, mas esse fato sozinho não poderia explicar a tremenda força que o ego possui. Seria, então, apenas um hábito. O ego, ao se tornar completamente dominante, exigiu que ele seria o foco da maior energia; de toda a energia.

K: É isso, então? Que o cérebro não pode conter essa vasta energia?

DB: Digamos que o cérebro está tentando controlá-la — ordenar essa energia.

K: A energia não tem ordem.

DB: Mas se o cérebro sente que ele não pode controlar algo que está ocorrendo interiormente, ele tentará estabelecer a ordem.

K: Poderíamos dizer que o cérebro, o seu cérebro, o cérebro dele, o cérebro dela, simplesmente não nasceram? Que ele é muito, muito antigo?

DB: Em que sentido?

K: No sentido de que ele evoluiu.

DB: Evoluiu, sim, a partir do animal. E o animal evoluiu. Digamos então que, num certo sentido, toda essa evolução está de algum modo contida no cérebro.

K: Quero questionar a evolução. Eu compreendo, digamos, a evolução do carro de boi até o jato.

DB: Sim. Mas antes de você questioná-la, temos de considerar a evidência de que o homem se desenvolveu através de uma série de etapas. Você não pode questionar isso, pode?

K: Não, naturalmente que não.

DB: Quero dizer que, fisicamente, está claro que a evolução ocorreu de alguma maneira.

K: Fisicamente, sim.

DB: Além disso, o cérebro ficou maior e mais complexo. Mas você pode questionar se, mentalmente, a evolução tem qualquer significado.

K: Veja bem, eu quero abolir o tempo, psicologicamente. Você compreende?

DB: Sim, compreendo.

K: Para mim é este o inimigo. Seria também esta a causa, a origem da miséria do homem?

DB: Esse uso do tempo, certamente. O homem teve de usar o tempo para determinada finalidade, mas ele o usou erradamente.

K: Entendo. Se eu quiser aprender uma língua, preciso de tempo.

DB: Mas o mau emprego do tempo, prolongando-o internamente...

K: *Internamente:* é sobre isso que estou falando. Seria essa a causa da confusão do homem - introduzir o tempo como um meio de transformação, um meio para nos tornarmos cada vez mais perfeitos, cada vez mais evoluídos, cada vez mais afetuosos? Você está acompanhando o que eu quero dizer?

DB: Sim, eu entendo. Se não fizéssemos isso, certamente toda a estrutura entraria em colapso.

K: Exatamente.

DB: Mas eu não sei se existe alguma outra causa.

K: Espere um minuto. Quero me aprofundar um pouco nisso. Não estou falando num sentido teórico, pessoal. Para mim, a idéia de amanhã não existe psicologicamente — isto é, o tempo como um movimento, seja interna ou externamente.

DB: Você se refere ao tempo psicológico?

K: Sim, ao tempo psicológico, e ao tempo exteriormente. Se o tempo psicológico não existe, então não há conflito, não há "mim", não há "eu", que é a origem do conflito. Externamente, tecnologicamente, o homem avançou, evoluiu.

DB: Ele também evoluiu na estrutura física interna.

K: Na estrutura, em tudo. Mas psicologicamente também avançamos para o exterior.

DB: Sim, nós concentramos nossa vida no exterior. É isso que você está dizendo?

K: Sim. Expandimos nossas capacidades para o exterior; e o movimento

interno é o mesmo movimento externo. Ora, se não há nenhum movimento interior como o tempo, o avanço, a transformação cada vez maior, então o que ocorrerá? Você compreende o que estou tentando exprimir? O tempo acaba. Veja bem, o movimento exterior é o mesmo movimento interior.

DB: Sim. Ele está dando voltas.

K: Envolvendo o tempo. Se o movimento cessa, então o que acontece? Será que estou transmitindo algo? Poderíamos colocar as coisas dessa maneira? Nunca tocamos em qualquer outro movimento que não fosse o movimento exterior.

DB: De um modo geral, pelo menos. Nós aplicamos a maior parte da nossa energia nos movimentos externos.

K: E o movimento psicológico também é externo.

DB: Bem, é o reflexo desse movimento externo.

K: Pensamos que ele é interno mas na verdade ele é externo, certo?

DB: Sim.

K: Ora, se esse movimento cessa, como deve ocorrer, existirá então, realmente, um movimento interior — um movimento que não se processa em função do tempo?

DB: Você está perguntando se existiria um outro tipo de movimento, que ainda se processaria, mas não em função do tempo?

K: Isso mesmo.

DB: Temos de aprofundar isso. Você poderia ir mais além?

K: Veja bem, a palavra movimento significa tempo.

DB: Bem, na verdade ela significa mudar de um lugar para outro. Mas, de qualquer modo, ainda existe a noção de alguma coisa que não é estática. Negando o tempo, você não deseja retornar a algo estático, que ainda é o tempo.

K: Digamos, por exemplo, que o cérebro de uma pessoa foi treinado, condicionado, durante séculos a ir para o norte. Então, de repente, ela percebe que ir para o norte representa um conflito permanente. Quando ela percebe isso, o próprio cérebro se altera — a qualidade do cérebro muda.

DB: Certo. Posso ver que, de algum modo, ele despertará para um movimento diferente.

K: Sim, diferente.

DB: A palavra fluxo não seria melhor?

K: Tenho ido para o norte durante toda minha vida, e de repente paro de fazer isso. Mas o cérebro também não está indo para leste, sul ou oeste. O conflito então cessa - não é mesmo? Porque ele não está avançando em nenhum sentido.

DB: Este é, então, o ponto-chave - o sentido do movimento. Quando o sentido do movimento é fixado internamente, ele irá levar a um conflito. Mas externamente precisamos de um sentido fixado.

K: Naturalmente que sim. Isso está entendido.

DB: Sim. Se dizemos que o cérebro não possui nenhum sentido fixado, então o que é que ele está fazendo? Está se movendo em todos os sentidos?

K: Fico um pouco hesitante em falar sobre isso. Alguém poderia dizer, quando realmente alcança esse estado, que ele é a fonte de toda energia?

DB: Sim, à medida que penetra mais profundamente em seu interior.

K: Esta é a verdadeira interiorização; não o movimento exterior que se transforma no movimento interior, mas a ausência de movimento externo ou interno . ..

DB: Sim, podemos negar tanto o externo como o interno, de modo que todo movimento pareça parar.

K: Seria essa a fonte de toda energia?

DB: Sim, talvez pudéssemos dizer isso.

K: Posso falar um pouco sobre mim?

DB: Sim.

K: Falarei primeiro sobre a meditação. Toda meditação consciente não é meditação — certo?

DB: O que você entende por meditação consciente?

K: A meditação deliberada, praticada, que é na verdade meditação pré-meditada. Existiria alguma meditação que não fosse premeditada — que não fosse uma atividade do ego que tenta se transformar em alguma coisa — ou que não fosse capaz de negar?

DB: Antes de continuarmos, poderíamos opinar sobre o que deveria ser a meditação. Será ela uma observação da mente que observa?

K: Não. Ela foi além disso tudo. Estou usando a palavra meditação no sentido de que não há nela o menor resquício de qualquer tentativa consciente de se transformar, de alcançar algum nível.

DB: A mente está simplesmente consigo mesma, silenciosa.

K: É aí que eu quero chegar.

DB: Sem procurar por nada.

K: Veja bem. Eu não medito no sentido comum da palavra. O que acontece é que eu acordo meditando.

DB: Naquele estado?

K: Certa noite na índia eu acordei; olhei no relógio e vi que era meia-noite e quinze; e — hesito em dizer isso porque soa como algo fantástico — a fonte de toda energia havia sido alcançada; e isso teve um efeito extraordinário sobre o cérebro; e também sobre o físico. Sinto ter de falar sobre mim, mas, você compreende, não houve, literalmente, em absoluto qualquer separação; nenhum sentido de mundo, de "mim". Você percebe?

Havia apenas o sentido de uma tremenda fonte de energia.

DB: Então o cérebro estava em contato com essa fonte de energia?

K: Sim, e como venho dizendo há sessenta anos, eu gostaria que outras pessoas chegassem a isso. Não, chegar, não. Você entende o que estou dizendo? Todos os nossos problemas estão resolvidos, porque ela é energia pura desde o início dos tempos. Agora, como eu poderei — não "eu", você compreende — como uma pessoa poderá não ensinar, não ajudar ou não pressionar — no entanto, como alguém pode dizer: "Este caminho leva a uma completa sensação de paz, de amor"? Sinto muito ter de empregar todas essas palavras, mas suponha que você tenha chegado nesse ponto e o seu cérebro esteja latejando com essa energia — como você ajudaria outra pessoa? Você está me entendendo? Refiro-me a uma ajuda efetiva — não a palavras. Como você ajudaria outra pessoa a chegar a isso? Compreende o que estou querendo dizer?

DB: Sim.

K: Meu cérebro — não o meu, mas o cérebro — evoluiu. Evolução subentende tempo, e o cérebro só pode pensar, viver, no tempo. Agora, negar o tempo representa, para o cérebro, uma tremenda atividade, pois qualquer problema que surja, qualquer pergunta, será imediatamente resolvida.

DB: Essa situação é sustentável ou existe apenas por um período?

K: É sustentável, obviamente, caso contrário não haveria nela nenhum propósito. Ela não é esporádica nem intermitente. Agora, como você pode abrir a porta, como pode ajudar outra pessoa a dizer: "Olhe, temos caminhado na direção errada, existe apenas o nâo-movimento; e, se o movimento parar, tudo ficará correto"?

DB: Bem, é difícil saber de antemão se tudo ficará correto.

K: Voltemos ao ponto em que começamos. Isto é, terá a humanidade dado um passo na direção errada, psicologicamente, não fisicamente? Poderá esse passo ser completamente revertido? Ou interrompido? Meu cérebro está tão acostumado com essa idéia evolucionária de que me transformarei em alguma coisa, de que obterei alguma coisa, de que preciso ter mais conhecimento, e assim por diante; poderia esse cérebro perceber, de

repente, que o tempo não existe? Você entende o que estou querendo dizer?

DB: Sim.

K: Eu estava assistindo, outro dia, na televisão, a um debate sobre Darwin, sobre o seu conhecimento e sobre o que ele realizou — toda sua teoria da evolução. Ela me parece totalmente falsa psicologicamente.

DB: Parece que ele forneceu evidências de que todas as espécies mudaram com o tempo. Por que isso é falso?

K: Naturalmente. É óbvio.

DB: Isso é verdadeiro num aspecto, embora eu pense que seria falso afirmar que a mente evoluiu com o tempo.

K: Naturalmente.

DB: Mas *fisicamente* parece claro que houve um processo de evolução, e que isso aumentou a capacidade do cérebro para fazer certas coisas. Por exemplo, não poderíamos estar discutindo esse problema se o cérebro não tivesse aumentado.

K: Naturalmente.

DB: Mas, a meu ver, você está sugerindo que a mente não se origina do cérebro. Não é isso? O cérebro é, talvez, um instrumento da mente?

K: E a mente não é o tempo. Veja bem o que isso significa.

DB: A mente não evolui com o cérebro.

K: A mente não pertence ao tempo, e o cérebro pertence ao tempo — não seria esta a origem do conflito?

DB: Bem, temos de verificar por que isso cria o conflito. Não fica claro dizer que o cérebro pertence ao tempo, mas sim que ele se desenvolveu de tal maneira que o tempo está inserido nele.

K: Sim, é isso que eu quis dizer.

DB: Mas não é necessariamente isso.

K: Ele evoluiu.

DB: Ele evoluiu, e assim traz o tempo dentro de si.

K: Sim, ele evoluiu. O tempo é parte dele.

DB: Ele se tornou parte da sua própria estrutura.

K: Sim.

DB: Contudo, a mente opera sem o tempo, embora o cérebro não seja capaz de fazer isso.

K: Isso significa que Deus está no homem, e que Deus só pode operar se o cérebro estiver tranqüilo, se o cérebro não estiver preso no tempo.

DB: Bem, eu não estava querendo dizer isso. Eu percebo que o cérebro, pelo fato de possuir uma estrutura temporal, não é capaz de responder à mente de maneira adequada. É isso o que realmente parece estar implicado aqui.

K: Pode o próprio cérebro perceber que ele está preso no tempo e que, enquanto ele persistir seguindo essa direção, o conflito será eterno, interminável? Você está seguindo o que eu estou dizendo?

DB: Sim. Será que o cérebro percebe isso?

K: Teria o cérebro a capacidade de perceber o que está fazendo agora — estando preso no tempo — de perceber que nesse processo não há um fim para o conflito? Isso quer dizer: Haverá uma parte do cérebro que não pertença ao tempo?

DB: Que não esteja presa nem funcionando no tempo?

K: Pode alguém dizer isso?

DB: Não sei.

K: Isso significaria — voltamos à mesma coisa usando palavras diferen-

tes — que o cérebro não está sendo completamente condicionado pelo tempo, de modo que há uma parte do cérebro que se encontra livre do tempo.

DB: Não uma parte; mais propriamente, isso significaria que o cérebro está, de uma forma majoritária, dominado pelo tempo, embora não signifique necessariamente que ele não possa mudar.

K: Sim. Isto é, pode o cérebro, dominado pelo tempo, não subordinar-se a ele?

DB: Exatamente. Nesse momento, ele escapa do tempo. Acho que posso perceber isso — ele é dominado somente quando lhe proporcionamos tempo. O pensamento que requer tempo é dominado, mas qualquer coisa que seja suficientemente rápida não é dominada.

K: Sim, é isso mesmo. Poderia o cérebro — que está acostumado ao tempo — verificar que, nesse processo, não há um fim para o conflito? Percebe, no sentido de compreender isso? Ele compreenderia isso sob pressão? Certamente que não. Ele o compreenderia sob coerção, recompensa ou punição? Ele não o faria. Ele resistiria ou escaparia.

Então, qual é o fator que faria com que o cérebro percebesse que a maneira como vem funcionando não está correta? (Vamos usar essa palavra por enquanto. E o que o faria compreender repentinamente que esse modo é totalmente nocivo? O que o faria? Certamente não seriam as drogas nem algum produto químico.

DB: Nenhuma dessas coisas externas.

K: Então, o que faria com que o cérebro compreendesse isso?

DB: O que você entende por compreender?

K: Compreender que o caminho ao longo do qual o cérebro tem se movimentado será sempre o caminho do conflito.

DB: Creio que isso levanta o problema de que o cérebro resiste a essa compreensão.

K: Claro, claro. Porque ele está acostumado ao antigo caminho, há sécu-

los! Como você faria o cérebro compreender esse fato? Se você pudesse fazê-lo compreender isso, o conflito estaria terminado.

Veja, as pessoas tentaram o jejum, a austeridade, a pobreza, a castidade no seu verdadeiro sentido, a pureza, usando uma mente que era absolutamente correta; elas tentaram partir sozinhas; elas tentaram praticamente tudo o que o homem inventou, mas nenhuma dessas vias foi bem-sucedida.

DB: Bem, e o que você tem a dizer? Está claro que as pessoas que perseguem esses objetivos exteriores ainda estio se transformando.

K: Sim, mas elas não compreendem nunca que esses objetivos são externos. O que significa, na verdade, que elas estão negando completamente tudo isso.

DB: Veja, indo mais além, creio que temos de negar a própria noção de tempo, no sentido de ficarmos na expectativa do futuro, e negar todo o passado.

K: É exatamente isso.

DB: Ou seja, a totalidade do tempo.

K: O tempo é o inimigo. Temos de encontrá-lo e transcendê-lo.

DB: Devemos negar que ele tenha uma existência independente. Veja, penso que temos a impressão de que o tempo existe independentemente de nós. Estamos no fluxo do tempo e, portanto, pareceria absurdo para nós negá-lo, pois é isso o que somos.

K: Sim, certo, certo. Isso significa que temos *realmente* de nos afastar - mais uma vez são apenas palavras — de *tudo* o que o homem reuniu como meio para atingir a intemporalidade.

DB: Poderíamos dizer que nenhum dos métodos que o homem usa externamente pode libertar a mente do tempo?

K: Definitivamente.

DB: Todos os métodos subentendem o tempo.

K: Naturalmente. É tão simples.

DB: Sempre começamos estabelecendo imediatamente toda a estrutura do tempo; pressupomos toda a noção de tempo antes de começarmos.

K: Sim, isso mesmo. Mas como se pode transmitir isso para outra pessoa? Como você, ou "X", transmitirá isso a um homem que está preso no tempo, e que resistirá a isso, lutará contra isso, porque diz que não há outra maneira? Como se pode transmitir isso a ele?

DB: Creio que só se pode transmitir isso a alguém que já esteja no processo; provavelmente, não se conseguirá de modo algum transmiti-lo a uma pessoa que escolhamos ao acaso na rua!

K: Então, o que estamos fazendo? Como isso não pode ser transmitido através de palavras, o que pode um homem fazer? Você diria que para resolver um problema quando ele surge, terá de investigá-lo, pois de outra maneira poderá fazer o que há de mais tolo, iludindo-se na crença de que o resolveu? Suponha que eu tenha um problema, qualquer problema psicológico — pode a mente percebê-lo, resolvê-lo imediatamente? Pode ela não se iludir, não resistir a ele — você compreende? Pode, ao contrário, enfrentá-lo e eliminá-lo?

DB: Bem, com um problema psicológico, essa é a única maneira. De outro modo, seriamos apanhados na própria fonte do problema.

K: Naturalmente. Poderia essa atividade eliminar o tempo, o tempo psicológico sobre o qual estamos falando?

DB: Sim, se pudéssemos fazer com que essa ação imediata se envolvesse com o problema, que é o *self.*

K: Uma pessoa é gananciosa ou invejosa. *Acabar imediatamente* com a ganância, com o apego, e assim por diante, não fornecerá uma pista para a eliminação do tempo?

DB: Sim, porque qualquer ação que não é imediata já terá introduzido o tempo.

K: Sim, sim. Eu sei disso.

DB: A eliminação do tempo é imediata, certo?

K: Imediata, naturalmente. Seria isso capaz de mostrar o passo errado que a humanidade deu?

DB: Sim, se o homem sente que alguma coisa está psicologicamente fora de ordem, ele introduz então a noção de tempo, e o pensamento da transformação, e isso cria problemas intermináveis.

K: Poderia ser isso o que abriria a porta a esse sentido de tempo que não tem lugar internamente? Isso significa que o pensamento não tem lugar a não ser externamente, não é?

DB: Você está afirmando que o pensamento é um processo que está envolvido no tempo.

K: Você diria que o pensamento é o processo do tempo? Isso porque o pensamento está baseado na experiência, no conhecimento, na memória e na resposta, que englobam a totalidade do tempo.

DB: Tentemos colocar assim o problema: O pensamento, como em geral o conhecemos, está no tempo.

K: O pensamento, como o conhecemos agora, pertence ao tempo.

DB: Sim. Eu concordaria, falando de uma maneira geral.

K: Falando de uma maneira geral, o pensamento é o tempo.

DB: Ele se baseia na noção do tempo.

K: Sim, tudo bem. Mas para mim, o próprio pensamento é o tempo.

DB: O próprio pensamento cria o tempo, correto.

K: Isso quer dizer que quando não existe o tempo não existe o pensamento? .íf ètsí Eteib^mi à oEn w/p wuplEup suproq ,mi2 :9C1

DB: Bem, nenhum pensamento desse tipo.

K: Não. Não há *nenhum* pensamento. Eu quero prosseguir devagar.

DB: Poderíamos dizer que há um tipo de pensamento no qual temos vivido e que é dominado pelo tempo?

K: Sim, mas isso chegou a um fim.

DB: Mas pode haver outro tipo de pensamento que não é dominado pelo tempo. . . Quero dizer, como você afirmou antes, o pensamento poderia ainda ser usado para fazer algumas coisas.

K: Claro, exteriormente sim.

DB: Temos de tomar cuidado para não dizermos que o pensamento é necessariamente dominado pelo tempo.

K: Sim. Eu tenho de ir daqui para lá, para minha casa; isso requer tempo, pensamento, mas eu não estou me referindo a essa espécie de tempo.

DB: Vamos esclarecer então que você está falando a respeito do pensamento que está voltado para a mente, cujo conteúdo é a ordem da mente.

K: Sim. Você diria que o conhecimento é tempo?

DB: Bem,sim...

K: Todo conhecimento é tempo.

DB: Sim, no sentido de que foi conhecido, e pode se projetar no futuro, e assim por diante.

K: Naturalmente; o futuro, o passado. Conhecimento — ciência, matemática, seja lá o que for - adquire-se através do tempo. Eu leio filosofia, eu leio isto ou aquilo, e todo o movimento do conhecimento envolve tempo. Veja bem o que eu quero dizer!

DB: Penso que estamos dizendo que o homem deu um passo na direção errada e ficou preso nesse tipo de conhecimento, que é dominado pelo tempo pois se transformou em conhecimento psicológico.

K: Sim. Então ele vive no tempo.

DB: Ele vive no tempo porque tenta produzir um conhecimento que tem

a natureza da mente. Você está dizendo que não há um verdadeiro conhecimento da mente? Você colocaria assim a questão?

K: No momento em que usamos a palavra "conhecimento", o tempo está implícito. Quando acabamos com o tempo, no sentido a que estamos nos referindo, não há conhecimento enquanto experiência.

DB: Temos de examinar o que a palavra "experiência" significa.

K: Experiência, memória.

DB: As pessoas dizem: "Aprendo através da experiência. Estou passando por alguma coisa."

K: Que significa transformar-se!

DB: Bem, vamos esclarecer isso. Você percebe que há um tipo de experiência, por exemplo, na profissão de uma pessoa, que se transforma em habilidade e percepção.

K: Naturalmente, mas isso é bem diferente.

DB: Mas estamos dizendo que não se trata de uma experiência mental, de uma experiência psicológica.

K: Sim, vamos colocar as coisas assim. A experiência psicológica está no tempo.

K: Naturalmente.

DB: Penso que o que você está dizendo é que a noção de nos controlarmos psicologicamente não tem significado.

K: Portanto, o conhecimento do "eu" - o conhecimento psicológico — é o tempo.

DB: Sim, eu compreendo que a totalidade do conhecimento é o "eu", é o tempo.

K: Então, o que é a existência sem isso? Não existe o tempo, não existe

o conhecimento no sentido psicológico, não há nenhum sentido do "eu"; então, o que existe? Para chegar a esse ponto a maioria das pessoas diria: "Isso é uma coisa horrível".

DB: Sim, porque parece que, então, não haveria nada.

K: Nada. Mas se alguém chegou a esse ponto, o que existe ali? Você diria que, como não há nada, há tudo?

DB: Sim, eu aceitaria isso. Eu sei que é assim. Isso é verdadeiro, tudo está contido aí.

K: Não há meditação, não há nada.

DB: Nada.

K: Nada, é isso.

DB: Uma coisa é limitada, e isso não é uma coisa porque não existem limites ... Pelo menos, isso possui tudo potencialmente.

K: Um momento. Se isso não é nada, e portanto tudo, então tudo é energia.

DB: Sim, e não se trata disso, porque não podemos dizer: "À medida que me torno habilidoso no meu trabalho, torno-me habilidoso em minha mente, fundamentalmente habilidoso".

K: Sim. Para onde, então, isso está nos levando? Sei que o conhecimento é tempo; o cérebro percebe isso, e vê a importância do tempo numa certa direção, e constata que o tempo não tem qualquer valor em outra direção. Isso não é uma contradição.

DB: Eu diria que o valor do tempo está limitado a uma certa direção, ou área, e que, para além dela, ele não tem valor.

K: Sim. Então o que é a mente ou o cérebro sem o conhecimento? Você entende o que eu digo.

DB: Sem o conhecimento psicológico?

K: Sim, estou falando psicologicamente.

DB: Não é tanto pelo fato de ele estar preso no tempo, mas por ele estar desprovido do conhecimento psicológico para se organizar.

K: Sim.

DB: Estamos dizendo, então, que o campo cerebral deve se organizar conhecendo psicologicamente tudo sobre si mesmo.

K: Então a mente e o cérebro significam desordem? Certamente que não.

DB: Não. Mas eu penso que as pessoas que se defrontarem com isso poderão achar que se trata de desordem.

DB: Sim. A base de tudo é energia.

K: Naturalmente. Tudo é energia. E qual é a fonte dessa energia? Ou não há nenhuma fonte de energia? Existe apenas a energia?

DB: A energia apenas é. A energia é "o que é". Não há necessidade de uma fonte. Seria isso, talvez, uma maneira de encarar a coisa?

K: Não. Se não existe nada, e conseqüentemente tudo, e tudo é energia .. . Temos que tomar bastante cuidado aqui; os hindus também têm essa idéia, a de que Brahman é tudo. Você entende? Mas isso se torna uma idéia, um princípio, e então o funcionamento está mais uma vez no cérebro. O fato, porém, é que não há nada, e conseqüentemente existe tudo, e tudo isso é energia cósmica. Mas o que originou essa energia?

DB: Não estamos falando do tempo.

K: Eu sei que não estamos falando do tempo, mas, veja, os cristãos diriam "Deus é energia e Ele é a fonte de toda a energia". Não é verdade?

DB: Mas os cristãos têm uma idéia do que eles chamam de Ente Supremo, que é também a própria fonte de Deus.

K: E os mundos dos hindus, dos árabes, dos judeus também têm isso. Estamos indo contra tudo isso?

DB: Soa parecido de algumas maneiras.

K: E, ao mesmo tempo, não parecido. Temos que ter cuidado.

DB: Muitas coisas como essa foram ditas através dos tempos.

K: Estamos então apenas caminhando no vazio? Estamos vivendo no vazio?

DB: Bem, isso não está claro.

K: Não existe nada, e tudo é energia. O que é isso?

DB: Bem, existe alguma coisa dentro da energia?

K: Isso não é diferente da energia. Isso. Mas a coisa que está dentro diz: "Sou totalmente diferente daquilo".

DB: O "eu" se fecha e diz: "Eu sou diferente, eu sou eterno".

K: Por que ele fez isso? Por que surgiu a separação? Será porque externamente eu me identifico com uma casa e assim por diante, e essa identificação avançou interiormente?

DB: Sim. E o segundo ponto era que uma vez que estabelecemos a noção de alguma coisa interna, tornou-se necessário protegê-la; e isso, portanto, criou a separação.

K: Naturalmente.

DB: O interior era obviamente a coisa mais preciosa, e teria qué ser protegido com toda nossa energia.

K: Isso quer dizer então que existe apenas o organismo — que é parte da energia? Não há em absoluto nenhum "mim", a não ser o nome no passaporte e a forma; além disso não há nada; e conseqüentemente existe tudo, e portanto tudo é energia?

DB: Sim, a forma não possui existência independente.

K: Não. Existe apenas a forma. Isso é tudo.

DB: Você diz que existe também a energia.

DOIS

LIMPANDO A MENTE DO ACÚMULO DO TEMPO

KRISHNAMURTI: Estávamos dizendo que o tempo psicológico é um conflito, que o tempo é o inimigo do homem; e que esse inimigo existe desde o início do homem. Perguntamos ainda: por que o homem desde o início deu "um passo errado", seguiu "um caminho errado"? E, se foi assim, é possível ao homem voltar-se para outra direção, na qual ele possa viver sem conflito? Porque, como dissemos ontem, o movimento exterior é também a mesma coisa que o movimento interior. Não existe separação entre o interno e o externo. É o mesmo movimento. Perguntamos também se estávamos profundamente e passionalmente preocupados com que o homem voltasse para outra direção, para que não vivesse no tempo, apenas com o conhecimento das coisas externas. As religiões, os políticos e os educadores falharam: eles nunca se preocuparam com isso. Você concorda?

DAVID BOHM: Sim. Penso que as religiões tentaram discutir os valores eternos que transcendem o tempo, mas elas não parecem ter sido bem sucedidas.

K: É aí que quero chegar. Para eles isso foi uma idéia, um ideal, um princípio, um valor, mas não uma realidade, e a maior parte das pessoas religiosas apoiam-se numa crença, num princípio, numa imagem, no conhecimento, em Jesus, ou em alguma outra coisa.

DB: Sim, mas se considerássemos todas as religiões, digamos as diversas formas do budismo, elas tentariam dizer exatamente, até certo ponto, o que você está dizendo.

K: Até certo ponto, mas estou tentando chegar ao seguinte. Por que o homem nunca enfrentou esse problema? Por que não dissemos: "Vamos acabar com o conflito"? Em vez disso fomos encorajados, porque através do conflito achamos que há progresso.

DB: Tentar superar a oposição pode representar uma certa fonte de estimulo.

K: Sim, mas se eu e você enxergarmos a verdade disso, não numa abstração e sim de modo efetivo e profundo, poderemos atuar de um modo tal que todos os assuntos sejam resolvidos instantaneamente, imediatamente, de forma que o tempo psicológico seja abolido? E como indagamos ontem, quando chegamos ao ponto em que não existe nada e existe tudo, onde tudo isso é energia — quando o tempo finda, há o início de algo totalmente novo? Existe um início que não está enredado no tempo? Contudo, como vamos descobrir isso? As palavras são necessárias para que nos comuniquemos, mas a palavra não é isso. Então o que há quando todo o tempo termina? O tempo psicológico, não o tempo do . . .

DB: . . . tempo do dia.

K: Sim. Tempo como o "mim", o ego, e quando isso chega completamente ao fim, o que é que começa? Poderíamos dizer que das cinzas do tempo ocorre um novo crescimento? O que é que começa — não, essa palavra "começa" também subentende o tempo.

DB: Qualquer coisa a que nos refiramos, aquilo que surge.

K: Aquilo que surge, o que é?

DB. Bem, como dissemos ontem, é essencialmente a criação, a possibilidade da criação.

K: Sim, criação. É isso? Algo novo que nasce?

DB: Não é o processo de transformação.

K: Oh, não, isso está terminado. A transformação é o pior, é tempo, é a verdadeira raiz de todo esse conflito. Estamos tentando descobrir o que acontece quando o "eu", que é tempo, chega completamente ao fim.

Creio que Buda supostamente disse "Nirvana". E os hindus o chamam de Moksha. Não sei se os cristãos o chamam de Céu . . .

DB: Os místicos cristãos tinham um estado semelhante . ..

K: Semelhante, sim. Mas veja bem, os místicos cristãos, até onde eu entendo, estão enraizados em Jesus, na Igreja, em toda a crença. Eles nunca foram além disso.

DB: Sim, parece ser assim. Pelo menos até onde eu sei.

K: Mas já dissemos que a crença, o apego a tudo isso, estão eliminados, terminados. Tudo isso é parte do "eu". Agora, quando ocorre essa limpeza absoluta da mente com relação ao acúmulo do tempo, qual é a essência do "mim", o que acontece? Por que devemos perguntar o que acontece?

DB: Você quer dizer que essa não é uma boa pergunta?

K: Estou apenas me perguntando: por que deveríamos perguntar isso? Existe por trás disso uma forma sutil de esperança? Uma forma sutil de dizer: eu atingi aquele ponto, não existe nada. Nesse caso é uma pergunta errada. Você não consideraria assim?

DB: Bem, ela nos convida a procurar um resultado promissor.

K: Se todo o empenho está voltado para que encontremos algo além do "mim", esse esforço e a coisa que eu possa vir a encontrar ainda estão dentro da órbita do "mim". Assim, não tenho esperança. Não há nenhum sentido de esperança, nenhum sentido de querer encontrar algo.

DB: O que é, então, que o está levando a indagar?

K: Minha indagação foi para terminar o conflito.

DB: Sim, temos então que ter cuidado. Estamos sujeitos a criar a esperança de terminar o conflito.

K: Não, não; não há esperança. Eu acabo com ela. No momento em que introduzo a palavra "esperança" há um sentimento de futuro.

DB: Sim, isso é o desejo.

K: Desejo — e conseqüentemente ele pertence ao tempo. Assim a mente — sendo eu — coloca tudo isso completamente de lado; é isso realmente o que eu quero dizer: completamente. Então, qual é a essência de tudo isso? Minha mente ainda está procurando ou sondando alguma coisa intangível que ela possa capturar e prender? Se for assim, ela ainda é parte do tempo.

DB: Bem, isso ainda é desejo.

K: Desejo e uma forma sutil de vaidade.

DB: Por que vaidade?

K: Vaidade no sentido de "eu alcancei".

DB: Auto-ilusão.

K: O engano e todas as formas de ilusão surgem daí. Então não é isso. Estou eliminando as coisas sem importância à medida que prosseguimos.

DB: Basicamente, parece que você está eliminando o movimento do desejo nas suas formas sutis.

K: Nas suas formas sutis. Desse modo, o desejo também foi afastado. Resta então apenas a mente — certo?

DB: Sim, mas temos então que pesquisar o significado da natureza, se é que tudo é mente, porque a natureza parece ser um tanto independente.

K: Mas também dissemos que todo o universo é a mente.

DB: Você quer dizer que a natureza é a mente?

K: Parte da mente.

DB: A mente universal?

K: Sim.

DB: Não uma mente específica?

K: A mente específica é separada, mas estamos falando da Mente.

DB: Veja bem, temos que esclarecer isso porque você está dizendo que a natureza é criação da mente universal, embora, não obstante, a natureza possua uma certa realidade.

K: Isso está tudo entendido.

DB: Mas é quase como se a natureza fosse o pensamento da mente universal.

K: Ela é uma parte dela. Estou tentando fazer com que a mente específica seja eliminada; resta então apenas a Mente, a mente universal, certo?

DB: Sim. Estivemos examinando a mente específica, tateando através do desejo, e dissemos que se tudo isso parasse . . .

K: Meu ponto é exatamente esse. Se tudo isso estiver completamente terminado, qual é o passo seguinte? *Existe* um seguinte? Dissemos ontem que há um início, mas essa palavra envolve parte do tempo.

DB: Não diremos tanto o início, talvez o fim.

K: O fim, nós dissemos isso.

DB: Existe agora alguma coisa nova?

K: Há alguma coisa que a mente não pode capturar?

DB: Que mente, a específica ou a universal?

K: A específica acabou.

DB: Sim. Você está dizendo que a mente universal não pode, tampouco, capturá-la?

K: É isso que estamos tentando descobrir.

DB: Você está dizendo que existe uma realidade — ou alguma coisa —

além da mente universal?

K: Estamos participando de um jogo onde descascamos uma coisa depois da outra, como uma casca de cebola, e no final há apenas lágrimas e nada mais?

DB: Bem, eu não sei.

K: Porque dissemos que existe o final, depois o cósmico, a mente universal; e além disso, há algo mais?

DB: Bem, você diria que esse "mais" é energia? Que a energia está além da mente universal?

K: Eu diria que sim, porque a mente universal é parte dessa energia.

DB: Isso é compreensível. De certo modo a energia está viva, não é isso que você está dizendo?

K: Sim, sim.

DB: E é também inteligente?

K: Espere um pouco.

DB: De certo modo ... na medida em que é mente.

K: Ora, se essa energia é inteligente, por que permitiu que o homem se voltasse para a direção errada?

DB: Acho que isso pode fazer parte de um processo, algo que é inevitável na natureza do pensamento. Veja, se o pensamento vai se desenvolver, essa possibilidade tem de existir. Para causar o pensamento no homem...

K: É essa a Liberdade original do homem? Escolher?

DB: Não, quer dizer, o pensamento tem de possuir a capacidade de cometer esse erro.

K: Mas se essa inteligência estava atuando, por que ela permitiu que ocorresse esse erro?

DB: Bem, podemos sugerir que existe uma ordem universal, uma lei.

K: Certamente. O universo funciona ordenadamente.

DB: Sim, e faz parte da ordem do universo que esse mecanismo particular possa fracassar. Se uma máquina é avariada, isso não representa desordem no universo; faz parte da ordem universal.

K: Sim. Na ordem universal há a desordem, no que diz respeito ao homem.

DB: Não é desordem no nível do universo.

K: Não. Num nível bem inferior.

DB: No nível do homem é desordem.

K: E por que o homem tem vivido desde o início nessa desordem?

DB: Porque ele ainda é ignorante, ele ainda não percebeu o ponto fundamental.

K: Mas o homem é parte do todo, e contudo, num pequeno recanto, ele existe, e tem vivido na desordem; e essa enorme inteligência consciente não...

DB: Sim, você poderia dizer que a possibilidade de criação é também a possibilidade da desordem; que se o homem teve a possibilidade de ser criativo, também houve a possibilidade de um erro. Ele não poderia ter sido montado como uma máquina, para operar sempre em perfeita ordem. A inteligência não poderia tê-lo transformado numa máquina que fosse incapaz da desordem.

K: Não, claro que não. Então existe alguma coisa além da ordem cósmica, da mente?

DB: Você está dizendo que o universo, que essa mente, criou a natureza

que possui uma ordem, que não está meramente dando voltas mecanicamente? Ela possui um significado mais profundo?

K: É isso que estamos tentando descobrir.

DB: Você está introduzindo todo o universo, bem como a humanidade. O que o está levando a fazer isso? Qual é a fonte dessa percepção?

K: Vamos começar novamente: existe o fim do "mim" como tempo, e então não há esperança; tudo isso está acabado, terminado. No final, há aquela sensação do nada. E o nada é todo este universo.

DB: Sim, a mente universal, a matéria universal.

K: Todo o universo.

DB: O que o levou a dizer isso?

K: Ah! Eu sei. Para colocar as coisas de modo bem simples: a separação terminou. Certo? A separação criada pelo tempo, criada pelo pensamento, criada pela nossa educação, e assim por diante — tudo isso. Como isso terminou, a outra coisa é óbvia.

DB: Você quer dizer que sem a separação o outro está ah para ser percebido?

K: Não para ser percebido, mas está ali.

DB: Como, então, ficamos conscientes de que ele está ali?

K: Não creio que fiquemos conscientes disso.

DB: Então o que o leva a dizer isso?

K: Você diria que ele é? Não que o percebo ou que ele é percebido.

DB: Sim. Ele é.

K: Ele é.

DB: Você quase poderia dizer que *ele* o está dizendo. Em certo sentido, você parece estar sugerindo que *ele é* o que está dizendo.

K: Sim. Eu não queria colocar — estou satisfeito porque você colocou as coisas assim! Onde estamos agora?

DB: Estamos dizendo que o universo está vivo, por assim dizer, que ele é mente, e que nós somos parte dele.

K: Só podemos dizer que somos parte dele quando não existe o "eu".

DB: Nenhuma separação.

K: Nenhuma separação. Eu gostaria de ir um pouco mais além; existe alguma coisa além disso tudo?

DB: Além da energia, você quer dizer?

K: Sim. Nós dissemos que é o nada, que o nada é tudo, e assim também o é aquilo que é energia total. Ela é energia não diluída, pura, não corrompida. Existe algo além disso? Por que perguntamos isso?

DB: Não sei.

K: Sinto que não chegamos lá — sinto que existe algo mais.

DB: Poderíamos dizer que esse algo mais é a base do todo? Você está dizendo que tudo isso emerge de uma base interna?

K: Sim, existe outro. Tenho que ser extremamente cuidadoso aqui. Veja vem, temos que ser bastante cautelosos para não sermos românticos, para não termos ilusões, não termos desejo, nem mesmo procurar. Tem de acontecer. Você está acompanhando o que estou dizendo?

DB: Estamos dizendo que a coisa deve vir *daquilo.* Seja o que for que você diga deve vir daquilo.

K: Daquilo. É isso. Soa bastante arrogante.

DB: Você o está realmente vendo. Não é a mesma coisa que observá-lo e dizer: é isso que eu vi.

K: Oh, não. Nesse caso está errado.

DB: Não há uma separação. Naturalmente, é fácil nos iludirmos com esse tipo de coisa.

K: Sim, mas dissemos que a desilusão existe enquanto houver desejo e pensamento. Isso é simples; e desejo e pensamento são partes do "eu", que é tempo. Quando desejo e tempo terminam completamente, então não há absolutamente nada, e conseqüentemente isso é o universo, esse vazio, que está cheio de energia. Podemos colocar uma parada ali...

DB: Porque não vimos ainda a necessidade de irmos além da energia. Temos que encarar isso como necessário.

K: Penso que é necessário.

DB: Sim, mas isso tem de ser examinado. Temos de evidenciar porque é necessário.

K: Por que é necessário? A título de especulação, há alguma coisa dentro de nós que está atuando, há algo dentro de nós muito, mas muito —não sei como colocá-lo — muito maior. Estou indo devagar, devagar. O que estou tentando dizer é que eu acho que existe alguma coisa além daquilo. Quando eu digo "eu acho", você sabe o que quero dizer.

DB: Eu compreendo, sim.

K: Existe algo além daquilo. Como podemos falar a respeito? Veja, a energia existe somente quando há o vazio. Eles caminham juntos.

DB: Essa energia pura a que você se refere é o vazio. Você está sugerindo que existe algo que está além do vazio, a base do vazio?

K: Sim.

DB: Seria algo relacionado com uma substância? Você entende, a pergunta é: se não é o vazio, então o que é?

K: Não entendo bem a sua pergunta.

DB: Bem, você se referiu a alguma coisa além do vazio, diferente do vazio. Creio que podemos compreender até a energia e o vazio. Todavia, se sugerimos alguma coisa diferente disso, do vazio ...

K: Essa outra coisa.

DB: Sim, então essa outra coisa tem que ser diferente do vazio. Alguma coisa diferente do vazio, que portanto não é o vazio. Isso faz sentido?

K: Então ela é substância.

DB: Sim, é isso que está implícito: se não é o vazio, é substância.

K: Substância é matéria, não é?

DB: Não necessariamente, mas tem a qualidade da substância.

K: O que você quer dizer com isso?

DB: A matéria é uma forma de substância no sentido de que é energia, mas também tem a forma da substância, porque ela tem uma forma constante e resiste à mudança. Ela é estável, sustenta a si própria.

K: Sim, mas quando você usa a palavra "substância", referindo-se a além do vazio, essa palavra transmite esse significado?

DB: Bem, estamos pesquisando o possível significado daquilo que você deseja dizer. Se você está dizendo que não é o vazio, então não seria substância como a conhecemos na matéria. Podemos perceber, porém, uma certa qualidade que pertence à substância em geral; se ela possui essa qualidade, poderíamos empregar a palavra substância, ampliando o significado dessa palavra.

K: Entendo. Então como usaríamos a palavra "qualidade"?

DB: Veja bem, a palavra "qualidade" não é necessariamente o vazio, a energia poderia ter a qualidade do vazio e, portanto, é outra coisa. Alguma coisa diferente poderá ter a qualidade da substância. É assim que vejo a coisa; e é isso o que você está tentando dizer?

K: Existe algo além do vazio. Como abordaremos isso?

DB: Em primeiro lugar, o que o leva a dizer isso?

K: Simplesmente o fato de que existe. Temos sido bastante lógicos todo o tempo; não fomos apanhados em quaisquer ilusões até aqui. Podemos, então, manter esse mesmo tipo de vigilância, na qual não há ilusão, para descobrir — ou, não descobrir — o que está além do vazio? Para descer à Terra. Descer à Terra no sentido de ser comunicado. Você está acompanhando o que estou dizendo?

DB: Sim. Poderíamos voltar à pergunta anterior: por que não desceu?

K: Por que não desceu? O homem alguma vez ficou livre do "eu"?

DB: Não. Não de um modo geral.

K: Não. E isso requer que o "eu" acabe.

DB: Acho que poderíamos encarar a coisa dessa maneira: que o ego se transforma numa ilusão dessa substância. Você sente que o ego é uma substância também, em certo sentido.

K: Sim, o ego é substância.

DB: E portanto essa substância parece ser ...

K: ... intocável.

DB: Mas esse ego é uma ilusão da verdadeira substância; pode ser que a mente tente criar uma espécie de ilusão dessa substância.

K: Isso é uma ilusão. Por que você a relaciona com a outra?

DB: No sentido de que se a mente pensar que já possui esta substância, então não se abrirá ...

K: Naturalmente que não. Será que essa coisa jamais poderá ser colocada em palavras? Não se trata de evitar alguma coisa, ou de tentar fugir de alguma conclusão. Veja bem: até agora colocamos tudo em palavras.

DB: Bem, penso que uma vez que uma coisa é adequadamente percebida, depois de algum tempo as palavras chegam para comunicá-la.

K: Sim, mas *aquilo* pode ser percebido? E pode portanto ser comunicável? Ele está além ...?

DB: Essa coisa além, você diria que ela também está viva? A vida além do vazio ainda é vida? E vida?

K: Vida, sim. Oh, sim.

DB: E inteligente?

K: Não quero usar essas palavras.

DB: Elas são excessivamente limitadas?

K: Vida, inteligência, amor, compaixão; elas são todas muito limitadas. Você e eu estamos sentados aqui. Atingimos um ponto e há essa coisa que talvez mais tarde possa ser colocada em palavras sem qualquer sentido de pressão, e portanto sem nenhuma ilusão. Você não enxerga além da parede (isto é, da palavra)? Chegamos a um certo ponto, e estamos dizendo que há ainda algo mais, você compreende? Há alguma coisa além disso. Ela é palpável? Podemos tocá-la? E alguma coisa que a mente pode captar? Você me segue?

DB: Sim. Você está dizendo que não é?

K: Não creio que a mente possa captá-la ...

DB: Ou alcançá-la...?

K. Alcançá-la, compreenda . . . que a mente possa até olhar para ela. Você é um cientista, examinou o átomo, e assim por diante. Não sente, depois de examinar tudo isso, que existe algo que é muito mais do que isso, que está além disso tudo?

DB: Podemos sempre sentir que há mais além disso, mas isso não nos diz o que é. Está claro que, seja o que for que saibamos, isso é limitado.

K: Sim.

DB: E tem de haver mais além disso.

K: Como pode aquilo se comunicar com você, de forma que, com o seu conhecimento científico, com sua capacidade cerebral, possa alcançá-lo?

DB: Você está dizendo que ele não pode ser alcançado?

K: Não. Como você pode alcançá-lo? Eu não digo que não possa alcançá-lo. Você pode alcançá-lo?

DB. Olhe, não está claro. Você estava dizendo antes que isso é inalcançável pelo...

K: Alcançá-lo, no sentido, pode a sua mente ir além das teorias. . . ? O que estou querendo dizer é: você pode se transportar para dentro dele? Não, se transportar, no sentido do tempo e tudo mais. Você pode entrar nele? Não, essas são apenas palavras. O que está além do vazio? É o silêncio?

DB: Isso não é parecido com o vazio?

K: Sim, é aí que quero chegar. Vamos passo a passo, É o silêncio? Ou o silêncio é parte do vazio?

DB: Sim, eu diria isso.

K: Eu também diria isso. Se não é o silêncio, poderíamos — estou apenas perguntando — poderíamos dizer que é algo absoluto? Você compreende?

DB: Bem, poderíamos considerar o absoluto. Teria que ser uma coisa totalmente independente; esse é o significado real de "absoluto". Não depende de nada.

K: Sim. Você está chegando perto.

DB: É inteiramente autopropulsor, por assim dizer, auto-ativo.

K: Sim. Você diria que tudo tem uma causa, e que *aquilo* não tem nenhuma causa?

DB: Veja bem, essa noção já é antiga. Essa noção foi desenvolvida por Aristóteles, a de que esse absoluto é a causa de si próprio.

K: Sim.

DB: Não possui nenhuma causa, num certo sentido. É a mesma coisa.

K: Veja, no momento que você disse Aristóteles . . . não é isso. Como chegaremos a isso? O vazio é energia, e o vazio existe no silêncio, ou ao contrário, não importa — certo? Oh, sim, existe alguma coisa além disso tudo. Provavelmente nunca poderá ser colocada em palavras; mas ela tem de ser colocada em palavras. Você está acompanhando?

DB: Você está dizendo que o absoluto deve ser colocado em palavras, mas sentimos que isso não é possível? Qualquer tentativa de colocá-lo em palavras torna-o relativo.

K: Sim. Não sei como colocar tudo isso.

DB: Creio que temos uma longa história de perigo com o absoluto. As pessoas o colocaram em palavras, e ele se tomou muito opressivo.

K: Abandonemos tudo isso. Veja bem, ignorarmos o que outras pessoas disseram, Aristóteles, Buda, e outros, tem uma vantagem. Entende o que quero dizer? Uma vantagem no sentido de que a mente não está influenciada pelas idéias de outras pessoas, e nem presa às afirmações de outras pessoas. Tudo isso faz parte do nosso condicionamento. Vamos agora além de tudo isso! O que estamos tentando fazer?

DB: Acho que estamos tentando nos comunicar com relação a esse absoluto, esse além.

K: Eu retirei imediatamente essa palavra "absoluto".

DB: Então seja lá o que for; o que está além do vazio e do silêncio.

K: Além disso tudo. Existe o além disso tudo. Tudo isso é alguma coisa, parte de uma imensidão.

DB: Sim, mesmo o vazio e o silêncio são uma imensidão, não são? A energia em si é uma imensidão.

K: Sim, eu compreendo isso. Porém existe uma coisa muito mais imensa do que isso. O vazio, o silêncio e a energia são imensos, realmente imensuráveis. Mas existe uma coisa — estou usando a palavra "maior" do que isso.

DB: Estou apenas ponderando. Estou observando. Podemos ver que não importa o que digamos sobre o vazio, ou sobre qualquer outra coisa, existe algo além.

K: Não, como um cientista, por que você aceita — aceita não, perdoe-me por usar essa palavra — por que você acompanha isso?

DB: Porque nós chegamos aqui passo a passo, percebendo a necessidade de cada passo.

K: Você percebe que tudo isso é muito lógico, razoável, sensato.

DB: Além disso, podemos perceber que está tão certo.

K: Sim. Assim, se eu disser que existe uma coisa maior do que todo esse silêncio, essa energia — você aceitaria isso? Aceitaria no sentido de que até agora temos sido lógicos.

DB: Digamos que certamente há algo além de qualquer coisa a que você se refira. Silêncio, energia, seja o que for, então sempre há, logicamente, espaço para alguma coisa além. Porém o ponto é o seguinte: mesmo que você diga que há algo além disso, logicamente ainda deixa espaço para irmos novamente além disso.

K: Não.

DB: Bem, por que é assim? Veja, qualquer coisa que você diga, sempre existe lugar para algo além.

K: Não há nada além.

DB: Bem, esse ponto não está claro, percebe?

K: Não existe nada além. Eu me mantenho fiel a isso. Não de forma dogmática ou obstinada. Sinto que isso é o começo e o final de tudo. O fim e o início são a mesma coisa — certo?

DB: Em que sentido? No sentido de que você está usando o início de tudo como o final?

K: Sim. Certo? Você diria isso?

DB: Sim. Se tomarmos a base de onde isso vem, deve ser a base aonde isso cai.

K: Está correto. Essa é a base sobre a qual tudo existe, espaço .. .

DB: . . . energia .. .

K: . . . energia, vazio, silêncio, tudo que *é*. Tudo isso. Não a base, você compreende?

DB: Não, isso é apenas uma metáfora.

K: Não há nada além disso. Nenhuma causa. Se tivermos uma causa então teremos uma base.

DB: Temos outra base.

K: Não. Isso é o começo e o fim.

DB: Está se tornando mais claro.

K: É verdade. Isso transmite alguma coisa a você?

DB: Sim, acho que sim.

K: Alguma coisa. Você diria ainda que não há começo e nem fim?

DB: Sim. Ele vem da base, vai para a base, mas não começa nem termina.

K: Sim. Não existe início nem fim. As implicações são enormes. Isso, a morte — morte não no sentido de eu vou morrer, mas o término completo de tudo?

DB: Veja bem, primeiro você disse que o vazio é o final de tudo, então em que sentido é esse mais, agora? O vazio é o fim das coisas, não é?

K: Sim, sim. É essa morte, esse vazio? A morte de tudo que a mente cultivou. Esse vazio não é o produto da mente, da mente específica.

DB: Não, da mente universal.

K: Esse vazio é isso.

DB: Sim.

K: Esse vazio só pode existir quando há morte — a morte total — do particular.

DB: Sim.

K: Não sei se estou conseguindo transmitir isso.

DB: Sim, isso é o vazio. Mas quando você diz isso, nessa base a morte vai mais adiante?

K: Oh, sim.

DB: Então estamos dizendo que o final do particular, a morte do específico, é o vazio, que é universal. Você vai dizer agora que o universal também morre?

K: Sim, é isso que estou tentando dizer.

DB: Na base.

K: Isso transmite alguma coisa?

DB: Possivelmente, sim.

K: Espere um minuto. Vejamos. Creio que isso transmite algo, não é verdade?

DB: Sim. Ora, se o particular e o universal morrem, então isso é a morte?

K: Sim. Afinal de contas, um astrônomo diz que tudo no universo está morrendo, explodindo, morrendo.

DB: Mas, naturalmente, poderíamos supor que havia algo além.

K: Sim, é exatamente isso.

DB: Acho que estamos avançando. 0 universal e o particular. Primeiro o particular morre no vazio, e depois vem o universal.

K: E isso morre também.

DB: Na base, certo?

K: Sim.

DB: Então poderíamos dizer que a base não nasce e nem morre.

K: Está correto.

DB: Bem, acho que dizermos que o universal partiu torna-se quase inexprimível, porque a expressão é o universal.

K: Veja — estou apenas explicando: tudo está morrendo, a não ser *aquilo.* Isso transmite alguma coisa?

DB: Sim. Bem, é a partir daquilo que tudo surge, e naquilo que tudo morre.

K: Então aquilo não tem começo nem fim.

DB: O que significaria falar sobre o término do universal? O que significaria termos o fim do universal?

K: Nada. Por que isso deveria ter um significado se está acontecendo? Qual é a relação disso com o homem? Você está acompanhando o que quero dizer? O homem está passando por uma época teiyível. Qual é a relação disso com o homem?

DB: Digamos que o homem sente que ele tem de ter algum contato com a base suprema da sua vida, caso contrário não há significado.

K: Mas ele não tem. A base não possui qualquer relacionamento com o homem. Ele está se matando, ele está fazendo tudo em oposição à base.

DB: Sim, é por isso que a vida não tem qualquer significado para o homem.

K: Sou um homem comum; eu digo, está bem, você falou maravilhosamente a respeito do pôr-do-sol, mas o que tem isso a ver comigo? Isso ou o que você está falando vai me ajudar a superar minha feiúra? Minhas brigas com minha mulher ou seja lá o que for?

DB: Creio que deveríamos voltar, e dizer que entramos nisso começando logicamente com o sofrimento da humanidade, mostrando que ele se origina de um passo errado, que conduz inevitavelmente .. .

K: Sim, mas o homem pede: ajude-me a superar o passo errado. Coloque-me de volta no caminho certo; e a isso respondemos: por favor não se transforme em nada.

DB: Certo. Qual é o problema então?

K: Ele nem escutará.

DB: Parece-me, então, que a pessoa que percebe isso precisa descobrir qual é a barreira que impede o homem de escutar.

K: Obviamente você pode ver qual é a barreira.

DB: Qual é a barreira?

K: O "eu".

DB: Sim, mas eu quero dizer mais profundamente.

K: Mais profundamente, todos os nossos pensamentos, apegos profundos — tudo que está no nosso caminho. Se não pudermos abandonar essas coisas, então não teremos qualquer relação com *aquilo.* O homem, porém, não deseja abandoná-las.

DB: Sim, eu entendo. O que ele quer é o resultado da maneira como ele está pensando.

K: O que ele quer é um modo confortável, fácil, de viver sem qualquer problema, e ele não pode ter isso.

DB: Não. Somente se abandonar tudo isso.

K. Tem de haver uma ligação. Deve existir alguma relação com a base e com isso, alguma conexão com o homem comum; caso contrário, qual é o significado de vivermos?

DB: É isso que eu estava tentando dizer antes. Sem essa relação .. .

K: ... não há significado.

DB: E então as pessoas inventam o significado.

K: Naturalmente.

DB: Mesmo se voltarmos atrás, veremos que as antigas religiões disseram coisas parecidas, que Deus é a base, e, portanto, elas procuram Deus.

K: Ah, não, isso não é Deus.

DB: Não, não é Deus, mas está dizendo a mesma coisa. Poderíamos dizer que "deus" é uma tentativa de colocar essa noção de um modo um tanto pessoal demais, talvez.

K: Sim. Dê-lhes esperança, dê-lhes fé, entende? Torne a vida um pouco mais confortável de ser vivida.

DB: Bem, você está querendo saber neste ponto: como isso poderá ser transmitido ao homem comum? É essa a sua pergunta?

K: Mais ou menos; e também é importante que ele escute isso. Você é um cientista. É bom o bastante para escutar porque somos amigos. Quem escutará, porém, entre os outros cientistas? Sinto que se nos dedicarmos a isso, teremos um mundo maravilhosamente bem organizado.

DB: Sim. E o que faremos nesse mundo?

K: Viveremos.

DB: Mas, quero dizer, falamos alguma coisa a respeito da criatividade ...

K: Sim; e então, se não temos conflito, se não há nenhum "eu", há alguma outra coisa que está atuando.

DB: Sim, é importante dizer isso, porque a idéia cristã de perfeição parece ser bastante maçante, porque não há nada a fazer!

K: Devemos continuar esse assunto em alguma outra ocasião, porque isso é algo que tem que ser colocado em órbita.

DB: Parece impossível.

K: Fomos bastante longe.

2 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

TRÊS

POR QUE O HOMEM TEM DADO SUPREMA IMPORTÂNCIA AO PENSAMENTO?

KRISHNAMURTI: Sobre o que falaremos?

DAVID BOHM: Tocarei num ponto que está relacionado com o que abordamos anteriormente; li em algum lugar que um importante físico disse que quanto mais entendemos o universo, mais sem sentido ele parece, menos significado ele tem. Ocorreu-me, também, que pode haver na ciência uma tentativa de tornar o universo material a base da nossa existência, de modo que fisicamente ele tenha significado, mas não . . .

K: . . . qualquer outro significado. Exatamente.

DB: E o assunto que podemos discutir é essa base sobre a qual estávamos falando outro dia. As coisas são diferentes para a humanidade assim como o universo físico parece ser?

K: Tornemos a pergunta mais clara.

DB: Não apenas os físicos, como também os geneticistas, os biólogos, tentaram reduzir tudo ao comportamento do homem — átomos, genes, moléculas de DNA, e assim por diante; e quanto mais eles o estudam, mais eles sentem que isso não tem significado, que está apenas passando. Embora isso tenha fisicamente um significado, no sentido de que podemos entendê-lo cientificamente, não tem um significado mais profundo do que esse.

K: Entendo.

DB: Além disso, naturalmente, talvez essa noção tenha se introduzido porque no passado as pessoas eram mais religiosas e sentiam que a base da sua existência estava em alguma coisa além da matéria — Deus, ou seja como for que a quisessem chamar. Isso lhes proporcionava um sentido de profundo significado às suas existências como um todo, que agora desapareceu. Essa é uma das dificuldades da vida moderna, o sentido de que ela não significa nada.

K: As pessoas religiosas, então, *inventaram* alguma coisa que possui um significado?

DB: Ê bem possível que elas o tenham feito. Veja, por sentirem que a vida não tinha significado, elas podem ter inventado alguma coisa que está além do corriqueiro. Algo que é eterno . . .

K: ... intemporal, inominável.

DB: ... e independente, absoluto.

K: Percebendo que o modo como vivemos, geneticamente e das outras maneiras, não possui significado, algumas pessoas espertas e eruditas disseram: "Daremos um significado a isso".

DB: Bem, acho que aconteceu antes disso. No passado, as pessoas, de algum modo, deram sentido à vida, sob a forma da religião, bem antes da ciência se desenvolver muito. Depois surgiu a ciência e começou a negar essa religião.

K: Perfeitamente. Entendo isso.

DB: Portanto, as pessoas não acreditam mais no significado religioso. Talvez, de qualquer modo, elas nunca tenham sido capazes de acreditar nele inteiramente.

K: Então, como descobriremos se a vida tem um significado além desse? Como descobriremos? As pessoas tentaram a meditação: tentaram todas as formas de autotortura, de isolamento, tornaram-se monges, saniasis, e assim por diante. Mas elas podem estar também se iludindo completamente.

DB: Sim; e é inclusive por isso que os cientistas negaram todas essas

coisas, porque a história contada pelas pessoas religiosas não é mais plausível. Você entende?

K: Perfeitamente. Então, como se pode saber se existe algo além do que é meramente físico? Como começaríamos?

DB: Estivemos discutindo a noção de uma base que está além da matéria, além do vazio.

K: Suponha, porém, que você concorde com o fato de que essa base existe, e eu diga que isso é outra ilusão.

DB: O primeiro ponto é, talvez, esclarecermos isso: veja, se essa base é indiferente aos seres humanos, então ela seria a mesma base da matéria dos cientistas.

K: Sim. Qual é a pergunta?

DB: A base é indiferente à espécie humana? Veja, o universo parece ser totalmente indiferente ao gênero humano. Ele é uma vastidão imensa, não presta atenção em nada, pode causar terremotos e catástrofes, pode exterminar coisas, ele não está essencialmente interessado na humanidade.

K: Entendo o que quer dizer.

DB: E indiferente para ele se o homem vai sobreviver ou não — se quiser colocar as coisas nesses termos.

K: Certo. Compreendo a pergunta.

DB: Contudo, penso que as pessoas achavam que Deus era uma base que não era indiferente à humanidade. Veja, elas podem tê-la inventado, mas era nisso que elas acreditavam; e era isso que lhes proporcionava possivelmente ...

K: ... uma tremenda energia. Possivelmente.

DB: No momento, creio que a questão é a seguinte: seria essa base indiferente ao gênero humano?

I

K: Como descobriríamos isso? Qual é a relação dessa base com o homem e a relação do homem com ela?

DB: Sim, essa é a pergunta. O homem tem alguma importância para ela? E ela tem significado para o homem? Posso acrescentar mais um item? Conversava com uma pessoa familiarizada com o Oriente Médio e as tradições de misticismo; ela me disse que essas tradições não apenas afirmam que isso que nós chamamos de base, esse infinito, tem alguma importância, como também que tudo o que o homem faz tem fundamentalmente algum significado.

K: Perfeitamente. Suponha que alguém diga que isso é um fato — caso contrário, a vida não teria significado, nada teria significado — como descobriríamos isso? Suponha que você diga que essa base existe, como eu disse no outro dia. Então a próxima pergunta é: qual a relação que ela tem com o homem? E o homem com ela? Como nós a descobriríamos ou tocaríamos nela — se é que a base existe de fato? Se ela não existe, então realmente o homem não tem qualquer significado. Quero dizer, eu morro, você morre, todos nós morremos, e qual o sentido de sermos virtuosos, sermos felizes ou infelizes, de simplesmente prosseguirmos? Como poderíamos mostrar que a base existe? Em termos científicos, bem como no sentimento que temos com relação a ela, na comunicação não verbal com elá?

DB: Quando você diz científico, quer dizer racional?

K: Sim, racional, lógico, sensato.

DB: Então, uma coisa que efetivamente podemos tocar.

K: Tocar, não, — melhor do que tocar — sentir. Muitos podem chegar a isso.

DB: Sim, é público.

K: Não é apenas a afirmação de um único homem; mas seria científico. Acho que pode ser mostrado, mas temos de *fazê-lo* e não apenas falar a respeito. Eu posso — ou você pode — dizer que a base existe? A base tem certas exigências, que são: deve haver silêncio absoluto, um vazio absoluto, o que quer dizer nenhum sentimento de egotismo — certo? Você me diria isso? Estou disposto a abandonar todo o meu egotismo, porque

quero prová-lo, quero mostrá-lo, quero descobrir se o que você está dizendo é realmente verdadeiro? Portanto, estou disposto a dizer: "Veja, a completa erradicação do *self*".

DB: Creio que posso dizer que, talvez, num certo sentido, as pessoas estejam dispostas, mas pode haver um outro sentido no qual a disposição não esteja sujeita ao esforço consciente ou à determinação das pessoas.

K: Não, espere. Então vamos ter que passar por tudo isso.

DB: Temos de ver que ...

K: Não é vontade, não é desejo, não é esforço.

DB: Sim, mas quando mencionamos a palavra disposição (*Willingness),* ela contém a palavra "vontade" (*will*), por exemplo.

K: Disposição, no sentido de: atravesse aquela porta; ou, estou, estamos dispostos a atravessar essa porta específica para descobrir que a grande base existe? Você me pergunta isso. Eu respondo que sim, que estou. Estou disposto não no sentido de exercitar a vontade e coisas desse tipo. Quais são as facetas, as qualidades ou a natureza do *self?* Investiguemos isso. Você me diz: "Está bem" — podemos fazê-lo? Não termos apego, não termos medo — você me entende? — tudo que está envolvido nisso. Nenhuma crença, racionalidade absoluta - observação. Acho que se dez pessoas o fizerem, qualquer cientista o aceitará. Mas, não há essas dez pessoas.

DB: Entendo. A coisa deve ser feita publicamente em conjunto...

K: ... exatamente ...

DB: ... para que ela se torne um fato real.

K: Um fato real, no sentido de que as pessoas a aceitem, e não uma coisa baseada na ilusão, na crença, e em todas essas coisas.

DB: Um fato; aquilo que é efetivamente realizado.

K: Contudo, quem fará isso? Os cientistas querem dizer que a coisa é to-

da ilusória, sem sentido. Existem outros, porém, que dizem: "não é sem sentido, *existe* uma base, e se fizermos essas coisas ela estará ali".

DB: Sim, mas eu acho que algumas das coisas que dissermos poderão não fazer completamente sentido, no início, para a pessoa com quem estivermos falando.

K: Sim, sem dúvida, porque ela não está nem querendo ouvir.

DB: Além disso, toda a sua experiência vai de encontro ao que estamos dizendo. Veja, os antecedentes da pessoa fornecem a ela a noção do que faz sentido e do que não faz. Ora, quando dizemos, por exemplo, que um dos passos é não incluir o tempo ...

K: Ah, isso é muito mais difícil.

DB: Sim, mas é bastante crucial.

K: Espere. Eu não começaria com o tempo, eu começaria no nível do colegial.

DB: Posteriormente, contudo, vamos atingir esses pontos mais difíceis.

K: Sim, mas comecemos no nível do colegial e digamos: "FAÇAM essas coisas".

DB: Bem, que coisas são essas? Vamos examiná-las.

K: Nenhuma crença.

DB: Uma pessoa poderá não ser capaz de controlar as suas crenças, poderá não saber em que acredita.

K: Não, não controle nada. Quando verificamos que temos uma crença, nós nos agarramos à crença, a crença nos dá uma sensação de segurança e assim por diante. Essa crença, contudo, é uma ilusão, não é real.

DB: Veja bem, acho que se fôssemos falar assim a cientistas, poderiam dizer que não se sentem seguros, porque acreditam na existência do mundo material.

K: Você nao *acredita* que o Sol se levanta e se põe. Isso é um fato.

DB: Sim, mas o cientista acredita. Veja, houve longas discussões a esse respeito, não há como provar que isso existe fora da minha mente, mas acredito nisso de qualquer modo. Esse é um dos problemas que surgem. Os cientistas efetivamente possuem crenças. Um acreditará que determinada teoria está correta, e outro acreditará numa diferente.

K: Não. Eu não tenho teorias. Não possuo quaisquer teorias. Eu começo no nível do colegial dizendo: "Olhem, não aceitem teorias, conclusões, não se prendam aos seus preconceitos". Este é o ponto de partida.

DB: Talvez devêssemos dizer: não se agarrem às suas teorias, porque alguém poderia indagar se vocês estão afirmando que não possuem teorias. As pessoas imediatamente ficariam em dúvida, compreende?

K: Não tenho teorias. Por que eu deveria ter teorias?

INTERROGANTE: Se eu fosse um cientista, eu também diria que não tenho teorias. Não encararia o mundo que eu construísse para minhas teorias científicas como sendo também teórico. Eu o consideraria um fato.

K: Temos então que analisar o que são fatos. Certo? Eu diria que fato é aquilo que está acontecendo, realmente acontecendo. Você concorda com isso?

DB: Sim.

K: Os cientistas concordariam com isso?

DB: Sim. Bem, acho que os cientistas diriam que o que está acontecendo é compreendido através das teorias. Veja, na ciência não entendemos o que está ocorrendo, a não ser com a ajuda de instrumentos e teorias.

K: Espere, espere. O que está acontecendo lá fora, o que está ocorrendo aqui?

DB: Vamos devagar. Em primeiro lugar, o que está acontecendo lá fora. Os instrumentos e teorias são necessários até para .. .

K: Não.

DB: ... termos os fatos sobre o que está lá fora ...

K: Quais são os fatos lá fora?

DB: Não podemos descobri-lo sem algum tipo de teoria.

K: Os fatos ali são conflitos, então por que eu deveria ter uma teoria a respeito disso?

DB: Eu não estava discutindo isso. Estava examinando os fatos sobre a matéria, com os quais o cientista está envolvido. Ele não pode estabelecer esses fatos sem uma certa teoria, porque a teoria organiza os fatos para ele.

K: Sim, eu entendo. Isso pode ser um fato. Você talvez tenha teorias a esse respeito.

DB: Sim, a respeito da gravitação, dos átomos — todas essas coisas dependem de teorias para poder produzir os fatos certos.

K: Os fatos certos. Então você começa com uma teoria.

DB: Uma mistura de teoria e fato. É sempre uma combinação de teoria e fato.

K: Está bem. Uma combinação de teoria e fato.

DB: Contudo, se disser que temos uma área onde não existe tal combinação. ..

K: Exatamente. Ou seja, psicologicamente, não possuo nenhuma teoria sobre mim mesmo, sobre o universo, sobre o meu relacionamento com outro ser. Não tenho teorias. Por que eu deveria ter? O único fato é: a humanidade sofre, é miserável, está confusa, está em conflito. Isso é um fato. Por que eu deveria ter uma teoria a esse respeito?

DB: Você tem que ir devagar. Veja bem, se pretende sensibilizar os cientistas, isso terá que ser científico.. .

»

K: ... Irei bem devagar...

DB: ... para que não deixemos os cientistas para trás!

K: Perfeitamente. Deixe-me para trás!

DB: Bem, vamos "nos separar" — certo? Os cientistas poderão dizer: sim, a psicologia é a ciência através da qual olhamos interiormente, para investigar a mente. Além disso, eles dirão que várias pessoas — como Freud, Jung, e outros — tiveram teorias. Agora teremos de tornar claro porque não há sentido em formularmos essas teorias.

K: Porque a teoria impede a observação do que está efetivamente ocorrendo.

DB: Sim, mas exteriormente parecia que a teoria estava ajudando a observação. Por que essa diferença?

K: A diferença? Você pode descobri-la, é simples.

DB: Vamos examinar isso detalhadamente, pois, se pretende convencer os cientistas, você tem de responder a essa pergunta.

K: Nós a responderemos. Qual é a pergunta?

DB: Pbr que as teorias são externamente necessárias e úteis na organização dos fatos a respeito da matéria e, contudo, interna e psicologicamente elas atrapalham, são de todo inúteis?

K: Sim. O que é a teoria? Qual é o significado da palavra teoria?

DB: Teoria significa ver, observar, uma espécie de visão-intuitiva.

K: Observar? É isso. Um modo de olhar.

DB: A teoria, inclusive, ajuda-nos a observar a matéria exterior.

K: Teoria significa observar.

DB: É uma maneira de observar.

K: Podemos observar psicologicamente o que está acontecendo?

DB: Digamos que quando olhamos para a matéria externamente, até certo ponto nós fixamos a observação.

K: Ou seja, o observador é diferente da coisa observada.

DB: Não apenas diferente, mas o seu relacionamento fica relativamente estável, pelo menos durante algum tempo.

K: Podemos, então, avançar agora, um pouco.

DB: Isso parece ser necessário para podermos estudar a matéria. A matéria não muda tão depressa, e pode ser separada até certo ponto. Podemos, então, elaborar um modo de observação razoavelmente constante. Ela muda, mas não instantaneamente; pode ser mantida constante, por algum tempo.

K: Sim.

DB: Chamamos a isso de teoria.

K: Como você disse, teoria significa uma maneira de observar.

DB: É a mesma coisa que "teatro" em grego.

K: Teatro, sim, isso mesmo. É uma maneira de olhar. Por onde começamos, então? Por um modo comum de olhar, por um modo trivial de olhar, por um modo de olhar que depende do ponto de vista de cada pessoa — da esposa, do marido? O que você entende por maneira de olhar?

DB: O mesmo problema surgiu no decorrer do desenvolvimento da ciência. Começamos com o que era chamado de senso comum, uma maneira comum de observar. Os cientistas descobriram então que isso era inadequado.

K: Eles se afastaram disso.

DB: Eles se afastaram, abandonaram algumas partes.

K: É aí que eu quero chegar. A maneira comum de observar é extremamente preconceituosa.

DB: Sim, ela é arbitrária, e depende da nossa experiência anterior.

K: Sim, de tudo isso. Podemos, contudo, nos livrar da nossa experiência anterior, do nosso preconceito? Eu acho que sim.

DB: A questão é se uma teoria psicológica nos ajudaria a conseguir isso. O perigo está em que a própria teoria possa ser preconceituosa. Se tentássemos elaborar uma teoria...

K: É isso que estou dizendo. Isso se transformaria num preconceito.

DB: Isso se transformaria num preconceito porque não temos nada — ainda não observamos nada que possa servir de alicerce.

K: O fator comum, então, é que o homem sofre — certo? Esse é o fator comum; e a maneira de observar as coisas.

DB: Sim. Eu me pergunto se os cientistas aceitariam isso como fator essencial do homem.

K: Está bem. O conflito?

DB: Bem, eles discutiram sobre isso.

K: Tome qualquer coisa, não importa o quê. Apego, prazer, medo.

DB: Acho que as pessoas poderão contestar, alegando que deveríamos tomar algo mais positivo.

K: Como o quê?

DB: Simplesmente, por exemplo, algumas pessoas poderão ter dito que a racionalidade é um fator comum.

K: Não, não, não! Não chamarei a racionalidade de um fator comum. Se as pessoas fossem racionais, não estariam brigando umas com as outras.

DB: Temos que tornar isso claro. Digamos que no passado, alguém como Aristóteles possa ter dito que a racionalidade é o fator comum do homem. Agora, o seu argumento contra isso é que os homens não são, geralmente, racionais.

K: Não, eles não são.

DB: Embora pudessem ser, normalmente não são. Você está dizendo, então, que isso não é um fato.

K: Exatamente.

I: Acho que, normalmente, os cientistas diriam que existem muitos tipos diferentes de seres humanos e que o fator comum da humanidade é que todos estão lutando pela felicidade.

K: É esse o fator comum? Não. Não aceitarei isso — que muitos seres humanos estão tentando ser felizes.

I: Não. Os seres humanos são todos diferentes.

K: Concordo. Fique aí.

I: O que estou dizendo é que essa é a teoria comum, que as pessoas acreditam ser um fato.

K: Ou seja, cada pessoa acha que é completamente diferente das outras.

I: Sim. E que estão todas lutando, independentemente, pela felicidade.

K: Estão todas procurando alguma forma de gratificação. Concordaria com isso?

DB: Esse é um fator comum. A razão, contudo, pela qual eu trouxe à baila a racionalidade foi que a própria existência da ciência está baseada na noção de que a racionalidade é comum ao homem.

K: No entanto, cada pessoa está procurando sua própria individualidade.

DB: Mas, veja bem, a ciência seria impossível se isso fosse inteiramente verdadeiro.

K: Perfeitamente.

I: Por quê?

DB: Porque todo mundo não estaria interessado na verdade. A própria possibilidade da descoberta científica depende das pessoas sentirem que essa meta comum de descobrir a verdade está além da satisfação pessoal, pois, mesmo que a nossa teoria esteja errada, temos de aceitar que ela está errada, embora isso não seja gratificante. Ou seja, é muito desapontador para as pessoas, mas elas aceitam isso, e dizem: bem, isso está errado.

K: Eu não estou procurando gratificação. Sou um homem comum. Você trouxe à baila que os cientistas consideram um fato que os seres humanos são racionais.

DB: Pelo menos quando fazem ciência. Eles podem concordar que não são muito racionais na vida privada, mas eles dizem que pelo menos são capazes de ser racionais, quando estão executando o trabalho científico. De outra maneira, seria impossível começar.

K: Então, exteriormente, quando lidam com a matéria, eles são racionais.

DB: Pelo menos, tentam ser, e são até certo ponto.

K: Tentam ser, mas tornam-se irracionais nos seus relacionamentos com outras pessoas.

DB: Sim. Não conseguem manter a racionalidade.

K: Então esse é o fator comum.

DB: Sim. É importante levantar esse ponto — que a racionalidade é limitada, e, como você diz, o fato fundamental é que não podem ser racionais de uma maneira mais geral. Poderão ter sucesso em alguma área limitada.

K: É verdade. Isso é um fato.

DB: Isso é um fato, embora não digamos que é inevitável, ou que não pode ser mudado.

K: Não. Isso é um fato.

DB: É um fato que foi, aconteceu, está acontecendo.

K: Sim. Eu, como um ser humano comum, tendo sido irracional; e minha vida tem sido totalmente contraditória, e assim por diante, o que é irracional. Como ser humano, contudo, como posso mudar isso?

DB: Vejamos como procederíamos a partir do ponto de vista científico. Isso levantaria a questão: por que todo mundo é irracional?

K: Porque fomos condicionados dessa forma. Nossa educação, nossa religião, tudo, nos conduziu a isso.

DB: Isso, porém, não nos levará a nenhum lugar, porque conduz a mais perguntas: como nos tornamos condicionados e assim por diante.

K: Podemos examinar tudo isso.

DB: O que eu quis dizer é que, se seguirmos essa linha de raciocínio, não chegaremos à resposta.

K: Correto. Por que ficamos condicionados assim?

DB: Por exemplo, dissemos outro dia que talvez o homem tenha dado um passo errado, tenha estabelecido um condicionamento errado.

K: O condicionamento errado desde o início; ou talvez a procura pela segurança — a segurança pessoal, para a família, para o grupo, para a tribo — tenha acarretado essa divisão.

DB: Mesmo nesse caso temos que perguntar porque o homem procurou essa segurança da forma errada. Veja, se tivesse havido qualquer inteligência, teria ficado claro que tudo isso não tinha significado.

K: Naturalmente, você está voltando ao passo errado. Como pretende me mostrar que demos um passo na direção errada?

DB: Está dizendo que queremos demonstrar isso cientificamente?

K: Sim. Acho que o passo errado foi dado quando o pensamento se tornou extremamente importante.

DB: O que fez com que ele se tornasse muito importante?

K: Bem, vamos chegar a uma conclusão. O que fez com que os seres humanos endeusassem o pensamento como o único meio de atuação?

DB: Também devemos tornar claro o motivo pelo qual, se o pensamento é tão importante, ele causa todas as dificuldades. Essas são as duas perguntas.

K: Isso é bastante simples. O pensamento se tornou rei, supremo; e esse pode ser o passo errado dos seres humanos.

DB: Veja, acho que o pensamento se transformou no equivalente da verdade. As pessoas consideraram que o pensamento fornece a verdade, fornece o que é sempre verdadeiro. Existe a noção de que temos conhecimento — que pode se manter em alguns casos por certo tempo — mas os homens generalizam, porque o conhecimento está sempre se generalizando. Quando as pessoas alcançaram a noção de que seria sempre assim, isso cristalizou o pensamento do que é verdadeiro. Isso deu ao pensamento uma importância suprema.

K: Você está perguntando, não está, por que o homem deu tanta importância ao pensamento?

DB: Acho que ele resvalou.

K: Porquê?

DB: Porque ele não percebeu o que estava fazendo. Veja, no início ele não viu o perigo...

I: Há pouco tempo atrás, você disse que a base comum para o homem é a razão...

K: Os cientistas dizem isso.

I: Se pudermos mostrar a uma pessoa que algo é verdadeiro. ..

K: Mostre-me isso. É verdade que sou irracional. Isso é um fato, isso é verdadeiro.

I: Você não precisa de razão para isso. A observação é suficiente.

K: Não. As pessoas brigam. As pessoas falam sobre a paz. As pessoas são irracionais. O Dr. Bohm assinalou que os cientistas dizem que o homem é racional, mas o fato é que a vida do dia-a-dia é irracional. Agora, estamos pedindo: mostre-nos cientificamente por que isso é irracional; isto é, mostre de que maneira o homem resvalou nessa irracionalidade; por que os seres humanos aceitaram isso. Podemos dizer que é hábito, tradição, religião. Além disso, os cientistas também são muito racionais no seu campo específico, mas irracionais nas suas vidas.

I: Você afirma, então, que a principal irracionalidade foi ter tornado rei o pensamento?

K: Isso mesmo. Chegamos aonde queríamos.

DB: Mas como resvalamos no sentido de fazer o pensamento tão importante?

K: Por que o homem considerou o pensamento como sendo a coisa mais importante? Acho que isso é muito fácil de responder. Porque isso é a única coisa que ele conhece.

DB: Isso não implica que o homem lhe dê uma importância tão grande.

K: Porque as coisas que conheço — as coisas que o pensamento criou, as imagens, e todo o resto — são mais importantes do que as coisas que não conheço.

DB: Mas veja, se a inteligência estivesse atuando, ele não teria chegado a essa conclusão. Não é racional dizer que tudo o que sei é importante.

K: Concordo, mas o homem é irracional.

DB: Ele escorregou na irracionalidade e disse: tudo o que sei é importante. Mas por que teria o homem feito isso?

K: Você diria que o erro foi cometido porque ele se agarra ao conhecido c rejeita qualquer coisa desconhecida?

DB: Isso é um fato, mas não está claro porque ele o faz.

K: Porque é a única coisa que ele tem.

DB: Estou perguntando, porém, por que ele não foi inteligente o suficiente para perceber isso?

K: Porque ele é irracional.

DB: Bem, estamos dando voltas!

K: Não acho.

DB: Veja bem, cada uma das razões que apresentou são apenas um outro exemplo da irracionalidade do homem.

K: Isso é tudo que estou dizendo. Somos basicamente irracionais, porque demos ao pensamento uma importância suprema.

DB: O passo anterior, porém, não era o de que o pensamento construiu a idéia de que eu existo?

K: Ah, isso vem um pouco mais tarde; temos de caminhar passo a passo.

I: Certamente para o "mim", a única coisa que existe é o pensamento.

K: Os cientistas aceitariam isso?

DB: O cientista acha que está investigando a verdadeira natureza da matéria, independente do pensamento, basicamente independente, de qualquer modo. Quer saber como é o universo. Ele pode estar se enganando, mas sente que não valeria a pena fazer isso a não ser que acredite que está descobrindo um fato objetivo.

K: Diria, então, que através da investigação da matéria ele está tentando achar alguma coisa, tentando descobrir a base?

DB: É exatamente isso.

K: Espere! É isso?

DB: Precisamente, sim.

K: O homem religioso diz que não podemos descobri-la tornando-nos terrivelmente racionais nas nossas vidas. Ele não aceita que é racional

mas diz que é irracional em contradição, e assim por diante. Então, ou ele terá que resolver isso primeiro — passo a passo, ou ele poderá fazer tudo de uma vez só. Correto? Ele aceita que é irracional.

DB: Mas existe uma dificuldade. Se você aceita que é irracional, você pára, porque diz: como posso começar?

K: Sim, mas se eu aceitar completamente que *sou* irracional — espere um instante — então eu sou racional!

DB: Você terá que tornar isso mais claro. Você poderia dizer que o homem tem estado se iludindo por acreditar que já é racional.

K: Não aceito isso.

DB: Se não aceita essa ilusão, então você está afirmando que a racionalidade estará presente.

K: Não, não a aceito. O *fato* é, eu sou irracional e, para descobrir a base, tenho de me tornar extremamente racional na minha vida. Isso é tudo. A irracionalidade foi causada pelo pensamento que criou a idéia de que eu sou separado de todas as outras pessoas. Posso eu, então, sendo irracional, descobrir a causa da irracionalidade e eliminá-la? Se eu não puder fazer isso, não poderei alcançar a base que é *a* mais racional. Um cientista que estivesse investigando a matéria aceitaria que essa base existe?

DB: Bem, ele está implicitamente aceitando que ela existe.

K: Ela existe. O Sr. X se aproxima e diz que ela *efetivamente* existe. E vocês, os cientistas, dizem: "Prove-o". O Sr. X diz que vai provar. Um cientista se encontra com outros cientistas, realiza experiências e é racional naquela área, embora seja irracional na sua vida particular. Torne-se, em primeiro lugar, racional na sua vida, comece aqui, e não ali. O que você diria a tudo isso? Isso deve ser feito sem esforço, sem desejo, sem vontade, sem qualquer sentido de persuasão, caso contrário você estaria de volta ao jogo.

DB: Vamos colocar as coisas assim: mesmo no que diz respeito à ciência, não poderíamos nos dedicar completamente a ela a não ser que fôssemos racionais.

K: Um pouco racionais.

DB: Um pouco racionais, mas, eventualmente, o fracasso da racionalidade bloqueia a ciência de qualquer modo. Os cientistas se agarram a suas teorias, tornam-se ciumentos e assim por diante.

K: Exatamente, isso é tudo. A irracionalidade os domina.

DB: Poderíamos então dizer que seríamos também capazes de observar a fonte de toda irracionalidade.

K: É isso que estou dizendo.

DB: Agora, porém, você tem de tornar claro que isso realmente pode ser feito.

K: Oh, sim, é o que estou mostrando a você. Eu digo: primeiro reconheça, veja, observe, perceba que você é totalmente irracional.

DB: A palavra "totalmente" causará problemas, porque se você fosse totalmente irracional, não poderia nem começar a falar.

K: Não, isso é que estou discutindo. Digo que somos totalmente irracionais. Em primeiro lugar, reconheça isso. Observe-o. No momento em que você admitir que existe uma parte de mim que é racional, que deseja eliminar a irracionalidade ...

DB: ... Não é isso, mas tem de haver suficiente racionalidade para que eu compreenda o que você está falando.

K: Sim, naturalmente.

DB: Na verdade, eu preferiria deelarar que estamos dominados pela nossa irracionalidade, embora exista racionalidade suficiente para discutirmos o assunto.

K: Contesto isso.

DB: Veja bem, de outra maneira não poderíamos começar a falar.

K: Escute. Nós começamos a falar. Alguns de nós começamos a conversar porque queremos ouvir uns aos outros, estamos dispostos a dizer: colocaremos de lado quaisquer conclusões a que tenhamos chegado, estamos dispostos a nos escutar mutuamente.

DB: Isso faz parte da racionalidade.

K: No que diz respeito a alguns de nós, talvez, mas a grande maioria não deseja nos ouvir, porque estamos preocupados em descobrir se a base existe, e estamos bastante sérios a esse respeito. Isso nos proporciona racionalidade para que ouçamos uns aos outros.

DB: Ouvir é necessário para a racionalidade.

K: Naturalmente. Estamos falando a mesma coisa?

DB: Sim.

K: O cientista, através do exame da matéria, espera alcançar a base. Nós e "X" e "Y" dizemos: vamos nos tornar racionais em nossas vidas; isso quer dizer que você e eu, e "X" e "Y", estamos dispostos a nos ouvir mutuamente. Isso é tudo. O próprio ato de ouvir representa o início da racionalidade. Algumas pessoas não ouvirão nem a nós nem a ninguém. Podemos, então, nós que *estamos* ouvindo, ser um pouco racionais, e começar. É aí que eu quero chegar. Isso significa ser terrivelmente lógico, não é? Podemos então prosseguir daí?

Por que o homem criou essa irracionalidade na sua vida? Alguns de nós podemos, aparentemente, jogar fora uma parte da irracionalidade, nos tornar um tanto racionais e dizer, agora, vamos começar. Vamos começar a descobrir porque o homem vive dessa maneira. Qual é, contudo, o fator comum dominante em todas as nossas vidas? Evidentemente é o pensamento.

DB: Sim, de fato. Naturalmente muitas pessoas poderão negá-lo, dizer que o principal fator é o sentimento ou outra coisa qualquer.

K: Muitas pessoas poderão dizer isso, mas o pensamento faz parte do sentimento.

DB: Sim, mas isso não é normalmente compreendido.

K: Nós explicaremos isso. Se não houvesse pensamento por trás do sentimento, seríamos capazes de reconhecê-lo?

DB: Sim, acho que essa é uma das principais dificuldades na comunicação com algumas pessoas.

K: Começamos então. Pode ser que haja pessoas que não vejam isso, mas quero que "X" e "Y", que são livres, vejam-no, porque eles se tornaram um pouco racionais, e portanto estão escutando um ao outro. Eles podem dizer que o pensamento é a principal fonte dessa corrente.

DB: Então temos de dizer: o que é pensamento?

K: Acho isso bastante simples. Pensamento acarreta irracionalidade.

DB: Sim, mas o que é pensamento? Como sabemos que estamos pensando? O que você quer dizer quando se refere a pensamento?

K: Pensamento é o movimento da memória, que é experiência e conhecimento armazenados no cérebro.

DB: Suponha que queiramos ter a racionalidade que inclui o pensamento racional. Pensamento racional é somente memória?

K: Espere um minuto. Sejamos cuidadosos. Se formos completamente racionais, existirá uma visão intuitiva total. Essa visão intuitiva usa o pensamento, e portanto ela é racional.

DB: Pensamento, então, não é apenas memória?

K: Não, não.

DB: Bem, eu quero dizer que, como ele está sendo usado pela visão intuitiva ...

K: Não, a visão intuitiva é que usa o pensamento.

DB: Sim, mas o que o pensamento faz não é apenas devido à memória.

K: Espere um instante.

DB: Externamente, o pensamento corre sozinho, ele corre autonomamente como uma máquina, e não é racional.

K: Exatamente.

DB: Porém, quando o pensamento é o instrumento da visão intuitiva .. .

K: Então pensamento não é memória.

DB: Não está baseado na memória.

K: Não, não está baseado na memória.

DB: A memória é usada, mas ele não está baseado na memória.

K: Então o quê? O pensamento, por ser limitado, divisível, incompleto, nunca poderá ser racional...

DB: Sem a visão intuitiva.

K: Exatamente. Contudo, como vamos ter a visão intuitiva que é totalmente racional? Não estou me referindo à racionalidade do pensamento.

DB: Eu a chamaria de racionalidade da percepção.

K: Sim, a racionalidade da percepção.

DB: O pensamento torna-se então o instrumento disso, de modo que ele tem a mesma ordem.

K: Como, porém, posso ter essa visão intuitiva? Essa é a próxima pergunta, não é? O que devo fazer, ou não fazer, para ter essa visão intuitiva instantânea, que não pertence ao tempo, que não pertence à memória, que não possui nenhuma causa, que não está baseada na recompensa ou no castigo? Ela é livre com relação a isso tudo. Portanto, como a mente tem essa visão intuitiva? Quando eu digo, eu possuo a visão intuitiva, isso está errado. Obviamente. Então como é possível que uma mente, que tenha sido irracional, e que tenha se tornado um pouco racional, tenha essa visão intuitiva? Essa visão intuitiva toma-se possível se a sua mente estiver liberta do tempo.

DB: Correto. Vamos devagar porque, veja bem, se voltarmos ao ponto de vista científico, ou até do bom senso, o tempo é implicitamente tomado como a base de tudo no trabalho científico. Na verdade, até na mitologia grega antiga, Crono, o deus do tempo, cria seus filhos e os engole. Isso é exatamente o que dissemos a respeito da base; tudo vem da base e morre na base. Assim, de certa maneira, a humanidade, já há muito tempo, começou a tomar o tempo como a base.

K: Sim, e então alguém se aproxima e diz que o tempo não é a base.

DB: Exatamente. De modo que, até agora, mesmo os cientistas têm procurado pela base no tempo — e todas as outras pessoas também!

K: Eis toda a questão.

DB: Contudo, você diz que o tempo não é a base. Alguém poderá dizer que isso é tolice, nós, entretanto, dizemos que ficaremos abertos a isso, embora algumas pessoas possam descartar essa hipótese imediatamente. Agora, se você diz que o tempo não é a base, não saberemos onde estamos.

K: Eu sei onde estou. Vamos investigar isso.

I: É o tempo o mesmo movimento que esse pensamento que descrevemos em primeiro lugar?

K: Sim, o tempo é isso. O tempo é pensamento.

DB: Gostaria de ir devagar também com relação a isso, pois como dissemos muitas vezes, há o tempo cronológico.

K: Naturalmente, isso é simples.

DB: Sim, mas além disso estamos pensando. Veja bem, pensar requer cronologicamente o tempo, mas além disso projeta uma espécie de tempo imaginário...

K. ... que é o futuro.

DB: Que é o futuro e o passado como os vivenciamos.

K: Sim, exatamente.

DB: Esse tempo, que é imaginado, também é uma espécie de processo real de pensamento.

K: Isso é um fato.

DB: Pensar é um fato que fisicamente requer tempo, mas também estamos envolvidos com o tempo quando podemos imaginar todo o passado e o futuro.

K: Sim, o que são fatos.

DB: Digamos, então, que esse tempo não é a base, talvez nem mesmo fisicamente.

K: Isso é o que vamos descobrir.

DB: Sim, mas sentimos que ele é a base, porque sentimos que nós, como o *self,* existimos no tempo. Sem o tempo não poderia haver nenhum "mim".

K: Correto.

DB: O "eu" tem de existir no tempo.

K: Naturalmente, naturalmente.

DB: Sendo eternamente alguma coisa, ou se transformando em alguma coisa.

K: Ser e se transformar estão na esfera do tempo. A mente, contudo, que evoluiu através do tempo, pode ...

I: Então, o que você entende por mente?

K: A mente — o cérebro, meus sentidos, meus sentimentos, tudo isso é a mente.

DB: A mente particular, você quer dizer.

K: A mente particular, naturalmente; estou falando da mente que evoluiu com o tempo.

DB: Até a sua condição de ser particular depende do tempo.

K: Do tempo, naturalmente, e de todo o resto. Estamos perguntando agora se essa mente pode ficar livre do tempo, se pode ter uma visão intuitiva que seja totalmente racional, e depois, então, atuar sobre o pensamento. Esse pensamento é totalmente racional, não está baseado na memória. Certo?

DB: Sim.

K: Contudo, de que maneira eu — assim como "X" e "Y" — posso me libertar do tempo? Eu sei que preciso de tempo para ir daqui para ali, para aprender uma lição, uma técnica, etc. Compreendo isso perfeitamente, de forma que não estou me referindo a esse tempo. Estou falando do tempo no sentido de vir a ser.

DB: No sentido de ser.

K: Naturalmente, vir a ser é ser. Começo sendo para vir a ser.

DB: E sendo alguma coisa em mim mesmo. Sendo melhor, sendo mais feliz.

K: Sim, a coisa toda — tudo. Entretanto, posso eu, pode o meu cérebro que investiga se a base existe, pode toda minha mente se libertar do tempo? Nós, agora, separamos o tempo: o tempo que é necessário, e o tempo que não é necessário. Ou seja, pode o meu cérebro não funcionar como sempre o fez, no tempo, enquanto pensamento? O que significa: o pensamento pode chegar a um fim? Você aceitaria isso?

DB: Sim, mas poderia tornar isso mais claro? Podemos perceber que a primeira pergunta é: o meu cérebro pode não ser dominado pela função do pensamento?

K: Sim, que é o tempo.

DB: E depois, se você diz que o pensamento chega a um fim .. .

K: Não! O tempo enquanto pensamento pode vir a parar?

DB: Psicologicamente, o tempo pára.

K: Sim, estou falando sobre isso.

DB: Mas ainda temos o pensamento racional.

K: Naturalmente. Isso está entendido. Já dissemos isso.

DB: Estamos discutindo o pensamento da experiência consciente.

I: De ser e de vir a ser ...

K: E da retenção da memória; você sabe, o passado, como conhecimento. Oh, sim, isso pode ser feito.

DB: Quer realmente se referir à lembrança de experiências?

K: À lembrança de experiências, a mágoas, a apegos, a tudo isso. Ora, isso pode ter um fim? Naturalmente que sim. Eis a questão: isso pode ter um fim quando a própria percepção indaga, o que é isso? O que é a mágoa? O que é o dano psicológico? A percepção disso *é* o seu fim; é não o levarmos adiante, que é o tempo. O seu próprio final representa o término do tempo. Acho que isso está claro. "X" está magoado, ferido, desde a infância; e ele, ao escutar, falar, discutir, percebe que a continuação da mágoa é tempo, e para que a base seja encontrada, o tempo tem de findar. Diz então: minha mágoa pode terminar instantaneamente, imediatamente?

DB: Sim, creio que há certas etapas aí. Você diz que ele descobre que mágoa é tempo, mas a experiência imediata disso é que ela existe por si só.

K: Sei disso, é claro. Podemos nos aprofundar nisso.

DB: Isso, simplesmente, é algo em si mesmo.

K: O que quer dizer que eu criei uma imagem de mim mesmo e que a imagem está magoada, e não eu.

DB: O que você entende por isso?

K: Está bem. Na transformação, que é o tempo, eu criei uma imagem a meu respeito.

DB: Bem, o pensamento criou essa imagem.

K: O pensamento criou uma imagem através da experiência, através da educação, através do condicionamento, e tornou essa imagem separada de mim. Essa imagem, porém, é na verdade "mim", embora tenhamos separado a imagem e o "mim", o que é irracional. Assim, ao perceber que a imagem *é* "mim", tornei-me um pouco racional.

DB: Acho que isso não ficará claro — porque quando estou magoado, sinto que a imagem é "mim".

K: A imagem *é* você.

DB: A pessoa que está magoada se sente assim, entende?

K: Está bem; mas no momento em que atuamos sobre a imagem, nós a separamos de nós.

DB: Eis a questão. O primeiro sentimento é o da imagem do "mim" magoado, e o segundo, é o do "eu" me afastando da imagem para poder atuar sobre ela ...

K: ... o que é a irracionalidade.

DB: ... porque não está correto.

K: Exatamente.

DB: E isso introduz o tempo, porque eu digo que levará tempo para fazer isso.

K: Certo. Então, percebendo isso, torno-me racional, e ajo. 0 ato é ficar livre disso imediatamente.

DB: Vamos nos aprofundar nisso. A primeira coisa é que houve uma mágoa. Essa é a imagem, mas inicialmente não a separo de mim; sinto-me identificado com ela.

K: Eu sou ela.

DB: Eu sou ela. Depois, porém, eu recuo, e digo que acho que deve haver um "mim" que pode fazer algo.

K: Sim, que pode atuar sobre ela.

DB: Porém, isso leva tempo.

K: Isso é tempo.

DB: Isso é tempo, isto é, estou pensando que isso leva tempo. Tenho que ir devagar agora. Se eu não fizer isso, essa mágoa não poderá existir.

K: Exatamente.

DB: Mas não está óbvio na experiência que isso é assim.

K: Em primeiro lugar, abordemos isso vagarosamente. Estou magoado. Isso é um fato. Depois, então, eu me separo de mim mesmo — ocorre uma separação — e digo: farei alguma coisa a esse respeito.

DB: 0 "mim" que fará alguma coisa é diferente.

K: Diferente, naturalmente.

DB: E ele pensa a respeito do que deverá fazer.

K: O "mim" é diferente porque está se transformando.

DB: Ele projeta no futuro um estado diferente.

K: Sim. Estou magoado. Há uma separação, uma divisão. O "mim", que está sempre procurando se transformar, diz: tenho que controlar isso, tenho que eliminá-lo, tenho que atuar sobre ele, caso contrário, eu me tornarei vingativo e pernicioso. Esse movimento de separação é tempo.

DB: Podemos perceber isso agora. A questão, porém, é que há algo que não está claro. Uma pessoa pensa que a mágoa existe independentemente do "mim", e que deve fazer alguma coisa a respeito. Ela projeta então no

futuro o estado mais benéfico e o que ela fará. Vamos tentar esclarecer bem isso, porque você afirmou que não há separação.

K: Minha racionalidade descobre que não há separação.

DB: Não há separação, mas a ilusão de que ela existe ajuda a manter a mágoa.

K: Exatamente, porque a ilusão é: estou me transformando.

DB: Sim. Eu sou isso e me transformarei naquilo. Estou magoado e passarei a ficar não-magoado; esse próprio pensamento sustenta a mágoa.

K: Correto.

I: A separação já não está presente quando me torno consciente e digo que estou magoado?

K: Estou magoado. Digo então que vou atacá-lo porque você me feriu, ou digo que devo reprimir isso — ou crio o medo, e assim por diante.

I: Esse sentimento de separação não está presente desde o momento que digo que estou ferido?

K: Isso é irracionalidade.

I: Isso já é irracional?

K: Sim, quando você pergunta se a separação já não ocorre quando digo: "estou magoado".

DB: Ela existe, mas acho que antes disso acontecer sentimos uma espécie de choque. A primeira coisa que ocorre é um choque suave, uma dor, ou seja lá o que for, que identificamos com esse choque. Explicamos isso dizendo que estamos feridos, e isso implica imediatamente a separação de querermos fazer alguma coisa a respeito.

K: Naturalmente. Se eu não estiver ferido, não saberei nada a respeito da separação ou da não-separação. Se eu estiver ferido, serei irracional enquanto mantiver essa mágoa e fizer alguma coisa a respeito dela, o que

significa transformar-me. Então, surge depois a irracionalidade. Acho que está certo.

DB: Mas, se você não a sustentar, o que acontecerá? Suponha que diga que não prosseguirá com essa transformação.

K: Ah, isso é um assunto completamente diferente. Significa que não estou mais pensando, não estou mais observando, ou usando o tempo como uma observação.

DB: Você poderia dizer que essa não é sua maneira de olhar, não é mais sua teoria.

K: Exatamente.

DB: Porque você poderia dizer que o tempo é uma teoria que todo mundo adota com objetivos psicológicos.

K: Sim. Esse é o fator comum; o tempo é o fator comum do homem; e estamos mostrando que o tempo é uma ilusão . . .

DB: O tempo psicológico.

K: Naturalmente, isso já está entendido.

DB: Você está dizendo que, quando não mais nos aproximamos disso através do tempo, a mágoa não continua?

K: Ela não continua, ela termina — porque não estamos nos transformando em nada.

DB: Ao nos transformarmos, estamos sempre continuando o que somos.

K: Exatamente. Continuando o que somos, modificados. . .

DB: É por isso que lutamos por nos transformar.

K: Nós estamos falando a respeito da visão intuitiva, ou seja, que a visão intuitiva não tem tempo. A visão intuitiva não é o produto do tempo, sendo o tempo a memória, etc. Existe então a visão intuitiva; essa visão intuitiva, por estar livre do tempo, atua sobre a memória, age sobre o pensa-

mento. Ou seja, a visão intuitiva torna o pensamento racional, mas não o pensamento que está baseado na memória. Então, que diabo é esse pensamento?

Não. Espere um minuto. Não creio absolutamente que o pensamento apareça. Dissemos que a visão intuitiva passa a existir quando não existe o tempo. O pensamento — que está baseado na memória, na experiência e no conhecimento — é o movimento do tempo no aspecto da transformação. Estamos nos referindo ao tempo psicológico e não ao tempo cronológico. Estamos dizendo que ficar livre do tempo implica a visão intuitiva. A visão intuitiva, por estar livre do tempo, não possui pensamento.

DB: Dissemos que ela poderá usar o pensamento.

K: Espere, não tenho certeza. Vá devagar. Ela poderá usar o pensamento para dar explicações, mas ela age. Antes, a ação estava baseada no pensamento. Agora, quando existe visão intuitiva, há somente ação. Por que queremos o pensamento? Porque a visão intuitiva é racional, a ação é racional. A ação se torna irracional quando ela está atuando a partir do pensamento. Portanto, a visão intuitiva não usa o pensamento.

DB: Bem, temos que tornar isso claro porque numa certa área a visão intuitiva tem que usar o pensamento . . . Se, por exemplo, você quisesse construir alguma coisa, usaria o pensamento referente à sua execução que está disponível.

K: Isso, porém, não é visão intuitiva.

DB: Mas mesmo assim, talvez você tenha que ter visão intuitiva nessa área.

K: Uma visão intuitiva parcial. Os cientistas, os pintores, os arquitetos, os médicos, os artistas e outros têm uma visão intuitiva parcial. Estamos falando, porém, de "X" e de "Y", que estão procurando a base; estão se tomando racionais, e estamos dizendo que a visão intuitiva não possui tempo, e portanto não possui pensamentos, e essa visão intuitiva é ação. Como essa visão intuitiva é racional, a ação é racional. Desculpe-me, não estou fazendo de mim um exemplo; estou falando com toda humildade. Aquele menino, aquele rapaz dissolveu em 1929 a Ordem da Estrela. Não houve pensamento. As pessoas disseram: "Faça isso", "Não faça aquilo", "Mantenha-a", "Não a mantenha". Ele teve uma visão intuitiva; dissolveu-a. Acabou! Por que precisamos do pensamento?

DB: Mas depois você usou algum pensamento, quando dissolveu a Ordem, para dizer quando fazê-lo e como fazê-lo.

K: Essa palavra é usada por mera conveniência, para a comunicação com outras pessoas.

DB: Ainda assim, foi necessário algum pensamento.

K: A decisão age.

DB: Não estava me referindo à decisão. A ação original não exigiu o pensamento; somente a que veio depois.

K: Isso não é nada. É como levar uma almofada daqui para ali.

DB: Sim, eu entendo. A fonte original de ação então não envolve o pensamento.

K: Isso é tudo que eu queria dizer.

DB: Mas de certo modo ela se infiltra no . . .

K: . . . é como uma onda.

I: Todos os pensamentos não passam por uma transformação nesse processo?

K: Sim, naturalmente. Como a visão intuitiva não possui tempo, conseqüentemente o próprio cérebro passou por uma mudança.

DB: Sim, mas poderíamos falar sobre o que você quer dizer com isso?

K: Isso quer dizer que todas as respostas humanas devem ser percebidas pela visão intuitiva ou devem penetrá-la? Eu lhe direi o que quero dizer com isso. Sou ciumento. Existe uma visão intuitiva que cobrirá todo o campo do ciúme e desse modo acabará com ele? Que acabará com a inveja, a ganância, e com tudo que está envolvido no ciúme? Entende? As pessoas irracionais caminham passo a passo — livram-se do ciúme, livram-se do apego, livram-se da raiva, livram-se disso, daquilo, e daquilo outro, o que representa um processo constante de transformação — certo? Mas a visão intuitiva, que é totalmente racional, extermina tudo isso.

DB: Exatamente.

K: Isso é um fato? Um fato, no sentido de que "X" e "Y" nunca mais serão ciumentos; *nunca!*

DB: Temos de discutir isso, porque não está claro como você poderia garanti-lo.

K: Oh, sim, eu o garantirei com certeza!

DB: Se isso puder alcançar aqueles que são capazes de escutar . . .

K: O que significa que para encontrarmos a base, a primeira coisa que temos de fazer é escutar.

DB: Entenda, os cientistas nem sempre podem escutar. Até Einstein e Bohr não foram capazes, num certo ponto, de escutarem um ao outro. Cada um estava apegado à sua visão particular.

K: Eles colocaram sua irracionalidade em funcionamento.

8 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

QUATRO

ROMPENDO O PADRÃO DA ATIVIDADE EGOCENTRALIZADA

KRISHNAMURTI: Gostaria de fazer uma pergunta que poderá nos conduzir a algo: o que é preciso para o homem transformar-se profunda, fundamental e radicalmente? Ele tem passado por crise após crise, tem sofrido inúmeros choques, tem atravessado todos os tipos de infortúnios, de guerras, de sofrimentos pessoais, e assim por diante. Tem tido um pouco de afeição, um pouco de alegria, mas tudo isso não parece mudá-lo.

O que fará com que um ser humano abandone o caminho que está seguindo, e siga uma direção completamente diferente? Esse é um dos nossos maiores problemas, você não acha? Por quê? Se estivermos preocupados, como deveríamos estar, com a humanidade, com todas as coisas que estão acontecendo, qual será a ação correta para levar o homem a mudar de direção? Essa pergunta é válida? Tem algum significado?

DAVID BOHM: Bem, a não ser que possamos perceber essa ação, ela não terá muito significado.

K: A pergunta tem algum significado?

DB: Significa, indiretamente, procurar saber o que está segurando as pessoas.

K: Sim, isso é a mesma coisa.

DB: Se pudéssemos descobrir o que está mantendo as pessoas no seu rumo atual...

K: Será o condicionamento básico do homem, essa ação e essa atitude

tremendamente egotistas, que não leva a nada? Parece mudar, parece produzir, mas o centro permanece o mesmo. Talvez isso possa não se enquadrar no contexto do nosso diálogo dos últimos dois ou três dias, mas julguei que talvez pudéssemos começar assim.

DB: Você tem alguma noção do que está segurando as pessoas? Tem idéia do que realmente poderia mudá-las?

K: Creio que sim.

DB: O que é então?

K: O que está causando o bloqueio? Poderíamos nos aproximar através do condicionamento ambiental, do exterior para o interior, e descobrir o interior a partir das atividades externas do homem? E depois descobrir que o exterior representa o interior, que é o mesmo movimento, e em seguida transcendê-lo para verificar o que é? Poderíamos fazer isso?

DB: O que você está querendo dizer com exterior? Está se referindo às condições sociais?

K: Ao condicionamento social, ao condicionamento religioso, à educação, à pobreza, às riquezas, ao clima, à alimentação; ao exterior. Isso pode condicionar a mente numa certa direção, mas quando examinamos isso mais a fundo, percebemos que o condicionamento psicológico também procede um pouco do exterior.

DB: É verdade que todo o conjunto de relações de uma pessoa afetará o modo como ela pensa, mas isso não explica porque o condicionamento é tão rígido, e porque ele se mantém.

K: É isso também que estou querendo saber.

DB: Sim. Se fosse apenas um condicionamento externo, poderíamos esperar que ele se alterasse mais facilmente. Por exemplo, poderíamos ter condições exteriores diferentes.

K: Eles tentaram tudo isso.

DB: Sim, toda a crença do comunismo era que com uma nova sociedade haveria um novo homem. Mas isso não aconteceu! Acho que há funda-

mentalmente alguma coisa no interior que se mantém, que resiste à mudança.

K: O que é isso? Será que essa pergunta nos levará a algum lugar?

DB: A não ser que nós efetivamente a esclareçamos, ela não nos levará a lugar algum.

K: Creio que poderíamos descobrir, se nos dedicássemos a isso. Estou apenas querendo saber se vale a pena fazer essa pergunta, e se ela está relacionada com o que estávamos discutindo. Ou será que devemos abordar outra coisa que tenha relação com o que falamos antes?

DB: Bem, acho que estivemos falando a respeito de fazermos o tempo chegar ao fim, de terminarmos com a transformação. Falamos também sobre entrarmos em contato com a base através da total racionalidade; mas agora poderíamos dizer que a mente não é racional.

K: Sim, dissemos que o homem é basicamente irracional.

DB: Isso talvez faça parte do bloqueio. Se fôssemos completamente racionais, chegaríamos necessariamente a essa base, não é verdade?

K: Sim. Estávamos falando outro dia a respeito da eliminação do tempo. Os cientistas, através da investigação da matéria, querem descobrir esse ponto. As chamadas pessoas religiosas têm se empenhado em descobrir - não apenas verbalmente — se o tempo pode parar. Nós entramos um pouco nisso, e chegamos â conclusão de que *é* possível que um ser humano que escute, consiga encontrar, através da visão intuitiva, o final do tempo. Pois a visão intuitiva não é memória. Memória é tempo, memória é experiência, conhecimento, armazenados no cérebro, e assim por diante. Enquanto ela estiver funcionando, não existirá qualquer possibilidade de termos qualquer visão intuitiva com relação a alguma coisa. Estou me referindo à visão intuitiva total e não à parcial. O artista, o cientista, o músico, todos eles têm visões intuitivas parciais e portanto ainda estão vinculados ao tempo.

É possível termos uma visão intuitiva total, o que representa o fim do "mim", porque o "mim" é o tempo? O "mim", meu ego, minha resistência, minhas mágoas, tudo isso. Esse "mim" pode acabar? É somente quando ele acaba que ocorre a visão intuitiva total; foi isso que descobrimos.

Depois abordamos a pergunta: é possível a um ser humano eliminar completamente toda essa estrutura do "mim"? Respondemos que sim e nos aprofundamos mais no assunto. Muito poucas pessoas prestarão atenção a isso porque é por demais aterrorizante. Surge então a pergunta: se o "mim" terminar, o que encontraremos? Apenas o vazio? Não há interesse nisso; mas se estivermos investigando sem qualquer sentimento de recompensa ou de punição, então existirá alguma coisa. Dizemos que tal coisa é o vazio total, que é energia e silêncio. Bem, isso soa bonito, mas não tem qualquer significado para um homem comum que seja sério e que queira ir além disso, além de si mesmo. Fomos ainda mais adiante e perguntamos: existe alguma coisa além disso tudo? E dissemos que há.

DB: A base.

K: A base. Será que o começo dessa investigação é escutar? Será que eu, como um ser humano, abandonarei completamente minha atividade egocêntrica? O que fará com que eu me afaste dela? O que fará com que um ser humano se afaste dessa atividade destrutiva e autocentrada? Se ele se afastar devido à recompensa ou ao castigo, isso representará apenas outro pensamento, outro motivo. Portanto, descartemos isso. O que fará, então, com que os seres humanos renunciem — se eu puder usar essa palavra — renunciem completamente a ela sem qualquer motivo?

Veja, o homem tentou tudo com esse objetivo — o jejum, a tortura de si mesmo sob diversas formas, a auto-abnegação através da crença e a negação de si próprio por meio da identificação com algo superior. Todas as pessoas religiosas tentaram, mas o "mim" ainda está presente.

DB: Sim. Toda a atividade não tem significado, mas de algum modo isso não se torna evidente. As pessoas se afastarão de algo que não tenha significado, e que não faça sentido, corriqueiramente falando. Parece, contudo, que a percepção desse fato é rejeitada pela mente. A mente resiste a isso.

K: A mente resiste a esse conflito permanente, e se afasta dele.

DB: Ela se afasta do fato de que o conflito não tem significado.

K: As pessoas não percebem isso.

DB: A mente também está organizada deliberadamente para não percebê-lo.

DB: Ela o evita quase que deliberadamente, mas não propriamente de modo consciente, como o fazem as pessoas na índia que dizem que vão se retirar para as montanhas do Himalaia porque não há nada a ser feito.

K: Mas isso é inútil. Você quer dizer que a mente, por ter vivido tanto tempo no conflito, recusa-se a se afastar dele?

DB: Não está claro porque ela se recusa a abandoná-lo; porque a mente não quer enxergar que o conflito não tem qualquer sentido. A mente está enganando a si própria, está querendo se proteger.

K: Os filósofos e as chamadas pessoas religiosas enfatizaram a luta, enfatizaram a importância do esforço e do controle. Será esse um dos motivos pelo qual os seres humanos se recusam a abandonar o seu modo de viver?

DB: Possivelmente. Eles acham que através da luta ou do esforço alcançarão um melhor resultado. Eles não querem desistir do que possuem, e sim melhorá-lo através de intenso esforço.

K: O homem já viveu dois milhões de anos; o que ele conseguiu? Mais guerras, mais destruição.

DB: O que estou tentando dizer é que as pessoas tendem a não querer ver isso, mas também se inclinam a voltar atrás com a esperança de que a luta produza algo melhor.

K: Não estou bem certo se esclarecemos esse ponto, ou seja, que os intelectuais — estou empregando essa palavra respeitosamente — os intelectuais do mundo tenham enfatizado esse fator de luta.

DB: Creio que muitos deles o fizeram.

K: A maioria deles.

DB: Karl Marx.

K: Marx e até Bronowski, que falam de mais e mais luta, e da aquisição de mais e mais conhecimento. Será que os intelectuais têm uma influência tão extraordinária nas nossas mentes?

DB: Acho que as pessoas fazem isso sem qualquer estímulo por parte dos intelectuais. Veja bem, a luta tem sido enfatizada por toda parte.

K: É isso que eu quis dizer. Por toda parte. Por quê?

DB: Bem, no início as pessoas pensaram que ela seria necessária porque tinham de lutar contra a natureza para poderem sobreviver.

K: Então a luta contra a natureza foi transferida para as outras pessoas?

DB: Sim, uma parte dela. Entenda, temos que ser bravos caçadores, e temos de lutar contra nossas próprias fraquezas para nos tornarmos corajosos, caso contrário não podemos fazê-lo.

K: Sim, exatamente. Será então que as nossas mentes estão condicionadas, moldadas e sustentadas por esse padrão?

DB: Bem, isso é certamente verdadeiro, mas não explica porque é tão excessivamente difícil mudá-lo.

K: Porque estamos acostumados a ele. Estamos numa prisão, mas estamos acostumados com ela.

DB: Mas acho que existe uma tremenda resistência a nos afastarmos dela.

K: Por que um ser humano resiste a isso, quando nos aproximamos e mostramos a falácia e a irracionalidade de tudo isso, apontamos toda a causa e o efeito, damos exemplos, apresentamos dados, e tudo o mais? Por quê?

DB: É isso que eu disse: se as pessoas fossem capazes de ser completamente racionais, elas abandonariam tudo isso; mas penso que existe algo mais com relação ao problema. Veja, podemos expor sua irracionalidade, mas existe alguma coisa mais, no sentido de que as pessoas não estão completamente conscientes de todo esse padrão de pensamento. Depois de ser revelado em determinado nível, ele ainda continua presente em níveis dos quais a pessoa não tem consciência.

K: E o que os tornaria conscientes?

DB: E isso que temos que descobrir. Acho que as pessoas têm que se

tornar conscientes de que possuem essa tendência de prosseguir com o condicionamento. Pode ser um simples hábito, ou pode ser o resultado de muitas conclusões passadas que estão todas operando *agora* sem as pessoas saberem. Existem muitas coisas diferentes que mantêm as pessoas nesse padrão. Poderemos convencer alguém de que o padrão não faz sentido, mas quando se trata dos assuntos objetivos da vida, essa pessoa procederá de mil maneiras diferentes que implicam esse padrão.

K: Realmente. E depois?

DB: Bem, acho que uma pessoa teria que estar extremamente interessada nisso para destruí-lo completamente.

K: O que levará, então, os seres humanos a esse estado de extremo interesse? Veja bem, já lhes ofereceram o céu como recompensa se fizessem isso. Várias religiões tiveram essa atitude, embora isso se torne excessivamente infantil.

DB: A recompensa representa parte do padrão. Normalmente, a regra é que eu siga o padrão auto-envolvente a não ser que surja algo realmente importante.

K: Uma crise.

DB: Ou quando esperamos obter uma recompensa.

K: Naturalmente.

DB: Esse é um padrão de pensamento. As pessoas devem de algum modo acreditar que ele tem valor. Se todo mundo fosse capaz de trabalhar em conjunto e de repente pudéssemos criar a harmonia, todo mundo diria: está bem, eu também renunciarei. Na ausência disso, porém, as pessoas preferem se agarrar ao que possuem! Esse é o tipo de pensamento.

K: Agarrar-se ao que é conhecido.

DB: Eu não tenho muito, mas é melhor que eu me prenda a isso.

K: Sim. Está dizendo, então, que se todo mundo fizer isso, eu também o farei?

DB: Essa é a forma comum de pensamento. Porque tão logo as pessoas começam a cooperar numa emergência, um grande número começa a aderir.

K: Então elas formam comunas. Mas todas elas falharam.

DB: Porque depois de algum tempo essa coisa especial desaparece e as pessoas caem no antigo padrão.

K: O antigo padrão. Então eu pergunto: o que fará com que um ser humano rompa esse padrão?

INTERROGANTE: Não teria isso relação com o assunto que examinamos anteriormente: o tempo e o não-tempo?

K: Mas eu não sei nada a respeito do tempo, não sei nada sobre tudo isso, é apenas uma teoria para mim; e, contudo, o fato é que estou preso nesse padrão e não posso abandoná-lo. Os analistas tentaram, as pessoas religiosas tentaram, todo mundo tentou tornar os seres humanos inteligentes — mas eles não tiveram sucesso.

I: Mas eles não percebem que a própria tentativa de abandonar o padrão ou de acabar com o conflito está fortalecendo o conflito.

K: Não, isso é apenas uma teoria.

I: Mas podemos explicar isso a eles.

K: Podemos explicar. Como dissemos, há muitas explicações bastante racionais, e no final caímos de volta nisso.

I: Bem, só recairemos nisso se não o tivermos realmente entendido.

K: Você o entendeu quando afirma isso? Por que nem eu, nem você, dissemos "acabado"! Você poderá me apresentar mil explicações, e todas provavelmente um pouco irracionais, mas eu direi: você o fez?

I: Eu nem mesmo entendo a pergunta, quando me indaga se eu o fiz.

K: Não estou sendo pessoal. Você deu uma explicação relativa ao motivo pelo qual os seres humanos não podem se afastar desse padrão, ou rompê-lo.

I: Não, estou lhe dando mais do que a explicação.

K: O que você está me dando?

I: Se eu percebo que algo está correto, então a descrição da observação é mais do que uma simples explicação.

K: Sim, mas será que eu posso perceber isso claramente?

I: Bem, esse é o problema.

K: Ajude-me então a vê-lo claramente.

I: Para isso deve haver um interesse.

K: Por favor, não diga "deve". Não tenho interesse. Fico interessado, como o Dr. Bohm acabou de assinalar, quando existe uma grande crise como uma guerra. Então, esqueço-me de mim mesmo. Na verdade, fico feliz por me esquecer, por entregar a responsabilidade aos generais, aos políticos. Sob uma crise eu esqueço, mas no momento em que a crise termina, eu volto ao meu padrão. Isso acontece o tempo todo. Portanto, digo para mim mesmo: o que fará com que eu renuncie a esse padrão, ou o rompa?

I: Não seria o fato de as pessoas terem de enxergar a falsidade?

K: *Mostre*-me isso.

I: Não posso, porque não a vi.

K: Então, o que farei como ser humano? Explicou-me dez mil vezes como esse padrão é feio, como ele é destrutivo, e assim por diante, mas eu volto a cair nesse padrão o tempo todo. Ajude-me, ou mostre-me como romper o padrão. Compreende minha pergunta?

I: Bem, então está interessado?

K: Está bem. Contudo, o que fará com que eu me interesse? A dor?

I: Algumas vezes ela o consegue por um momento, mas depois desaparece.

K: 0 que fará então com que eu me torne um ser humano tão alerta, tão consciente, tão intenso que consiga romper essa coisa?

I: Você está colocando a pergunta em termos de uma ação, de um rompimento, de uma renúncia. Isso não é uma questão de percepção?

K: Sim. Mostre-me, ajude-me a perceber, porque eu estou resistindo a você. Meu padrão, que está tão arraigado em mim, está me segurando — correto? Quero provas, quero ser convencido.

I: Temos de voltar à pergunta: por que eu quero ter provas? Por que desejo me convencer?

K: Porque alguém afirma que temos um modo idiota, irracional de encarar as coisas; e essa pessoa nos mostra todos os efeitos disso, a sua causa, e nós dizemos: sim, mas não podemos deixá-lo!

DB: Podemos dizer que essa é a própria natureza do "mim", que temos que atender às nossas necessidades, não importa quão irracionais elas sejam.

K: É isso que estou dizendo.

DB: Primeiramente, devo cuidar das minhas necessidades, e depois posso tentar ser racional.

K: Então, quais são as nossas necessidades?

DB: Algumas são reais e algumas são imaginárias, mas . . .

K: Sim, é isso. As necessidades imaginárias, ilusórias, dominam as outras necessidades.

DB: Mas veja bem, posso ter necessidade de acreditar que sou bom e correto, e precisar saber que sempre estarei ali.

K: Ajude-me a romper isso!

DB: Acho que tenho de perceber que isso é uma ilusão. Veja, se parecer

real, o que posso fazer? Como estou realmente ali, preciso de tudo isso, e é tolice falar em ser racional se vou desaparecer, sucumbir, ou algo assim. Você me disse que existe outro estado de existência nesse lugar onde não me encontro — correto? E quando *estou* ali, isso não faz qualquer sentido!

K: Sim, isso mesmo. Mas eu *não* estou ali. Admito como ser humano que o céu é perfeito, mas não estou nesse lugar; por favor, ajude-me a chegar ali.

DB: Não, é alguma coisa diferente.

K: Eu entendo o que está dizendo.

I: Podemos perceber a natureza ilusória dessa necessidade de querer ir para o céu? Ou quero me iluminar, ou quero ser isso, ou quero ser aquilo? Mas essa própria pergunta, essa própria necessidade é . . .

K: Essa necessidade está baseada na transformação, no "algo a mais"?

I: Isso é ilusório.

K: Não. Você está dizendo isso.

DB: Você não me demonstrou isso, entende?

K: Para você isso é uma idéia. É apenas uma teoria. Demonstre-a para mim.

I: Bem, estamos realmente querendo explorar o assunto?

K: Estamos, sob uma condição — que encontremos alguma coisa no final. Veja como funciona a mente humana. Escalarei a mais alta montanha se eu ganhar alguma coisa com isso.

I: A mente pode perceber que o problema é esse?

K: Sim, mas ela não consegue desistir.

I: Bem, se ela perceber...

K: Você está andando em círculos!

DB: Ela percebe o problema de modo abstrato.

K: É isso. Agora, por que o vemos de forma abstrata?

DB: Em primeiro lugar, é bem mais fácil.

K: Não volte a isso. Por que nossa mente faz uma abstração de tudo?

DB: Vamos começar dizendo que até certo ponto é função do pensamento fazer abstrações externamente, mas depois nós as levamos para o interior. É o mesmo tipo de coisa de antes.

K: Sim. Existe então alguma outra coisa — estou apenas perguntando — que estamos deixando escapar completamente? Ou seja, gostaria de chamar atenção para o fato de que nós ainda estamos pensando dentro do mesmo antigo padrão.

DB: A própria pergunta contém esse padrão, não é verdade?

K: Sim, mas a busca do padrão é tradicional.

DB: Eu quero dizer que na elaboração dessa pergunta o padrão se manteve.

K: Sim, de forma que podemos nos afastar completamente disso, e olhar a coisa de maneira diferente. Pode a mente humana dizer o seguinte: está bem, tentamos tudo isso — Marx, Buda, todo mundo chamou atenção para uma coisa ou outra; mas evidentemente, depois de um milhão de anos, ainda estamos de certo modo presos nesse padrão — dizendo que temos que nos interessar, que devemos escutar, que temos que fazer isso, e assim por diante?

DB: Isso ainda é o tempo.

K: Sim. O que acontecerá então se eu abandonar tudo isso, abandoná-lo *realmente*? Não pensarei nem em termos disso. Não haverá mais explicações, ou novos desvios, que são os mesmos antigos desvios! Vamos então abandonar essa área completamente e encarar o problema de forma diferente; o problema agora é: por que sempre vivo nesse centro do "mim"? Sou um ser humano sério; ouvi tudo isso e depois de decorridos cinqüenta anos conheço todas as explicações — o que deveria fazer, o que não deveria fazer, etc. Posso dizer: está bem, eu me descartarei disso tudo?

Isso significa que ficarei completamente sozinho. Isso leva a algum lugar?

DB: Sim, possivelmente.

K: Acho que isso leva *efetivamente* a algum lugar.

DB: Parece-me que basicamente está dizendo que devemos deixar para trás todo esse conhecimento da humanidade.

K: É isso que estou dizendo.

DB: Aparentemente isso está fora de seu lugar.

K: Sim. Abandonem todo o conhecimento, todas as experiências e explicações que o homem criou — joguem fora tudo isso.

I: Mas ainda somos deixados com a mesma mente.

K: Ah! Eu não possuo essa mente. *Não* é a mesma mente. Quando eu abandonar tudo isso, minha mente terá mudado. Minha mente será *isto.*

I: Não, não seria a mente também a estrutura básica?

K: Da qual eu me descartei.

I: Mas você não pode jogar isso fora.

K: Posso sim.

I: Estou me referindo a este organismo.

K: Espere um minuto. O meu organismo foi moldado pelo conhecimento, pela experiência, e pelo conhecimento adicional que adquiri enquanto eu evoluía, enquanto eu crescia. À medida que eu acumulava cada vez mais conhecimento, eu ficava mais forte, e tenho percorrido esse caminho por milênios. Eu digo então: talvez eu tenha que olhar para esse problema de um modo totalmente diferente — que não significa em absoluto percorrer esse caminho, e sim abandonar *todo* o conhecimento que adquiri.

DB: Nesta área, neste local psicológico.

K: Psicologicamente, é claro.

DB: Na essência, na fonte, o conhecimento é irrelevante.

K: Sim.

DB: Mais adiante ele se torna relevante.

K: Naturalmente. Isso está entendido.

I: Mas eu tenho uma pergunta. A mente no início da sua evolução estava nessa mesma posição. A mente no começo de seja o que for que chamamos de homem estava nessa posição.

K: Não, eu não aceito isso. Por que você faz essa afirmação? No momento em que a mente passa a existir, ela já é capturada pelo conhecimento. Você concordaria?

DB: Acho que está implícito na estrutura do pensamento.

K: Exatamente.

DB: Em primeiro lugar, ter conhecimento do exterior, e depois aplicar esse conhecimento ao interior, sem compreender que iria ficar presa nele. Conseqüentemente, ela estendeu esse conhecimento para a área de transformação psicológica.

I: Bem, se a mente começasse novamente, ela iria cometer de novo o mesmo erro.

K: Não, certamente que não.

I: A não ser que ela tenha aprendido.

K: Não, eu não quero aprender. Você ainda está seguindo o mesmo caminho antigo. Eu não quero aprender. Por favor, permita-me entrar um pouco nisso.

DB: Devemos esclarecer isso, porque em outras ocasiões você disse que é importante aprender, até a respeito da auto-observação.

K: Naturalmente.

DB: Agora você está dizendo uma coisa bastante diferente. Devemos esclarecer por que é diferente. Por que abandonou a noção de aprendizado nesta etapa?

K: Nesta etapa, fiz isso porque ainda estou acumulando memória.

DB: Mas houve um estado em que era importante aprender sobre a mente.

K: Não volte atrás. Estou apenas começando. Eu vivi sessenta, oitenta, ou cem anos. E eu escutei tudo isso — os mestres na índia, os cristãos, os maometanos; eu ouvi todas as explicações psicológicas, até Freud, Marx, e todos os outros.

DB: Acho que poderíamos ir um pouco mais adiante. Concordamos em que tudo isso é material negativo, mas além disso, talvez eu tenha me observado, e aprendido a meu respeito.

K: A seu respeito, sim, acrescente isso; e, no final, eu digo que essa talvez seja uma maneira errada de encarar a coisa.

DB: Certo. Depois de termos explorado desse modo, finalmente somos capazes de ver que ele talvez esteja errado.

K: Talvez.

DB: Bem, eu diria que de certo modo talvez fosse necessário investigar dessa maneira.

K: Ou não fosse necessário.

DB: Talvez possa não ter sido, mas devido ao conjunto global de condições, isso estava fadado a acontecer.

K: Naturalmente. Chegamos agora ao ponto em que digo: abandonemos — vamos introduzir essa palavra — todo esse conhecimento, porque ele não me conduziu a nenhum lugar, no sentido de que não fiquei livre do meu egocentrismo.

DB: Mas isso sozinho não é suficiente porque se você afirma que se isso não funcionou, pode sempre esperar ou supor que *possa.* Mas, na verdade, podia perceber que não pode funcionar.

K: Não pode funcionar. Tenho certeza disso.

DB: Não basta dizer que não funcionou; na verdade *não pode,* efetivamente, funcionar.

K: Não pode funcionar porque está baseado no tempo e no conhecimento, que é o pensamento; e essas explicações estão baseadas no pensamento — com a finalidade de adquirir conhecimento e assim por diante. Acha que é assim?

DB: Até onde avançamos nós as baseamos no conhecimento e no pensamento. Além disso, não apenas o pensamento, como também os padrões habituais de habilidade constituem uma extensão do pensamento.

K: Então, coloco essas coisas de lado, não de maneira casual, não com um interesse no futuro — mas por ver o mesmo padrão ser repetido e repetido; cores diferentes, frases diferentes, quadros diferentes, imagens diferentes — abandono tudo isso. Em vez de prosseguir para o norte, como fiz durante milênios, parei e me dirigi para o leste, o que significa que minha mente mudou.

DB: A estrutura do "mim" desapareceu?

K: Evidentemente.

DB: Sem nenhuma visão intuitiva nela?

K: Não. Não introduzirei a visão intuitiva por enquanto.

DB: Mas houve a visão intuitiva para que isso fosse feito. Quero dizer que aventar a hipótese de fazê-lo representa uma visão intuitiva. A visão intuitiva foi a coisa que funcionou.

K: Não introduzirei essa palavra.

DB: Quando afirmou que a coisa toda não funcionaria, acho que isso foi uma visão intuitiva.

K: Para mim. Percebo que ela não pode funcionar. Mas voltamos, então, em como obter a visão intuitiva e todo o resto.

DB: Mas se deixarmos isso de lado e dissermos apenas que foi uma visão intuitiva; o problema de como adquiri-la não é o que importa.

K: É uma visão intuitiva que diz "fora".

I: Fora com relação ao padrão.

K: Não, chega dessa constante transformação através da experiência, do conhecimento, de padrões. Acabou!

I: Você diria que o tipo de pensamento que ocorre depois é completamente diferente? É evidente que ainda temos que pensar.

K: Não tenho certeza.

I: Bem, pode chamá-lo de outra coisa.

K: Ah, não vou chamá-lo de nenhuma outra coisa. Entenda, eu estou apenas fazendo tentativas. Depois de viver cem anos, vejo todo mundo indicando o caminho para a extinção do eu, e vejo que isso está baseado em pensamento, em tempo, em conhecimento; e eu digo: sinto muito, eu conheço tudo isso, já usei isso. Eu tenho uma visão intuitiva com relação a isso e conseqüentemente isso desaparece. Portanto, a mente rompeu por completo o padrão. Quando deixamos de ir para o norte e nos dirigimos para o leste, rompemos o padrão.

Muitos bem. Suponhamos que o Dr. Bohm tenha essa visão intuitiva e tenha se libertado do padrão. Por favor, permita-nos ajudar outro ser humano a conseguir isso. Não diga que ele tem que estar interessado, que ele tem que escutar, e depois recuar — entende? Qual é a sua comunicação com outro ser humano, para que ele não tenha que passar por toda essa confusão? O que fará com que eu absorva tão completamente o que você disse, de modo que isso fique no meu sangue, no meu cérebro, *em tudo,* para que eu perceba essa coisa? O que você fará? Ou não há nada a ser feito? Entende minha pergunta? Porque se você possui essa visão intuitiva, ela é uma paixão, e não apenas uma hábil visão intuitiva; você não conseguirá permanecer quieto e relaxar; ela é uma *paixão* que não permitirá que fique parado; terá que se mover, dar — seja lá o que

for. O que você fará? Você possui a paixão dessa imensa visão intuitiva; e essa paixão é como um rio com um grande volume de água que transborda: ela tem que avançar da mesma maneira.

Ora, sou um ser humano comum, razoavelmente inteligente, instruído, experimentado. Tentei isso, aquilo, e aquilo outro, e encontro alguém que está cheio dessa paixão, e digo: por que não o escutarei?

I: Acho que nós escutamos.

K: Escutamos?

I: Sim, acho que sim.

K: Vá bem, bem devagar. Nós escutamos tão completamente que não há resistência, não perguntamos por que, qual é a causa, por que eu deveria? Entende o que eu quero dizer? Já passamos por tudo isso. Percorremos a área continuamente, para trás e para frente, de lado a lado, norte, sul, leste, e oeste. Então, "X", se aproxima e diz: veja, eis aqui um modo de vida diferente, uma coisa totalmente nova; o que significa escutar *completamente.*

I: Se houver alguma resistência não a percebemos.

K: Não comece novamente a questionar por que você resiste. Eu lhe mostrarei sua resistência, falando. Mas ainda assim você volta.

I: Krishnaji, sua pergunta inicial não foi além disso, quando pediu que parássemos de escutar e que abandonássemos a racionalidade e o pensamento?

K: Sim, mas isso é apenas uma idéia. Você *fará* isso? "X" se aproxima e diz: "Olhe, coma isto".

I: Eu comeria se pudesse vê-lo.

K: Oh, sim, você pode vê-lo, muito claramente. Nós dissemos, não volte ao padrão. Veja! Você diz então: como vou ver o que é o antigo padrão? Veja apenas! "X" recusa-se a entrar nesse padrão.

I: No padrão da explicação?

K: Do conhecimento, de tudo isso. Ele diz: aproxime-se, não volte.

I: Krishnaji, quero falar sobre uma situação que costuma acontecer no mundo: há várias pessoas que pedem a outras, com palavras semelhantes a essas, que vejam, que coloquem o pensamento de lado; afirmam que se realmente olharmos para essa coisa nós a veremos. É isso que os padres nos dizem. Qual é a diferença, então?

K: Não, não sou um padre. Abandonei tudo isso. Deixei a igreja, os deuses, Jesus, os Budas, os Krishnas, desisti disso tudo, de Marx, de Engels, de todos os analistas, de todos os pânditas, de todo mundo. Veja bem, você não fez isso. Ah, você diz, não, eu não posso fazê-lo até que me mostre que existe alguma coisa além disso. E "X" diz: "sinto muito". Isso faz algum sentido?

DB: Sim. Acho que dizemos: deixe todo o conhecimento para trás; mas o conhecimento adota muitas formas sutis que não percebemos.

K: Naturalmente. Você está inundado por essa visão intuitiva e rejeitou todo o conhecimento por causa disso. Outras pessoas, porém, continuam a brincar com o poço do conhecimento, e você lhes diz que o abandonem. No momento em que começamos a explicar, voltamos ao jogo; portanto, você se recusa a fornecer explicações.

Veja, as explicações representavam o barco que possibilitaria a travessia para a outra margem, mas o homem nessa outra margem diz que não existe um barco. "X", porém, diz: atravesse! Ele está pedindo uma coisa impossível, não é verdade?

DB: Se isso não ocorrer imediatamente, então *é* impossível.

K: Certamente. Ele está pedindo uma coisa impossível. Encontro-me com "X", que é inabalável. Tenho que circundá-lo, evitá-lo, ou passar por cima dele. Não posso fazer nada disso. "X", porém, não me deixará em paz, no sentido de que encontrei algo imóvel; e essa coisa está ali comigo noite e dia. Não posso lutar contra ela porque não existe nada que eu possa segurar.

O que ocorre comigo, então, quando encontro uma coisa que é completamente sólida, inabalável, totalmente verdadeira? O que ocorre comigo? É esse o problema? O fato de nunca termos encontrado uma coisa assim? Podemos escalar as montanhas do Himalaia, mas o Everest estará

sempre ali. Do mesmo modo, talvez os seres humanos nunca tenham encontrado uma coisa inabalável. Algo absolutamente imóvel. Ou ficamos terrivelmente intrigados com isso, ou dizemos que não podemos fazer nada a respeito do assunto. Nós nos afastamos dessa coisa; ou ela é algo que temos que investigar — você sabe — que devemos capturar. Qual dos dois?

Temos aqui uma coisa sólida. Defronto-me com ela. Como disse, poderei afastar-me dela, o que geralmente faço, ou adorá-la; ou tentar entender o que ela é. Quando eu faço todas essas coisas estou de volta ao antigo padrão, e portanto eu me descarto disso. Quando encontro "X", que é inabalável, vejo qual é a sua natureza. Sou móvel, como um ser humano, mas "X" é inabalável. O contato com ele faz alguma coisa, tem que fazer. Não é algo místico, oculto, mas é simples, não é verdade?

I: Senhor, ele funciona como um ímã, mas não rompe nada.

K: Não, porque você não abandonou o padrão. Não é culpa de "X".

I: Não disse que era.

K: Não, estava subentendido. Conseqüentemente, você está de volta, está dependente.

I: O que está ocorrendo?

K: Estou dizendo, você encontra "X"; o que acontece?

I: Você disse, um esforço para entender.

K: Ah, aí está; você está perdido. Está de volta ao mesmo antigo padrão. Você o vê, sente-o, conhece-o, reconhece-o. Não importa que palavra use, ele está aí.

DB: Bem, não poderíamos dizer que "X" transmite a necessidade absoluta de não voltarmos ao antigo padrão, porque percebemos que ele em absoluto não funciona.

K: Sim, coloque-o em suas próprias palavras. Está bem.

DB: E conseqüentemente isso é inalterável, inabalável — é isso que quer dizer?

K: Sim, sou móvel; "X" é imóvel.

DB: Bem, o que está *por trás* de "X", o que está atuando em "X" é inabalável. Não diria isso?

K: O que está atuando é no início, naturalmente, uma espécie de choque. Avancei, avancei, avancei, e então encontrei uma coisa imóvel. Obviamente, de repente, algo acontece. Podemos perceber o que está ocorrendo. "X" *não* está se transformando, e eu estou me transformando. Além disso, "X" eliminou as explicações e todo o resto, e ele mostra que a transformação é dolorosa. (Estou colocando as coisas resumidamente, em poucas palavras.) E eu encontro essa coisa, ocorre então a sensibilidade — está bem, vamos colocar isso de outra maneira. As explicações e a rejeição de todas as explicações tornaram-me sensível e muito mais alerta. Quando eu encontro uma coisa como "X", ocorre naturalmente uma resposta que não está relacionada com a explicação ou o entendimento. Ocorre uma resposta a *isso.* Ela não pode deixar de acontecer. Explicações foram fornecidas repetidamente. Eu escutei, mas ou elas me tornam apático, ou começo a perceber que as explicações não têm qualquer valor. Assim, nesse processo, tornei-me extremamente sensível com relação a qualquer explicação. Fiquei alérgico!

Existe um perigo nisso também, porque, como sabemos, as pessoas dizem que quando vamos ao guru ele dá, e que portanto devemos ficar silenciosos para recebermos. Isso é uma ilusão. Bem, já disse o bastante.

DB: Poderia dizer apenas que quando percebemos que todo esse processo de tempo, de conhecimento, e de tudo mais, não funciona, esse processo pára, e que isso nos torna mais sensíveis — certo?

K: Sim, a mente torna-se perspicaz.

DB: Toda essa movimentação estava atrapalhando.

K: Sim, psicologicamente, o conhecimento nos tornou apáticos.

DB: Ele manteve o cérebro funcionando de uma maneira desnecessária.

I: Todo o conhecimento?

DB: Bem, não. Poderíamos dizer que em certo sentido o conhecimento

não precisaria torná-lo apático, suponho, se ele partir da pureza onde não temos esse conhecimento na essência . . .

K: Sim. Lembre-se que também dissemos, nas nossas conversas, que a base não é o conhecimento.

DB: Veja bem, em primeiro lugar, a mente cria o vazio.

K: Exatamente.

DB: Mas não ainda a base, não imediatamente a base.

K: Isso mesmo. Veja, já abordamos tudo isso; escuto isso numa fita, está escrito num livro, e digo que sim, que entendo. Quando leio, obtive a explicação, adquiri conhecimento. Então digo: tenho que ter isso.

DB: O perigo está em que existe uma grande dificuldade em transmitirmos isso num livro porque é excessivamente rígido.

K: Mas é isso que geralmente acontece.

DB: Acho, porém, que o ponto principal, que poderia transmiti-lo, é percebermos que o conhecimento, em todas as suas formas, sutis e óbvias, não pode solucionar o problema psicológico; ele só pode torná-lo pior; existe, porém, outra energia que está envolvida.

K: Vê agora o que está acontecendo? Se surge qualquer problema, vou a um psicólogo. Em qualquer perturbação familiar, procuro alguém que me dirá o que fazer. Tudo à minha volta está sendo organizado, e tornando-me cada vez mais desamparado. É isso que está acontecendo.

10 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

CINCO

A BASE DA EXISTÊNCIA E A MENTE DO HOMEM

DAVID BOHM: Talvez pudéssemos nos aprofundar na natureza da base; se pudermos chegar até ela e se ela tiver qualquer relação com os seres humanos; e também se pudesse haver uma mudança no comportamento físico do cérebro.

KRISHNAMURTI: Poderíamos abordar esse tema sob o aspecto de por que temos idéias? A base é uma idéia? Isso é o que temos que esclarecer em primeiro lugar. Por que as idéias se tornaram tão importantes?

DB: Talvez porque a distinção entre as idéias e o que está além das idéias, não é clara. As idéias são freqüentemente consideradas algo mais do que idéias; sentimos que elas não são idéias e sim uma realidade.

K: É isso que quero descobrir. A base é uma idéia, ou ela é imaginação, uma ilusão, um conceito filosófico? Ou algo que é absoluto, no sentido de que não há nada além dela?

DB: Como pode afirmar que não há nada além dela?

K: Vou chegar lá. Quero ver se nós olhamos para ela, se a percebemos, ou se temos uma visão intuitiva dela, a partir de um conceito. Porque afinal de contas, todo o mundo ocidental — e talvez também o mundo oriental — está baseado em conceitos. Todas as perspectivas e as crenças religiosas estão baseadas nisso. Mas será que nós a abordamos a partir desse ponto de vista ou como uma investigação filosófica — filosófica no sentido de amor pela sabedoria, de amor pela verdade, de amor pela investigação, o

processo da mente? Fazemos isso quando conversamos, quando queremos investigar, explicar, ou descobrir o que é essa base?

DB: Bem, talvez nem todos os filósofos baseiem sua abordagem em conceitos, embora com certeza a filosofia seja ensinada através de conceitos. Certamente é muito difícil ensiná-la a não ser através de conceitos.

K: Qual é então a diferença entre uma mente religiosa e uma mente filosófica? Entende o que estou tentando transmitir? Podemos investigar a base a partir de uma mente que esteja disciplinada pelo conhecimento?

DB: Fundamentalmente, inerentemente, dizemos que a base é desconhecida. Conseqüentemente não podemos começar com o conhecimento, e sugerimos que começássemos com o desconhecido.

K: Sim. Digamos, por exemplo, que "X" afirma que existe tal base, e que todos nós, "Y" e "Z", perguntamos o que é essa base, e solicitamos que ele prove que ela existe, que a mostre, que permita que ela se manifeste. Quando fazemos essas perguntas, nós as fazemos com uma mente que busca, ou melhor, que possui essa paixão, esse amor pela verdade? Ou estamos apenas querendo falar a respeito do assunto?

DB: Acho que nessa mente existe a necessidade da certeza; queremos ter *certeza.* Não há então qualquer investigação.

K: Suponhamos que você declare que *existe* tal coisa, que existe a base; que ela é inabalável, etc.; e que eu diga que quero descobrir. Peço que me mostre, que prove isso para mim. Como poderá minha mente, que evoluiu através do conhecimento, que foi altamente disciplinada no conhecimento, tocar nisso nem que seja de leve? Porque *isso* não é conhecimento, não é composto pelo pensamento.

DB: Sim, no momento em que pedimos que isso seja demonstrado, queremos transformá-lo em conhecimento.

K: Exatamente!

DB: Queremos ter certeza absoluta, para que não possa haver qualquer dúvida. Ainda assim, do outro lado da moeda, existe também o perigo da autodecepção e da desilusão.

K: Naturalmente. A base não pode ser encontrada enquanto existir qualquer forma de ilusão, que é a projeção do desejo, do prazer ou do medo. Como percebemos, então, essa coisa? A base é uma idéia a ser investigada? Ou ela é uma coisa que não pode ser investigada?

DB: Correto.

K: Como minha mente está treinada, disciplinada, pela experiência e pelo conhecimento, ela só pode funcionar nessa área. Então uma pessoa se aproxima e me diz que essa base não é uma idéia, não é um conceito filosófico; não é algo que possa ser composto ou percebido pelo pensamento.

DB: Não pode ser vivenciado, não pode ser percebido ou compreendido através do pensamento.

K: Então o que eu tenho? O que devo fazer? Tenho apenas essa mente que foi condicionada pelo conhecimento. Como posso me afastar disso tudo? Como posso eu, uma pessoa comum, educada, instruída, experimentada, sentir essa coisa, tocá-la, e compreendê-la?

Você me diz que palavras não poderão transmitir isso. Você me diz que temos de ter uma mente livre de todo conhecimento, exceto do conhecimento tecnológico; e está me pedindo uma coisa impossível, não está? E se disser que farei um esforço, isso também terá nascido do desejo egoísta. Então o que farei? Acho que isso é uma pergunta muito séria. Isso é o que todas as pessoas sérias perguntam.

DB: Pelo menos implicitamente. Elas poderão não externar isso.

K: Sim, implicitamente. Então, do outro lado do rio, por assim dizer, me diz que não existe nenhum barco para realizar a travessia. Não podemos nadar. Na verdade, não podemos fazer nada. Fundamentalmente, a coisa se resume nisso. O que farei então? Você está me pedindo, está pedindo à mente, não à mente geral, mas...

DB: ... à mente particular.

K: Está pedindo a essa mente particular que se abstenha de todo conhecimento. Isso já foi dito alguma vez no mundo cristão ou judaico?

DB: Não estou a par do que ocorre no mundo judaico, mas em certo

sentido os cristãos dizem para termos fé em Deus, para nos entregarmos a Jesus, como o mediador entre nós e Deus.

K: Sim. Contudo, Vedanta significa o fim do conhecimento; e sendo um ocidental, digo que isso não representa nada para mim, porque a cultura em que tenho vivido enfatizara o conhecimento, desde os gregos e tudo o mais. Quando nos dirigimos, porém, a algumas mentes orientais, elas reconhecem na sua vida religiosa que deve haver uma ocasião em que o conhecimento deve terminar; a mente deve ficar livre do conhecimento. Vedanta é a única maneira de olhar. Contudo, ela representa apenas um entendimento conceituai, teórico, e para um ocidental, ela não significa absolutamente nada.

DB: Creio que houve uma tradição ocidental semelhante, mas não tão comum. Por exemplo, na Idade Média, houve um livro chamado *A Nuvem do Desconhecimento,* que segue essa linha de pensamento, embora não seja a principal linha do pensamento ocidental.

K: Então o que farei? Como abordarei a questão? Quero descobrir isso. Isso dá significado à vida. Não quer dizer que o meu intelecto dê significado à vida inventando alguma ilusão, alguma esperança, alguma crença, mas percebo vagamente que esse entendimento, recaindo sobre essa base, fornece um enorme significado à vida.

DB: Bem, as pessoas empregaram essa noção de Deus para dar significado à vida.

K: Não, não. Deus é apenas uma idéia.

DB: Sim, mas a idéia contém alguma coisa semelhante à idéia oriental de que Deus transcende o conhecimento. A maior parte das pessoas aceita a coisa dessa maneira, embora algumas possam não fazê-lo. Então existe uma espécie de noção semelhante.

K: Mas você me disse que a base não é criada pelo pensamento. Então não podemos encontrá-la, sob quaisquer circunstâncias, através de qualquer forma de manipulação do pensamento.

DB: Sim, eu entendo. Mas estou tentando dizer que existe esse problema, esse perigo, essa ilusão, no sentido de que as pessoas dizem: "sim, isso é bem verdadeiro, é através de uma experiência direta com Jesus que nós a

encontramos, e não através do pensamento de Deus!" Não consigo expressar precisamente o ponto de vista delas. Talvez seja melhor dizer a graça de Deus.

K: Sim, a graça de Deus.

DB: Algo que transcende o pensamento, entende?

K: Como um homem razoavelmente educado, ponderado, rejeito tudo isso.

DB: Por que o rejeita?

K: Porque isso se tornou comum, em primeiro lugar; comum no sentido de que todo mundo diz isso! E também porque pode haver nisso um grande sentido de ilusão criado pelo desejo, pela esperança e pelo medo.

DB: Sim, algumas pessoas parecem achar isso significativo, embora possa ser uma ilusão.

K: Mas se elas nunca tivessem ouvido falar de Jesus, elas nunca vivenciariam Jesus.

DB: Isso parece razoável.

K: Elas vivenciariam alguma coisa diferente que lhes tivesse sido ensinada. Quero dizer, na índia ...

INTERROGANTE: Mas as pessoas mais sérias nas religiões não afirmam que Deus, ou seja lá o que for, o Absoluto, a base, é uma coisa que não pode ser vivenciada através do pensamento? Elas podem ir até o ponto de dizer que isso não pode ser em absoluto vivenciado.

K: Oh, sim, eu disse que isso não pode ser vivenciado. "X" afirma que isso não pode ser vivenciado. Digamos que eu não saiba. Há aqui uma pessoa que diz que *existe* tal coisa; e eu a escuto. Ela não apenas transmite isso devido à sua presença como também através da palavra. Contudo, ela me diz para ter cuidado; a palavra não é o essencial, mas ela usa a palavra para transmitir que existe algo tão imenso que meu pensamento não consegue captar. Eu digo então: está bem, você explicou o assunto com

muito cuidado; contudo, como o meu cérebro, que está condicionado e disciplinado pelo conhecimento, conseguirá se livrar disso tudo?

I: Será que ele conseguiria se libertar através da compreensão da sua própria limitação?

K: Está me *dizendo,* então, que o pensamento é limitado. Prove isso para mim! Não através da fala, da lembrança da experiência ou do conhecimento; e entendo isso, mas não consigo captar o sentimento de que ele é limitado, porque vejo a beleza da terra, vejo a beleza de um prédio, de uma pessoa, da natureza. Vejo tudo isso, mas quando você afirma que o pensamento é limitado, não consigo senti-lo; vejo apenas um punhado de palavras. Consigo entender intelectualmente o processo, mas não possuo qualquer sentimento com relação a ele. Ele não tem perfume. Como pretende me mostrar — mostrar não — como pretende me ajudar — ajudar não — cooperar comigo, para que eu consiga ter esse sentimento de que o pensamento em si é frágil, é um elemento de pouca importância, de modo que sinta isso no meu sangue? Você entende? Uma vez que esteja no meu sangue, eu o terei comigo; você não terá que explicá-lo.

I: A abordagem possível, contudo, não será não falar a respeito da base, que no momento está extremamente afastada, e sim observar diretamente o que a mente pode fazer?

K: O que significa pensar.

I: A mente está pensando.

K: Isso é tudo que tenho. Pensamento, sentimento, ódio, amor — conhecemos tudo isso; a atividade da mente.

I. Bem, eu diria que nós não a conhecemos, que apenas achamos que a conhecemos.

K: Sei quando estou zangado. Sei quando estou magoado. Não é uma idéia, eu tenho o sentimento, estou levando a ferida dentro de mim. Estou farto da investigação porque eu a realizei em toda minha vida. Procuro o Hinduísmo, o Budismo, o Cristianismo, o Islamismo — e digo que as investiguei, estudei, observei. Afirmo que tudo são meras palavras. Como

é que eu, como ser humano, posso ter esse sentimento extraordinário a respeito disso? Se eu não tiver paixão, não estarei investigando. Quero possuir a paixão que fará com que eu arrebente esse pequeno envoltório. Construí um muro à minha volta, um muro que sou eu mesmo; e o homem viveu com isso por milhões de anos. Venho tentando me libertar desse invólucro através do estudo, da leitura, indo a gurus, através de todos os tipos de coisas, mas ainda estou preso ali. E você fala a respeito da base, porque vê algo que é emocionante, que parece tão vivo, tão extraordinário. Contudo, estou aqui, preso aqui. Você, que "viu" a base, deve fazer alguma coisa que exploda, que rompa completamente esse centro.

I: *Eu* tenho que fazer alguma coisa, ou é *você* que tem que fazê-la?

K: Ajude-me! Não através da oração e de todas essas bobagens. Entende o que estou tentando dizer? Jejuei, meditei, renunciei, fiz votos disso e daquilo. Fiz todas essas coisas porque vivi um milhão de anos; e no final desse milhão de anos ainda estou onde estava, no começo. Isso é uma grande descoberta para mim. Pensava que havia avançado com relação ao início, por ter passado por tudo isso, mas repentinamente descobri que estou de volta ao mesmo ponto onde comecei. Tive mais experiências, vi o mundo, pintei, toquei música, dancei — entende? Mas voltei ao ponto de partida original.

I: Que é o eu e o não eu.

K: *Eu.* Pergunto a mim mesmo: o que devo fazer? E qual é a relação da mente humana com a base? Talvez eu possa estabelecer um relacionamento que possa romper totalmente esse centro. Isso não é um motivo, um desejo, ou uma recompensa. Percebo que se a mente puder estabelecer uma relação com *aquilo,* minha mente se tornará aquilo — certo?

I. Mas nesse caso minha mente já não terá se transformado naquilo?

K: Oh, não.

I: Mas penso que você acabou de eliminar a maior dificuldade ao afirmar que não existe desejo.

K: Não, não. Disse que vivi um milhão de anos ...

I: Mas isso é uma visão intuitiva.

K: Não. Não aceitarei a visão intuitiva tão facilmente assim.

I: Bem, deixe-me colocá-lo dessa maneira: é algo muito mais do que o conhecimento.

K: Não, não está entendendo o que quero dizer. Meu cérebro viveu por um milhão de anos. Ele vivenciou tudo. Foi budista, hinduísta, cristão, maometano; ele já foi todos os tipos de coisas, mas tudo tem a mesma essência. Alguém então se aproxima e diz: olhe, existe uma base que é . . . alguma coisa! Estaria voltando para o que já conhecia — as religiões, etc.? Rejeito todas essas coisas, porque digo que já passei por todas elas e, no final, são como cinzas para mim.

DB: Bem, todas essas coisas representaram uma tentativa de criar uma base evidente pelo pensamento. Parecia que por meio do conhecimento e do pensamento as pessoas criavam o que elas encaravam como sendo a base. Mas não era.

K: Não era. Porque o homem gastou um milhão de anos nisso.

DB: Enquanto o conhecimento participar da base, ela será falsa?

K: Naturalmente. Existe, pois, uma relação entre a base e a mente humana? Ao fazer essa pergunta, também estou ciente do seu perigo.

DB: Bem, podemos criar uma ilusão do mesmo tipo daquela pela qual já passamos.

K: Sim. "Já toquei essa música antes."

I: Você está declarando que a relação não pode ser feita por nós, mas que ela deve aparecer .. . ?

K: Estou perguntando isso. Não, pode ser que eu tenha de formar um relacionamento. Minha mente está agora num estado tal que não aceitarei nada. Minha mente diz que já passei por tudo isso antes. Eu sofri, busquei, observei, investiguei, morei com pessoas que eram extremamente hábeis nesse tipo de coisa. Estou, então, fazendo a pergunta, e estou completamente consciente do perigo da mesma, como quando os hindus dizem:

Deus está em vós, Brahma está em vós — o que é uma idéia maravilhosa! Mas já passei por tudo isso.

Assim, estou perguntando se a mente humana não tem qualquer relação com a base, e se há apenas a comunicação num só sentido, dela para mim...

DB: Certamente isso é então, como a graça de Deus, que você inventou.

K: Não aceitarei isso.

DB: Você não está afirmando que a relação *é* num só sentido, e nem está dizendo que ela *não* é.

K: Talvez; eu não sei.

DB: Você não está dizendo nada.

K: Não estou dizendo nada. Tudo que eu "quero" é que esse centro seja destruído. Você entende? Pois o centro não existe. Porque percebo que o centro é a causa de todo mal, de todas as conclusões neuróticas, de todas as ilusões, de toda diligência, de todo esforço, de toda miséria — *tudo* emana desse núcleo. Depois de um milhão de anos, não consegui me libertar dele; ele não foi embora. Existe afinal alguma relação? Qual é a relação entre o bem e o mal? Pense nisso. Não há relação.

DB: Depende do que você entende por relação.

K: Contato, toque, comunicação, estar na mesma sala ...

DB: ... vir da mesma origem.

K. Sim.

I: Estamos dizendo então que existe o bem, e que existe o mal?

K: Não, não. Vamos usar outra palavra; o todo, e o que não é o todo. Isso não é uma *idéia.* Existe uma relação entre esses dois? Evidentemente que não.

DB: Não, se você estiver dizendo que num certo sentido o centro é uma

ilusão. Uma ilusão não pode ser relacionada com o que é verdadeiro, porque o conteúdo de uma ilusão não tem qualquer relação com o que é verdadeiro.

K: Exatamente. Veja, isso é uma grande descoberta. Quero estabelecer uma relação com aquilo. "Quero"; estou usando palavras curtas para transmitir algo. Essa pequena coisa insignificante quer estabelecer um relacionamento com aquela imensidão. Ela não pode.

DB: Sim, não apenas por causa da sua imensidão, mas porque na verdade essa coisa não é - real?

K: Sim.

I: Mas eu não vejo isso. Ele diz que o centro não é real, mas eu não percebo que o centro não é real.

DB: Não real, no sentido de não ser genuíno e sim uma ilusão. Quero dizer, alguma coisa está atuando, mas não é o conteúdo que conhecemos.

K: Você consegue ver isso?

I: Você diz que o centro tem que explodir. Ele não explode porque não vejo sua falsidade.

K: Não. Você não entendeu o que eu quis dizer. Vivi um milhão de anos, fiz tudo isso; e no final ainda estou de volta ao começo.

I: Então você diz que o centro deve explodir.

K: Não, não, não. A mente diz que isso é excessivamente pequeno, e que ela não pode fazer nada a respeito . . . Ela rezou, fez tudo. O centro, porém, ainda está ali; e alguém me diz que existe essa base. Quero estabelecer uma relação com ela.

I: Ele me diz que essa coisa existe, e diz também que o centro é uma ilusão.

DB: Espere, isso é rápido demais.

K: Não. Espere. Eu sei que ela está ali. Chame-a do que quiser, de ilusão, de realidade, de ficção — de qualquer coisa que queira. Ela está ali. A mente, porém, acha que isso não é suficiente; ela quer captar *aquilo.* Quer manter um relacionamento com ele. E *aquilo* diz: "sinto muito, você não pode ter um relacionamento comigo". Isso é tudo!

I: Essa mente que quer ter ligação com aquilo, que quer manter uma relação com ele, é a mesma mente que é o "mim"?

K: Não separe as coisas por favor. Você está deixando escapar algo. Eu passei por tudo isso. Eu sei. Posso discutir com você de trás para frente. Tenho uma experiência de um milhão de anos, e isso me concedeu uma certa capacidade. No fim de tudo, porém, percebo que não existe qualquer relação entre mim e a verdade. Isso é um tremendo choque para mim. É como se você tivesse me golpeado, porque o meu milhão de anos de experiência diz, vá atrás daquilo, busque-o, reze por ele, lute por ele, chore, sacrifique-se por ele. Eu fiz tudo isso. E de repente me diz que não posso ter um relacionamento com aquilo. Eu derramei lágrimas, abandonei minha família, *tudo,* por aquilo. E *aquilo* diz: "Não há relacionamento". Então o que aconteceu comigo? É aí que quero chegar. Entende o que estou dizendo — o que aconteceu comigo? À mente que viveu dessa maneira, que fez tudo em busca daquilo, quando aquilo diz: "você não tem qualquer relação comigo". Essa é a maior coisa .. .

I: Se você disser isso será um tremendo choque para o "mim".

K: É para você?

I: Creio que sim, e então . . .

K: Não! Estou lhe perguntando, é um choque descobrir que o seu cérebro, a sua mente, e o seu conhecimento não têm valor? Que todas as suas investigações, todos os seus esforços, todas as coisas que você reuniu por anos e anos, por séculos, são absolutamente inúteis? Você enlouquece, ao concluir que fez tudo isso por nada? Virtude, abstinência, controle, tudo — e, no final, você reconhece que eles não têm valor! Entende o que isso faz com você?

DB: Bem, se a coisa toda vai embora, então isso não tem importância.

K: Certamente: não existe qualquer relacionamento. O que fizemos ou deixamos de fazer não tem absolutamente qualquer valor.

DB: Não num sentido fundamental. Tem um valor relativo, um valor relativo apenas dentro de uma certa estrutura, que não tem valor em si mesma.

K: Sim, embora tenha um valor relativo.

DB: Mas a estrutura em geral não tem valor.

K: Exatamente. A base diz que seja o que for que tenhamos feito "sobre a terra", isso não tem qualquer significado. É aquilo uma idéia? Ou uma realidade? Idéia no sentido de que já me disseram, mas eu continuo lutando, desejando, tateando. Ou é uma realidade, no sentido de que de repente percebo a futilidade de *tudo* que já fiz. Temos então de tomar muito cuidado para compreender que aquilo não é um conceito; ou melhor, que não o transformamos num conceito ou numa idéia, e sim que recebemos o seu impacto total!

I: Veja, Krishnaji, o homem buscou por centenas de anos, provavelmente desde que existe, o que ele chama de Deus, ou a base.

K: Como uma idéia.

I: Mas então a mente científica se aproximou, e também disse que ela é apenas uma idéia, que é apenas tolice.

K: Oh, não! A mente científica diz que através da investigação da matéria talvez nos deparemos com a base.

DB: Sim, muitas pessoas acham isso. Algumas até acrescentariam a investigação do cérebro.

K: Sim. Esse é o objetivo da investigação da mente, e não nos exterminarmos mutuamente da terra através das armas. Não estamos nos referindo a cientistas do governo, e sim aos "bons" cientistas, àqueles que dizem que estão examinando a matéria, o cérebro e todo o resto, para descobrirem se existe algo além disso tudo.

I: E muitas pessoas, muitos cientistas, diriam que encontraram a base;

a base é vazia, ela é o vazio; é uma energia que é diferente do homem.

K: Isso então é uma idéia ou uma realidade para eles, que afeta suas vidas, seu sangue, suas mentes, seu relacionamento com o mundo?

I: Penso que é apenas uma idéia.

K: Então sinto muito, já passei por tudo isso. Fui um cientista há dez mil anos atrás! Entende? Já passei por tudo isso. Se é apenas uma idéia, nós dois podemos participar desse jogo. Posso enviar a bola para você, ela estará na sua quadra, e você pode mandá-la de volta para mim. Podemos jogar esse jogo; mas já não participo mais desse tipo de jogo.

DB: Porque, em geral, o que as pessoas descobrem sobre a matéria não parece afetá-las profundamente, psicologicamente.

K: Não, naturalmente que não.

DB: Poderíamos pensar que se elas percebessem toda a unidade do universo, elas agiriam de modo diferente, mas isso não ocorre.

I: Poderíamos dizer que isso afetou um pouco as suas vidas. Veja, toda a doutrina comunista está baseada na idéia (que seus seguidores consideram um fato) de que tudo que existe é apenas um processo material, que é essencialmente vazio. O homem então tem de organizar sua vida e a sociedade de acordo com esses princípios dialéticos.

K: Não, não, os princípios dialéticos representam uma opinião que se opõe a outra opinião; o homem espera encontrar a verdade a partir das opiniões.

DB: Acho que deveríamos deixar isso de lado. Há maneiras de observarmos diferentes significados da palavra dialético — mas precisamos compreender a realidade como um movimento que flui; ver as coisas não como sendo fixas e sim em movimento e interligadas. Acho que poderíamos dizer que não importa o modo como as pessoas conseguiam ver as coisas, depois que percebiam essa unidade; isso não mudava fundamentalmente suas vidas. Na Rússia, as estruturas mentais são as mesmas de todos os lugares, se é que não são piores. Além disso, sempre que as pessoas tentaram, isso não afetou realmente, fundamentalmente, a maneira como elas sentem e pensam, e o modo como vivem.

I: Entenda, o que eu quis dizer é que o fato das pessoas abandonarem a busca da base não teve qualquer efeito chocante sobre elas.

K: Não! Não estou interessado. Foi um tremendo choque para mim descobrir a verdade, ou seja, que todas as igrejas, orações, livros, não possuem absolutamente qualquer significado — a não ser como podemos construir uma sociedade melhor, e assim por diante.

DB: Se conseguíssemos organizar esse ponto, haveria então um grande significado — construir uma boa sociedade; mas enquanto essa desordem estiver no centro, não podemos usá-lo do modo correto. Acho que seria mais preciso dizer que há um grande significado *potencial* em tudo isso, mas que não afeta o centro, e não há qualquer indício de que jamais o tenha feito.

I: Veja, o que não entendo é como podem existir tantas pessoas que nunca buscaram nas suas vidas aquilo que você chama de base.

K: Elas não estão interessadas.

I: Bem, não estou tão certo. Como você se aproximaria de uma pessoa assim?

K: Não estou interessado em me aproximar de qualquer pessoa. Todos os trabalhos que já realizei — tudo que fiz — a base afirma que não tem valor. E se eu puder abandonar tudo isso, minha mente será a base. Avanço então a partir daí. A partir *dai* eu crio a sociedade.

DB: Penso que poderíamos dizer que enquanto estivermos procurando a base em algum lugar por meio do conhecimento, estaremos bloqueando o caminho.

K: Voltando então à terra: por que o homem fez isso?

DB : Fez o quê?

K. Acumulou conhecimento. Sem contar com a necessidade de o conhecimento existir com relação a algumas áreas, por que essa carga de conhecimento continuou por tanto tempo?

DB: Porque num determinado sentido o homem vem tentando criar uma

base sólida através do conhecimento. O conhecimento tentou criar uma base. Essa é uma das coisas que aconteceram.

K: E o que quer dizer isso?

DB: Significa novamente ilusão.

K: O que significa que os santos e os filósofos me educaram — no conhecimento e através do conhecimento — para que eu encontrasse a base.

I: Para criar uma base. Veja, de certo modo, houve todos esses períodos em que a humanidade foi envolvida pela superstição; e o conhecimento foi capaz de destruir isso.

K: Oh, não.

I: Até certo ponto, sim.

K: O conhecimento apenas me impediu de perceber a verdade. Eu me mantenho fiel a isso. Ele não me desembaraçou das minhas ilusões. O próprio conhecimento pode ser ilusório.

I: Isso é possível, mas ele dissipou algumas ilusões.

K: Eu quero dissipar *todas* as ilusões que conservo — não algumas. Eu me livrei da minha ilusão com relação ao nacionalismo; libertei-me da ilusão sobre a crença, sobre isso, sobre aquilo. No final, percebo que minha mente é ilusão. Veja bem: para mim, que vivi mil anos, descobrir que tudo isso não tem qualquer valor, é algo imenso.

DB: Quando diz que viveu mil anos, ou um milhão de anos, isso quer dizer, em certo sentido, que toda a experiência da humanidade é . . . ?

K: . . . sou eu.

DB: . . . sou eu. Você sente isso?

K: Sim.

DB: E como sente isso?

K: Como sentimos qualquer coisa? Espere um minuto. Eu lhe direi. Não é simpatia, ou empatia, não é uma coisa que eu desejei, é um *fato,* um fato absoluto, definitivo.

DB: Será que poderíamos compartilhar esse sentimento? Veja bem, essa parece ser uma das etapas que estão faltando, porque você repetiu isso freqüentemente como sendo uma parte importante da coisa toda.

K: O que significa que quando amamos alguém não existe um "mim" — é amor. Do mesmo modo, quando digo que sou a humanidade, isso é um fato - não é uma idéia, não é uma conclusão, é parte de mim.

DB: Digamos que é um sentimento de que eu já passei por tudo isso, tudo que você descreve.

K: Os seres humanos já passaram por tudo isso.

DB: Se os outros passaram por isso, então eu também já passei.

K: Naturalmente. Não estamos conscientes disso.

DB: Não, nós nos isolamos.

K: Se admitirmos que os nossos cérebros não são o meu cérebro particular, e sim o cérebro que evoluiu através dos milênios ...

DB: Deixe-me falar porque não é fácil transmitir isso: todo mundo sente que o conteúdo do seu cérebro é de alguma forma individual, que *ele* não passou por tudo isso. Digamos que alguém, há milhares de anos, esteve envolvido com a ciência ou a filosofia. Em que isso me afeta? É isso que não está claro.

K: Porque estou preso nesta pequena cela estreita e egoísta, que se recusa a olhar mais além. Porém você, como cientista, como homem religioso, aproxima-se e me diz que o seu cérebro é o cérebro da humanidade.

DB: Sim, e todo o conhecimento é o conhecimento da humanidade. De modo que de certa maneira possuímos todo o conhecimento.

K: Naturalmente.

DB: Embora não em detalhes.

K: Então você me diz isso, e eu compreendo o que você quer dizer, não de forma verbal ou intelectual; é assim. Só chego aí, porém, quando abandono as coisas comuns como a nacionalidade, etc.

DB: Sim, nós renunciamos às separações, e podemos perceber que a experiência é de toda a espécie humana.

K: É tão óbvio. Se formos ao lugarejo mais primitivo da índia, o camponês nos contará todos os seus problemas, da sua esposa, dos seus filhos, da sua pobreza. É exatamente a mesma coisa, apenas ele usa roupas diferentes ou seja lá o que for! Para "X" isso é um fato indiscutível; é assim. Ele diz: está bem, no final disso tudo, de todos esses anos, descobri de repente que a coisa é vazia. Veja bem, nós não aceitamos isso, somos espertos demais. Estamos saturados por debates, discussões e pelo conhecimento. Não percebemos um simples fato. Nós nos recusamos a vê-lo. "X" então se aproxima e diz: veja, está ali; o mecanismo imediato do pensamento logo se põe em ação — e diz, fique em silêncio. Praticamos então o silêncio! Nós o fizemos durante mil anos e isso nos levou a lugar algum.

Existe então apenas uma coisa, que é descobrir que *tudo* que fiz é inútil — cinzas! Isso não me deprime, é a beleza da coisa. Acho que ela é como a Fênix.

DB: Elevando-se das cinzas.

K: Nascida das cinzas.

DB: De certa maneira é a liberdade, é estar livre disso tudo.

K: Nasce algo totalmente novo.

DB: Entretanto o que você disse anteriormente é que a mente é a base, que ela é o desconhecido.

K: A mente? Sim. Mas não esta mente.

DB: Nesse caso não é a mesma mente.

K: Se eu passei por tudo isso, e cheguei num ponto em que tenho que acabar com tudo isso, é uma nova mente.

DB: Está claro, a mente é o seu conteúdo, e o conteúdo é o conhecimento, e sem esse conhecimento ela é uma nova mente.

12 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

SEIS

A VISÃO INTUITIVA PODE ACARRETAR UMA MUTAÇÃO NAS CÉLULAS CEREBRAIS?

DAVID BOHM: Você disse que a visão intuitiva altera as células cerebrais; se você quiser, gostaria de discutir esse assunto.

KRISHNAMURTI: Da maneira como o cérebro é constituído, ele funciona numa só direção: memória, experiência, conhecimento. Ele tem atuado nessa área tanto quanto possível e a maior parte das pessoas está satisfeita com ele.

DB: Bem, elas não conhecem outra coisa.

K: E elas também atribuíram ao conhecimento uma suprema importância. Se alguém estiver preocupado com uma mudança fundamental, por onde deverá começar? Suponhamos que "X" sente que irá seguir uma determinada direção estabelecida pela humanidade. Ele tem feito isso século após século, e se pergunta o que é a mudança radical; se ela está no meio ambiente, ou nas relações humanas; se é uma sensação de amor, que não está na área do conhecimento. Por onde se deve começar? Você entende minha pergunta? A não ser que exista uma mutação ocorrendo aqui dentro, dentro da minha mente, do cérebro, eu poderei *pensar* que mudei, mas isso é apenas uma mudança superficial, e não uma mudança profunda.

DB: Sim. O que está implícito aqui é que o atual estado de coisas envolve não apenas a mente como também o sistema nervoso e o corpo. Tudo está organizado de uma certa maneira.

K: Naturalmente. É isso que eu quis dizer; todo o movimento está arran-

jado de uma certa maneira. E ao longo desse padrão, posso modificar, ajustar, polir um pouco mais, um pouco menos, e assim por diante. Mas se um homem está preocupado com uma mudança radical, por onde deve começar? Como dissemos no outro dia, temos nos apoiado no meio ambiente ou na sociedade e em várias disciplinas visando a nossa mudança, mas sinto que tudo isso está indo na mesma direção.

DB: Na medida em que todos emanam dessa coisa, do modo como a mente e o corpo são organizados, eles não vão mudar nada. Existe uma estrutura completa envolvida que está no cérebro, no corpo, em toda a sociedade.

K: Sim, sim. Então o que devo fazer? O que "X" deve fazer? E ao fazer essa pergunta, o que há para mudar?

DB: O que exatamente você quer dizer com "o que há para mudar"? O que há para ser mudado?

K: Sim, ambos; o que há para ser mudado, e o que há para mudar? Basicamente, o que há para mudar? "X" percebe que ele pode mudar certas coisas ao longo desse caminho, mas para irmos bem além disso, o que devemos fazer? Tenho certeza de que o homem já fez essa pergunta. Você já deve tê-la feito. Mas aparentemente a mutação não ocorreu. Então o que "X" deve fazer? Ele percebe a necessidade de uma revolução radical, uma revolução psicológica; ele compreende que quanto mais ele muda, a mesma coisa continua; quanto mais ele investiga dentro de si próprio, a investigação permanece a mesma; e assim por diante. Então, o que há para mudar, a não ser que "X" descubra um modo de mudar o próprio cérebro?

DB: Mas o que mudará o cérebro?

K: É isso. O cérebro tem estado organizado num padrão por milênios! Acho que não importa mais "o que" eu devo mudar. É imperativo que eu mude.

DB: Estamos de acordo então em que deve haver uma mudança, mas o problema ainda é esse, "como o cérebro pode mudar"?

K: Temos que chegar a esse ponto. Se essa pergunta for colocada a você

como cientista, ou como ser humano que está envolvido com a ciência, qual seria a sua resposta?

DB: Não creio que a ciência possa lidar com isso, porque ela não vai tão longe. Não pode possivelmente explorar de modo tão profundo a estrutura do cérebro. Muitas questões estão sendo levantadas a respeito da relação entre o cérebro e a mente, que a ciência não tem sido capaz de resolver. Algumas pessoas diriam que não há nada além do cérebro . . .

K: . . . Puramente materialistas; eu entendo isso.

DB: Se não for materialista, então no momento a ciência tem muito pouco a dizer a respeito. Talvez algumas pessoas tentem fazê-lo, mas a ciência, de um modo geral, tem sido mais bem-sucedida, mais sistemática, em lidar com a matéria. Qualquer tentativa de fazer de outro modo não seria muito clara.

K: Então você diria a "X" para mudar o interior das células cerebrais, etc. Minha resposta imediata a isso é: como? Todo mundo pergunta isso. Não é uma questão de fé. Não é uma questão de transformar um padrão em outro padrão. Você me deixa assim sem qualquer direção — certo? Deixa-me sem qualquer instrumento com que possa penetrar nisso.

DB: Exceto que está insinuando a existência de algo além do cérebro, ao formular essa pergunta. Nós não *sabemos.* A própria declaração implica que a visão intuitiva está de certa forma além do cérebro, caso contrário ele não poderia mudá-lo.

K: Sim. Como posso então captá-lo? Talvez não possa captá-lo . . .

DB: . . . Mas como isso poderia ocorrer? Você está dizendo que algo não-material pode afetar a matéria. Eis a implicação disso.

K: Não estou certo.

DB: Acho que se colocássemos isso em ordem, ficaria mais claro perceber qual é a sua pergunta. As coisas ficarão um tanto complicadas se não o fizermos.

K: Tudo que me disse é que a visão intuitiva transforma, provoca uma

mutação no cérebro. Agora você explica o que é a visão intuitiva, que não é um resultado de um conhecimento progressivo, não é tempo progressivo, não é uma recordação. Essa visão intuitiva pode ser a verdadeira atividade do cérebro.

DB: Está bem. Vamos colocar as coisas de modo diferente. O cérebro possui muitas atividades que incluem a memória e todas as que você mencionou. Além disso, existe uma atividade mais interna, mas que ainda é atividade do cérebro.

K: Pode ser a mesma.

DB: Veja, ao dizermos isso, alguma coisa parece não estar bem clara.

K: Sim. Temos que estar bem certos de que ele não é o resultado do conhecimento progressivo; ele não apareceu através de qualquer exercício da vontade.

DB: De acordo. Penso que as pessoas podem geralmente perceber que a visão intuitiva surge num lampejo, ela não irrompe através da vontade. Aqueles que refletiram pelo menos um pouco sobre ela podem perceber isso, e também que a química provavelmente não fará com que ela apareça.

K: Penso que a maioria das pessoas envolvidas podem perceber isso. Mas como eu, no papel de "X", posso ter essa visão intuitiva? Percebo sua lógica, compreendo sua razão.

DB: Isso poderá, de alguma maneira, perturbar as pessoas. Não está claro qual é a lógica, o que é que vai realizar essa mudança no cérebro. É algo mais do que o cérebro, ou é alguma coisa mais profunda *dentro* do cérebro? Essa é uma das perguntas.

K: Naturalmente.

DB: Não está bastante claro logicamente.

INTERROGANTE: Está dizendo que existe uma função do cérebro que atua sem ter relação com seu conteúdo?

K: Sim, com o passado, com o conteúdo.

DB: Essa é uma boa pergunta. Haveria uma função do cérebro que fosse independente do conteúdo? Que não estivesse condicionada pelo conteúdo, mas que ainda pudesse ser uma função física?

K: Entendo. É esta a pergunta? Salvo a consciência com seu conteúdo, haveria no cérebro alguma atividade que não fosse tocada pela consciência?

DB: Pelo conteúdo; sim.

K: O conteúdo *é* a consciência.

DB: Sim, mas algumas vezes usamos a palavra em outro sentido. Algumas vezes nós damos a entender que pode haver outro tipo de consciência, de modo que se o chamarmos de "conteúdo" ficaria mais claro.

K: Está bem. Uma parte do cérebro que não é tocada pelo conteúdo.

DB: Sim, isso sugere que talvez seja possível que o cérebro mude. Ou o cérebro é totalmente controlado pelo seu conteúdo, ou de certa forma ele é condicionado.

K: Este é um conceito perigoso!

DB: Mas é isso que você está dizendo.

K: Não. Veja o perigo disso. Veja o perigo de admitirmos para nós mesmos que existe uma parte do cérebro ...

DB: ... uma atividade ...

K: ... está bem, uma atividade do cérebro que não é tocada pelo conteúdo.

DB: É uma atividade possível. Pode ser que não tenha sido despertada.

K: Não foi despertada. Isso mesmo.

I: Mas qual é o perigo?

K: Isso é bastante simples. O perigo é que estou admitindo que existe

Deus dentro de mim, que existe uma coisa sobre-humana; algo que está além do conteúdo e que portanto atuará sobre ele, ou que funcionará a despeito dele.

I: Mas que parte do cérebro percebe o perigo?

K: Vamos devagar. Qual a parte do cérebro que percebe o perigo? Naturalmente que é o conteúdo que percebe o perigo.

I: Ele percebe?

K: Oh, sim, porque o conteúdo está consciente de todos os truques que usou.

DB: Isso se parece com muitos dos antigos truques.

K: Sim.

DB: Os truques que examinamos antes — a suposição de que Deus está dentro de nós, a imaginação de que Ele está dentro de nós. Existe obviamente um perigo aqui.

I: Mas poderia o cérebro, percebendo o perigo, fazer assim mesmo essa declaração? Porque essa afirmação poderá estar apontando para a direção certa.

DB: Apesar de ela ser perigosa, talvez seja necessário fazê-la; ela poderá estar no caminho certo.

K: O inconsciente, que faz parte do conteúdo, poderá captar isso e dizer: "Sim" — e ele então percebe o perigo instantaneamente.

I: Ele percebe sua própria armadilha.

K: Sim, ele percebe a armadilha que criou, e então a evita. Isso significa sanidade: evitar uma armadilha é sanidade. Existe uma atividade que seja totalmente independente do conteúdo? Essa atividade é, então, uma parte do cérebro?

DB: É uma atividade natural do cérebro? Uma atividade material?

K: Isso quer dizer o quê?

DB: Bem, se existe essa atividade natural, ela poderia ser despertada de algum modo, e essa atividade poderia mudar o cérebro.

K: Mas você diria que ela ainda é material?

DB: Sim. Veja bem, existiriam diferentes níveis de matéria.

K: É aí que estou tentando chegar. Correto.

DB: Mas veja, se pensarmos assim, poderia haver um nível mais profundo de matéria que não estivesse condicionada pelo conteúdo. Por exemplo, sabemos que a matéria no universo não está, via de regra, condicionada pelo conteúdo dos nossos cérebros. Poderia existir um nível mais profundo de matéria que não estivesse condicionada dessa forma.

K: Então ainda seria matéria, refinada, ou "super", ou seja lá o que for; ainda seria o conteúdo.

DB: Por que diz isso? Veja, temos de ir devagar. Você afirma que a matéria é conteúdo?

K: Sim.

DB: Inerentemente? Mas isso tem de ser esclarecido, pois não é evidente.

K: Vamos examinar isso. Vamos nos fixar nisto: pensamento é matéria.

DB: Bem, pensamento é parte do conteúdo, parte do processo material. Se existe independentemente como matéria, não está tão claro. Podemos dizer que a água é matéria; podemos verter a água de um copo para outro, ela tem uma substância independente. Mas não está claro se o pensamento poderia se colocar como matéria por si só, ou apenas com alguma outra substância material como o cérebro no qual ele ocorre. Isso está claro?

K: Não consegui acompanhar muito bem o seu raciocínio.

DB: Se dissermos que a água é matéria, isso está claro. Agora, se dissermos que o pensamento é matéria, então o pensamento deve possuir uma

substância independente semelhante. Dizemos que o ar é matéria — certo? Ou que a água é matéria. Contudo, as ondas não são matéria, elas são apenas um processo que ocorre na matéria. Está claro o que quero dizer?

K: Sim. Uma onda é um processo que ocorre na matéria.

DB: Um processo material. 0 pensamento é matéria, ou é um processo que ocorre na matéria?

I: Poderíamos perguntar se a eletricidade é considerada matéria?

DB: Na medida em que existem partículas, os elétrons, ela é matéria, mas também é um movimento dela, o que é um processo.

I: Então ela é duas coisas.

DB: Bem, podemos formar ondas de eletricidade, e assim por diante.

I: As ondas seriam matéria, mas não a ação elétrica.

DB: A ação elétrica é como as ondas, mas a eletricidade se compõe de partículas.

I: Qual é a pergunta que estamos fazendo agora?

DB: O pensamento é uma substância material, ou é um processo que ocorre numa outra substância material — como o cérebro?

K: Ele é um processo material que ocorre dentro do cérebro.

DB: Sim, os cientistas de um modo geral concordariam com isso.

K: Vamos ficar com isso.

DB: Se disséssemos que o pensamento é matéria, eles ficariam muito intrigados.

K: Entendo.

I: Ele não existe fora das células cerebrais. Ele reside no cérebro.

K: Ou seja, o pensamento é um processo material que ocorre no cérebro. Isso estaria certo. Então esse processo material poderá um dia ser independente?

DB: Independente do quê?

K: Independente de alguma coisa que *não* é um processo material. Não, espere um minuto, precisamos ir devagar. O pensamento é um processo material que ocorre no cérebro. Todos nós concordamos com isso?

DB: Sim, você obteria uma concordância bastante ampla com relação a isso.

K: Nossa pergunta então é: o processo material que ocorre no cérebro pode causar uma mudança em si mesmo?

DB: Sim, essa é a pergunta.

K: Em si mesmo. E se esse processo material em si pode mudar, ainda assim ele seria um processo material. Certo?

DB: Sim. O pensamento será sempre aparentemente um processo material.

K: E portanto não é visão intuitiva. Temos de voltar a isso.

DB: Está dizendo que a visão intuitiva não é um processo material?

K: Vá devagar. Temos que tomar cuidado quando usarmos as palavras.

O pensamento é um processo material que ocorre no cérebro; e qualquer outro movimento que emane desse processo material ainda é material.

DB: Sim, tem de ser.

K: Certo. Existe outra atividade que não seja um processo material?

DB: Naturalmente as pessoas têm feito essa pergunta durante séculos. Existe espírito além da matéria?

K: Espírito, Espírito Santo! Existe alguma outra atividade do cérebro que não possa ser relacionada com o processo material?

DB: Bem, ela não pode depender dele. A visão intuitiva não pode depender do processo material, pois senão seria apenas outro processo material.

K: A visão intuitiva não pode depender do processo material que é o pensamento.

DB: Mas você estava colocando as coisas da maneira inversa, ou seja, que o processo material poderá depender da visão intuitiva, poderá ser mudado por ela.

K: Ah, espere. O processo material depende dela, mas a visão intuitiva *não* depende desse processo.

DB: Contudo, muitas pessoas não perceberiam como algo não-material poderia afetar uma coisa material.

K: Sim, exatamente.

DB: As pessoas concordarão facilmente em que uma coisa imaterial não seja afetada pela matéria, mas como a operação funciona da maneira inversa?

K: O que você diria? O cérebro, o pensamento, com seu conteúdo, é um processo material. *Qualquer* atividade que parta dele ainda é parte disso. Contudo, a visão intuitiva também é parte disso?

DB: Já concordamos a respeito da sua independência com relação a isso. Não pode ser parte dele. Mas ele ainda pode atuar dentro do processo material, essa é a coisa crucial.

K: Sim. Exatamente. A visão intuitiva é independente do processo material, mas pode atuar sobre ele.

DB: Vamos examinar um pouco isso. Falando de um modo geral, na ciência, se "A" pode agir sobre "B" existe normalmente a ação recíproca de "B" sobre "A". Não encontramos situações em que "A" age sobre "B", mas "B" nunca age sobre "A".

K: Entendo, entendo.

DB: Essa é uma das dificuldades que você levantou. Não encontramos isso em nenhum outro lugar; nas relações humanas, se posso agir sobre você, você pode agir sobre mim - certo?

K: Sim, percebemos que os relacionamentos humanos são interações.

DB: Sim, relacionamentos mútuos.

K: E nesses relacionamentos existe resposta, e assim por diante. Contudo, se eu não responder à sua ação, serei independente dela.

DB: Mas veja bem, a ciência normalmente descobre que não é possível existir uma ação unilateral.

K: Exato. Então estamos continuamente insistindo em que o processo material deve ter uma relação com o outro.

DB: Uma ação, pelo menos. Relação ou relacionamento são palavras ambíguas aqui. Se você dissesse ação, ficaria mais claro.

K: Está bem. O processo material deve ser capaz de agir sobre o não-material, e o não-material deve atuar sobre o material.

DB: Mas isso faria com que fossem o mesmo.

K: Exatamente!

I: Não necessariamente. Poderíamos considerar que a visão intuitiva é um movimento muito mais amplo do que o processo material que ocorre no cérebro e, conseqüentemente, que o movimento mais amplo pode agir sobre o movimento mais restrito, mas o mais restrito não pode agir sobre o mais amplo.

K: Sim, estamos dizendo a mesma coisa.

DB: O movimento restrito não tem uma ação significativa sobre o movimento mais amplo. Podemos ter uma situação em que se deixarmos cair uma pedra no oceano, o oceano a absorve sem qualquer alteração significativa.

K: Sim.

I: Então ainda existiria uma ação nos dois sentidos, mas somente uma delas seria significativa.

K: Não, não. Não entre nisso depressa demais, sejamos cuidadosos. O amor não tem qualquer relação com o ódio.

DB: Mais uma vez temos a palavra "relação". Diria, por exemplo, que o ódio não tem qualquer ação sobre o amor?

K: Eles são independentes.

DB: Independentes, não agem um sobre o outro.

K: Ah, é uma coisa muita importante descobrirmos isso. O amor é independente do ódio. Onde existe o ódio, o outro não pode existir.

DB: Sim, não podem permanecer lado a lado, agindo um sobre o outro.

K: Não podem. Então, estamos contradizendo o que os cientistas dizem quando declaram: se "A" está relacionado com "B", então "B" tem que estar relacionado com "A".

DB: Nem *todos* os cientistas disseram isso; alguns disseram outra coisa - não gosto de introduzir Aristóteles ...

K: Introduza-o!

DB: Ele disse que existe um movedor imóvel, que Deus nunca é movido pela matéria; a matéria não age sobre ele, mas ele age sobre ela. Entende? Portanto, esta é uma idéia antiga. Desde a época de Aristóteles, a ciência rejeitou esse conceito e afirmou que é impossível.

K: Vejo claramente que o amor é independente do ódio, o ódio não pode possivelmente agir sobre o amor. O amor pode agir sobre o ódio, mas onde está o ódio, o outro não pode estar.

DB: Bem, estas são duas possibilidades. A qual está se referindo?

K: Quais são as duas possibilidades?

DB: Você disse que uma possibilidade é que o amor possa agir sobre o ódio, e a outra é que eles, em absoluto, não agem um sobre o outro.

K: Sim.

DB: Mas qual?

K: Entendo. Não, o amor não pode agir sobre o ódio.

DB: Correto. Eles não estão relacionados. Mas talvez a visão intuitiva possa agir, entende?

K: Temos de ser bastante claros quanto a isso. Violência e ausência de violência são dois fatores completamente diferentes. Um não pode agir sobre o outro.

DB: Nesse caso, diria que a existência de um é a inexistência do outro, e que não há maneira de eles poderem agir juntos.

K: Exatamente.

DB: Não podem estar juntos.

K: Definitivamente. Mantenho firmemente essa posição. Então quando esse processo material está em ação, o outro não pode existir.

DB: O que é "o outro" agora? A visão intuitiva?

K: Sim.

DB: Isso nega o que estávamos dizendo antes; que existe uma ação da visão intuitiva sobre o processo material.

K: Ora, continuamente sim. Onde existe a violência, o outro - detesto usar a palavra "não-violência" — não existe.

DB: Paz, ou harmonia?

K: Onde existe violência, não pode haver paz. Mas onde existe paz, há violência? Não, naturalmente que não. A paz, portanto, independe da violência.

I: Você disse muitas e muitas vezes, que a inteligência pode agir sobre o pensamento; que a visão intuitiva pode afetar o pensamento, mas que a coisa não funciona da maneira inversa. Você deu muitos exemplos disso.

K: A inteligência pode eliminar a ignorância, mas a ignorância não pode tocar a inteligência — certo? Onde existe o amor, nunca pode haver o ódio. O amor pode eliminar o ódio?

DB: Dissemos que isso não parece ser possível, porque o ódio se afigura como uma força independente.

K: Naturalmente que é.

DB: Ele tem o seu próprio *momentum,* entende? Sua própria força, o seu próprio movimento.

I: Não consigo perceber muito bem qual a relação do ódio e do amor com a discussão anterior sobre a visão intuitiva.

DB: Parece haver duas áreas diferentes.

I: O pensamento é um movimento, e a visão intuitiva parece ser não-movimento, onde tudo está aparentemente em repouso, e ele pode observar o movimento.

DB: É aí que estamos querendo chegar, à noção de alguma coisa que não seja afetada por mais nada.

I: Não está dizendo então, ao observar o amor e o ódio, que existe o bem e que existe o mal, e que o mal é uma força completamente separada e independente?

DB: Bem, ele é independente do bem.

I: Mas o processo está na mente, ou está relacionado com a visão intuitiva?

DB: Estamos chegando lá.

I: Tomemos a luz e a escuridão. A luz surge e a escuridão desaparece.

DB: Bem e mal; amor e ódio; luz e escuridão — quando um existe o outro não pode existir, entende? Isso é tudo que dissemos até aqui.

I: Quer dizer, num único cérebro?

DB: Em qualquer cérebro, sim, ou em qualquer grupo, ou em qualquer lugar. Sempre que existe o ódio num grupo, não há o amor.

K: Uma coisa acaba de surgir na minha mente. O amor não tem nenhuma causa. O ódio tem uma causa. A visão intuitiva não tem nenhuma causa. O processo material, como o pensamento, tem uma causa. Certo?

DB: Sim, faz parte da cadeia de causa e efeito.

K: Aquilo que não tem causa pode eventualmente agir sobre aquilo que tem uma causa?

DB: Talvez. Não podemos ver qualquer razão por que aquilo que não tem causa não possa agir sobre aquilo que tem uma causa. Não existe uma razão óbvia. O inverso não acontecera. O que tem uma causa não pode agir sobre aquilo que não tem causa, porque isso o invalidaria.

K: Exatamente. Mas aparentemente a ação da visão intuitiva tem um efeito extraordinário sobre o processo material.

DB: Ele poderá, por exemplo, eliminar algumas causas.

K: Uma vez que a visão intuitiva não possui causa, ela tem um efeito preciso sobre aquilo que tem causa.

DB: Bem, isso não é uma conseqüência necessária, mas é possível.

K: Não, não, não digo que é possível.

DB: Estou dizendo que ainda não vimos bem porque isso é necessário. Não há contradição quando digo a palavra possível.

K: Está bem, entendo. Desde que sejamos claros com relação à palavra possível. Temos de ter cuidado. O amor não possui uma causa, e o ódio tem uma causa. Os dois não podem coexistir.

DB: Sim. Isso é verdade. É por isso que existe uma diferença entre o amor e a visão intuitiva. É por isso que se uma coisa não tem causa, isso não quer dizer necessariamente que ela irá atuar sobre algo que tenha uma causa. É isso que estava tentando dizer.

K: Quero apenas explorar isso um pouco mais. O amor é visão intuitiva?

DB: Até onde podemos ver, eles não são a mesma coisa. O amor e a visão intuitiva não são idênticos, são? Não são exatamente a mesma coisa.

K: Por quê?

DB: A visão intuitiva pode ser amor, mas, veja bem, a visão intuitiva também ocorre num lampejo.

K: É um lampejo, naturalmente; e esse lampejo altera todo o padrão, opera sobre ele, usa o padrão, no sentido de que eu argumento, raciocino, uso a lógica, e tudo isso. Não tenho certeza de estar me fazendo entender claramente.

DB: Acho que uma vez que o lampejo tenha operado, o padrão estará diferente, e será portanto mais racional. O lampejo poderá tornar a lógica possível, porque poderíamos estar confusos antes dele.

K: Sim, sim! Aristóteles poderá ter chegado a tudo isso através da lógica.

DB: Bem, ele pode ter tido alguma visão intuitiva! Não sabemos.

K: Não sabemos, mas estou levantando a questão.

DB: Realmente não sabemos como sua mente funcionava porque existem apenas alguns livros que sobreviveram.

K: Diria pela leitura de alguns desses livros que ele teve a visão intuitiva?

DB: Não li na verdade Aristóteles diretamente; muito poucas pessoas o fizeram porque é difícil. A maioria lê o que outros disseram sobre Aristóteles. Algumas de suas frases são comuns, como "o movedor imóvel". Além disso, disse algumas coisas que sugerem que era pelo menos muito inteligente.

K: O que estou tentando dizer é que a visão intuitiva nunca é parcial; estou falando de visão intuitiva total, e não parcial.

I: Krishnaji, poderia explicar isso um pouco? O que você quer dizer com visão intuitiva "não parcial"?

K: Um artista pode ter uma visão intuitiva parcial. Um cientista pode ter uma visão intuitiva parcial. Estamos falando porém sobre visão intuitiva total.

I: Você percebe que o artista também é um ser humano, então .. .

K: Mas a sua percepção da visão intuitiva é parcial.

I: Ele está orientado para alguma forma de arte. Então você quer dizer que ele ilumina uma área ou assunto limitado. É isso que você entende por visão intuitiva parcial?

K: Sim.

I: O que seria então visão intuitiva total? O que ela abrangeria?

K: Toda a atividade humana.

DB: Esse é um ponto. Mas anteriormente, estávamos indagando se essa visão intuitiva iluminaria o cérebro, a atividade do cérebro. Nessa iluminação, parece que a atividade material do cérebro sofrerá alteração. Isso seria correto? Temos de esclarecer esse ponto, e depois podemos levantar a questão da totalidade. Estamos dizendo que a visão intuitiva é uma energia que ilumina a atividade do cérebro? E que nessa iluminação o próprio cérebro começa a agir de maneira diferente?

K: Está bastante certo. Isso é tudo. É isso que acontece. Sim.

DB: Dizemos que a fonte dessa iluminação não está no processo material; ela não tem causa.

K: Nenhuma causa.

DB: Mas é uma energia real.

K: Ela é energia pura. Existe ação sem causa?

DB: Sim, sem o tempo. A causa envolve o tempo.

K: Quer dizer, esse lampejo alterou completamente o padrão que o processo material estabeleceu.

DB: Poderíamos dizer que o processo material geralmente opera numa espécie de escuridão, e que conseqüentemente se colocou num caminho errado?

K: Na escuridão, sim. Isso está claro. O processo material atua na ignorância, na escuridão. E esse lampejo de visão intuitiva ilumina todo o campo, o que significa que a ignorância e a escuridão foram dissipadas. Eu me fixarei nisso.

DB: Poderíamos dizer, então, que a escuridão e a luz não podem coexistir por razões óbvias. No entanto, a própria existência da luz significa mudar o processo da escuridão.

K: Exatamente.

I: Mas o que causa o lampejo?

K: Ainda não chegamos a isso. Quero entrar nisso paulatinamente. O que aconteceu é que o processo material trabalhou na escuridão, e ocasionou confusão, e toda a bagunça que existe no mundo. Esse lampejo de visão intuitiva, porém, elimina a escuridão, o que significa que o processo material não está, assim, trabalhando na escuridão.

DB: Correto. Mas agora vamos esclarecer outro ponto. Quando o lampejo acaba, a luz continua.

K: A luz está ali, o lampejo é a luz.

DB: Num certo momento o lampejo é imediato, mas, então, quando trabalhamos a partir dali, ainda existe luz.

K: Por que está diferençando o lampejo da luz?

DB: Simplesmente porque a palavra "lampejo" sugere uma coisa que acontece num momento.

K: Sim.

DB: Veja, estamos dizendo que a visão intuitiva só duraria esse momento.

K: Temos que ir devagar.

DB: Bem, é uma questão de linguagem.

K: É apenas uma questão de linguagem?

DB: Talvez não, mas se usarmos a palavra "lampejo", existe a analogia do relâmpago, que fornece luz por um momento, mas que no momento seguinte nos deixa na escuridão, até que ocorra outro lampejo de relâmpago.

K: Não é assim.

DB: Então como é? A luz de repente surge, e permanece?

K: Não. Porque quando dizemos "continua" ou "acaba", estamos pensando em termos de tempo.

DB: Temos de esclarecer isso, porque essa é a pergunta que todo mundo vai fazer.

K: O processo material está trabalhando na escuridão, no tempo, no conhecimento, na ignorância, e assim por diante. Quando surge a visão intuitiva, ocorre a eliminação daquela escuridão. Isso é tudo que estamos dizendo. A visão intuitiva elimina aquela escuridão, e o pensamento, que é o processo material, não mais trabalha na escuridão. Conseqüentemente, essa luz alterou — não, ela terminou com a ignorância.

DB: Então dizemos que essa escuridão é de fato uma coisa que é construída dentro do conteúdo do pensamento.

K: O conteúdo é a escuridão.

DB: Está certo. Então aquela luz eliminou aquela ignorância.

K: Exatamente. Eliminou o conteúdo.

DB: Mas ainda temos que ser muito cuidadosos, caso ainda tenhamos conteúdo no sentido usualmente aceito da palavra; todas essas coisas, você sabe.

K: Naturalmente.

DB: Então não podemos afirmar que a luz eliminou *todo* o conteúdo.

K: Ela exterminou o centro da escuridão.

DB: Sim, a fonte, a criadora da escuridão.

K: O *self.* Certo? Ela eliminou o centro da escuridão que é o *self.*

DB: Poderíamos dizer que o *self,* o qual é parte do conteúdo — cuja parte do conteúdo é o centro da escuridão, que a cria e a mantém — é dissipado.

K: Sim, permaneço fiel a isso.

DB: Vemos agora que isso significa uma mudança física nas células do cérebro. Esse centro, esse conteúdo que é o centro, é um certo conjunto, uma determinada forma e disposição de todas as células do cérebro, que de uma certa maneira se modifica.

K: Evidentemente! Veja, isso tem uma importância enorme no nosso relacionamento com a sociedade, em tudo. A próxima pergunta agora é: como se dá esse lampejo? Vamos começar da maneira inversa: Como acontece o amor? E a paz? A paz não possui uma causa, a violência tem causa. Como ocorre essa coisa sem causa se considerarmos que toda minha vida é causalidade? Não existe um "como" — certo? O "como" subentende uma causa, então não há um "como".

I: Está dizendo que como essa coisa não tem causa, ela então apenas existe...?

K: Não, não afirmo que ela existe. Essa é uma afirmação perigosa.

I: Ela tem de existir em algum ponto.

K: Não. No momento em que dizemos que ela existe, ela não existe.

DB: Entenda, o perigo é que ela é parte do conteúdo.

K: A pergunta que fez foi a respeito de uma mutação nas células cerebrais. Essa pergunta foi feita depois de uma série de debates, e chegamos num ponto em que dizemos que esse lampejo, essa luz, não tem causa; que a luz atua sobre aquilo que possui causa, que é a escuridão. Essa escuridão existe enquanto o *self* está ali; ele é o criador dessa escuridão, mas a luz dissipa exatamente o centro da escuridão. Isso é tudo. Chegamos nesse ponto; e conseqüentemente ocorre uma mutação. Digo, então, que a pergunta de como obter esse lampejo de visão intuitiva, como ela acontece, é uma pergunta errada. Não há um "como".

I: Não existe um "como", mas há escuridão e há luz.

K: Apenas veja primeiro que não há um "como". Se me mostrar como, você estará de volta à escuridão. Correto?

DB: Sim.

K: É formidável entender isso. Vou perguntar algo mais, por que não temos em absoluto uma visão intuitiva? Por que essa visão intuitiva não começa na nossa infância?

DB: Bem, o modo como vivemos a vida ...

K: Não, eu quero descobrir. É por causa da nossa educação? Da nossa sociedade? Não creio que seja tudo isso. Entende?

DB: Então, o que você diz?

K: É algum outro fator? Estou tentando descobrir por tentativas. Por que nós não a temos? Ela parece tão natural.

DB: Primeiramente, diríamos que alguma coisa está interferindo nela.

K: Mas ela parece tão natural. Para "X" ela é bastante natural. Por que

ela não é natural para todo mundo? Por que isso não é possível? Se falarmos sobre obstáculos, educação, etc., que estão todos na esfera da causalidade, o fato de removermos os obstáculos subentende outra causa. Continuamos, então, deslisando nessa direção. Existe algo não natural a respeito de tudo isso.

I: Se dissesse que existem obstáculos ...

K: Não quero usar isso; é a linguagem da escuridão.

I: Poderíamos dizer então que os obstáculos impedem a visão intuitiva de agir.

K: Naturalmente. Mas quero me afastar desses obstáculos.

DB: Não exatamente obstáculos, mas usamos as palavras "centro da escuridão", que dissemos que está sustentando a escuridão.

K: Por que não é natural que todo mundo tenha essa visão intuitiva?

DB: Essa é a pergunta.

K: Por que o amor não é natural para todo mundo? Estou formulando claramente a pergunta?

DB: Penso, para tornar as coisas mais claras, que algumas pessoas poderão sentir que ele é natural para todo mundo, mas, ao serem tratadas de uma determinada maneira, elas gradualmente são capturadas pelo ódio.

K: Não acredito nisso.

DB: Você teria que supor então que a criança pequena ao encontrar o ódio não responderia com ódio.

K: Sim, exatamente.

DB: A maioria das pessoas diria que é natural para a criança pequena responder com ódio ao se deparar com o ódio.

K: Sim, esta manhã eu ouvi isso. Perguntei então a mim mesmo: por quê?

Agora espere um minuto. "X" foi colocado sob todas essas circunstâncias, que poderiam ter criado obstáculos, mas "X" não foi tocado por eles. Por que não é possível, então, para todo mundo?

DB: Devemos esclarecer porque estamos dizendo que seria natural não responder ao ódio com ódio.

K: Está bem. Limite-o a isso.

DB: Mesmo quando a pessoa não pensou a respeito. Sabe, a criança não é capaz de pensar sobre isso. Algumas pessoas diriam que é o instinto, o instinto animal. ..

K: que é odiar ...

DB: ... bem, revidar.

K: Revidar.

DB: O animal responderá com amor, se o tratarmos com amor, mas se o tratarmos com ódio, ele revidará.

K: Naturalmente.

DB: Ele se tornará mau.

K: Sim.

DB. Algumas pessoas diriam que o ser humano no início é como esse animal, e que mais tarde poderá compreender.

K: Naturalmente. Ou seja, as origens do ser humano estavam com os animais, e o animal, o macaco ou o lobo ...

DB: ... o lobo também responderá com amor.

K: E estamos dizendo, por que ...

DB. Veja, quase todo mundo sente que o que eu disse é verdadeiro, que quando somos crianças bem pequenas, somos como o animal. Agora está

perguntando por que toda as crianças pequenas não deixam imediatamente de responder ao ódio com ódio?

K: Isso quer dizer, é culpa dos pais?

DB: O que está insinuando é que não é exclusivamente isso; que deve haver algo mais profundo.

K: Sim, penso que existe uma coisa bastante diferente. Quero captar isso.

DB: Isso é uma coisa que seria importante.

K: Como podemos descobri-lo? Tenhamos uma visão intuitiva! Sinto que existe algo completamente diferente. Estamos atacando a coisa a partir de um ponto de vista causativo. Seria correto dizermos que o início do homem não é animal?

DB: Bem, isso não está claro. A atual teoria da evolução diz que houve macacos que se desenvolveram; podemos acompanhar a direção que tomaram quando se tornaram cada vez mais semelhantes aos seres humanos. Quando você diz que o início do homem não é animal, isso não está claro.

K: Se o começo do homem é o animal, conseqüentemente esse instinto é natural; é, portanto, altamente refinado.

DB: Sim, esse instinto é causa e efeito.

K: Causa e efeito, e ele se torna natural. Mas alguém se aproxima e pergunta: "ele é?".

DB: Vamos tentar esclarecer isso.

K: Quero dizer que os cientistas e os historiadores disseram que o homem veio do macaco, e como todos os animais respondem ao amor e ao ódio, nós, como seres humanos, respondemos instantaneamente ao ódio com ódio.

DB: E inversamente, ao amor com amor.

K: No início houve algumas pessoas que nunca responderam ao ódio, por-

que possuíam o amor. Elas inculcaram essa coisa na mente humana. Certo? Ou seja, onde existe amor, não há ódio; e isso também foi parte da nossa herança. Por que desenvolvemos a resposta do ódio ao ódio? Por que não cultivamos a outra? Ou a outra — o amor — é uma coisa que não pode ser cultivada?

DB: Ela não é causal. O cultivo depende de uma causa.

K: De pensamento. Então, por que perdemos a outra? Cultivamos com muito cuidado, pelo pensamento, o conceito de enfrentar o ódio com o ódio, a violência com a violência, e assim por diante. Por que não acompanhamos a outra direção? Com o amor, que não tem causa? Entende minha pergunta?

DB: Sim.

K: Ela é uma pergunta vã?

DB: Não vemos nenhuma maneira de avançar.

K: Não estou tentando avançar.

DB: Temos de compreender o que fez com que as pessoas respondessem ao ódio com o ódio . . .

K: . . . Para "X", a outra direção parece tão natural. Portanto, se é tão natural para ele, por que não é natural para todas as outras pessoas? *Tem* de ser natural para os outros!

Você deve conhecer essa idéia antiga, que provavelmente existe nas religiões judaica e indiana, e assim por diante, que a manifestação do que é mais elevado acontece ocasionalmente. Essa parece uma explicação excessivamente fácil. Voltou-se a humanidade para a direção errada? Demos um passo errado?

DB: Sim, nós examinamos anteriormente o fato de ter havido um passo na direção errada.

K: Responder ao ódio com ódio, à violência com violência, etc.

DB: E dar um valor supremo ao conhecimento.

I: A tentativa de cultivar a idéia do amor não seria também outro fator? O objetivo das religiões tem sido produzir o amor, e seres humanos melhores.

K: Não vamos entrar nisso. O amor não tem causa, ele não é cultivável. Ponto final.

I: Sim, mas a mente não percebe isso.

K: Mas explicamos tudo isso. Quero descobrir porque, sendo natural para "X", não é natural para os outros. Penso que essa é uma pergunta válida.

DB: Outro ponto é dizer que poderíamos perceber que responder ao ódio com ódio não faz sentido de qualquer maneira. Por que então persistimos nisso? Porque muitas pessoas acreditam que naquele momento estão se protegendo com o ódio, mas isso não é verdade.

K: Mas voltando àquela pergunta: penso que ela é válida. "X" não tem causa, "Y" está preso na causa. Por quê? Entende? É privilégio de poucos? Da elite? Não, não. Vamos examinar a coisa de outra maneira. A mente da humanidade tem respondido ao ódio com ódio, à violência com violência, e ao conhecimento com conhecimento. Mas "X" faz parte da humanidade, e ele não responde ao ódio com ódio, como "Y" e "Z"! Eles são parte da consciência de "X", parte disso tudo.

DB: Por que existe essa diferença?

K: É isso que estou perguntando. Um é natural, o outro não é natural. Por quê? Por que a diferença? Quem está fazendo a pergunta? As pessoas, "Y" e "Z", que respondem ao ódio com ódio, estão fazendo a pergunta? Ou é "X" que está fazendo a pergunta?

I: Parece que "X" está fazendo a pergunta.

DB: Sim, mas você percebe que estávamos apenas acabando de dizer que eles não são diferentes. Dissemos que eles *são* diferentes, mas também que eles *não* são diferentes.

K: Naturalmente. Eles não são diferentes.

DB: Há uma única mente.

K: Certo, uma única mente.

DB: Sim, e como acontece que uma parte dessa mente diz que somos diferentes da outra?

K: Esse é o problema. De que maneira uma parte da mente diz que somos diferentes da outra? Naturalmente, há todos os tipos de explicações, e eu me baseio no fato de que "A", "B", e "C" são diferentes de "X", "Y", e "Z". E esses são fatos, certo?

I: Eles parecem ser diferentes.

K: Oh, não.

I: Eles são realmente diferentes.

K: Totalmente; não apenas aparentemente.

DB: Creio que a pergunta à qual queremos voltar é: Por que as pessoas que cultivam o ódio dizem ser diferentes daquelas que não o fazem?

K: Elas dizem isso?

DB: Acho que sim, na medida em que elas admitiriam que se houvesse qualquer pessoa que não cultivasse o ódio, elas teriam de ser diferentes.

K: Sim, isso está claro — luz e escuridão, e assim por diante. Mas quero descobrir se estamos indo na direção certa, ou seja, "X" me deu aquele presente, e não o levei comigo. Você me entende? Cultivei uma resposta mas não a levei comigo. Por quê? Se um pai respondeu ao ódio com ódio, por que o filho não respondeu da mesma maneira?

DB: Acho que é uma questão de visão intuitiva.

K: O que significa que o filho tinha visão intuitiva desde o início. Está acompanhando o que estou dizendo? Desde a infância; e o que isso significa?

DB: O quê?

K: Não quero entrar ainda nesse campo perigoso!

DB: O que é? Talvez queira abandonar isso.

K: Existe um fator que está faltando. Quero captá-lo. Veja, se isso for uma exceção, então é bobagem.

DB: Está bem. Então concordamos em que a coisa está latente em todos os seres humanos; é isso que quer dizer?

K: Não estou bem certo se é isso o que quero dizer.

DB: Mas estou querendo dizer que o fator está aqui, em toda a humanidade.

K: Essa também é uma afirmação perigosa.

DB: É isso que você estava dizendo.

K: Eu sei, mas estou questionando. Quando estiver bem certo, eu lhe direi.

DB: Está bem. Nós tentamos isso, e podemos dizer que parece promissor, mas também é um pouco perigoso. Essa possibilidade está aqui, em toda a humanidade, e na medida em que algumas pessoas a perceberam.

K: O que quer dizer que Deus está dentro de nós?

DB: Não, quer dizer apenas que a possibilidade da visão intuitiva está aqui.

K: Sim, parcialmente. Estou questionando tudo isso. O pai responde ao ódio com o ódio, mas o filho não.

DB: Isso acontece de tempos em tempos.

K: Não, sistematicamente desde o início — por quê?

DB: Deve depender da visão intuitiva, que demonstra a futilidade do ódio.

K: Por que esse homem o tem?

DB: Sim, por quê?

K: E por que, se isso parece tão incrivelmente natural para ele, não é natural para todo mundo? Como a água é natural para todas as pessoas.

DB: Bem, por que a visão intuitiva não está presente em todo mundo desde o início?

K: Sim, é isso que estou perguntando.

DB: Tão fortemente que nem mesmo o mau trato consegue afetá-lo.

K: Nada pode afetá-lo, esse é o meu ponto. Os maus tratos, o espancamento, o fato de ser colocado em todos os tipos de situações horríveis, nada disso o afeta. Por quê? Estamos chegando a alguma coisa.

15 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

SETE

A MORTE TEM UM SIGNIFICADO MUITO PEQUENO

KRISHNAMURTI: Estamos dizendo que os seres humanos ainda se comportam de acordo com os instintos animais?

DAVID BOHM: Sim, e que os instintos animais, pelo que parece, podem ser dominantes devido à sua intensidade e rapidez, especialmente no que diz respeito a crianças pequenas. É possível que seja apenas natural para elas responderem com o instinto animal.

K: Isso quer dizer, então, que depois de um milhão de anos, ainda estamos nos comportando instintivamente como nossos ancestrais?

DB: Sob certos aspectos. Provavelmente o nosso comportamento também se complica por causa do pensamento; o instinto animal enredou-se agora com o pensamento, e está se tornando pior de algumas maneiras.

K: Bem pior.

DB: Como todos esses instintos de ódio passaram a se orientar e a se apoiar no pensamento, eles se tornaram mais sutis e perigosos.

K: E durante todos esses inúmeros séculos não descobrimos uma maneira, um método, um sistema — alguma coisa que nos afaste desse caminho, não é isso?

DB: Sim. Uma dás dificuldades, certamente, é que quando as pessoas começam a se zangar umas com as outras, a sua raiva aumenta e não conseguem fazer nada a respeito. Podem tentar controlá-la, mas isso não funciona.

K: Como estamos dizendo, alguém — "X" — comporta-se naturalmente de uma maneira que não é.uma resposta ao instinto animal. Que lugar esse tipo de *insight* ocupa na sociedade humana? Absolutamente nenhum?

DB: Na sociedade como ela é, ele não pode ser ajustado, porque a sua organização baseia-se na suposição de que a dor e o prazer reinarão. Poderíamos dizer que afabilidade também é um instinto animal, pois as pessoas se tornam afáveis por razões instintivas; e talvez elas se tornem inimigas por motivos semelhantes.

Penso, então, que algumas pessoas diriam que nós deveríamos ser mais racionais do que instintivos. Houve um período durante o século dezoito, a Idade da Razão, em que se dizia que o homem poderia ser racional, poderia optar por ser racional, para levar a harmonia a todos os lugares.

K: Mas ele não fez isso!

DB: Não, as coisas pioraram, e ocorreu a Revolução Francesa, o Terror, e assim por diante. Depois disso, as pessoas passaram a não ter muita fé na razão como uma maneira de chegar a qualquer lugar, ou de sair do conflito.

K: Aonde isso nos leva então? Estávamos realmente falando a respeito da visão intuitiva que efetivamente altera a natureza do próprio cérebro.

DB: Sim, ao dissipar a escuridão no cérebro, a visão intuitiva permite que ele funcione de uma nova maneira.

K : O pensamento tem atuado na escuridão, criando sua própria escuridão e funcionando nela; e a visão intuitiva é, como dissemos, como um lampejo que atravessa a escuridão. Quando, então, essa visão intuitiva clareia a escuridão, o homem pode atuar, ou funcionar, racionalmente?

DB: Sim, o homem poderá, então, funcionar racionalmente, e com percepção, em vez de fazê-lo por meio de regras e da razão. Há, porém, uma razão que flui livremente. Veja bem, algumas pessoas identificam a razão com certas regras de lógica que seriam mecânicas; mas pode existir a razão como uma forma de percepção da ordem.

K: Estamos dizendo, então, que a visão intuitiva é percepção?

DB: Ela é o lampejo de luz que torna possível a percepção.

K: Certo, é isso mesmo.

DB: Ela é até mais fundamental do que a percepção.

K: A visão intuitiva é, pois, pura percepção, e a partir dessa percepção há ação, que é então sustentada pela racionalidade. É isso?

DB: Sim.

K: Exatamente.

DB: E a racionalidade é percepção da ordem.

K: Diria então que existe a visão intuitiva, percepção e ordem?

DB: Sim.

K: Mas essa ordem não é mecânica porque não está baseada na lógica.

DB: Não há regras.

K: Não há regras; vamos colocar as coisas dessa maneira; é melhor. Essa ordem não está fundamentada em regras. Isso significa visão intuitiva, percepção, ação, ordem. Chegamos então à pergunta: a visão intuitiva é contínua, ou ela ocorre em lampejos?

DB: Já abordamos isso, e achamos que essa era uma pergunta errada, de forma que talvez possamos encará-la de modo diferente. Ela não está ligada ao tempo.

K: Não está ligada ao tempo. Sim, concordamos com isso. Vamos um pouco mais adiante então. Dissemos, não foi, que a visão intuitiva é a eliminação da escuridão que é o próprio centro do *self,* a escuridão que o *self* cria? A visão intuitiva dissipa exatamente esse centro.

DB: Sim. A percepção não pode ocorrer quando há escuridão. É uma espécie de cegueira.

K: Certo; o que vem a seguir então? Sou um homem comum, com todos

os meus instintos animais, prazer e dor, recompensa e castigo, e assim por diante. Ouço você dizer isso, e percebo que o que está dizendo tem uma espécie de razão, de lógica, e de ordem.

DB: Sim, faz sentido até onde podemos observar.

K: Faz sentido. Como posso então ter razão na minha vida? Como vou fazê-la surgir? Você entende que essas palavras que são difíceis estão todas ligadas ao tempo. Porém isso é possível?

DB: Sim, sem o tempo, entende?

K: O homem com sua mente estreita poderá ter essa visão intuitiva, de forma que este padrão de vida seja rompido? Como dissemos no outro dia, tentamos tudo isso, tentamos todas as formas de autonegação, e contudo essa visão intuitiva não apareceu.

De vez em quando ocorre uma visão intuitiva parcial, mas essa não é visão intuitiva completa, de modo que ainda existe uma escuridão parcial.

DB: Que não dissipa o centro do *self.* Ela poderá dissipar alguma escuridão numa área determinada, mas a origem da escuridão, seu criador, seu sustentador, ainda está lá.

K: Ainda está lá. Portanto, o que faremos? Mas essa é uma pergunta errada. Não nos levará a nenhum lugar.

Já especificamos o plano geral, certo? E temos então de avançar, ou não avançar em absoluto. Não tenho a energia. Não possuo a capacidade de percebê-lo rapidamente, pois isso é imediato, e não apenas algo que pratico e eventualmente alcanço. Não tenho a capacidade, não possuo o senso de urgência, da ação imediata. Tudo está contra mim: minha família, minha esposa, a sociedade. *Tudo!* E isso quer dizer que eventualmente terei de me tornar um monge?

DB: Não. Tornar-se um monge é a mesma coisa que tornar-se qualquer outra coisa.

K: Exatamente. Tornar-se um monge é como tornar-se um homem de negócios! Percebo tudo isso, tanto verbal como racionalmente, intelectualmente, mas não consigo captar essa coisa. Existe uma abordagem diferente

para esse problema? Estou sempre fazendo a mesma pergunta, porque estou preso no mesmo padrão. Portanto, existe uma maneira completamente diferente? Uma abordagem totalmente diferente de todo o turbilhão da vida? Há um modo diferente de encará-lo? Ou a antiga maneira é a única que existe?

Dissemos que enquanto o centro estiver criando a escuridão, e o pensamento estiver operando nela, haverá a desordem, e a sociedade será como é agora. Para nos afastarmos disso, temos de ter a visão intuitiva. A visão intuitiva só pode ocorrer quando há um lampejo, uma luz repentina, que elimina não apenas a escuridão como também o seu criador.

DB: Sim.

K: Agora estou perguntando se existe uma abordagem diferente desse assunto como um todo, embora uma antiga resposta pareça tão absoluta.

DB: Bem, possivelmente. Quando você diz que ela parece absoluta está querendo uma abordagem menos completa?

K: Estou dizendo que se essa *é* a única maneira, então estamos condenados.

DB: Não podemos criar esse lampejo voluntariamente.

K: Não, ele não pode ser criado por meio da vontade, através do sacrifício, através de qualquer forma de esforço humano. Isso está fora de cogitação; sabemos que já eliminamos tudo isso; e também concordamos com o fato de que para algumas pessoas — para "X" — essa visão intuitiva parecia tão natural, e perguntamos por que ela não é natural para outras pessoas.

DB: Se começarmos com a criança, parece natural que ela responda com seus instintos animais, com uma grande intensidade que arrebata. A escuridão surge porque isso é tão esmagador.

K: Sim, mas por que as coisas são diferentes com "X"?

DB: Em primeiro lugar, parece natural para a maior parte das pessoas que os instintos animais assumam o comando.

K: Sim, é verdade.

DB: E elas diriam que o outro indivíduo, "X", não é natural.

K: Sim.

DB: Essa é a maneira como a espécie humana tem pensado, dizendo que se efetivamente há pessoas que são diferentes, elas devem ser bastante incomuns e não naturais.

K: Exatamente. Os seres humanos têm respondido ao ódio com ódio, e assim por diante. Há aqueles poucos, talvez muitos, que dizem que isso não é natural ou racional. Por que ocorreu essa divisão?

DB: Se dissermos que prazer e dor, medo e ódio, são naturais, sentimos então que temos de lutar para controlá-los, caso contrário eles nos destruirão. O melhor que podemos esperar é controlá-los por meio da razão, ou de qualquer outra maneira.

K: Mas isso não funciona! Serão as pessoas como "X", que funcionam de forma diferente, os poucos privilegiados, devido a algum milagre, a algum estranho evento fortuito?

DB: Muitas pessoas diriam isso.

K: Mas isso é contra a minha natureza. Eu não aceitaria isso.

DB: Bem, se isso não é assim, então, você teria de dizer por que existe tal diferença.

K: É aí que estou querendo chegar, uma vez que "X" nasceu dos mesmos pais.

DB: Sim, fundamentalmente dos mesmos; então, por que ele se comporta de modo diferente?

K: Essa pergunta foi feita muitas vezes, repetidamente, em diferentes partes do mundo. Por que existe essa divisão?

INTERROGANTE: A divisão é realmente total? Veja, até o homem que responde ao ódio com ódio vê que isso não faz sentido, não é natural, e deveria ser diferente.

K: Deveria ser diferente, mas ele ainda está lutando com idéias. Está tentando sair fora disso usando o pensamento, o que produz a escuridão.

I: Quero apenas dizer que a divisão não parece tão integral.

K: Oh, mas a divisão *é* integral, completa.

I: Bem, então por que as pessoas não estão simplesmente dizendo: vamos continuar a viver dessa maneira, e vamos aproveitá-la até o último momento?

K: Porque não conseguem enxergar nada além da sua própria escuridão.

I: Contudo elas querem se libertar dela.

K: Espere um instante. Elas querem se livrar dela? Elas realmente percebem o estado em que estão, e deliberadamente querem sair dele?

I: Elas são ambivalentes a respeito. Querem continuar a obter os frutos da escuridão, mas têm uma sensação de que a coisa está errada e que conduz ao sofrimento.

DB:' Ou então elas julgam que não podem fazer nada a respeito. Veja bem, quando chega a ocasião de elas vivenciarem a raiva ou o prazer, não conseguem escapar.

K: Elas não podem fazer nada a respeito.

I: Mas elas querem se libertar, embora estejam indefesas. Há forças que são mais poderosas do que a sua vontade.

K: O que faremos então? Ou será que essa divisão é falsa?

DB: Esse é o ponto. Seria melhor se falássemos a respeito de uma diferença entre essas duas abordagens. Essa diferença não é fundamental.

K: Não penso que elas tenham qualquer coisa em comum.

DB: Por quê? Você diz que a diferença é falsa, embora fundamentalmente as pessoas sejam as mesmas, mas que uma diferença se desenvolveu en-

tre elas. Talvez a maior parte das pessoas tenha dado um passo na direção errada.

K: Sim, vamos colocar as coisas assim.

DB: Mas a diferença não é intrínseca, não é estrutural, não está embutida como a diferença entre uma árvore e uma pedra.

K: Concordo. Como você diz, há uma diferença entre uma pedra e uma árvore, mas não é assim. Sejamos simples. Há duas respostas. Elas começam da origem; uma tomou uma direção, e a outra tomou uma direção diferente. A origem, porém, é a mesma. Por que ambas não avançaram na direção correta?

DB: Não conseguimos responder a isso. Eu estava exatamente dizendo que se uma pessoa entender isso, e depois voltar à origem, ela não terá que dar o passo na direção errada. Em certo sentido, estamos continuamente dando o passo errado, de forma que se pudermos entender isso, torna-se então possível mudar; e estamos continuamente começando da mesma origem, e não voltando a ela no tempo.

K: Espere um minuto, espere um minuto.

DB: Há duas maneiras de interpretar a nossa declaração. Uma é dizer que a origem está no tempo, que bem longe no passado começamos juntos e tomamos caminhos diferentes. A outra maneira é dizer que a origem não está ligada ao tempo, e que estamos continuamente dando o passo errado. Certo?

K: Sim, constantemente dando o passo errado. Por quê?

I: Isso significa que há possibilidade permanente de darmos o passo certo.

K: Sim, naturalmente. É isso. Se dissermos que há uma origem a partir da qual todos começamos, seremos capturados no tempo.

DB: Não podemos voltar.

K: Não, isso está eliminado. Conseqüentemente, é evidente que estamos dando o passo errado o tempo todo.

DB: Constantemente.

K: Estamos constantemente dando o passo errado. Mas por quê? Aquele que vive com a visão intuitiva e o outro que não vive com ela — são permanentes? O homem que vive na escuridão pode ir a qualquer momento para o outro lado. Esse é o ponto. Em qualquer ocasião.

DB: Então nada o segura, a não ser o fato de ele estar constantemente dando o passo errado. Poderíamos dizer que a escuridão é tal, que ele não percebe que está dando o passo errado.

K: Estamos indo na direção certa, fazendo a pergunta correta? Suponha que você tenha essa visão intuitiva, e que a sua escuridão, o centro mesmo da escuridão, tenha sido completamente dissipado; e que eu, um ser humano sério, razoavelmente inteligente, escute-o; e não importa que pareça razoável, racional, sensato, qualquer coisa que você tenha dito. Eu questiono a divisão. Ela é criada pelo centro que produz a escuridão. O pensamento a criou.

DB: Bem, na escuridão, o pensamento cria a divisão.

K: Uma sombra é arremessada da escuridão; ela faz uma divisão.

DB: Se tivermos essa visão intuitiva, diremos que não há divisão.

K: Sim. E o homem não aceitará isso, porque na sua escuridão não há nada, exceto a divisão. Nós, então, morando na escuridão, criamos a divisão. Nós a criamos nos nossos pensamentos...

DB: Estamos criando-a continuamente.

K: Sim, estamos sempre querendo viver permanentemente num estado no qual não há divisão. Esse movimento, contudo, ainda é o movimento da escuridão. Certo?

DB: Sim.

K: Como poderei dissipar essa escuridão contínua e permanente? Essa é a única pergunta, porque, enquanto eu existo, crio essa constante divisão. Veja, isso é andar em círculos. Só posso dissipar a escuridão através da vi-

silo intuitiva, e não posso obter essa visão intuitiva através de qualquer esforço da vontade, de modo que sou deixado com nada. Então, qual meu problema? Meu problema é perceber a escuridão, perceber o pensamento que está criando a escuridão, e compreender que o *self é* a origem dessa escuridão. Por que não posso perceber isso? Por que não posso vê-lo nem mesmo de forma lógica?

DB: Bem, logicamente, está claro.

K: Sim, mas de algum modo não parece funcionar. Então o que farei? Percebo pela primeira vez que o *self* cria a escuridão que está constantemente formando a divisão. Vejo isso muito claro.

DB: E a divisão produz, de qualquer forma, a escuridão.

K: Vice-versa, de trás para diante. E a partir de tudo isso, todas as coisas começam. Vejo isso muito claro. O que farei então? Portanto não admito a divisão.

I: Krishnaji, não estamos, contudo, introduzindo novamente a divisão quando dizemos que existe o homem que precisa da visão intuitiva?

K: Mas o homem tem a visão intuitiva. "X" possui a visão intuitiva, e ele explicou muito claramente como a escuridão desapareceu. Eu o escuto, e ele afirma que a sua própria escuridão está criando a divisão. Esta, na verdade, não existe, não há nenhuma divisão como luz e escuridão. Então ele me pergunta como podemos banir, como podemos afastar esse sentido de divisão?

DB: Você parece estar trazendo de volta uma divisão ao dizer que eu deveria fazê-lo, entende?

K: Não, "deveria" não.

DB: De certa forma você está dizendo que o processo mental de pensamento parece criar espontaneamente a divisão. Você diz, tente colocá-lo de lado e, ao mesmo tempo, ele está tentando fazer a divisão.

K: Entendo. Mas a minha mente pode afastar a divisão? Ou essa é uma pergunta errada?

I: Pode ela afastar a divisão enquanto ela própria está dividida?

K: Não, não pode. Então o que devo fazer?

Ouça. "X" diz algo tão extraordinariamente verdadeiro, de um significado e de uma beleza tão imensos que todo o meu ser diz "Apreenda-o". Isso não é uma divisão.

Reconheço que sou o criador da divisão, porque vivo na escuridão, e então a partir desta escuridão, eu crio. Mas escutei "X", que afirma que não há divisão e reconheço que essa é uma afirmação extraordinária. Portanto, o próprio fato de isso ser dito a alguém que tem vivido numa divisão permanente tem um efeito imediato. Certo?

DB: Penso que temos, como você diz, de afastar a divisão...

K: Abandonarei isso; não o afastarei. Quero me aprofundar nessa afirmação de que não há divisão. Estou chegando a algum lugar com ela.

A afirmação de "X", a partir dessa visão intuitiva, de que não há divisão, tem um tremendo efeito sobre mim. Tenho vivido constantemente na divisão e ele se aproxima e diz que ela não existe. Que efeito isso tem sobre mim?

DB: Você diz então que não há divisão. Isso faz sentido. Mas por outro lado, parece que ela existe.

K: Reconheço a divisão, mas a declaração de que ela não existe tem esse impacto imenso sobre mim. Parece natural, não? Quando vejo algo que é inabalável, isso deve ter algum efeito sobre mim. Respondo com um tremendo choque.

DB: Veja, se você estivesse falando sobre alguma coisa que se encontrasse à nossa frente, e dissesse: "Não, não é dessa maneira", isso mudaria, naturalmente, todo nosso modo de vê-la. Então, você diz que a divisão não é dessa maneira. Tentamos olhar e ver se é de fato assim — correto?

K: Nem mesmo digo: "É assim?". "X" explicou cuidadosamente todo o assunto, e diz no final que não há divisão. Além disso, sou sensível, observo cuidadosamente, e percebo que estou permanentemente vivendo em divisão. Quando "X" faz essa afirmação, ele rompe o padrão.

Está acompanhando o que estou tentando explicar? Ele rompeu o padrão porque disse uma coisa que é fundamentalmente verdadeira. Não existe Deus e o homem. Certo, senhor, mantenho-me fiel a isso. Vejo al-

go — que é: onde há o ódio não existe o outro. Porém, ao odiar, eu quero o outro. Desse modo, uma divisão constante nasce da escuridão; e a escuridão é permanente. Mas tenho escutado muito cuidadosamente, e "X" faz uma afirmação que parece absolutamente verdadeira. Isso penetra em mim, e o ato dessa afirmação dissipa a escuridão. Não estou fazendo um esforço para me livrar da escuridão, mas "X" é a luz. Exatamente, eu mantenho essa posição.

Chegamos então a uma coisa, que é: posso eu escutar com a minha escuridão — na minha escuridão, que é permanente? Nessa escuridão, posso lhe escutar? Naturalmente que sim. Vivo em constante divisão, o que causa a escuridão. "X" se aproxima e me diz que não há divisão.

DB: Certo. Entretanto, por que diz que pode escutar na escuridão?

K: Oh, sim, posso escutar na escuridão. Se isso não for possível, estarei condenado.

DB: Mas isso não é um argumento.

K: Claro que não é um argumento, mas é assim!

DB: Não vale a pena viver na escuridão; mas agora estamos dizendo que é possível ouvir na escuridão.

K: Ele, "X", explica-me, muito, muito cuidadosamente. Eu sou sensível, tenho-o escutado em minha escuridão, mas isso está me tornando sensível, vivo, observador. É isso que tenho feito. Temos feito isso juntos; e ele afirma que não há absolutamente nenhuma divisão; e sei que estou vivendo em divisão. Essa própria afirmação fez com que o constante movimento chegasse a um fim.

Caso contrário, se isso não ocorrer, não terei nada — entende? Estou *perpetuamente* vivendo na escuridão. Há, porém, uma voz no deserto, e ouvir essa voz tem um efeito extraordinário.

DB: Ouvir atinge a origem do movimento, ao passo que observar, não.

K: Sim, observei, escutei, participei de todos os tipos de jogos durante toda minha vida; e agora vejo que existe apenas uma coisa. Que existe essa escuridão permanente e que estou atuando na escuridão; nesse deserto que é a escuridão; cujo centro é o *self.* Percebo isso *totalmente,* completamente; não posso lutar mais contra isso. "X" então se aproxima e me diz

isso. Nesse deserto uma voz afirma que existe água. Entende? Não é esperança. Há uma ação imediata em mim.

A pessoa tem de perceber que esse movimento constante na escuridão é a sua vida. Percebe o que estou dizendo? Posso eu, com toda a experiência, com todo o conhecimento que reuni em um milhão de anos, de repente verificar que estou vivendo numa total escuridão? Porque isso significa que atingi o fim de qualquer esperança. Certo? Mas a minha esperança também é escuridão. O futuro está eliminado como um todo, de forma que sou deixado com essa enorme eícuridão, e estou lá. Isso quer dizer que a percepção disso é o final da transformação. Atingi o ponto em que "X" me diz que isso é natural.

Veja, todas as religiões disseram que essa divisão existe.

DB: Sim, mas elas dizem que ela pode ser superada.

K: É o mesmo padrão que se repete. Não importa quem o disse, mas o fato é que alguém nesse deserto está dizendo alguma coisa, e que nesse deserto tenho escutado todas as vozes, inclusive a minha, o que deu origem a uma escuridão ainda maior. E, contudo, isso está correto. Quer dizer que quando existe a visão intuitiva não há separação, não é?

DB: Sim.

K: Não é a sua visão intuitiva ou a minha visão intuitiva, é visão intuitiva simplesmente; e nela não há divisão.

DB: Sim.

K: O que nos conduz à base à qual nos referimos...

DB: Como assim?

K: Naquela base não há escuridão como escuridão, ou luz como luz. Naquela base não há divisão. Nada tem origem na vontade, no tempo, ou no pensamento.

DB: Está dizendo que aquela luz e aquela escuridão não estão divididas?

K: Exatamente.

DB: O que é a mesma coisa que dizer que não há nem uma nem outra.

K: Nenhuma nem outra; é isso mesmo! Há algo mais. Há uma percepção de que existe um movimento diferente, que é "não-dualista".

DB: O que significa não-dualista? Que não há divisão?

K: Não há divisão. Não empregarei o termo "não-dualista". Não há divisão.

DB: Mas contudo existe movimento.

K: Naturalmente.

DB: Então, o que isso quer dizer, sem divisão?

K: Quero me referir ao movimento, o movimento que não é tempo. Esse movimento não cria a divisão. Portanto, quero voltar, chegar à base. Se, nessa base, não há nem escuridão nem luz, nem Deus nem o filho de Deus - não há divisão — o que acontece então? Você diria que a base é movimento?

DB: Bem, poderia ser, sim. O movimento é indiviso.

K: Não. Eu diria que existe movimento na escuridão.

DB: Sim, mas dissemos que não há divisão de escuridão e luz, e contudo você disse que há movimento.

K: Sim. Diria você que a base é movimento interminável?

DB: Sim.

K: O que isso quer dizer?

DB: Bem, é difícil de expressar.

K: Continue se aprofundando nisso; vamos expressá-lo. O que é o movimento, sem ser o movimento daqui para ali, sem ser a partir do tempo — há qualquer outro movimento?

DB: Sim.

K: Existe. O movimento de ser para o devir psicologicamente. Há o movimento da distância, há o movimento do tempo. Dizemos que tudo isso são divisões. Existe um movimento onde não haja divisão? Quando afirmou que não existe divisão, há com certeza esse movimento?

DB: Bem, você está dizendo que quando não há divisão esse movimento está ali?

K: Sim, e afirmei que "X" diz que ele é a base.

DB: Correto.

K: Diria que não há fim, não há começo?

DB: Sim.

K: O que significa tempo, mais uma vez.

DB: Podemos dizer que o movimento não possui forma?

K: Não possui forma — tudo isso. Quero ir um pouco mais adiante. O que estou perguntando é que quando você afirmou que não há divisão, isso significa que não há divisão no movimento.

DB: Ele flui sem divisão, entende?

K: Sim, é um movimento no qual não há divisão. Será que consigo captar o significado disso? Será que entendo a profundidade dessa afirmação? Um movimento onde não há divisão; o que significa que não existe tempo nem distância como os conhecemos. Não há nenhum elemento de tempo nele. Então estou tentando verificar se esse movimento circunda o homem.

DB: Sim, ele o envolve.

K: Quero chegar lá. Estou preocupado com a espécie humana, com a humanidade, que sou eu. "X" fez várias afirmações e eu captei uma afirmação que parece absolutamente verdadeira — que não há divisão. O que significa que não há nenhuma ação que seja divisora.

DB: Sim.

K: Percebo isso; e também pergunto se esse movimento não possui tempo, etc... Parece que ele é o mundo, entende?

DB: O universo.

K: O universo, o cosmos, o todo.

DB: A totalidade.

K: A totalidade. Não há uma expressão no mundo judaico que diz: "Apenas Deus pode dizer: eu sou"?

DB: Bem, é assim que a linguagem é construída. Não é necessário expressá-la.

K: Não, eu entendo. Percebe aonde estou querendo chegar?

DB: Sim, que somente esse movimento è.

K: Pode a mente pertencer a esse movimento? Porque ele é eterno, e portanto imortal.

DB: Sim, o movimento não contém a morte; na medida em que a mente toma parte nele, ele é o mesmo.

K: Entende o que estou dizendo?

DB: Sim. Mas o que é que morre quando o indivíduo morre?

K: Isso não tem significado, pois, uma vez que eu tenha compreendido que não existe divisão...

DB: ... então isso não é importante.

K: A morte não tem significado.

DB: Ela ainda possui um significado em algum outro contexto.

K: Oh, o término do corpo; isso é totalmente irrelevante. Mas você enten-

de? Quero captar o significado da afirmação de que não há divisão; ela quebrou o encantamento da minha escuridão, e eu percebo que existe um movimento, e isso é tudo. O que significa que a morte tem um significado muito pequeno.

DB: Sim.

K: Você aboliu completamente o medo da morte.

DB: Sim, entendo que quando a mente está participando desse movimento, ela *é* esse movimento.

K: Isso é tudo! A mente é esse movimento.

DB: Você diria que a matéria também é esse movimento?

K: Sim, diria que tudo é esse movimento. Na minha escuridão, escutei "X". Isso é extremamente importante. E esse discernimento rompeu meu encantamento. Quando ele disse que não há divisão, ele aboliu a divisão entre a vida e a morte. Não tenho certeza se você está percebendo isso.

DB: Sim.

K: Uma pessoa nunca poderá dizer, então: "Sou imortal". Isso é muito infantil.

DB: Sim, isso é a divisão.

K: Ou: "Estou em busca da imortalidade"; ou: "Estou me transformando!" Acabamos com todo esse sentido de nos movermos na escuridão.

I: Qual seria, então, a importância do mundo? Existe alguma importância nele?

K: No mundo?

I: Com o homem.

DB: Quer dizer, com a sociedade?

I: Sim, parece que quando você faz essa afirmação, não há divisão e que

a vida é a morte — qual é então a importância do homem com toda sua luta. ..?

K: O homem na escuridão. Que importância tem isso? É como nos debatermos numa sala trancada. Essa é toda a questão.

DB: A importância só pode surgir quando a escuridão for dissipada.

K: Naturalmente.

I: A única coisa significativa é a dissipação da escuridão.

K: Oh, não, não!

DB: Não estamos dizendo que algo mais pode ser feito além de dissipar a escuridão?

K: Escutei com bastante cuidado tudo que você, que possui visão intuitiva falou. O que você fez foi dissipar o centro. Na escuridão eu podia inventar muitas coisas importantes; que existe luz, que existe Deus, que existe beleza, que existe isso e aquilo. Mas tudo isso ainda está na área da escuridão. Seu eu ficar preso numa sala escura, posso inventar uma porção de imagens, mas quero obter algo mais. A mente é a única que possui essa visão intuitiva — e que portanto dissipa a escuridão e tem uma compreensão da base que é movimento sem tempo — essa mente em si é o movimento?

DB: Sim, mas não a totalidade. A mente é o movimento, mas estamos dizendo que o movimento é matéria, que o movimento é mente. Além disso, estávamos dizendo que a base poderá estar além da mente universal. Você disse anteriormente que o movimento, que a base, é mais do que a mente universal, mais do que o vazio.

K: Dissemos isso; muito mais do que isso.

DB: Muito mais. Mas temos de esclarecer isso. Dissemos que a mente é esse movimento.

K: Sim, a mente é o movimento.

DB: Não estamos dizendo que esse movimento é apenas a mente?

K: Não, não, não.

DB: Esse é o ponto que eu estava tentando corrigir.

K: A mente é o movimento — mente, no sentido de "a base".

DB: Mas você disse que a base vai além da mente.

K: Espere um minuto: o que quer dizer com "ir além da mente"?

DB: Voltando ao que examinamos há alguns dias: dissemos que temos o vazio, a mente universal, e depois, que a base está além de tudo isso.

K: Diria que ela está além desse movimento?

DB: Sim. A mente emerge do movimento como uma base, e cai de volta na base; é isso que estamos dizendo.

K: Sim, exatamente. A mente emerge do movimento.

DB: E ela morre no movimento.

K: Isso mesmo. Ela tem sua existência no movimento.

DB: E a matéria também.

K: Concordo. Então, eis aonde quero chegar: sou um ser humano que está enfrentando esse fim e esse começo. E "X" elimina isso.

DB: Sim, não é fundamental.

K: Não é fundamental. Um dos maiores temores da vida, que é a morte, foi eliminado.

DB: Sim.

K: Percebe o que significa para um ser humano o fato de não haver a morte? Significa que a mente não envelhece — estou me referindo à mente comum. Não sei se estou conseguindo transmitir isso.

DB: Vamos devagar. Você diz que a mente não envelhece, mas e o fato de as células do cérebro envelhecerem?

K: Questiono isso.

DB: Mas como podemos ter certeza disso?

K: Porque não há conflito, porque não há tensão, não há transformação, não há movimento.

DB: Isso é uma coisa que é difícil de transmitir com certeza.

K: Naturalmente. Não podemos provar nada disso.

DB: Mas, quanto ao outro, dissemos até aqui. ..

K: . . . que podemos raciocinar a respeito dele.

DB: Isso é lógico, e também podemos senti-lo. Mas agora você está afirmando uma coisa sobre as células cerebrais a respeito da qual não sinto nada. Talvez seja assim; poderia ser assim.

K: Penso que ê assim. Não vou discutir isso. Quando uma mente viveu na escuridão e está em constante movimento, existe o desgaste, a degeneração das células.

DB: Poderíamos dizer que esse conflito fará com que as células degenerem. Mas alguém poderá argumentar que talvez mesmo sem conflito elas se degenerariam numa taxa mais lenta. Digamos que se vivêssemos centenas de anos, por exemplo, com o tempo as células se degenerariam, não importa o que fizéssemos.

K: Vá devagar.

DB: Posso facilmente aceitar que a taxa de degeneração das células seria reduzida se nos livrássemos do conflito.

K: A degeneração pode ser reduzida.

DB: Talvez bastante.

K: Bastante. Noventa por cento.

DB: Isso poderíamos entender. Mas se disser cem por cento, fica difícil de entender.

K: Noventa por cento. Espere um pouco. Ela pode ser muito, enormemente reduzida. E isso significa o quê? O que acontece a uma mente que não tem conflito? O que é essa mente, qual é a qualidade dessa mente que não tem problemas? Veja, suponha que uma mente viva num ar puro e " despoluído com a espécie adequada de alimento, e assim por diante; por que ela não pode viver duzentos anos?

DB: Bem, é possível, algumas pessoas viveram cento e cinqüenta anos, num ar bastante puro e comendo boa comida.

K: Mas veja, se essas mesmas pessoas que viveram cento e cinqüenta anos não tivessem conflito, poderiam viver muito mais tempo.

DB: Talvez. Li a respeito de um caso de um homem na Inglaterra que viveu até cento e cinqüenta anos. Os médicos ficaram interessados nele. Deram-lhe vinho e jantares, e ele morreu em poucos dias!

K: Pobre coitado!

I: Krishnaji, você normalmente diz que qualquer coisa que viva no tempo também morre no tempo.

K: Sim, mas o cérebro, que teve a visão intuitiva, alterou as suas células.

I: Está insinuando que até o cérebro orgânico não vive mais no tempo?

K: Não, não introduza ainda o tempo. Estamos dizendo que a visão intuitiva acarreta uma mudança nas células cerebrais. O que significa que as células cerebrais não pensam mais em termos de tempo.

I: Do tempo psicológico?

K: Naturalmente, isso está claro.

DB: Se elas não estiverem tão perturbadas, permanecerão em bom esta-

do e possivelmente se degenerarão mais lentamente. Talvez possamos aumentar o limite de idade de cento e cinqüenta para duzentos anos, desde que a pessoa tenha também uma vida saudável em todos os níveis.

K: Sim, mas tudo isso soa muito superficial.

DB: Sim, não parece fazer muita diferença, embora seja uma idéia interessante.

K: E se eu viver mais cem anos? Estamos tentando descobrir qual o efeito que esse extraordinário movimento tem sobre o cérebro.

DB: Sim. Se dissermos que o cérebro está de algum modo diretamente envolvido nesse movimento, isso o faria ficar em boas condições. Existe, porém, um fluxo direto, fisicamente.

K: Não apenas fisicamente.

DB: Mas também mentalmente.

K: Sim. Ambos. Isso deve ter um efeito extraordinário sobre o cérebro.

I: Você se referiu anteriormente à energia. Não à energia de todo dia. ..

K: Dissemos que o movimento é energia total. Essa visão intuitiva captou, viu, esse extraordinário movimento, e ele é parte dessa energia. Quero me aproximar muito mais da terra; tenho vivido com o medo da morte, medo de não vir a ser, e assim por diante. De repente, percebo que não há divisão, e compreendo a coisa toda. O que aconteceu então ao meu cérebro — entende?

Vamos ver uma coisa; ver toda essa coisa, não verbalmente, mas como uma tremenda realidade, como a verdade. Com todo o seu coração, sua mente, você percebe essa coisa. Essa própria percepção deve afetar o seu cérebro.

DB: Sim, ela produz ordem.

K: Não apenas ordem na vida mas também no cérebro.

DB: É possível provar que quando estamos sob tensão, as células cere-

brais começam a degenerar e que se temos ordem nessas células, as coisas são bem diferentes.

K: Tenho um sentimento, senhor — não ria dele; talvez ele seja falso, talvez seja verdadeiro — sinto que o cérebro nunca perde a qualidade desse movimento.

DB: Uma vez que a possua.

K: Naturalmente. Estou falando da pessoa que acabou com tudo isso.

DB: Portanto, provavelmente, o cérebro nunca perde essa qualidade.

K: E conseqüentemente ele não está mais envolvido no tempo.

DB: Ele não seria mais dominado pelo tempo. O cérebro, com base no que estávamos dizendo, não está evoluindo em qualquer sentido; é apenas uma confusão. Não podemos dizer que o cérebro do homem evoluiu durante os últimos dez mil anos. Veja, a ciência e o conhecimento evoluíram, mas as pessoas sentem hoje a respeito da vida o mesmo que sentiam há milhares de anos.

K: Quero descobrir o seguinte: o cérebro está absolutamente imóvel nesse vazio silencioso que atravessamos? No sentido de não ter movimento.

DB: Não completamente. Veja, o sangue passa pelo cérebro.

K: Não estamos falando disso.

DB: Que espécie de movimento estamos estudando?

K: Estou me referindo ao movimento do pensamento, o movimento de *qualquer* reação.

DB: Sim. Não há nenhum movimento no qual o cérebro se mova de forma independente. Disse que existe o movimento do todo, mas o cérebro não parte por conta própria, como pensamento.

K: Veja bem, você aboliu a morte, o que é uma coisa extremamente importante; e você pergunta o que é o cérebro, a mente, quando não há a morte. Entende? Ele passou por uma operação cirúrgica.

DB: Dissemos que o cérebro normalmente possui bem no fundo, de modo contínuo, a noção da morte, e que essa noção está permanentemente perturbando o cérebro, porque este antevê a morte, e tenta impedi-la.

K: Impedir o próprio fim, e assim por diante.

DB: Ele antevê tudo isso, e pensa que deve impedi-lo, mas não pode.

K: Não pode.

DB: E conseqüentemente ele tem um problema.

K: Uma luta permanente com ela; e desse modo, tudo isso chega a um fim. Que coisa extraordinária aconteceu! Como isso afeta minha vida diária, considerando que eu tenha que viver nesta terra? Minha vida diária é agressão, esse vir a ser interminável, essa luta pelo sucesso — tudo isso passou. Prosseguiremos com isso, embora tenhamos compreendido bastante hoje.

DB: Ao introduzir o assunto da vida diária, podemos apresentar o tema da compaixão.

K: Naturalmente. Esse movimento é compaixão?

DB: Ele estaria além dela.

K: Exatamente. É por isso que temos de ser extremamente cuidadosos.

DB: Então, mais uma vez, a compaixão deve surgir dela.

17 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

OITO

É POSSÍVEL DESPERTAR EM OUTRA PESSOA A VISÃO INTUITIVA?

KRISHNAMURTI: Estávamos discutindo o que significa para o cérebro não ter movimento. Quando um ser humano esteve seguindo o caminho da transformação, e passou por tudo isso, e esse sentido de vazio, silêncio e energia, ele abandonou quase tudo e chegou ao ponto, à base. Como, então, essa visão intuitiva afeta sua vida diária? Qual é o seu relacionamento com a sociedade? Como ele age com relação à guerra, e ao mundo todo — um mundo que está realmente vivendo e lutando na escuridão? Qual é sua ação? Eu diria, como concordamos no outro dia, que ela é o não-movimento.

DAVID BOHM: Sim, dissemos que a base era movimento sem divisão.

K: Sem divisão. Sim, correto.

DB: Num certo sentido parece inconsistente dizer não-movimento, quando falamos que a base é movimento.

K: Sim, a base é movimento. Você diria que um homem comum, educado, sofisticado, com todas as suas atividades desagradáveis, está permanentemente em movimento?

DB: Bem, num certo tipo de movimento.

K: Um movimento no tempo.

DB: Sim.

K: Um movimento em transformação. Estamos falando, porém, sobre o

homem que trilhou esse caminho (se é que posso usar essa palavra), e chegou ao ponto. A partir daí, qual é sua ação? Dissemos, por ora, não-ação, não-movimento. O que isso significa?

DB: Significa, como você disse, não tomar parte nesse processo de transformação.

K: Naturalmente, isso é evidente. Se ele não toma parte nesse processo, que parte ele representa? Uma de completa não-ação?

DB: Não está claro o motivo pelo qual deveríamos chamar isso de não-ação. Poderíamos pensar que é uma ação de outro tipo, que não faz parte do processo de transformação.

K: Não é transformação.

DB: Mas ainda pode ser ação.

K: Ele ainda tem de viver no mundo.

DB: Em certo sentido, tudo que fazemos é ação, mas a ação dele não está voltada para o processo ilusório, não está envolvida nele, mas estaria orientada para o que subentende esse processo ilusório. Ela se dirigiria talvez para o estudo do passo errado que está continuamente surgindo da base. Certo?

K: Sim, sim. Veja, diversas religiões descreveram um homem que foi salvo, que é iluminado, que alcançou uma coisa ou outra. Foi claramente descrito, especialmente nos livros religiosos hindus, como ela anda, qual a sua aparência, como fala, todo o estado do seu ser. Acho que isso é meramente uma descrição poética que...

DB: Pensa que é imaginação?

K: Considero grande parte disso imaginação. Discuti esse ponto com algumas pessoas, e não é assim, não é imaginação. Alguém que o descreve, sabe exatamente o que é.

DB: Bem, como ele saberia? Não está claro.

K: Assim, o que é um homem desse tipo? Como ele vive neste mundo? Esta é uma pergunta muito interessante, se nos aprofundarmos nela. Existe um estado de não-movimento, ou seja, o não-movimento em que entramos.

DB: Veja, não está bem claro o que você quer dizer com não-movimento.

K: Nós nos tornamos poéticos, mas estou tentando evitar isso, embora estivesse correto, mesmo poeticamente: é como uma única árvore num campo. Não há nenhuma outra árvore, mas aquela árvore, não importa qual o seu nome, está lá.

DB: Mas por que você diz, "não-movimento"?

K: Ele é não móvel.

DB: Naturalmente a árvore está parada.

K: Uma árvore é uma coisa viva, que se move. Não quero dizer isso.

DB: A árvore num certo sentido está se movendo, mas em relação ao campo está parada. Essa é a imagem que obtemos.

K: Veja, alguém se aproxima de você porque você foi do começo ao fim. E agora você está no fim com um tipo de movimento totalmente diferente, que não está ligado ao tempo, e tudo mais. Você se encontra nesse estágio. Eu me aproximo e pergunto: "O que é esse estado mental? Como é o estado da sua mente, que percorreu esse caminho e terminou alguma coisa, que saiu completamente da escuridão?"

DB: Se você diz que é não-movimento, está insinuando que ele é constante?

K: Ele deve ser. . . Mas o que você quer dizer com constante? Contínuo?

DB: Não, não.

K: Quer dizer que ele é...?

INTERROGANTE:... estático?

K: Oh, não!

DB: Permanecer firme, permanecer unido como um todo. Esse é, na verdade, o seu significado literal.

K: É isso?

DB: Essa é a imagem que também obtemos da árvore. É essa figura que a árvore no campo sugere.

K: Sim, eu sei. Isso é muito romântico e poético, e se torna bastante enganador. É uma bela imagem, mas vamos nos afastar dela. O que é essa mente? A qualidade dessa mente que começou do princípio, buscou a transformação, e passou por todo o centro da escuridão que foi eliminado? Essa mente deve ser totalmente diversa. Agora, o que essa mente faz, ou não faz, no mundo que está mergulhado na escuridão?

DB: A mente, com certeza, não faz nada; não participa do movimento desse mundo.

K: De acordo.

DB: E num certo sentido, dizemos que ela é constante — não é fixa, mas não se move.

K: Ela é estática?

DB: Não, não é estática. É constante — o que num certo sentido também é movimento. Existe uma constância que não é meramente estática, que também é, ao mesmo tempo, movimento.

K: Dissemos que *aquele* movimento não era o movimento de transformação.

DB: Sim, mas o movimento da base, que é completamente livre.

K: O que aconteceu àquela mente? Vamos nos aprofundar um pouco nisso. Ela não possui ansiedade ou medo. Veja bem, as palavras "compaixão" e "amor" estão além dela. Certo?

DB: Mas podem emergir- dessa base.

K: A mente, não sendo nada, nem uma *coisa,* e sendo conseqüentemente vazia de conhecimento, estaria sempre agindo à luz da visão intuitiva?

DB: Ela estaria impregnada, possivelmente sempre, pela qualidade da visão intuitiva.

K: Sim, é isso que quero dizer.

DB: Bem, "sempre" introduz a idéia do tempo, entende?

K: Elimine a palavra.

DB: Eu empregaria "constantemente".

K: Sim, constantemente; vamos usar a palavra "constante".

DB: Elaé um pouco melhor, mas não é suficientemente boa.

K: Sim. Vamos usar essa palavra. Ela atua constantemente naquela luz, nesse lampejo de visão intuitiva. Penso que está correto. Qual é então o significado disso na vida diária de uma pessoa? Como uma pessoa ganha a vida?

DB: Esse, certamente, seria outro ponto. Teríamos de achar uma maneira de nos mantermos vivos.

K: Mantermo-nos vivos. É por essa razão, pois, que estou dizendo isto: à medida que a civilização cresce, a mendicância não é permitida.

DB: É criminoso. Temos de achar uma maneira de nos mantermos vivos.

K: O que fará então essa pessoa? Ela não tem uma profissão, nenhuma habilidade especial, nenhum dinheiro com o qual possa comprar alguma coisa.

DB: Bem, não seria possível para essa mente ganhar o bastante para obter o que é necessário para se manter viva?

K: Como?

I: Por que ela não possui nenhuma habilidade para ganhar a vida?

K: Por que deveria possuir uma habilidade? Por que temos de ter capacidade para ganhar a vida? Você diz isso, e outro homem diz: "Por que eu deveria ter qualquer tipo de habilidade?" Estou apenas discutindo e investigando o assunto.

DB: Suponha que tivesse de cuidar de si próprio; você necessitaria de uma certa habilidade. Se estivesse sozinho numa caverna, entende...

K: Ah, não quero uma caverna!

DB: Eu sei. Mas, seja ele quem for, ele tem de viver em algum lugar; precisa de alguma habilidade para encontrar o alimento de que necessita. Veja, se todo mundo achasse que a habilidade não era necessária, a raça humana pereceria.

K: Não tenho certeza disso.

DB: Bem, o que aconteceria então?

K: É aí que pretendo chegar. A habilidade implica, como dissemos, no conhecimento; do conhecimento surge a experiência e, gradualmente, desenvolvemos uma habilidade; e essa habilidade nos dá uma oportunidade de ganhar a vida, seja ela pobre ou rica. Esse homem, porém, diz que pode haver um modo diferente de viver e de ganhar a vida. Estamos acostumados a um padrão, e ele diz: "Vejam, isso pode estar totalmente errado."

DB: Depende do que você quer dizer com habilidade. Suponhamos que essa pessoa tenha que dirigir um carro; isso certamente requer alguma habilidade, não é verdade?

K: Sim.

DB: Ela vai passar sem isso?

K: Seria melhor tomarmos cuidado com a palavra "habilidade".

DB: Sim. Quero dizer que habilidade poderia ter um mau significado — como ser muito esperto em conseguir dinheiro.

K: Então esse homem não é ganancioso, não tem a mente voltada para o dinheiro, não está economizando para o futuro, não tem qualquer segurança. Mas tem de viver. Quando empregamos a palavra "habilidade" no sentido de dirigir um carro.. .

DB: .... ou de ser um carpinteiro ... se todas essas habilidades desaparecessem, a vida se tornaria impossível.

K: A coisa toda sucumbiria.

DB: Sim.

K: Não tenho certeza. Queremos dizer que esse tipo de habilidade deve ser contestada?

DB: Não poderia significar isso.

K: Não. Isso seria muito tolo.

DB: Mas então as pessoas se tornariam muito hábeis em fazer com que outras pessoas lhes dessem dinheiro, entende?

I: Será que não fizemos agora uma divisão entre viver e ter habilidade, entre ter habilidade e trabalhar, e entre viver e ganhar a vida?

K: Exatamente! Preciso de comida, preciso de roupas e preciso de abrigo.

I: Mas essa divisão é necessária? Do modo como a sociedade é formada agora, temos uma divisão entre viver e trabalhar.

K: Já passamos por tudo isso. Estamos falando de um homem que já passou por tudo isso, que voltou para o mundo, e diz: "Aqui estou eu". Qual é a sua relação com a sociedade, e o que deve fazer? Ele tem qualquer relação com a sociedade?

DB: Bem, não num sentido profundo ou fundamental, embora ele necessite ter com ela um relacionamento superficial.

K: Está bem. Um contato superficial com o mundo.

DB: Ele tem de obedecer às leis, ele tem de respeitar os sinais de trânsito.

K: Concordo. Mas quero descobrir o que ele deve fazer. Escrever? Falar? Isso significa habilidade.

DB: Certamente esse tipo de habilidade não precisa ser nocivo. O que você acha?

K: Estou apenas perguntando.

DB: Como as outras habilidades; como a carpintaria.

K: Sim. Esse tipo de habilidade. Mas o que ele deve fazer? Penso que se pudéssemos descobrir a qualidade de uma mente que já passou por tudo isso, do começo ao fim, por tudo que falamos nos nossos recentes debates, perceberíamos que a mente desse homem é totalmente diferente, e contudo ele está no mundo. Como ele considera a coisa? Você atingiu a meta e voltou — esses são termos aproximados — e sou um homem comum, que vive no mundo. Qual é então sua relação comigo? Evidentemente nenhuma, porque vivo num mundo de escuridão e você, não. Então nosso relacionamento só pode existir quando eu sair disso — quando a escuridão terminar.

DB: Sim.

K: Então existe apenas aquilo; não há um relacionamento. Mas agora há uma divisão entre você e eu; e olho para você com meus olhos, que estão acostumados à escuridão e à divisão; mas você não está. Contudo, você tem de ter algum contato comigo. Tem de ter, não importa quão superficial, não importa quão frágil, um certo relacionamento comigo. Será que essa relação é compaixão, e não alguma coisa que interpreto como compaixão? Não posso julgar o que é compaixão a partir da minha escuridão. Certo?

DB: Sim. É uma conseqüência.

K: Não sei o que é o seu amor, o que é sua compaixão, porque meu único amor e compaixão foi isso. E então, o que faço com você?

DB: De quem estamos falando? Não está claro para mim de quem estamos falando.

K: Você ou "X" já superaram tudo isso, e voltaram.

DB: Então, por que "Y" não fez isso?

K: "Y" não o fez. "Y" pergunta: "Quem é você? Você parece tão diferente. A sua maneira de encarar a vida é diferente". E o que "Y" fará com "X"? Essa é a questão, e não o que "X" fará a "Y". Não sei se estou me fazendo entender.

DB: Sim, entendo. O que "Y" fará com "X"?

K: Nossa pergunta até agora tem sido o que "X" fará com "Y", mas acho que estivemos fazendo a pergunta errada. O que "Y" fará com "X"? Creio que o que aconteceria normalmente é que "Y" o idolatraria, o mataria ou o desprezaria. Certo?

DB: Sim.

K: Se "Y" venerar "X", tudo é muito simples. Ele terá todas as coisas boas do mundo. Isso, porém, não responde à minha pergunta. Minha pergunta não é apenas o que "Y" fará a "X", mas também o que "X" fará com "Y". A exigência de "X" é: olhe, saia dessa escuridão; não há qualquer resposta na escuridão, de modo que você deve sair." Não importa a frase que usamos — saia, dissipe-a, etc. "Y" diz então: "Ajude-me, mostre-me o caminho", e volta novamente para a escuridão — entende? Portanto, o que "Y" fará a "X"?

DB: Penso que "Y" não pode fazer muito, a não ser o que mencionou - idolatrar, ou alguma outra coisa.

K: Matar ou desprezar "X".

DB: Mas, se a compaixão estiver funcionando em "X" ...

K: Sim, "X" é isso. Ele nem a chamará de compaixão.

DB: Não, mas nós a chamaremos disso. "X" então lutará por encontrar um caminho para penetrar na escuridão.

K: Espere! Então a tarefa de "X" é trabalhar na escuridão?

DB: É descobrir como penetrar na escuridão.

K: Desse modo ele está ganhando a vida.

DB: Bem, é possível.

K: Não. Estou falando sério.

DB: Depende de as pessoas desejarem pagá-lo por isso.

K: Não estou brincando. É sério.

DB: É possível.

K: Provavelmente "X" é o professor. "X" está fora da sociedade. "X" não está ligado a esse campo de escuridão e está dizendo às pessoas que estão presas nele: "Saiam". O que há de errado nisso?

DB: Não há nada de errado nisso.

K: Esse é o seu meio de subsistência.

DB: Está tudo muito bem, desde que funcione. Naturalmente, se houvesse muitas pessoas como "X", teria de haver um limite.

K: Não, senhor. O que aconteceria se houvesse muitas pessoas como "X"?

DB: Essa é uma pergunta interessante. Penso que haveria alguma coisa revolucionária.

K: É exatamente isso.

DB: Tudo mudaria.

K: Sim. Se houvesse muitas pessoas assim, elas não estariam divididas. Isso representa toda a questão, certo?

DB: Penso que mesmo se dez ou quinze pessoas fossem indivisas, elas exerceriam uma força que nunca foi vista em nossa história.

K: Tremenda! Exatamente.

DB: Contudo, penso que isso nunca aconteceu; o fato de dez pessoas serem indivisas.

K: Essa é a função de "X" na vida. Ele diz que isso é a única coisa. Um grupo de dez "Xs" ocasionará uma espécie de revolução totalmente diferente. A sociedade apoiará isso?

DB: Eles possuirão essa inteligência extrema, e portanto encontrarão uma maneira de fazê-lo, entende?

K: Naturalmente.

DB: A sociedade apoiará isso, porque os "Xs" serão suficientemente inteligentes para não provocarem a sociedade, e a sociedade não reagirá antes que seja tarde demais.

K: Exatamente. Você está dizendo uma coisa que está efetivamente acontecendo. Diria então que a função de muitos "Xs" é despertar os seres humanos para aquela inteligência que dissipará a escuridão? E esse é o meio de subsistência de "X"?

DB: Sim.

K: Há então aquelas pessoas que cultivam isso na escuridão e exploram os outros, mas há também os "Xs" que não exploram. Está bem. Isso parece muito simples, mas não acho que isso *seja* assim tão simples.

DB: Correto.

K: Essa é a única função de "X"?

DB: Bem, ela é de fato uma função difícil.

K: Mas quero descobrir alguma coisa muito mais profunda que a mera função.

DB: Sim, a função não é suficiente.

K: É isso mesmo. Sem ser a função, o que ele deve fazer? "X" diz a "Y"

que ouça; "Y" demora e, gradualmente, talvez, em alguma ocasião ele despertará e se afastará. Isso é tudo que "X" fará na vida?

DB: Isso pode ser o resultado de alguma coisa mais profunda.

K: O mais profundo é tudo aquilo, a base.

DB: Sim, a base.

K: Mas isso é tudo que ele deve fazer neste mundo? Apenas ensinar as pessoas a saírem da escuridão?

DB: Bem, essa parece ser a principal tarefa no momento, no sentido de que se isso não acontecer, toda a sociedade mais cedo ou mais tarde sucumbirá. Poderíamos indagar se ele precisa ser em algum aspecto mais profundamente criativo.

K: O que você quer dizer?

DB: Bem, não está claro.

K: Suponha que "X" é você, e que você tem um campo enorme onde operar, não apenas me ensinando mas possuindo esse movimento extraordinário que não pertence ao tempo. Ou seja, você tem essa energia abundante, e elaborou tudo isso para ensinar-me a sair da escuridão.

DB: Isso pode ser apenas uma parte da coisa.

K: Então o que o resto faz? Entende? Não sei se estou conseguindo transmitir isso.

DB: Bem, isso é o que tentei sugerir quando falei a respeito de alguma ação criativa, que transcendesse isso.

K: Sim, que transcenda isso. Você poderá escrever, pregar, curar, poderá fazer isso e aquilo, mas todas essas atividades são bastante triviais. Mas você tem algo mais. Eu reduzi você, "X", à minha insignificância? Você não pode ser reduzido dessa maneira. Minha insignificância diz: "Você tem de fazer alguma coisa. Você tem de pregar, escrever, curar, fazer algo para ajudar a me mover." Certo? Você aquiesce num grau muito pequeno, mas vo-

cê tem alguma coisa muito maior do que isso, algo imenso. Entende minha pergunta?

DB: Sim. O que acontece então?

K: Como essa imensidade opera sobre "Y"?

DB: Está dizendo que existe alguma ação mais direta?

K: Ou existe uma ação mais direta, ou "X" está fazendo alguma coisa totalmente diferente para afetar a consciência do homem.

DB: O que seria isso?

K: "X" não está "satisfeito" apenas em pregar e falar. Essa imensidão que ele é deve ter um efeito, deve fazer alguma coisa.

DB: Está dizendo "deve" no sentido do sentimento de precisar fazê-lo, ou está dizendo "deve" no sentido de necessidade?

K: Deve.

DB: Deve ser necessariamente assim. Mas como isso afetará a humanidade? Veja bem, quando diz isso, as pessoas acharão que existe uma espécie de efeito extra-sensorial que está se disseminando.

K: É isso que estou tentando captar.

DB: Sim.

K: É isso que estou tentando transmitir.

DB: Não apenas através de palavras, através de atividades ou de gestos.

K: Vamos deixar a atividade em paz. Isso é simples. Não é apenas isso, porque essa imensidão deve.. .

DB: ... necessariamente agir? Existe uma ação mais direta?

K: Não, não. Está bem. Essa imensidão tem necessariamente outras atividades.

DB: Outras atividades em outros níveis?

K: Sim, outras atividades. Isso foi traduzido nos ensinamentos hindus como vários graus de consciência.

DB: Há diferentes níveis ou graus de atuação.

K: Tudo isso também é um assunto muito sem importância. O que o senhor acha?

DB: Bem, como a consciência emerge da base, essa atividade afeta toda a espécie humana a partir da base.

K: Sim.

DB: Veja, muitas pessoas acharão isso muito difícil de entender.

K: Não estou interessado em muitas pessoas. Quero entender você, "X" e eu, "Y". Essa base, aquela imensidão não está limitada a um assunto tão insignificante. Não poderia estar.

DB: A base inclui fisicamente todo o universo.

K: Sim, todo o universo, e reduzir tudo isso a . . .

DB: . . . essas pequenas atividades .. .

K: .. . é por demais tolo.

DB: Penso que isso levanta a questão: "Qual é a importância da humanidade no universo, ou na base?"

K: Sim, exatamente.

DB: Porque mesmo a melhor dessas pequenas coisas que estivemos fazendo tem uma importância muito pequena nessa escala. Certo?

K: Sim, isso significa apenas iniciar o capítulo. Acho que "X" está fazendo alguma coisa — não fazendo, mas através da sua própria existência.. .

DB: . . . ele está tornando algo possível?

K: Sim. Quando lemos a respeito de Einstein, percebemos que ele tornou algo possível, que o homem não havia descoberto antes.

DB: Podemos ver isso de modo relativamente fácil porque funciona através dos canais habituais da sociedade.

K: Sim, compreendo. O que traz "X" além dessas pequenas coisas? Colocarmos isso em palavras faz com que soe errado. "X" possui essa inteligência imensa, essa energia, essa coisa, e deve funcionar num nível muito maior do que qualquer pessoa poderá possivelmente conceber, que deve afetar a consciência daqueles que estão vivendo na escuridão.

DB: Possivelmente. A pergunta é: esse efeito se manifestará de alguma forma? Quero dizer, visivelmente.

K: Aparentemente, não. Se ouvimos as notícias na televisão e no rádio, e reparamos no que está acontecendo em todo o mundo, aparentemente isso não está ocorrendo.

DB: Isso é que é difícil, e é um assunto que traz muita preocupação.

K: Mas isso deve ter um efeito. Precisa ter.

DB: Por que precisa ter?

K: Porque a luz deve afetar a escuridão.

DB: Talvez "Y" possa dizer que, vivendo na escuridão, não tem certeza de que tal efeito exista. Poderá dizer que talvez exista, mas eu quero vê-lo manifesto. Por nada ver e ainda continuar na escuridão, ele então pergunta: o que farei?

K: Compreendo. Está dizendo então que a única atividade de "X" é escrever, ensinar, etc.?

DB: Não. Somente que pode muito bem ocorrer que a atividade seja muito maior, mas ela não aparece. Se apenas a pudéssemos ver!

K: Como poderia ser mostrada? Como poderá "Y", que deseja uma prova, vê-la?

DB: "Y" poderia dizer algo assim: muitas pessoas fizeram uma declaração semelhante, e algumas estavam, obviamente, erradas. Alguém, no entanto, deseja afirmar que poderia ser verdadeira. Veja, até agora, acho que as coisas que dissemos fazem sentido, e são coerentes até certo ponto.

K: Sim, entendo.

DB: E agora você diz uma coisa que vai muito além. Outras pessoas disseram coisas semelhantes e sente-se que elas estavam no caminho errado, que todas, ou pelo menos algumas, estavam se enganando.

K: Não. "X" afirma que estamos sendo bastante lógicos.

DB: Sim, mas nesse estágio a lógica não nos levará mais adiante.

K: Isso é bastante razoável! Já superamos tudo isso! Assim, a mente de "X" não está agindo de modo irracional.

DB: Digamos que "Y", vendo que a coisa era razoável até aí, pudesse acreditar que ela fosse capaz de ir mais adiante.

K: Sim, é o que estou tentando dizer.

DB: Naturalmente, não há nenhuma prova.

K: Não.

DB: Poderíamos então investigar?

K: É o que estou tentando fazer.

I: E a respeito das outras atividades de "X"? Dissemos que, além da função de ensinar, tinha também outras atividades.

K: Precisa ter. Necessariamente.

I: Mas o quê?

K: Não sei; estamos tentando descobri-lo.

DB: Está dizendo que, de alguma forma, ele torna possível uma atividade da base em toda a consciência da humanidade, que não teria sido possível sem ele?

K: Sim.

I: O contato dele com "Y" não é apenas verbal. "Y" escuta, mas há uma outra qualidade...

K: Sim, mas "X" diz que tudo isso é um assunto insignificante. Isso naturalmente está entendido, mas "X" afirma que existe algo muito maior.

I: O efeito de "X" é talvez bem maior do que possa ser colocado em palavras.

K: Estamos tentando descobrir o que é esse maior, que deve estar necessariamente funcionando.

I: É alguma coisa que aparece na vida diária de "X"?

K: Sim. Na sua vida do dia-a-dia, "X" está aparentemente fazendo coisas relativamente pequenas — ensinando, escrevendo, fazendo escrituração ou qualquer outra coisa. Mas isso é tudo? Parece tão tolo.

DB: Está afirmando que na vida diária "X" não parece muito diferente de qualquer outra pessoa?

K: Não, aparentemente não.

DB: Mas existe outra coisa acontecendo que não aparece. Certo?

K: Exatamente. Quando "X" fala, talvez ele seja diferente, talvez diga as coisas de modo diferente mas...

DB: . . . isso não é fundamental, porque existem muitas pessoas que falam as coisas de maneira diferente das outras.

K: Sei. Mas o homem que passou por tudo isso desde o começo, se esse homem pode dispor de toda essa energia, reduzi-la a essas coisas insignificantes, isso parece ridículo!

DB: Quero fazer uma pergunta: por que a base precisa desse homem para operar sobre a humanidade? Por que a base não pode, por assim dizer, atuar diretamente sobre a humanidade para esclarecer as coisas?

K: Ah, espere um minuto, espere um minuto. Está perguntando por que a base requer ação?

DB: Por que ela precisa de um determinado homem para influir sobre a humanidade.

K: Oh, isso pode ser facilmente explicado. Faz parte da existência, como as estrelas.

I: A imensidade pode atuar diretamente sobre a humanidade? Será que ela inspira um homem a penetrar na consciência da humanidade?

K: Estamos falando a respeito de algo mais. Quero descobrir se "X" vai dizer: Não irei me sujeitar apenas a escrever e falar; isso é muito pequeno e insignificante. E a outra pergunta é: por que a base precisa desse homem? Ela não precisa dele.

DB: Mas enquanto ele estiver aqui, a base o usará.

K: De fato.

DB: Bem, seria possível que a base pudesse fazer alguma coisa para esclarecer isso?

K: É isso que quero descobrir. É por isso que estou dizendo, em outras palavras, que a base não precisa do homem, mas o homem tocou a base.

DB: Sim.

K: Então a base o está usando, ou seja, está empregando-o. Ele é parte desse movimento. Isso é tudo? Entende o que quero dizer? Estou fazendo as perguntas erradas? Por que ele deveria fazer qualquer coisa a não ser isso?

DB: Bem, talvez ele não faça nada.

K: Esse próprio não fazer nada, talvez seja fazer.

DB: Não fazer nada torna possível a ação da base. Pode ser isso. Não fazendo nada que tenha qualquer meta específica. . .

K: Exatamente. Nenhum conteúdo específico que possa ser traduzido em termos humanos.

DB: Sim, mais ainda assim é extremamente ativo em não fazer nada.

I: Há uma ação que está além do tempo, para esse homem?

K: Ele é isso...

I: Então não podemos esperar um resultado desse homem.

K: Ele não está esperando resultados.

I: Mas "Y" está esperando um resultado.

K: Não. Talvez "X" diga que está preocupado com o falar, etc., o que é uma coisa muito sem importância. Mas há um vasto campo que deve afetar toda a humanidade.

DB: Existe uma analogia que pode não ser muito boa, mas que talvez possamos levar em conta. Em química, um catalisador torna possível determinada ação sem que ele próprio tome parte nela, e consegue isso sendo apenas o que ele é.

K: Sim, é o que está ocorrendo? Mas até isso é uma coisa sem importância.

DB: Sim.

I: E mesmo assim "Y" diria que não está acontecendo, porque o mundo ainda está confuso. Há, então, uma verdade no mundo para a atividade desse homem?

K: "X" diz que sente muito, mas que não há qualquer pergunta; que não está interessado em provar nada. Isso não é um problema matemático ou técnico que deve ser apresentado e provado. "X" diz que caminhou do começo do homem ao fim do homem, e que há um movimento que não está ligado ao tempo; a base que é o universo, o cosmos, tudo. E a base não

precisa do homem, mas o homem se deparou com ela. E ele ainda é um homem no mundo, que diz: "Escrevo e faço uma coisa ou outra," não para comprovar a base, não para fazer alguma coisa. "X" faz isso por causa da compaixão. Há, porém, um movimento muito maior que representa necessariamente um papel no mundo.

I: O movimento maior representa um papel através de "X"?

K: Evidentemente. "X" diz que há alguma coisa a mais em funcionamento que não pode possivelmente ser colocada em palavras. Pergunta: "O que devo fazer?" Não há nada que um homem como "Y" compreenda. Ele imediatamente transformará a coisa em algo ilusório. Mas "X" diz que há outra coisa. Se não for assim, é tudo tão infantil.

DB: Penso que a visão geral que as pessoas estão desenvolvendo agora é a de que o universo não tem significado, que se move de qualquer maneira, que as coisas apenas acontecem, e que nenhuma delas tem qualquer significado.

K: Nenhuma delas tem significado para o homem que está aqui, mas o homem que está lá, que fala de modo relativo, diz que elas estão cheias de significado, e não são inventadas pelo pensamento.

Está bem, vamos abandonar a vastidão e tudo o mais. "X" diz que talvez haja dez pessoas com essa visão intuitiva que possam afetar a sociedade. Não será o comunismo, o socialismo, essa ou aquela reorganização política. Será algo totalmente diferente, fundamentado na inteligência e na compaixão.

DB: Bem, se houvesse dez, eles talvez pudessem encontrar uma maneira de disseminar isso muito mais.

K: É aí que estou querendo chegar.

DB: Como assim?

K: "X" traz o universo, mas eu o traduzo em algo trivial.

DB: Está dizendo que se toda a humanidade percebesse isso, haveria uma coisa diferente?

K: Oh, sim, naturalmente!

DB: Seria o novo…

K: … Seria o paraíso na Terra.

DB: Seria como um novo tipo de organismo.

K: Naturalmente. Mas veja, não estou satisfeito com isso.

DB: Como assim?

K: Não estou "satisfeito" em abandonar essa imensidade para ser reduzido a algumas poucas palavras. Parece tão tolo, tão inacreditável. Veja bem, o homem, "Y", está preocupado com conceitos como "mostre-me", "prove-o para mim", "que vantagem isso tem?", "isso afetará meu futuro?" Entende? Está preocupado com tudo isso. Está observando "X" com olhos que estão acostumados a essa insignificância! Portanto, ele reduz aquela imensidade a essa insignificância, coloca-a num templo, e por isso a perde completamente. "X" diz, porém, que nem mesmo olhará para isso; há algo tão imenso, e pede a "Y" o favor de olhar para isso. "Y" contudo está sempre traduzindo esse algo ao querer uma demonstração, uma prova ou uma recompensa. Está sempre preocupado com isso. "X" traz a luz. E tudo que ele pode fazer. Isso não é suficiente?

DB: Trazer a luz que permitiria que outras pessoas se abrissem à imensidade?

K: É assim? Vemos apenas uma pequena parte, mas essa parte extremamente pequena se estende até o infinito?

DB: Essa pequena parte de quê?

K: Não. Vemos a imensidade somente como uma coisa muito pequena. E essa imensidade é todo o universo. Não posso deixar de pensar que ela deve ter um tremendo efeito sobre "Y"; sobre a sociedade.

DB: Certamente a percepção disso *deve* ter um efeito, mas parece que isso não está na consciência da sociedade no momento.

K: Sei disso.

DB: Mas está dizendo que ainda assim o efeito está ali?

K: Sim.

I: Está afirmando que a percepção até de uma pequena parte é o infinito?

K: Naturalmente, naturalmente.

I: Ela é em si o fator de mudança?

DB: Pensa que é possível que uma coisa como essa possa desviar a humanidade do caminho perigoso que está seguindo?

K: Sim, é isso que penso. Mas para que o rumo da destruição do homem seja alterado alguém terá que ouvir. Certo? Alguém — dez pessoas — têm que ouvir!

DB: Sim.

K: Ouvir essa imensidade chamando.

DB: Então a imensidade pode desviar o curso do homem. O indivíduo não pode fazê-lo.

K: Sim. O indivíduo não pode fazê-lo, evidentemente. Mas "X" que é supostamente um indivíduo, trilhou esse caminho, e diz: "Ouçam". Mas o homem não ouve.

DB: Bem, então, é possível descobrir como fazer com que as pessoas escutem?

K: Não, assim nós voltamos!

DB: O que quer dizer com isso?

K: Não aja; não temos nada a fazer.

DB: O que quer dizer não fazer nada?

K: Percebo, como "Y", que não importa o que eu faça — sacrifício, prática, renúncia — ainda estarei vivendo naquele círculo de escuridão. "X" en-

tão diz: "Não aja; você não tem nada a fazer." Entende? Mas isso é traduzido por "Y", que faz tudo exceto esperar e ver o que acontece. Devemos buscar isso, senhor, caso contrário tudo é tão sem esperança do ponto de vista de "Y".

19 de abril de 1980, Ojai, Califórnia

NOVE

A SENILIDADE E AS CÉLULAS CEREBRAIS

KRISHNAMURTI: Gostaria de conversar com você, e talvez também com Narayan* sobre o que está ocorrendo com o cérebro humano. Temos uma civilização que é altamente refinada mas, ainda assim, ao mesmo tempo bárbara, onde o egoísmo se veste com todos os tipos de roupagens espirituais. Bem no fundo, contudo, há um egoísmo aterrorizante. O cérebro do homem vem evoluindo por milênios e milênios; no entanto, atinge esse ponto divisório e destrutivo que todos conhecemos. Pergunto-me então se o cérebro humano — não um cérebro específico, mas o cérebro humano — está se deteriorando. Será que está realmente num declínio lento e constante? Ou será que é possível a alguém, durante a vida, realizar no cérebro uma total renovação frente a tudo isso; uma renovação que seja prístina, original e impoluta? Estive pensando sobre isso, e gostaria de discutir o assunto.

Penso que o cérebro humano não é um cérebro particular; não pertence a mim, nem a ninguém. Foi o próprio cérebro humano que evoluiu em milhões de anos e, nessa evolução, acumulou uma quantidade extraordinária de experiências, conhecimentos, e todas as crueldades, vulgaridades e brutalidades do egoísmo. Existe alguma possibilidade de que ele se descarte disso tudo e se transforme em outra coisa? Porque, aparentemente, o cérebro funciona através de padrões. Seja ele um padrão religioso, científico, comercial ou familiar, está sempre operando, funcionando em pequenos círculos estreitos. Esses círculos chocam-se uns com os outros, e não parece haver um fim para isso. O que, então, interromperá essa formação de padrões, de modo que não se volte a cair em padrões novos, e que, em vez disso, todo o sistema de padrões, seja ele agradável ou desagradável, seja demolido? Afinal de contas, o cérebro sofreu muitos choques, desafios, e pressões, e se ele não for capaz de se renovar ou de rejuvenescer, há muito pouca esperança. Você entende?

* G. Narayan, Diretor da Rishi Valley School, na Índia.

DAVID BOHM: Veja bem, pode ocorrer uma dificuldade. Se você está pensando na estrutura cerebral, não podemos penetrar, fisicamente, nessa estrutura.

K: Fisicamente não podemos. Sei disso, nós já discutimos o assunto. Então, o que o cérebro deve fazer? Os especialistas podem observá-lo, podem examinar o cérebro de um cadáver, mas isso não resolve o problema. Certo?

DB: Não.

K: Então o que deve um ser humano fazer, se ele sabe que não pode se transformar a partir de fora? O cientista, o especialista em cérebros e o neurologista explicam muitas coisas, mas suas explicações e investigações não solucionarão o problema.

DB: Bem, não há qualquer evidência de que possam fazê-lo.

K: Nenhuma evidência.

DB: Algumas pessoas que fazem *bio-feedback* acham que podem influenciar o cérebro, ligando um instrumento aos potenciais elétricos no crânio, o que lhes permite visualizá-los; pode-se também alterar o ritmo cardíaco, a pressão sangüínea, e outras coisas. Essas pessoas criaram a esperança de que algo podia ser feito.

K: Porém, não estão tendo sucesso.

DB: Não estão indo muito longe.

K: E não podemos esperar por esses cientistas e *bio-feedbackers* — desculpe! — para resolver o problema. O que faremos então?

DB: A próxima pergunta é se o cérebro pode ter consciência de sua própria estrutura.

K: Pode o cérebro ter consciência de seu próprio movimento? E pode ele, além de estar Consciente de seu próprio movimento, ter energia suficiente para romper todos os padrões e afastar-se deles?

DB: Você tem de perguntar até que ponto o cérebro é livre para romper os padrões.

K: O que você quer dizer com isso?

DB: Bem, veja, se você começa afirmando que o cérebro está preso a um padrão, ele também poderia não estar.

K: Mas aparentemente está.

DB: Até onde podemos perceber. Ele pode não estar livre para escapar. Pode não ter o poder.

K: É isso o que eu disse: energia insuficiente, poder insuficiente.

DB: Sim, ele pode não ser capaz de empreender a ação necessária para sair.

K: Desse modo, ele se tornou seu próprio prisioneiro. E então?

DB: Então, é o fim.

K: ***Ê*** isso o fim?

DB: Se isso for verdade, então isso é o fim. Se o cérebro não puder escapar, talvez as pessoas escolham alguma outra maneira de resolver o problema.

NARAYAN: Quando nos referimos ao cérebro, num certo sentido ele está ligado aos sentidos e ao sistema nervoso; *o feedback* está ali. Há outro instrumento ao qual o cérebro esteja ligado e que tenha um efeito diferente sobre o cérebro?

K: O que você quer dizer com isso? Algum outro fator?

N: Algum outro fator no próprio sistema humano. Pois, evidentemente, o cérebro nutre-se através dos sentidos, mas nem mesmo isso é suficiente. Há algum outro fator interno que forneça energia ao cérebro?

K: Quero discutir isso. O cérebro está constantemente ocupado com

vários problemas, com a permanência, com o apego, e assim por diante. Ele está constantemente num estado de preocupação. Isso pode ser o fator central; e se ele não estiver ocupado, tornar-se-á preguiçoso? Se não estiver ocupado, poderá manter a energia necessária para romper os padrões?

DB: O que interessa em primeiro lugar é que se o cérebro não estiver ocupado, alguém poderá pensar que ele ficará indolente.

K: Ficar preguiçoso e tudo o mais! Não quero dizer isso.

DB: Se você quer dizer não ocupado, mas ainda assim ativo ...

K: Naturalmente. É isso o que eu quero dizer.

DB: Temos então de penetrar no que é a natureza da atividade.

K: Sim. Esse cérebro está muito ocupado com conflitos, esforços, apegos, temores e prazeres. E essa ocupação dá ao cérebro sua própria energia. Se ele não estiver ocupado, tornar-se-á preguiçoso, drogádo, e perderá por assim dizer, sua elasticidade? Ou poderia esse estado desocupado fornecer ao cérebro a energia necessária para romper os padrões?

DB: O que o faz dizer que isso poderia acontecer? Estivemos discutindo, em outro dia, que quando mantemos o cérebro ocupado com a atividade intelectual e o pensamento, ele não se deteriora nem encolhe.

K: Desde que esteja pensando, movendo-se, vivendo.

DB: Pensando de maneira racional; nesse caso, ele permanece forte.

K: Sim. Também é aí que eu quero chegar. Ou seja, que enquanto ele estiver funcionando, movendo-se, pensando de modo racional...

DB: . . . ele permanecerá forte. Se ele começar o movimento irracional, ele colapsará. E também, se ficar preso numa rotina, ele começará a morrer.

K: Exatamente. Isso ocorrerá se o cérebro ficar preso a qualquer rotina - à rotina da meditação, ou à rotina dos padres.

DB: Ou ao dia-a-dia da vida do fazendeiro ...

K: ... do fazendeiro, etc., ele gradualmente se tornará entorpecido.

DB: Não apenas isso, mas ele também parece encolher.

K: Encolher fisicamente.

DB: Será que algumas células morrem?

K: Encolher fisicamente; e o oposto disso é a eterna ocupação com tarefas — por alguém que executa um trabalho de rotina . . . pensando, pensando, pensando! E acreditamos que isso também evita o encolhimento.

DB: Certamente a experiência parece comprovar isso, a partir de medições realizadas.

K: Sim, isso de fato ocorre. Exatamente.

DB: O cérebro começa a encolher numa certa idade. Isso é o que eles descobriram, assim como os músculos começam a perder sua flexibilidade quando o corpo não é usado ...

K: Então, façamos bastante exercício!

DB: Bem, eles dizem para exercitarmos tanto o corpo como o cérebro.

K: Sim. Se ele ficar preso a qualquer padrão, qualquer rotina, qualquer diretriz, ele encolherá.

DB: Vamos estudar o que o faz encolher.

K: Isso é razoavelmente simples. É a repetição.

DB: A repetição é mecânica, e de fato não usa toda a capacidade do cérebro.

K: Já se observou que as pessoas que passaram anos e anos meditando são as mais apáticas sobre a Terra. Isso, através de ampla evidência, também se aplica aos juristas e aos professores.

N: Sugeriu-se que o pensamento racional adia a senilidade. Mas o próprio pensamento racional pode, às vezes, se tornar um padrão.

DB: Talvez. O pensamento racional exercido numa área estreita poderá se tomar também uma parte do padrão.

K: Claro, claro.

DB: Mas há alguma outra maneira?

K: Podemos abordar isso.

DB: Vamos, porém, esclarecer primeiro as coisas a respeito do corpo. Veja, se alguém exercita bastante o corpo, este permanece forte, mas isso pode se tomar mecânico.

K: Sim.

DB: E conseqüentemente teria um efeito negativo.

N: E a respeito dos diversos instrumentos religiosos tradicionais — ioga, tantra, kundalini, etc.?

K: Sei. Oh, eles devem causar o encolhimento! Por causa do que está acontecendo. Tome o ioga, como exemplo. Ele não era vulgarizado, se é que posso usar essa palavra. Mantinha-se estritamente entre poucas pessoas que não estavam preocupadas com kundalini e todo o resto, estavam, isto sim, interessadas em levar uma vida moral, ética, supostamente espiritual. Veja, quero chegar à raiz disso.

DB: Penso que há algo relacionado com isso. Parece que antes o homem estava organizado em comunidades, vivia perto da natureza, e não era possível viver numa rotina.

K: Não, não era.

DB: Mas isso era completamente inseguro.

K: Estamos dizendo, então, que o próprio cérebro se torna extraordinariamente vigoroso — não ficando preso a um padrão — se ele viver num estado de incerteza? Sem se tornar neurótico!

DB: Penso que fica mais claro quando você diz sem se tornar neurótico—a certeza se transforma então numa forma de neurose. Mas preferiria que o cérebro vivesse sem ter certeza, sem exigi-la, sem reclamar um determinado conhecimento.

K: Estamos dizendo então que o conhecimento também debilita o cérebro?

DB: Sim, quando é repetitivo e se torna mecânico.

K: Mas e o conhecimento em si?

DB: Bem, temos que tomar muito cuidado com isso. Penso que o conhecimento tem uma tendência a se tornar mecânico, quer dizer, ele se torna estável, mas nós podemos estar sempre aprendendo, entende?

K: Mas aprendendo a partir de um centro, aprendendo através de um processo acumulativo!

DB: Aprendendo com algo fixo. Veja, aprendemos alguma coisa como sendo permanente, e então aprendemos a partir daí. Se nós estivéssemos aprendendo sem manter qualquer coisa permanentemente estável...

K: Aprendendo e não acrescentando. Podemos fazer isso?

DB: Sim, acho que numa certa medida temos que nos desfazer do nosso conhecimento. Veja, o conhecimento poderá ser válido até certo ponto, e então deixa de ser válido. Passa a atrapalhar. Poderíamos dizer que a nossa civilização está desmoronando por causa de excesso de conhecimento.

K: Naturalmente.

DB: Não nos descartarmos do que está no caminho.

N: Muitas formas de conhecimento são aditivas. A não ser que conheçamos a coisa anterior, não podemos fazer a coisa seguinte. Diria que esse tipo de conhecimento é repetitivo?

DB: Não. Enquanto estivermos aprendendo. Mas se nós mantivermos algum princípio, ou o centro, fixo e dissermos que ele não pode mudar,

então o conhecimento se tornará mecânico. Entretanto, suponha, por exemplo, que temos de ganhar a vida. As pessoas têm de organizar a sociedade, e assim por diante, e precisam do conhecimento.

K: Mas, nesse caso, acrescentamos cada vez mais.

DB: Exatamente. Também podemos nos livrar de algumas coisas.

K: Naturalmente.

DB: Outras ficam no caminho, entende? Tudo está constantemente em mudança.

K: Mas não estou me referindo só a isso, e sim ao próprio conhecimento.

DB: Quer dizer, o conhecimento sem esse conteúdo?

K: Sim; o conhecimento da mente.

DB: A mente que apenas deseja o conhecimento, é isso que está dizendo? O conhecimento pelo conhecimento?

K: Sim. Quero questionar toda a idéia de termos conhecimento.

DB: Mais uma vez, porém, isso não está claro, porque aceitamos que precisamos de algum conhecimento.

K: Naturalmente, num certo nível.

DB: Então não está claro qual o tipo de conhecimento que você está questionando.

K: Estou questionando a experiência que deixa o conhecimento, que deixa uma marca.

DB: Sim, mas que espécie de marca? Uma marca psicológica?

K: Piscológica, naturalmente.

DB: Está questionando isso, e não o conhecimento da técnica e da matéria, e assim por diante. Mas veja bem, quando usamos a palavra conhecimento por si só, ela tende a incluir o todo.

K: Dissemos que o conhecimento num determinado nível é essencial; aí podemos acrescentar, subtrair e continuar mudando. Mas estou questionando se o conhecimento psicológico não é em si um fator de encolhimento do cérebro.

DB: O que você entende por conhecimento psicológico? Conhecimento sobre a mente, conhecimento sobre a própria pessoa?

K: Sim. Conhecimento sobre a própria pessoa, e viver nesse conhecimento, e acumular esse conhecimento.

DB: Então se continuamos a acumular conhecimento sobre nós mesmos ou sobre nossos relacionamentos...

K: . . . sim, sobre relacionamentos. É isso. Diria que esse conhecimento ajuda o cérebro, ou torna o cérebro um tanto inativo e faz com que ele encolha?

DB: Ele conduz o cérebro ao hábito.

K: Sim.

DB: Mas deveríamos perceber o que há nesse conhecimento que causa problemas.

K: Qual é esse conhecimento que causa tantos problemas? No relacionamento, esse conhecimento cria problemas.

DB: Sim, ele atrapalha porque torna as coisas estáveis.

K: Se tenho uma imagem a respeito de alguém, esse conhecimento vai evidentemente impedir nosso relacionamento. Transforma-se num padrão.

DB: Sim, o conhecimento sobre mim mesmo e sobre ele e como estamos relacionados forma um padrão.

K: E conseqüentemente isso se torna uma rotina e portanto perde sua energia.

DB: Sim, e ocorreu-me que a rotina nessa área é mais perigosa do que a rotina, digamos, numa área do trabalho do dia-a-dia.

K: Exatamente.

DB: E se a rotina no trabalho costumeiro pode fazer com que o cérebro encolha, nessa área então pode fazer alguma coisa pior, porque tem um efeito mais amplo.

K: O cérebro, nas questões psicológicas, pode estar completamente livre desse tipo de conhecimento? Veja! Sou um homem de negócios, e entro no carro, num ônibus, num táxi ou no metrô, e fico pensando no que vou fazer, quem vou encontrar que tem ligação com meus negócios. Minha mente vive todo o tempo nessa área. Depois volto para casa; lá eu encontro minha esposa e meus filhos; tenho relações sexuais e todo o resto. Isso também se torna um conhecimento psicológico a partir do qual eu atuo. Há então o conhecimento dos meus negócios, e também o conhecimento com relação à minha esposa e às minhas reações no relacionamento. Os dois são contraditórios, a não ser que não os perceba, e simplesmente continue. Se eu *estiver* consciente deles, isso se tornará um fator de perturbação.

DB: As pessoas também acham que isso é rotina. Elas se aborrecem e começam a .. .

K: ... a se divorciar, e então começa o circo!

DB: Possivelmente esperam que, ao se ocuparem com outra coisa, deixarão de ficar aborrecidos.

K: Sun, indo à igreja, etc. Qualquer escape é uma ocupação. Estou perguntando então se esse conhecimento psicológico não é um fator de encolhimento do cérebro.

DB: Bem, poderia ser um fator.

K: Ele *é*.

DB: Se o conhecimento da sua profissão ou habilidade pode ser um fator, então esse conhecimento psicológico é mais forte.

K: Naturalmente. Muito mais forte.

N: Quando você se refere ao conhecimento psicológico, está fazendo uma distinção entre conhecimento psicológico e, digamos, conhecimento científico ou conhecimento concreto?

K: Naturalmente, dissemos isso.

N: Mas estou um pouco cauteloso com relação à alegação de que o conhecimento científico e outros tipos de conhecimento concreto ajudam a ampliar o cérebro, a torná-lo maior. Isso em si não leva a lugar algum, apesar de transferir a energia.

K: O Dr. Bohm tornou isso bastante claro. O pensamento racional se torna mera rotina; eu penso logicamente e, portanto, aprendi o truque disso, mas continuo a repeti-lo.

N: É isso que acontece na maior parte das formas de pensamento racional.

K: Naturalmente.

DB: Penso que isso ocorre em função de nos defrontarmos com freqüentes problemas.

K: Naturalmente.

DB: Veja bem, os advogados poderão achar que seus cérebros durarão mais porque lidam sempre com problemas diferentes, e portanto não podem pensar inteiramente de acordo com a rotina!

K: Mas, espere um instante! Poderão ter diferentes clientes com problemas diversos, mas estão atuando a partir de um conhecimento estável.

DB: Eles diriam que não totalmente, pois têm que procurar novos fatos, e assim por diante.

K: Não estão agindo completamente dentro da rotina, mas a base é o co-

nhecimento — precedência, conhecimento a partir de livros, e experiência com vários clientes.

DB: Mas então teríamos que dizer que ocorre uma outra degeneração mais sutil do cérebro, e não apenas o encolhimento.

K: Exatamente. É aí que quero chegar.

DB: Veja, quando nasce um bebê, as células cerebrais possuem muito poucas conexões cruzadas; aumentam gradualmente em número, e então, quando uma pessoa se aproxima da senilidade, começam a regredir. Portanto, a qualidade dessas conexões cruzadas poderia estar errada. Se, por exemplo, nós as repetíssemos com excessiva freqüência, tornar-se-iam estáveis demais.

N: Estariam todas as funções cerebrais confinadas a formas racionais, ou haveria algumas funções com qualidade diferente?

DB: Bem, sabe-se que uma grande parte do cérebro lida com o movimento do corpo, com os músculos, com vários órgãos, e assim por diante, e essa parte não encolhe com a idade, embora a parte que lida com o pensamento racional, se não for usada, encolhe. Portanto, poderão existir outras funções que são totalmente desconhecidas; ou seja, sabemos realmente muito pouco a respeito do cérebro.

K: O que estamos dizendo é que usamos apenas uma parte do cérebro. Há apenas atividade parcial, ocupação parcial, seja racional ou irracional. Mas enquanto o cérebro estiver ocupado, tem de estar nessa área limitada. Concorda?

DB: O que acontecerá, então, quando não estiver ocupado? Podemos dizer que tenderá a passar a maior parte do tempo ocupado com o conjunto limitado de funções que são mecânicas, e que isso produzirá uma degeneração sutil no tecido cerebral, pois qualquer coisa desse tipo o afetará.

K: Estamos dizendo que a senilidade é o resultado de uma maneira mecânica de viver? Do conhecimento mecânico, de modo que o cérebro não tem liberdade nem espaço?

DB: Essa é a sugestão. Isso não é necessariamente aceito por todas as pessoas que trabalham com o cérebro. Mostraram que as células cerebrais

começam a morrer por volta dos trinta ou quarenta anos a uma taxa constante, mas isso pode ser um fator. Não acho que suas medições sejam tão boas que elas possam testar efetivamente como o cérebro é usado. Veja, essas são apenas medições aproximadas, feitas de forma estatística. Mas você quer insinuar que essa morte ou degeneração das células cerebrais ocorre em função da má utilização do cérebro?

K: Isso mesmo. É aí que estou tentando chegar.

DB: Sim, e há um pouco de evidência da parte dos cientistas, embora pense que eles não sabem muito a respeito do assunto.

K: Veja, os cientistas, os especialistas do cérebro, falando claramente, estão examinando as coisas do lado de fora; não estão se colocando como cobaias e penetrando realmente no assunto.

DB: Em sua maior parte, sim. Mas há aqueles que fazem *bio-feedback* e que estão tentando atuar sobre si próprios, de uma maneira bastante indireta.

K: Sim, mas sinto que não temos tempo para tudo isso.

DB: É muito vagaroso, e não é muito profundo.

K: Vamos voltar, então, para a constatação de que qualquer atividade repetitiva, dirigida no sentido estreito, qualquer método, qualquer rotina, lógica ou ilógica, afeta *efetivamente* o cérebro. Compreendemos isso com muita clareza. O conhecimento num certo nível é essencial, mas o conhecimento psicológico a respeito de si próprio, a respeito das próprias experiências, etc. se transforma em rotina. As imagens que formo sobre mim mesmo evidentemente também se tornam rotina, e tudo isso ajuda a ocasionar um encolhimento do cérebro. Entendi tudo isso muito bem. E qualquer ocupação, que não seja mecânica ... não, mecânica não . ..

DB: ... física.

K: ... que não seja uma ocupação física, acarreta o encolhimento do cérebro. Como esse processo poderá parar? E se ele parar, haverá uma renovação?

DB: Penso que alguns cientistas do cérebro duvidariam que as células

cerebrais possam se renovar, e não sei se há qualquer prova contra ou a favor.

K: Penso que elas podem se renovar. É aí que quero chegar.

DB: Então, precisamos discutir isso.

N: Está insinuando que a mente é diferente do cérebro, que a mente é separada do cérebro?

K: Não exatamente.

DB: Você falou sobre a mente universal.

N: A mente, no sentido de que temos acesso a essa mente, e que ela não é o cérebro. Considera isso uma possibilidade?

K: Não estou acompanhando-o muito bem. Diria que a mente abrange tudo. Se ela abrange tudo, abrange o cérebro, as emoções — tudo isso; se ela é totalmente completa, não divisível em si própria, há uma qualidade que é universal. Certo?

N: Temos acesso a ela?

K: Ninguém tem; não, não podemos alcançá-la. Não podemos dizer que temos acesso a ela.

N: Não estou me referindo apenas ao acesso. Não a possuímos, mas . . .

K: Não podemos possuir o céu!

N: Não, o meu ponto é: há uma maneira de ficarmos abertos a ela e há uma função da mente através da qual o seu todo pode se tornar acessível?

K: Penso que sim. Podemos chegar a isso daqui a pouco se pudermos nos apegar a esse ponto: estamos perguntando agora se o cérebro pode se renovar e rejuvenescer sem qualquer encolhimento. Penso que sim. Quero abrir um novo capítulo e discutir isso. Psicologicamente, o conhecimento que o homem adquiriu está mutilando o cérebro. Os freudianos, os junguianos, os mais recentes psicólogos, os mais recentes psicoterapeutas, todos estão ajudando o cérebro a encolher. Desculpe-me! Não pretendo ofender...

N: Há uma maneira, então, de esquecermos esse conhecimento?

K: Não, não. Esquecer não. Percebo o que o conhecimento psicológico está fazendo e vejo o desperdício; vejo o que acontecerá se eu seguir essa linha. É evidente. Portanto, não sigo esse rumo. Desfaço-me completamente da análise. Esse é um padrão que aprendemos, não apenas dos mais recentes psicólogos e psicoterapeutas, mas também através da tradição de um milhão de anos de análise, de introspecção, ou de dizer: "eu devo", e "eu não devo", "isso está certo e aquilo está errado". Você conhece todo o processo. Pessoalmente não faço isso, de modo que rejeito todo o método.

Estamos chegando num ponto, que significa percepção direta e ação imediata. A nossa percepção é geralmente dirigida pelo conhecimento, pelo passado, que é o conhecimento percebendo e a ação surgindo, atuando a partir disso. Esse é um fator de encolhimento do cérebro, de senilidade.

Há uma percepção que *não* esteja ligada ao tempo? E uma ação que seja imediata? Estou me fazendo entender? Quer dizer, enquanto o cérebro, que evoluiu no tempo, ainda estiver vivendo num padrão de tempo, ele estará se tornando senil. Se pudéssemos romper esse padrão de tempo, o cérebro sairia do seu padrão, e outra coisa ocorreria.

N: Como o cérebro rompe o padrão de tempo?

K: Vamos chegar lá, mas, primeiro, vamos ver se estamos de acordo.

DB: Bem, está afirmando que o cérebro é o padrão de tempo, e talvez isso deva ser esclarecido. Penso que o que você quer dizer com análise é uma espécie de processo baseado no conhecimento passado, que organiza nossa percepção, e no qual damos uma série de passos para tentar acumular conhecimento sobre a coisa toda. E agora você fala que isso é um padrão de tempo e que temos de escapar dele.

K: Se concordamos em que é assim, o cérebro está funcionando num padrão de tempo.

DB: Temos então de perguntar: Que outro padrão é possível?

K: Mas espere . . .

DB: Que outro movimento é possível?

K: Não. Vamos tentar primeiro entender isso, não apenas verbalmente; vamos ver o que está efetivamente acontecendo. Que nossa ação, nosso modo de vida, todo nosso pensamento está limitado pelo tempo, ou surge com o conhecimento do tempo.

DB: Certamente nosso pensamento sobre nós mesmos, qualquer tentativa de nos analisarmos, de pensar sobre nós mesmos, envolve esse processo.

K: Esse processo, que pertence ao tempo. Certo?

N: Essa é uma dificuldade: quando você diz conhecimento e experiência, há uma certa força de energia coesiva ou força que o prende.

K: E isso significa o quê? Aprisionamento pelo tempo!

N: Aprisionamento pelo tempo e .. .

K: . . . e, portanto, o padrão de séculos, de milênios, está sendo repetido.

N: Sim. Mas estou dizendo que isso tem uma certa força coesiva.

K: É claro, é claro. Todas as ilusões possuem extraordinária vitalidade.

N: São muito poucos os que conseguem rompê-la.

K: Olhe para todas as igrejas e veja que imensa vitalidade possuem.

N: Não, sem contar essas igrejas, a vida pessoal tem uma certa força coesiva que mantém o indivíduo recuado. Ele não consegue escapar dela.

K: O que você entende por manter o indivíduo recuado?

N: Ela tem uma atração magnética, ela nos puxa para trás. Não conseguimos nos libertar dela a não ser que tenhamos algum instrumento que nos permita agir.

K: Vamos descobrir se há uma abordagem diferente para o problema.

DB: Quando vocês falam em um instrumento diferente, isso não está

claro. A noção de instrumento, em seu todo, envolve tempo, porque se usamos qualquer instrumento, estamos realizando um processo.

K: Tempo; é exatamente isso.

N: É por isso que uso a palavra "instrumento"; quero dizer que se trata de algo eficaz.

K: Porém, não tem sido eficaz. Pelo contrário, é destrutivo. Percebe, então, a própria verdade de sua destrutividade? Não apenas a teoria, a idéia, mas sua realidade? Se eu o perceber, então o que ocorrerá? O cérebro evoluiu através do tempo, e sempre funcionou, viveu, agiu, acreditou no processo do tempo. Mas se compreende que tudo isso ajuda a tornar o cérebro senil, quando se percebe que isso é verdadeiro, quai é então o passo seguinte?

N: Você está insinuando que a própria percepção de que isso é destrutivo é um fator de liberação?

K: Sim.

N: E não há necessidade de um instrumento adicional?

K: Não. Não use a palavra instrumento.

Não há nenhum outro fator. Estamos preocupados em acabar com esse encolhimento e essa senilidade, e em perguntar se o próprio cérebro, suas células e a coisa toda podem escapar do tempo. Não estou falando a respeito da imortalidade, e de coisas desse tipo! O cérebro pode se afastar completamente do tempo? Caso contrário, a deterioração, o encolhimento e a senilidade são inevitáveis, e mesmo quando a senilidade não aparece, as células cerebrais se enfraquecem, e assim por diante.

N: Se as células cerebrais são materiais e físicas, de uma maneira ou de outra elas acabam encolhendo com o tempo; na verdade, isso não pode ser evitado. A célula cerebral, que é tecido, não pode ser imortal em termos físicos.

DB: Talvez a taxa de encolhimento pudesse ser bastante reduzida. Se uma pessoa vive um determinado número de anos, e seu cérebro começa a encolher muito antes de ela morrer, ela fica senil. Contudo, se a deterioração diminuísse, então . ..

K: ... não apenas diminuísse, senhor.

DB: ... bem, se houvesse regeneração...

K: ... se o cérebro ficasse num estado de não-ocupação.

DB: Penso que Narayan está dizendo que é impossível a qualquer sistema material durar para sempre!

K: Não estou falando a respeito de durar para sempre — embora eu não tenha certeza de que ele não possa durar para sempre! Não, isso é muito sério, não estou brincando.

DB: Se todas as células se regenerassem no corpo e no cérebro, então a coisa toda prosseguiria indefinidamente.

K: Veja, estamos hoje destruindo o corpo através da bebida, do fumo, dos excessos sexuais e de todos os tipos de coisas. Estamos vivendo da maneira mais insalubre possível. Certo? Se o corpo estivesse com uma excelente saúde, que se mantivesse constante — o que significa sem emoções intensas, sem tensão, sem nenhum sentido de deterioração, com o coração funcionando normalmente — então, por que não?

DB: Bem .. .

K: ... o que significa isso? Não viajar, e todo o resto ...

DB: Não se excitar.

K: Se o corpo permanecer num lugar tranqüilo, estou certo de que poderá durar um número bem maior de anos que atualmente.

DB: Bem, penso que isso é verdade. Sempre houve muitos casos de pessoas que viveram cento e cinqüenta anos em lugares tranqüilos. Creio que isso é tudo de que você está falando. Você não está realmente sugerindo que algo pode durar para sempre, não é?

K: O corpo pode então ser mantido saudável, e como o corpo afeta a mente, os nervos, os sentidos e tudo isso, eles também podem ser mantidos saudáveis.

DB: E se o cérebro for mantido na ação correta . . .

K: . . . sim, sem qualquer tensão.

DB: Veja, o cérebro tem uma tremenda influência na organização do corpo. A glândula pituitária controla todo o sistema das glândulas do corpo; todos os órgãos do corpo também são controlados pelo cérebro. Quando a mente se deteriora, o corpo também começa a deteriorar-se.

K: Naturalmente.

DB: Eles trabalham juntos.

K: Eles caminham juntos. Pode então esse cérebro — que não é "meu" cérebro — que evoluiu através de milhões de anos, que teve todas as espécies de experiências destrutivas ou agradáveis.. .

DB: Você quer dizer que ele é um cérebro típico, não um cérebro particular, específico de algum indivíduo? Quando você diz "não o meu", você se refere a qualquer cérebro pertencente à humanidade, certo?

K: Qualquer cérebro.

DB: Eles são todos, basicamente, semelhantes.

K: Semelhantes: é isso o que eu disse. Pode esse cérebro libertar-se de tudo isso? Do tempo? Penso que pode.

DB: Talvez pudéssemos discutir o que significa estar liberto do tempo. Veja, inicialmente a sugestão de que o cérebro seja capaz de se libertar do tempo pode parecer louca, mas, evidentemente, todos nós sabemos que você não está querendo dizer que o relógio vai parar.

K: Ficção científica e tudo isso!

DB: A questão é: o que significa, na verdade, estar psicologicamente livre do tempo?

K: Que não existe amanhã.

DB: Mas sabemos que *existe* amanhã.

K: Mas psicologicamente ...

DB: Você pode descrever melhor o que quer dizer quando afirma que "não existe amanhã"?

K: O que significa viver no tempo? Vamos abordar primeiro o outro lado. O que significa viver no tempo? Esperança; pensar e viver no passado, e atuar a partir do conhecimento do passado; imagens, ilusões, preconceitos — eles são todos uma conseqüência do passado. Tudo isso é tempo, e está produzindo o caos no mundo.

DB: Bem, vamos supor que ainda que não estivéssemos vivendo psicologicamente no tempo, poderíamos ordenar nossas ações pelo relógio. É embaraçoso quando alguém diz que não vive no tempo, mas que tem um compromisso. Entende?

K: Naturalmente; ele não pode ficar sentado aqui para sempre.

DB: Então você diz que está olhando para o relógio, mas que não se estende psicologicamente para saber como se sentirá daqui a uma hora, quando seu desejo estará satisfeito, etc.

K: Estou apenas dizendo que o modo como vivemos agora está na esfera do tempo. E com isso trouxemos todos os tipos de problemas e sofrimento. Correto?

DB: Sim, mas deveríamos esclarecer por que isso necessariamente produz o sofrimento. Você está dizendo que quando se vive na esfera do tempo o sofrimento é inevitável.

K: Inevitável.

DB: Porquê?

K: E simples. O tempo construiu o ego, o "mim", a imagem do eu que é sustentada pela sociedade, pela educação, que foi construída através de milhões de anos. Tudo isso é o resultado do tempo. E é a partir daí que atuamos.

K: Sim.

DB: Psicologicamente na direção do futuro, isto é, rumo a algum futuro estado de existência.

K: Sim. O que significa que o centro está sempre vindo a ser.

DB: Tentando tornar-se melhor.

K: Melhor, mais nobre, ou qualquer outra coisa. Então tudo isso, esse esforço constante de se tornar alguma coisa, psicologicamente, é um fator do tempo.

DB: Você está dizendo que o esforço de vir a ser, de se transformar produz sofrimento?

K: Obviamente. É simples. Tudo isso é divisório, pois me separa dos outros, e desse modo você é diferente de mim. E quando eu dependo de alguém, e essa pessoa vai embora, eu me sinto solitário e infeliz. Tudo isso continua.

Estamos dizendo, assim, que qualquer fator de separação, que é a própria natureza do *self,* deve inevitavelmente causar sofrimento.

DB: Você está dizendo que o *self* instala-se através do tempo, e que ele então introduz a separação e o conflito, e assim por diante? Mas que se não houvesse tempo psicológico, então talvez toda essa estrutura se fragmentaria, e alguma coisa completamente diferente surgiria?

K: Exatamente. E isso que estou dizendo. Portanto, o próprio cérebro romperia os seus laços.

DB: Bem, esse é o passo seguinte — dizer que o cérebro irromperia para fora dessa rotina, e talvez pudesse então se regenerar. Não é uma conseqüência necessária, mas poderia ocorrer assim.

K: Acho que é uma conseqüência lógica.

DB: Bem, seria uma conseqüência lógica o fato de que ele deixaria de degenerar.

K: Sim.

DB: E você acrescentaria que, além disso, ele passasse a regenerar-se?

K: Você parece cético?'

N: Sim, porque toda a situação humana está limitada pelo tempo.

K: Sabemos disso.

N: A sociedade, os indivíduos, toda a estrutura.

K: Eu sei, eu sei.

N: A coisa é tão poderosa que algo frágil não funcionará aqui.

K: O que você entende por "frágil"?

N: Sua força é tão grande que aquilo que poderia vencê-la precisaria ter uma tremenda energia.

K: Sim.

N: E nenhum indivíduo parece capaz de gerar energia suficiente para rompê-la.

K: Mas você começou a olhar a coisa da maneira errada, se me permite lhe assinalar. Quando você usa a palavra "indivíduo", você se afasta do fato de que o nosso cérebro é universal.

N: Sim, admito isso.

K: Não há individualidade.

N: O cérebro está condicionado dessa forma.

K: Sim, já examinamos tudo isso. Ele foi condicionado desse modo através do tempo. O tempo é condicionamento — certo? Não é que o tempo tenha criado o condicionamento; é o próprio tempo o fator de condicionamento.

Esse elemento temporal pode então *não* existir? (Estamos falando a respeito do tempo psicológico, não do tempo físico comum.) Digo que pode. Nós dissemos que o término do sofrimento surge quando o *self,* que é construído através do tempo, não está mais presente. Um homem que esteja efetivamente passando por uma agonia poderá rejeitar isso.

Mas quando ele sair desse estado, se alguém lhe mostrar o que está acontecendo, e se ele estiver disposto a ouvir, a perceber a racionalidade e a sanidade da coisa, e a não construir um muro contra ela, ele conseguirá sair daquela esfera. O cérebro estará fora dessa qualidade vinculada ao tempo.

N: Temporariamente.

K: Ah! Também aí, quando você usa a palavra "temporário", isso significa tempo.

N: Não, o que eu quero dizer é que o homem escorrega de volta no tempo.

K: Não, ele não pode. Ele não pode voltar se perceber que existe alguma coisa perigosa, como uma cobra, ou qualquer outro perigo; ele não pode voltar para essa coisa.

N: Essa analogia é um pouco difícil, porque a própria estrutura é esse perigo. Alguém poderá, inadvertidamente, escorregar para dentro desse perigo.

K: Quando vemos um animal perigoso, há uma ação imediata. Ela pode ser o resultado do conhecimento e da experiência prévios, mas há uma ação imediata de autoproteção. Psicologicamente, porém, não estamos conscientes dos perigos. Se nos tornarmos tão conscientes desses perigos como somos conscientes dos perigos físicos, haverá uma ação que não estará vinculada ao tempo.

DB: Sim, penso que poderíamos dizer que enquanto nos fosse possível perceber esse perigo, saberíamos que nossa resposta a ele seria imediata. Mas veja bem: se formos usar essa analogia do animal, ele poderá ser um animal que sabemos que é perigoso, mas poderá assumir uma outra forma que *não* reconhecemos como perigosa!

K: Sim.

DB: Haveria, portanto, um perigo de escorregarmos de volta se não percebêssemos isso. Ou a ilusão poderia surgir sob alguma outra forma.

K: Naturalmente.

DB: Mas eu penso que você quer enfatizar principalmente o fato de que o cérebro não pertence a nenhum indivíduo.

K: Sim, exatamente.

DB: E portanto não faz sentido afirmar que o indivíduo escorrega de volta.

K: Não.

DB: Porque isso já nega o que você está dizendo. O perigo é, mais propriamente, o de que o cérebro possa escorregar de volta.

K: O cérebro poderá escorregar de volta, por não ter percebido o perigo.

DB: Ele não viu as outras formas das ilusões.

K: O Espírito Santo tomando diferentes formas! Tudo isso é a verdadeira raiz do tempo.

DB: O tempo e a separação enquanto individualidade constituem basicamente a mesma estrutura.

K: Naturalmente.

DB: Embora isso não seja óbvio no início.

K: Eu me pergunto se percebemos isso.

DB: Talvez valha a pena discutirmos esse assunto. Por que o tempo psicológico corresponde à mesma ilusão, à mesma estrutura que a individualidade? A individualidade é a percepção de ser uma pessoa que está localizada aqui em algum lugar.

K: Localizada e dividida.

DB: Dividida em relação às outras. Ela se estende até uma periferia, seu domínio se estende até uma periferia, e ela também possui uma identidade que se estende pelo tempo. Ela não se consideraria um indivíduo se dissesse: "Hoje sou uma pessoa, amanhã serei outra". Parece então que entendemos por indivíduo alguém que está ligado ao tempo.

K: Penso que essa idéia de individualidade é uma falácia.

DB: Sim, mas muitas pessoas poderão achar difícil convencer-se de que isso é uma falácia. Há um sentimento comum de que, enquanto indivíduos, as pessoas existem desde o nascimento, e talvez antes, e continuam assim até a morte, e possivelmente depois. Toda a idéia de ser um indivíduo é estar ligado ao tempo. Certo?

K: Evidentemente.

DB: Estar ligado ao tempo psicológico, e não apenas ao tempo do relógio.

K: Sim, é disso que estamos falando. Assim, essa ilusão de que o tempo criou a individualidade pode ser rompida? Este cérebro pode entender isso?

DB: Penso que, como disse Narayan, existe um grande *momentum* no cérebro, que o mantém rolando, sempre em movimento.

K: Esse *momentum* pode parar?

N: A dificuldade está aqui. A codificação genética é intrínseca à pessoa. O indivíduo parece funcionar mais ou menos inconscientemente, acionado por esse *momentum* anterior. E de repente vê, como num lampejo, alguma coisa verdadeira. A dificuldade, porém, é que essa visão pode funcionar apenas por um dia — e o indivíduo é então apanhado novamente no antigo *momentum.*

K: Sei disso. Mas essa visão diz que o cérebro não será apanhado. Uma vez que a mente ou o cérebro está consciente desse fato, não pode voltar atrás. Como poderia?

N: Deve haver uma outra maneira de impedi-lo de voltar atrás.

K: Impedir, não: impedir também significa tempo. Você ainda está pensando em termos de impedimento.

N: Impedimento, no sentido de fator humano.

K: O ser humano é irracional. Certo? E enquanto ele funcionar irracionalmente, ele dirá de qualquer fator racional: "Recuso-me a vê-lo."

N: Você está sugerindo que o próprio fato de ver impede que a pessoa escorregue de volta. Essa é uma condição humana.

DB: Talvez devêssemos nos aprofundar mais nessa questão sobre o impedimento. Ela pode ser importante.

N: Há dois aspectos. Vemos a falácia de alguma coisa, e o próprio fato de a vermos nos impede de escorregarmos de volta, porque percebemos o perigo disso.

DB: Falando de outra maneira, você está dizendo que não temos a tentação de escorregarmos de volta, e portanto não precisamos ser impedidos. Se realmente percebemos a coisa, não há necessidade de impedimento consciente.

N: Nesse caso, não somos tentados a voltar atrás.

K: Não podemos voltar. Se, por exemplo, percebermos a falácia de toda a tolice religiosa, ela estará terminada!

DB: A única dúvida que eu levanto é que talvez não consigamos reconhecê-la assim tão completamente em outra forma.

N: Talvez apareça sob diferentes formas . ..

DB:... e então seremos tentados outra vez.

K: A mente está consciente, ela não é apanhada. Mas você está dizendo que ela é.

N: Sim, em outras formas.

K: Espere, senhor. Dissemos que a percepção não está ligada ao tempo, que ela vê imediatamente toda a natureza do tempo. E isso quer dizer, usando uma boa palavra antiga, ter uma visão intuitiva sobre a natureza

do tempo. Se essa visão intuitiva ocorrer, as próprias células cerebrais, que são parte do tempo, experimentarão uma ruptura. Efetuarão uma mudança em si mesmas. Você poderá discordar e pedir que eu lhe prove. Direi que isso não é uma questão de comprovação e sim de ação. Aja, descubra, experimente.

N: Você também estava dizendo outro dia que quando a consciência está vazia de seu conteúdo . . .

K: . . . o conteúdo sendo o tempo . . .

N: . . . que isso leva à transformação das células cerebrais.

K: Sim.

N: Quando você diz que a consciência está vazia de conteúdo, não . . .

K: . . . não há consciência como nós a conhecemos.

N: Sim. E você está usando a noção de visão intuitiva. Qual é a conexão entre as duas?

DB: Entre as duas o quê?

N: Entre consciência e visão intuitiva. Você sugeriu que quando a consciência está vazia de seu conteúdo . . .

K: Tenha cuidado. A consciência é agregada pelo seu conteúdo. O conteúdo é resultado do tempo.

DB: O conteúdo também *é* tempo.

K: Naturalmente.

DB: Ele também está em qualquer parte do tempo, e é na verdade agregado pelo tempo, também está em qualquer parte do tempo. Mas se tivermos uma visão intuitiva disso, todo o padrão se desfaz, se rompe. A visão intuitiva não pertence ao tempo, nem à memória, nem ao conhecimento.

N: Quem tem essa visão intuitiva?

K: "Quem", não. Simplesmente, ocorre uma visão intuitiva.

N: Ocorre uma visão intuitiva e então a consciência fica vazia de seu conteúdo.. .

K: Não, senhor. Não.

N: Você está querendo dizer que o próprio esvaziamento de conteúdo é a visão intuitiva?

K: Não. Estamos dizendo que o tempo é um fator que formou o conteúdo. Ele o construiu, e também pensa a respeito dele. Todo esse fardo é o resultado do tempo. A visão intuitiva de todo esse movimento, que não é "minha" visão intuitiva, provoca transformações no cérebro, pois ela não está ligada ao tempo.

DB: Você está dizendo que esse conteúdo psicológico é uma certa estrutura, que existe fisicamente no cérebro? E que, para esse conteúdo psicológico existir, o cérebro formou durante muitos anos, muitas ligações entre as células, que constituem esse conteúdo?

K: Exatamente.

DB: E há então um lampejo de visão intuitiva, que percebe tudo isso e que não é necessário. Conseqüentemente, tudo isso começa a se dissipar, e quando se dissipou, não há mais conteúdo. Depois, qualquer coisa que o cérebro faça será algo diferente.

K: Vamos um pouco mais adiante. Haverá então um vazio total.

DB: Bem, vazio do conteúdo. Mas quando você diz vazio total, quer dizer vazio de todo esse conteúdo interior?

K: Exatamente. E esse vazio possui uma tremenda energia. Ele *é* energia.

DB: Poderíamos dizer então que o cérebro, com todas essas ligações entrelaçadas, prendeu grande quantidade de energia?

K: Isso mesmo. Desperdício de energia.

DB: E quando tudo isso começa a se dissipar, essa energia está ali.

K: Sim.

DB: Você diria que ela é uma energia tão física quanto qualquer outro tipo?

K: Naturalmente. Agora podemos entrar em maiores detalhes, mas esse princípio, a raiz da coisa, é uma idéia ou um fato? Ouço tudo isso fisicamente com o ouvido, mas posso torná-lo uma idéia. Se eu escuto isso, não apenas com o ouvido, mas em meu ser, na minha própria estrutura, o que acontece então? Se esse tipo de audição não ocorrer, tudo isso se toma apenas uma idéia, e eu sigo girando pelo resto da minha vida brincando com idéias.

Se houvesse um cientista aqui, especialista em *bio-feedback* ou outro tipo de estudo do cérebro, será que ele aceitaria tudo isso? Ele ao menos escutaria?

DB: Alguns escutariam, mas evidentemente a maior parte não o faria.

K: Não. Mas como podemos então atingir o cérebro humano?

DB: Tudo isso soaria bastante abstrato para a maior parte dos cientistas, entende? Eles diriam que talvez seja assim; que é uma bonita teoria, mas que não há qualquer prova de que ela seja verdadeira.

K: Naturalmente. Eles diriam que ela não os instiga muito porque não percebem nenhuma prova.

DB: Diriam que se aparecer mais alguma evidência, eles voltarão mais tarde e ficarão muito interessados. Veja bem, você não pode fornecer qualquer prova, porque não importa o que esteja acontecendo, ninguém poderá vê-la com os próprios olhos.

K: Compreendo. Mas estou perguntando: o que faremos? O cérebro humano — não o "meu" cérebro ou o "seu", mas o cérebro — evoluiu ao longo de um milhão de anos. Uma "aberração" biológica poderá escapar disso, mas como se poderá fazer com que a mente humana em geral perceba tudo isso?

DB: Penso que temos de comunicar a necessidade, a inevitabilidade do que você está dizendo. Como quando uma pessoa vê uma coisa acontecendo diante dos seus olhos e diz: "É assim." Certo?

K: Mas isso requer que uma pessoa escute, que uma pessoa diga: "Quero captar isso, quero compreender isso, quero descobrir isso." Entende o que estou dizendo? Aparentemente, essa é uma das coisas mais difíceis da vida.

DB: Bem, é a função desse cérebro ocupado - que está ocupado consigo mesmo e não escuta.

N: Aliás, uma das coisas é que essa ocupação começa muito cedo. Quando somos jovens ela é muito poderosa, e continua por toda nossa vida, Como podemos tornar isso claro através da educação?

K: No momento em que percebemos a importância de o cérebro não estar ocupado — em que percebemos isso como uma tremenda verdade — descobrimos maneiras e métodos de ajuda por meio da educação, criativamente. Ninguém pode ser ensinado, nem deve copiar ou imitar, senão estará perdido.

DB: Então o problema é este: "Como é possível comunicar isso ao cérebro, que rejeita, que não escuta?" Existe alguma maneira?

K: Não, se eu me recuso a escutar. Veja, acho que a meditação é um fator muito importante nisso tudo. Sinto que estivemos meditando, embora as pessoas comuns não considerem isso como meditação.

DB: Elas usam essa palavra com tanta freqüência ...

K: ... que seu significado está realmente perdido. A verdadeira meditação, porém, é esta: esvaziamento da consciência. Você está me seguindo?

DB: Sim, mas sejamos claros. Antes, você disse que isso ocorreria através da visão intuitiva. Agora você está dizendo que a meditação propicia a visão intuitiva?

K: Meditação *é* visão intuitiva.

DB: Ela já é visão intuitiva. Então é uma espécie de trabalho que fazemos? Considera-se usualmente a visão intuitiva como um lampejo, mas a meditação é mais constante.

K: Temos de ser cuidadosos. O que entendemos por meditação? Podemos

rejeitar os sistemas, métodos e autoridades reconhecidas, porque são normalmente apenas repetições tradicionais — bobagens vinculadas ao tempo.

N: Você acha que alguns deles puderam ser originais, puderam ter uma verdadeira visão intuitiva, no passado?

K: Quem sabe? Agora, meditação é essa penetração, essa sensação de se mover sem qualquer passado.

DB: O único ponto a ser esclarecido é que quando você usa a palavra meditação, refere-se a algo mais que visão intuitiva, entende?

K: Muito mais. A visão intuitiva libertou o cérebro do passado, do tempo. Essa é uma declaração imensa ...

DB: Você está querendo dizer que precisamos ter visão intuitiva se quisermos meditar?

K: Sim, exatamente. Meditar sem ter qualquer percepção de vir a ser.

DB: Não podemos meditar sem a visão intuitiva. Não podemos encarar a meditação como um procedimento graças ao qual atingiremos a visão intuitiva.

K: Não. Isso imediatamente implica o tempo. Seguir um procedimento, um sistema, um método, para se alcançar a visão intuitiva é um absurdo. Ter uma visão intuitiva da ganância ou do medo liberta a mente desses últimos. A meditação, portanto, tem uma qualidade muito diferente. Não tem nada a ver com todas as meditações dos gurus. Poderíamos dizer então que para ocorrer a visão intuitiva tem de haver o silêncio?

DB: Bem, isso é a mesma coisa; parece que estamos andando em círculos.

K: No momento.

DB: Sim, minha mente tem o silêncio.

K: Então o silêncio da visão intuitiva limpou, purificou tudo isso.

DB: Toda essa estrutura da ocupação.

K: Sim. Não há então nenhum movimento como nós o conhecemos; nenhum movimento de tempo.

DB: Existe movimento de algum outro tipo?

K: Não vejo como podemos medir isso com palavras, essa sensação de um estado ilimitado.

DB: Mas você estava dizendo antes que, apesar disso, precisamos encontrar alguma linguagem, mesmo que seja indizível.

K: Sim — nós encontraremos essa linguagem.

1° de junho de 1980, Brockwood Park, Hampshire

DEZ

A ORDEM CÓSMICA

KHISHNAMURTI: Nós encerramos no outro dia dizendo que quando a mente está totalmente vazia de todas as coisas que o pensamento colocou ali, começa então a verdadeira meditação. Eu gostaria, porém, de me aprofundar mais nesse assunto, de voltar um pouco, e descobrir se a mente, o cérebro, poderá vir a se libertar de toda ilusão e de todas as formas de engano; e também se ele pode ter sua própria ordem — uma ordem que não seja introduzida pelo pensamento, pelo esforço, ou por qualquer tentativa de colocar as coisas no seu devido lugar. Quero descobrir ainda se o cérebro pode se curar completamente, mesmo que esteja muito danificado por traumas e por todos os tipos de situações.

Vamos então começar perguntando primeiro se existe uma ordem que não seja criada pelo homem ou pelo pensamento — que não seja o resultado de um ordenamento calculado por contraposição à perturbação, e que portanto ainda faria parte do antigo condicionamento.

DAVID BOHM: Você está se referindo à mente? Quero dizer, pode-se considerar que a ordem da natureza existe por si mesma.

K: A ordem da natureza é ordem.

DB: Sim, não é criada pelo homem.

K: Mas não estou falando disso. Não tenho certeza se se trata dessa espécie de ordem. Existe a ordem cósmica?

DB: Bem, isso ainda é a mesma coisa, num certo sentido, porque a palavra "cosmos" significa ordem, porém uma ordem completa, que inclui a ordem do universo e a ordem da mente.

K: Sim. O que estou tentando descobrir é se existe uma ordem que o homem nunca poderá possivelmente conceber.

DB: Bem, como vamos discutir isso?

K: Não sei. O que é ordem?

NARAYAN: Existe a ordem matemática, a modalidade mais elevada de ordem conhecida por qualquer disciplina.

K: Os matemáticos concordariam com essa afirmação de que a matemática é ordem completa?

N: Sim, a própria matemática é ordem.

DB: Penso que isso depende do matemático. Mas há um matemático muito conhecido, chamado von Neumann, que definiu a matemática como sendo a relação das relações. Na verdade, para ele relação quer dizer ordem. É ordem operando dentro do próprio campo da ordem, em vez de operar sobre algum objeto.

K: Sim, é isso que estou querendo captar.

DB: Nesse caso, os matemáticos mais criativos estão tendo uma percepção disso, a que se pode dar o nome de ordem pura; mas ela é, naturalmente, limitada, porque precisa ser expressa matematicamente, em termos de fórmulas ou equações.

K: Naturalmente. A ordem faz parte da desordem, como a conhecemos?

DB: O que entendemos por desordem é outra questão. Não é possível dar uma definição coerente de desordem, porque esta viola a ordem. Tudo que efetivamente acontece tem uma ordem, mas podemos dar a uma determinada coisa o nome de desordem, se assim o desejarmos.

K: Você está dizendo que tudo o que acontece é ordem?

DB: Possui uma ordem. Quando o corpo não está funcionando corretamente, mesmo se está com câncer, há uma certa ordem na célula canceríge-

na; ela está apenas crescendo de acordo com um padrão diferente, que tende a danificar o corpo. Entretanto, a coisa toda possui um certo tipo de ordem.

K: Sim, sim.

DB: Ela não violou as leis da natureza, embora em relação a um certo contexto possamos dizer que isso é desordem, pois se estamos falando sobre a saúde do corpo, então o câncer é chamado de desordem. Contudo, em si mesmo...

K: O câncer tem sua própria ordem.

DB: Sim, mas não é compatível com a ordem de crescimento do corpo.

K: Exatamente. Então o que entendemos por ordem? Existe essa tal ordem?

DB: Ordem é uma percepção; não podemos agarrar a ordem.

N: Penso que, em geral, quando nos referimos a ordem fazêmo-lo em relação a um sistema de referência, ou em relação a determinado campo. A ordem sempre tem essa conotação. Mas quando você diz a ordem da ordem, como no estudo da matemática, afastamo-nos dessa abordagem limitada.

DB: Veja, a maior parte dos matemáticos começa com a ordem dos números, como 1, 2, 3, 4, e constrói sobre ela, numa hierarquia. Mas você pode visualizar o que se entende por ordem dos números. Há, por exemplo, uma série de relações que são constantes. Na ordem dos números, temos o mais simples dos exemplos de ordem.

N: E uma nova ordem foi criada com a descoberta do zero! A ordem matemática e a ordem da natureza fazem parte de um campo maior? Ou elas são formas localizadas?

K: Veja o cérebro, a mente, é tão contraditório, está tão contundido que não consegue encontrar ordem.

DB: Sim, mas que espécie de ordem ele deseja?

K: Deseja uma ordem na qual esteja a salvo, na qual não se machuque, não fique traumatizado, nem sinta dor física e psicológica.

DB: O ponto central da ordem e da matemática é a ausência de contradição.

K: Mas o cérebro está em contradição.

DB: E alguma coisa saiu errada.

K: Sim, dissemos que o cérebro deu um passo errado.

DB: Veja, se o corpo está crescendo de maneira errada, temos uma célula cancerígena, o que significa duas ordens contraditórias — sendo uma delas o crescimento do câncer e a outra a ordem do corpo.

K: Sim. Mas a mente, o cérebro, pode ficar completamente livre de toda ordem organizada?

DB: Você entende por ordem organizada, um padrão fixo ou imposto?

K: Sim. Imposto ou auto-imposto. Estamos tentando investigar se o cérebro poderá um dia ficar livre de todas as imposições, pressões, ferimentos, mágoas e banalidades da existência que o empurra em diferentes direções. Se isso não for possível, a meditação não tem qualquer significado.

DB: Poderíamos ir mais além, e dizer que provavelmente a vida não tem significado se não podemos libertá-la de tudo isso.

K: Não, eu não diria que a vida não tem significado.

DB: O padrão continua indefinidamente.

K: Se ele continuar como sempre fez, indefinidamente, por milênios, a vida não tem significado. Mas eu penso que há um significado, e para descobri-lo o cérebro tem de estar totalmente livre.

DB: Qual é a origem daquilo a que chamamos desordem? É como um câncer que estivesse ocorrendo dentro do cérebro, desenvolvendo-se de uma maneira que não é compatível com a saúde do cérebro.

K: Sim.

DB: Ela cresce à medida que o tempo passa, ela aumenta de uma geração para outra.

K: Cada geração repete o mesmo padrão.

DB: Ela tende a se acumular, através da tradição, com cada geração.

K: Como podemos eliminar ou romper esse padrão estabelecido, acumulado?

DB: Podemos fazer outra pergunta? Por que o cérebro fornece o solo para que esse material cresça?

K: Talvez apenas por tradição ou hábito.

DB: Mas por que o cérebro permanece nisso?

K: Ele se sente seguro. Ele tem medo de que aconteça uma coisa nova, porque encontra abrigo na antiga tradição.

DB: Temos de perguntar então por que o cérebro se engana. Esse padrão envolve o fato de que o cérebro se ilude com relação à desordem. Ele não parece capaz de percebê-lo claramente.

N: Há, na minha mente, inteligência por trás da ordem que a usa. Tenho uma certa finalidade para a qual crio uma ordem, e quando essa finalidade deixa de existir, eu abandono essa ordem ou padrão. Desse modo, a ordem tem uma inteligência que a executa. Essa é a conotação usual. Mas você está se referindo a algo mais.

K: Pergunto se esse padrão de gerações pode ser rompido, e por que o cérebro aceitou esse padrão apesar de todos os seus conflitos e da sua miséria.

N: Estou dizendo a mesma coisa de uma maneira diferente. Quando uma ordem atendeu à sua finalidade, ela pode ser abandonada?

K: Aparentemente, não. Estamos falando psicologicamente. Isso não é possível. O cérebro continua, repetindo os temores, a mágoa e as misérias.

Ele está tão fortemente condicionado que não consegue ver uma saída, porque, devido à repetição constante, tomou-se obtuso?

N: O *momentum* da repetição está presente?

K: Sim. Esse *momentum* toma a mente mecânica. E ela se refugia nessa indolência e diz: "Está tudo bem, eu posso continuar." É isso o que fazem os seres humanos, em sua maioria.

DB: Isso é parte da desordem. Pensar dessa maneira é uma manifestação da desordem.

K: Naturalmente.

N: Você relaciona a ordem com a inteligência? Ou ordem é algo que existe por si próprio?

DB: Inteligência envolve ordem; ela requer a percepção da ordem de uma maneira ordenada, sem contradição. Mas penso que, nos termos desta discussão, nós mesmos não criamos isso; não impomos essa ordem, mas, ao contrário, ela é natural.

K: Sim. Sou o homem comum. Percebo que estou preso. Toda a minha maneira de viver e de pensar parte dessa enorme extensão de tempo. O tempo é toda a minha existência. Eu me refugio no passado, que não pode ser alterado. Certo?

DB: Bem, penso que se falássemos com o chamado homem comum, descobriríamos que ele na verdade não entende que o tempo é algo que acontece a ele.

K: Estou dizendo que um homem comum pode ver, depois de conversar com outro, que toda sua existência baseia-se no tempo. E a mente refugia-se no tempo — no passado.

DB: O que isso quer dizer exatamente? Como ela se refugia?

K: Porque o passado não pode ser mudado.

DB: Sim, mas as pessoas também pensam a respeito do futuro. É comum

pensarmos que o futuro pode mudar. Os comunistas disseram: abandonem o passado; vamos mudar o futuro.

K: Mas não podemos abandonar o passado, mesmo se pensamos que podemos.

DB: Então, se mesmo aqueles que tentam não se refugiar no passado não conseguem abandoná-lo, parece que não importa o que façamos, estaremos presos.

K: O próximo passo, então, é descobrir por que o cérebro aceita esse modo de viver. Por que ele não o destrói? É devido à preguiça, ou é porque não há esperança de que se possa destruí-lo?

DB: Esse ainda é o mesmo problema, de ir do passado para o futuro.

K: Naturalmente. Então o que o cérebro deve fazer? Isso se aplica à maior parte das pessoas, não é verdade?

DB: Não compreendemos por que, quando as pessoas descobrem que o seu comportamento é desordenado ou irracional, elas tentam abandonar o passado, mas percebem que isso não é possível.

K: Espere, senhor. Se eu abandono o passado, não tenho existência. Se eu abandono todas as minhas recordações, não tenho nada; não sou nada.

DB: Penso que algumas pessoas, como os marxistas, encarariam isso de uma maneira um pouco diferente. Marx disse que é preciso transformar as condições da sociedade humana e que isso eliminará o passado.

K: Mas isso não ocorreu. Não pode ser feito.

DB: É porque quando o homem tenta transformar as coisas, ele ainda está atuando a partir do passado.

K: Sim, é isso que estou dizendo.

DB: Se disséssemos: não dependa em nada do passado, então, como você perguntou, o que iríamos fazer?

K: Nesse caso, eu não sou nada; seria essa a razão pela qual não podemos

possivelmente abandonar o passado? Pois minha existência, minha maneira de pensar, minha vida, *tudo,* vem do passado. E se dissermos: vamos eliminar tudo isso, o que restará?

DB: Penso que poderíamos dizer: é óbvio que temos de manter certas coisas do passado, como conhecimento útil.

K: Sim, já abordamos tudo isso.

DB: Mas suponha que mantivéssemos essa parte útil do passado, e eliminássemos todos os aspectos dele que são contraditórios?

K: Que são todos psicologicamente contraditórios. O que restará então? Apenas ir para o escritório? Não haverá nada. É esse o motivo pelo qual não podemos abandonar o passado?

DB: Ainda há uma contradição nisso, porque se você pergunta: "O que restará?", ainda está perguntando a partir do passado.

K: Naturalmente.

DB: Você está simplesmente dizendo que quando as pessoas falam em abandonar o passado, elas não estão realmente fazendo-o, e sim apenas transformando isso numa outra questão, que evita o assunto?

K: Todo o meu ser está no passado; ele mudou ou foi modificado, mas suas raízes estão no passado.

DB: Entretanto, se você dissesse: "Está bem, abandonem tudo isso e no futuro vocês terão uma coisa bem diferente, e melhor", as pessoas se sentiriam atraídas por isso?

K: "Melhor", no entanto, é ainda algo relacionado com o passado.

DB: Mas as pessoas querem se sentir seguras pelo menos com relação a alguma coisa.

K: É exatamente isso. Não há nada. O ser humano comum quer alguma coisa à qual ele possa se apegar.

DB: Ele poderá sentir que não está se agarrando ao passado, e sim tentan-

do alcançar alguma coisa.

K: Se eu alcançar alguma coisa, isso ainda será passado.

DB: Sim, tem suas raízes no passado, mas isso nem sempre é óbvio, pois as pessoas dizem que é uma nova e importante situação revolucionária.

K: Enquanto tivermos raízes no passado, não poderá haver ordem.

DB: Porque o passado está permeado pela desordem.

K: Sim. E minha mente, o meu cérebro, está disposto a ver que não há absolutamente nada se eu abandonar o passado?

DB: E nada para ser alcançado.

K: Nada. Não há movimento. Algumas vezes as pessoas balançam uma cenoura na minha frente e eu, tolamente, a sigo. Mas eu percebo que não existem realmente cenouras, nem recompensas e nem castigos. Como posso, então, dissolver esse passado? Se não o fizer, continuarei vivendo na esfera do tempo que é criada pelo homem. O que farei então? Estarei disposto a enfrentar o vazio absoluto?

DB: O que você diria a alguém que não estivesse disposto a enfrentar isso?

K: Eu não me importo. Se alguém disser que não pode fazer isso, responderei: "Muito bem, vá em frente."

Mas estou disposto a abandonar completamente o meu passado. O que significa que não há esforço ou recompensa; nada, o cérebro está disposto a enfrentar esse estado extraordinário e completamente novo de existir no nada. Isso é incrivelmente aterrorizante.

DB: Mesmo o significado dessas palavras estará arraigado no passado.

K: Naturalmente. Compreendemos isso; a palavra não é a coisa. A mente diz que está disposta a fazer isso, a enfrentar esse vazio absoluto, porque viu por si mesma que todos os lugares onde se refugiava eram ilusões...

DB: Penso que isso deixa de fora algo que você já levantou antes — a questão do dano que as cicatrizes provocam no cérebro.

K: É exatamente isso.

DB: O cérebro que não está danificado poderia possivelmente abandonar o passado com relativa rapidez.

K: Será que podemos descobrir o que danificou o cérebro? Certamente um dos fatores são as emoções fortes e perseverantes como o ódio.

DB: Provavelmente um lampejo de emoção não causa muito dano, mas as pessoas o alimentam.

K: Naturalmente. O ódio, a raiva e a violência não apenas abalam como também ferem o cérebro. Certo?

DB: O excesso de excitação também faz a mesma coisa.

K: Sem dúvida; e também as drogas, etc. A reação natural não danifica o cérebro. Agora o cérebro está danificado; e se supusermos que ele foi lesado pela raiva?

DB: Poderíamos até mesmo dizer que os nervos provavelmente fazem conexões erradas entre si, e que essas conexões são excessivamente fixas. Penso que há evidências de que essas coisas alterarão efetivamente a estrutura.

K: Sim, e será que podemos ter uma visão intuitiva da natureza completa da perturbação, de modo que essa visão intuitiva altere as células do cérebro que foram lesadas?

DB: Bem, possivelmente isso as faria começarem a curar-se.

K: Certo. Essa cura deve ser imediata.

DB: Poderá demorar no sentido de que, se foram feitas conexões erradas, será necessário tempo para redistribuir os elementos. O início do processo me parece imediato.

K: Está bem. Conseguirei fazer isso? Escutei "X", li e pensei cuidadosamente a respeito disso tudo, e percebi que a raiva, a violência, o ódio - qualquer emoção exagerada - fere o cérebro. E a visão intuitiva de tudo isso provoca uma mutação nas células. É assim. Os ajustamentos dos ner-

vos também serão extremamente rápidos.

DB: Acontece alguma coisa com as células cancerosas. Às vezes, o câncer pára repentinamente de crescer, e cede, por alguma razão desconhecida. Mas deve ter ocorrido uma mudança nessas células.

K: Será porque as células do cérebro se alteram fundamentalmente, e o processo do câncer foi interrompido?

DB: Sim. Fundamentalmente ele pára, e começa a se desmantelar.

K: Desmantelar, sim, é isso.

N: Você está dizendo que a visão intuitiva põe em ação o tipo correto de conexões e interrompe as conexões erradas?

DB: E até mesmo desmantela as conexões erradas.

N: É criado então um novo começo, e é criado *agora.*

DB: Num só momento.

K: É isso a visão intuitiva.

N: Mas não há tempo envolvido nisso, porque o movimento correto começa agora.

Há outra coisa que eu quero questionar sobre o passado: para a maior parte das pessoas, o passado significa prazer.

K: Não apenas prazer, mas a recordação de tudo.

N: Só começamos a não gostar do prazer quando ele se deteriora, ou leva a dificuldades. Queremos ter prazer o tempo todo.

K: Naturalmente.

N: Algumas vezes é difícil distinguir entre o prazer e a deterioração ou as dificuldades que ela traz.

K: Prazer é sempre o passado; não há prazer no momento em que a coisa está acontecendo. Ele surge mais tarde, quando é lembrado. A recordação

então é o passado. Mas estou disposto a enfrentar o nada, o que significa eliminar tudo isso!

N: Mas o que eu quero dizer é que o ser humano, mesmo que compreenda o que você está dizendo, fica enclausurado nessa esfera.

K: Isso ocorre porque ele não está disposto a enfrentar esse vazio. O prazer não é compaixão. O prazer não é amor, o prazer não tem lugar na compaixão. Porém, se ocorrer essa mutação, talvez a compaixão torne-se mais forte que o prazer.

DB: Talvez até mesmo a percepção da ordem possa ficar mais forte do que o prazer. Se as pessoas estiverem realmente interessadas em alguma coisa, o prazer não representará nenhum papel nesse momento.

N: Mas o que acontece a um homem que é dominado pelo prazer?

K: Já discutimos isso. Enquanto ele não estiver disposto a enfrentar esse extraordinário vazio, ele permanecerá com o antigo padrão.

DB: Veja bem, temos de dizer que esse homem também tinha um cérebro danificado. É lesão no cérebro o que provoca essa ênfase no prazer, e também no medo e na raiva.

K: Mas o cérebro lesado cura-se quando há a visão intuitiva.

DB: Sim. Mas penso que muitas pessoas que entenderiam que o ódio e a raiva são produtos do cérebro lesado achariam muito difícil reconhecer que também o prazer é produto do cérebro lesado.

K: Oh, sim, mas é claro que é.

DB: Podemos dizer que há uma verdadeira satisfação, que não seja produto do cérebro lesado, e que é normalmente confundida com prazer.. .?

N: Se o prazer dá origem à raiva, a raiva é parte do cérebro lesado.

K: E também a procura do prazer.
Temos então uma visão intuitiva de quão destrutivo o passado é para

o cérebro? Pode o próprio cérebro percebê-lo, ter essa visão intuitiva, e se afastar disso?

N: Você está dizendo que o início da ordem provém da visão intuitiva?

K: Obviamente. Vamos trabalhar a partir daí.

N: Posso colocar a coisa de maneira diferente? É possível reunir uma certa quantidade de ordem numa forma de padrão, artificialmente, de modo que ela faça surgir uma certa quantidade de visão intuitiva?

K: Ah! Não podemos encontrar a verdade através da falsidade.

N: Pergunto isso deliberadamente porque muitas pessoas parecem não possuir a energia necessária para a visão intuitiva.

K: Temos extrema avidez por ganhar a vida, ganhar dinheiro, fazer qualquer coisa em que estejamos realmente interessados. Se tivermos um interesse vital nessa transformação, etc., teremos a energia necessária.

Podemos continuar? Eu, como ser humano, percebi que essa visão intuitiva eliminou o passado, e que o cérebro está disposto a viver no nada. Certo? Chegamos nesse ponto várias vezes a partir de diferentes direções. Agora vamos continuar. Não há nada colocado ali pelo pensamento. Não há qualquer movimento do pensamento, exceto um conhecimento factual que tem seu próprio lugar. Falando psicologicamente, porém, não há movimento na mente nem no pensamento. Não existe absolutamente nada.

DB: Você está dizendo que também não há sentimento? Veja: os movimentos do pensamento e do sentimento são conjuntos.

K: Espere um instante. O que você entende por sentimento?

DB: Bem, normalmente as pessoas poderiam dizer que concordam em que não há pensamento, mas que elas têm vários sentimentos.

K: É claro que temos sentimentos.

DB: São as sensações. E há também os sentimentos internos.

K: Sentimentos internos de quê?

DB: É difícil descrevê-los. Os que podem ser facilmente descritos são evidentemente do tipo errado, como a raiva e o medo.

K: A compaixão é um sentimento?

DB: Provavelmente não.

K: Não, não é um sentimento.

DB: Embora as pessoas possam dizer que *sentem* compaixão! Até apropria palavra sugere que é uma forma de sentimento. Compaixão contém a palavra "paixão", que é um sentimento. Essa é uma questão difícil. Poderíamos talvez discutir o que normalmente reconhecemos como sentimentos?

K: Vamos nos aprofundar um pouco nisso. O que entendemos por sentimentos? Sensações?

DB: Bem, não é isso o que as pessoas normalmente querem dizer. Veja bem, as sensações estão ligadas ao corpo.

K: Então você está se referindo a sentimentos que não estão ligados ao corpo?

DB: Sim, os que — nos tempos antigos — seriam descritos como próprios da alma.

K: Da alma, naturalmente. Essa é uma saída fácil, mas não quer dizer nada.

DB: Não.

K: Quais são os sentimentos internos? O prazer?

DB: Bem, na medida em que pudéssemos classificá-los, essa descrição não seria válida.

K: O que é válido então? O estado não-verbal?

DB: Talvez seja um estado não-verbal. . . alguma coisa análoga a um sen-

timento que não é fixo, que não pode ser definido.

N: Você está dizendo que não é sentimento, que é semelhante ao sentimento, mas que não é fixo?

DB: Sim. Estou apenas supondo que isso poderia existir se dissermos que não há pensamento. Estou tentando esclarecer isso.

K: Sim, não há pensamento.

DB: O que isso realmente quer dizer?

K: Isso realmente quer dizer que o pensamento é movimento, que o pensamento é tempo. Certo? Nesse vazio não existe o tempo ou o pensamento.

DB: Sim, e talvez nenhum sentido de existência de nenhuma entidade dentro dele.

K: Nenhuma, naturalmente. A existência de entidades é a coleção das memórias, o passado.

DB: Mas essa existência não é apenas o pensamento que pensa a respeito dela, mas também o sentimento de que ela está ali; captamos uma espécie de sentimento dentro dela.

K: Um sentimento, sim. Não há ser. Não há nada. Se houver um sentimento de existir que continua ...

DB: Sim, mesmo que não pareça possível verbalizar isso ... Seria um estado sem desejo. Como podemos saber se esse estado é real, se é genuíno?

K: É isso que estou perguntando. Como podemos saber, ou perceber, que isso é assim? Em outras palavras, você quer uma prova disso?

N: Não uma prova, mas a comunicação desse estado.

K: Espere um pouco. Suponha que alguém possui essa compaixão peculiar; Como pode ele comunicá-la a mim, se vivo no prazer e tudo o mais? Ele não pode!

N: Não, mas estou preparado para escutá-lo.

K: Preparado para escutá-lo, mas quão profundamente? O homem diz que não há ser. E toda a sua vida tem sido esse vir a ser. E, nesse estado, ele afirma que não há ser, em absoluto. Em outras palavras, não há um "mim". Certo? Agora você diz: "Mostre isso a mim." Só se pode mostrá-lo através de certas qualidades que possui, de determinadas ações. Quais são as ações de uma mente que está totalmente vazia de ser? Ações em que nível? Ações no mundo físico?

N: Parcialmente.

K: Em sua maior parte. Muito bem, esse homem captou esse sentido de vazio, de ausência de ser. Ele não está agindo a partir de interesses egoístas. Suas ações estão no mundo da vida do dia-a-dia, e você pode julgar se ele é um hipócrita, se ele diz algo e se contradiz no momento seguinte, ou se ele está efetivamente vivendo essa compaixão, e não apenas dizendo: "Eu me sinto compassivo."

DB: Mas se não se estiver fazendo a mesma coisa, não se terá como saber.

K: Exatamente. É isso que estou dizendo.

N: Não podemos julgá-lo.

K: Não podemos. Então, como ele pode nos transmitir em palavras essa peculiar qualidade da mente? Ele pode descrevê-la, dar voltas em torno dela, mas não pode passar sua essência. O dr. Bohm, por exemplo, poderia discutir com Einstein; eles estão no mesmo nível. E eu e ele podemos discutir. Se alguém possui esse sentido de não-ser, de vazio, o outro pode se aproximar bastante, mas nunca poderá penetrar em sua mente, a não ser que ele também possua esse sentido!

N: Existe algum meio de comunicar isso, para alguém que esteja aberto, e que não seja através de palavras?

K: Estamos falando de compaixão. Não é o "eu me sinto compassivo". Isso está completamente errado. Veja bem, na vida diária essa mente age sem o "mim", sem o "ego". Conseqüentemente, poderá cometer um erro, mas o corrigirá imediatamente; ela não transporta esse erro.

N: Ela não está presa.

K: Não está presa. Mas temos que tomar muito cuidado aqui para não acharmos uma desculpa para o erro!

Chegamos então ao ponto que discutimos antes; o que é, pois, a meditação? Correto? Para o homem que está se transformando, a meditação não tem qualquer significado. Essa é uma tremenda declaração. Quando não há esse ser ou esse vir a ser, o que é meditação? Ela deve ser totalmente inconsciente, totalmente espontânea.

DB: Você quer dizer, sem intenção consciente?

K: Sim, penso que isso está correto. Você diria — espero que isso não soe de forma tola — que o universo, a ordem cósmica, está em meditação?

DB: Bem, se está vivo, então temos de encará-lo desse modo.

K: Não, não. Está num estado de meditação.

DB: Sim.

K: Penso que isso está correto. Vou me ater a isso.

DB: Deveríamos nos aprofundar mais no que é meditação. O que o universo está fazendo?

N: Se dissermos que o universo está em meditação, a expressão dessa meditação é a ordem? Que ordem poderemos discernir, que comprove essa meditação cósmica ou universal?

K: O nascer e o pôr-do-sol; todas as estrelas, os planetas, são ordem. A coisa toda está em perfeita ordem.

DB: Temos de relacionar isso com meditação. De acordo com o dicionário, o significado de meditação é refletir, revolver alguma coisa na mente, e prestar bastante atenção.

K: E também medir.

DB: Esse é um significado adicional, mas significa pesar, ponderar; significa "medir" no sentido de pesar.

K: Pesar, é isso. Ponderar, refletir a respeito, e assim por diante.

DB: Pesar a significação de alguma coisa. É isso que você quer dizer?

K: Não.

DB: Então por que você usa essa palavra?

N: Disseram-me que, em inglês, contemplação tem uma conotação diferente de meditação. Contemplação subentende um estado mental mais profundo.

DB: É difícil de saber. A palavra "contemplar", na verdade, vem da palavra templo.

K: Sim, exatamente.

DB: Seu significado básico é: criar um espaço aberto.

K: Um espaço aberto entre Deus e eu?

DB: É assim que a palavra surgiu.

K: Concordo.

N: A palavra sânscrita *Dhyans* não possui a mesma conotação que meditação.

K: Não.

N: Porque a meditação tem implicações de medição, e provavelmente, de maneira indireta, essa medição é ordem.

K: Não. Eu não quero introduzir a ordem — vamos deixar a palavra ordem de fora. Já passamos por isso, já batemos nessa tecla até eliminá-la!

DB: Por que você usa a palavra meditação?

K: Não vamos usá-la.

DB: Vamos descobrir o que você realmente está querendo dizer aqui.

K: Você diria, um estado de infinidade? Um estado que não pode ser medido, imensurável?

DB: Sim.

K: Não há qualquer tipo de divisão. Veja bem, estamos fornecendo uma porção de descrições, mas ele não é isso.

DB: Sim, mas há qualquer sentido de a mente estar, de alguma forma, consciente de si própria?

É isso que você está tentando dizer? Em outras ocasiões, você disse que a mente está se esvaziando de conteúdo.

K: Aonde é que você quer chegar?

DB: Estou perguntando se ela não é apenas infinita, mas se algo mais está envolvido.

K: Oh, muito mais.

DB: Dissemos que o conteúdo é o passado que está criando desordem. Então poderíamos dizer que esse esvaziamento de conteúdo está, num certo sentido, constantemente limpando o passado. Você concordaria com isso?

K: Não, não.

DB: Quando você diz que a mente está se esvaziando de conteúdo.. .

K: *Se esvaziou.*

DB: Está bem. Quando o passado estiver limpo, você dirá então que isso é meditação.

K: Que isso é meditação; não, contemplação . . .

N: Apenas um começo.

K: Começo?

N: O esvaziamento do passado.

K: Esse esvaziamento do passado, que é raiva, ciúme, crenças, dogmas, apegos, etc. tem de ser efetuado. Se não houver esse esvaziamento, se qualquer parte disso ainda existir, levará inevitavelmente à ilusão. O cérebro ou a mente deverá estar totalmente livre de todas as ilusões, que surgem através do desejo, da esperança, da necessidade de segurança, e de tudo isso.

DB: Você está dizendo que depois que isso é feito, abre-se uma porta para uma coisa mais ampla, mais profunda?

K: Sim. De outro modo a vida não teria significado; estaria apenas repetindo esse padrão.

N: O que exatamente você quis dizer quando afirmou que o universo está em meditação?

K: É assim que eu me sinto.

DB: Poderíamos dizer, em primeiro lugar, que o universo não é realmente governado pelo seu passado? Veja, o universo cria determinadas formas que são relativamente constantes, de modo que as pessoas que o observam superficialmente vêem apenas isso, e parece então que ele é determinado a partir do passado.

K: Sim, ele não é governado pelo passado. Ele é criativo, está em movimento.

DB: E então esse movimento é ordem.

K: Você, como um cientista, aceitaria tal coisa?

DB: Bem, na verdade, eu aceitaria!

K: Estamos ambos loucos? Vamos colocar a pergunta de outra maneira: é realmente possível que o tempo seja eliminado — toda a idéia do tempo como passado — cronologicamente, de modo que não haja em absoluto um amanhã? Há o sentimento, a realidade efetiva, psicologicamente, de não haver o amanhã. Penso que essa é a maneira mais saudável de se viver — o

que não significa que eu me tornei irresponsável! Isso seria excessivamente infantil.

DB: É apenas uma questão de tempo físico, que é uma certa parte da ordem natural.

K: Naturalmente; isso já está entendido.

DB: O problema é se possuímos um sentido para a experiência do passado e do futuro, ou se estamos livres desse sentido.

K: Pergunto a você, como cientista: o universo baseia-se no tempo?

DB: **EU** diria que não, mas veja, geralmente...

K: Isso é tudo que eu quero. Você diz não! E pode o cérebro, que evoluiu no tempo ...?

DB: Bem, ele evoluiu no tempo? Na verdade, ele se emaranhou no tempo. Pois o cérebro é parte do universo, que, como dissemos, não se baseia no tempo.

K: Concordo.

DB: O pensamento emaranhou o cérebro no tempo.

K: Tudo bem. Poderia esse emaranhamento ser desenredado, libertado, de modo que o universo seja a mente? Entende? Se o universo não pertence ao tempo, poderá a mente, que emaranhou-se no tempo, libertar-se dessa trama e, dessa forma, ser o universo? Você entende o que estou querendo dizer?

DB: Sim.

K: Isso é ordem.

DB: Isso é ordem. E você diria que é meditação?

K: É isso. Eu chamaria isso de meditação, não no sentido comum de ponderação, que está no dicionário, mas um estado de meditação em que não há nenhum elemento do passado.

DB: Você diria que a mente está se desenredando do tempo, e também está, efetivamente, desenredando o cérebro do tempo?

K: Sim, você aceitaria isso?

DB: Sim.

K: Como uma teoria?

DB: Sim, como uma proposta.

K: Não, eu não a quero como proposta.

DB: O que você entende por teoria?

K: Teoria — quando alguém se aproxima e diz: isso é a verdadeira meditação.

DB: Certo.

K: Espere. Alguém diz que pode viver dessa maneira; que a vida tem um extraordinário significado, que é cheia de compaixão, etc., e que toda ação no mundo físico pode ser imediatamente corrigida, e assim por diante. Você, como cientista, aceitaria tal estado, ou diria que o homem que fala desse modo está maluco?

DB: Não, eu não diria isso. Sinto que é perfeitamente possível; é inteiramente compatível com tudo que conheço a respeito da natureza.

K: Oh, então está tudo bem. Portanto, a pessoa não é um desequilibrado! Naturalmente, o essencial não é colocar tudo isso em palavras, certo? Isso está entendido. Mas pode ser comunicado a outra pessoa? Como alguns de nós podem chegar a isso, de modo que possamos, efetivamente, comunicá-lo?

7 de junho de 1980, Brockwood Park, Hampshire

ONZE

A ELIMINAÇÃO DO CONHECIMENTO "PSICOLÓGICO"

KRISHNAMURTI: O que faz com que a mente sempre siga um determi nado padrão? Que ela esteja sempre buscando? Se ela abandona um padrão, ela apanha outro; ela funciona o tempo todo assim. Pode-se fornecer explicações de por que ela age dessa forma — para se proteger, por segurança, devido à indiferença, a uma certa insensibilidade, por menosprezar o próprio florescimento da pessoa, etc.

Mas é realmente muito importante explorar esta questão em profundidade: por que nossas mentes estão sempre operando numa certa direção?

Dissemos que, depois de muito esforço, investigação e visão intuitiva, chega-se a uma parede nua. E que essa parede nua só pode desaparecer, ou ruir, se houver amor e inteligência. Antes de nos aprofundarmos nisso, eu gostaria de perguntar por que os seres humanos, por mais inteligentes, instruídos, filosóficos e religiosos que sejam, sempre caem nessa rotina de busca de padrão.

DAVID BOHM: Bem, penso que a rotina é inerente à natureza do conhecimento acumulado.

K: Você está dizendo então que o conhecimento deve criar invariavelmente uma rotina?

DB: Talvez não seja inevitável, mas parece que as coisas desenvolvem-se dessa maneira na humanidade, se estamos nos referindo ao conhecimento psicológico, isto é ...

K: É evidente que estamos falando disso. Mas por que a mente não adquire consciência dessa situação — por que não enxerga o perigo dessa

repetição mecânica e o fato de que não há nada de novo nisso? Percebe como continuamos a fazê-lo?

DB: Parece-me que a rotina, ou o conhecimento acumulado, aparente ter uma importância bem maior do que realmente possui. Se dissermos que temos conhecimento de algum objeto, como o microfone, isso terá uma importância limitada. Mas o conhecimento a respeito da nação a que pertencemos parece possuir uma importância imensa.

K: Sim. Seria então essa atribuição de importância a causa do estreitamento da mente?

DB: Como esse conhecimento parece ter um valor tremendo, que transcende todos os outros valores, ele faz com que a mente fique presa a isso. Parece a coisa mais importante do mundo.

K: Há, na índia, essa filosofia de que o conhecimento deve se extinguir — você a conhece, é claro, o Vedanta. Aparentemente, porém, muito poucas pessoas eliminam o conhecimento e falam a partir da liberdade.

DB: Veja, em geral, o conhecimento parece ser extremamente importante, mesmo que alguém diga verbalmente que ele deveria terminar...

K: Você quer dizer que somos tão estúpidos que não percebemos o fato de esse conhecimento psicológico ter muito pouca importância e, mesmo assim, nossas mentes agarrarem-se a ele?

DB: Eu não diria que somos tão estúpidos, e sim que esse conhecimento estupefaz o cérebro.

K: Estupefato. Isso mesmo. Mas parece que o cérebro não consegue se desembaraçar.

DB: Ele já está tão entorpecido que não consegue ver o que está fazendo.

K: O que ele fará então? Tenho observado durante muitos anos pessoas tentando se libertar de certas coisas. Essa é a raiz do problema, entende? Essa acumulação psicológica que se transforma em conhecimento psicológico. O cérebro então se divide, e todos os tipos de coisas acontecem à sua volta e dentro dele. Ainda assim, a mente se recusa a deixá-las fluir...

DB: Sim.

K: Por quê? Será por que existe segurança e estabilidade nisso?

DB: É em parte por causa disso, mas eu penso que, de alguma forma, esse conhecimento assumiu a importância do absoluto, em vez de ser relativo.

K: Eu compreendo tudo isso, mas você não está respondendo à minha pergunta. Sou um homem comum, percebo tudo isso, e a importância limitada do conhecimento em diferentes níveis; no entanto, mais profundamente dentro da pessoa esse conhecimento acumulado é muito destrutivo.

DB: O conhecimento ilude a mente, de modo que a pessoa não tem, normalmente, consciência de que ele é destrutivo. Uma vez iniciado esse processo, a mente não está mais num estado em que é capaz de observá-lo, pois está evitando a questão. Há um tremendo mecanismo de defesa ou de fuga relativo à observação de todo o processo.

K: Porquê?

DB: Porque parece que alguma coisa extremamente preciosa poderá estar em perigo.

K: Somos estranhamente inteligentes, capazes e habilidosos em outras direções, mas aqui, onde está a raiz de todo esse problema, por que não compreendemos o que está acontecendo? O que impede a mente de fazê-lo?

DB: Uma vez que se atribuiu importância ao conhecimento, há um processo mecânico que resiste à inteligência.

K: O que faremos então? Percebo que tenho de abandonar o conhecimento psicológico acumulado — que divide, é destrutivo e mesquinho — mas não consigo. É devido à falta de energia?

DB: Não basicamente, embora a energia esteja sendo dissipada pelo processo.

K: Depois de dissipar grande quantidade de energia, não terei energia suficiente para lidar com isso?

DB: A energia voltaria rapidamente se pudéssemos entender o que está ocorrendo. Não creio que esse seja o ponto principal.

K: Não. O que farei, então, ao perceber que esse conhecimento está formando, inevitavelmente, uma rotina na qual estou vivendo? Como vou demoli-lo?

DB: Bem, não tenho certeza de que, em geral, esteja claro às pessoas que esse conhecimento faz tudo isso; ou que o conhecimento *é* conhecimento. Veja, pode parecer que ele é algum "ser", o *"self",* e o "mim". Esse conhecimento cria o "mim", e o "mim" é a experiência como uma entidade, que não parece ser o conhecimento, mas algum ser real.

K: Você está dizendo que esse "ser" é diferente do conhecimento?

DB: Parece que sim; ele simula uma diferença.

K: Mas ele é diferente?

DB: Ele não é, mas a ilusão tem um poder muito grande.

K: Tem sido esse o nosso condicionamento.

DB: Sim. O problema agora é: como passaremos por isso de modo a demolirmos a rotina, uma vez que ela cria a imitação, ou uma pretensão, de um estado de ser?

K: Veja, essa é a verdadeira questão. Esse é o movimento central do homem. Parece extremamente sem esperança. E ao compreender essa inutilidade, sento-me e digo que não posso fazer nada. Mas se eu concentrar minha mente no assunto, surgirá a pergunta: pode-se funcionar neste mundo sem o conhecimento psicológico? Estou bastante preocupado com isso; parece ser este o problema fundamental que o homem tem de resolver, em todo o mundo.

DB: Exatamente. Mas podemos discuti-lo com alguém que o considere razoável. Mas talvez seu *status* seja ameaçado, e tenhamos de dizer que isso é conhecimento psicológico. Não parece a ele que isso seja conheci-

mento, e sim algo mais que isso. E ele não percebe que o conhecimento que tem desse *status* está por trás do problema. À primeira vista, o conhecimento *parece* ser algo passivo, que poderíamos usar se assim o desejássemos, e que poderíamos pôr de lado se o quiséssemos, e é exatamente assim que deveria ser.

K: Compreendo tudo isso.

DB: Mas chega então o momento em que o conhecimento não parece mais ser conhecimento.

K: Os políticos e as pessoas que estão no poder não escutariam isso. Nem tampouco os supostos indivíduos religiosos. Apenas as pessoas que estão descontentes, que sentem que perderam tudo, escutarão. Mas nem sempre elas escutam, de modo que isso é realmente um ponto crucial.

O que faremos a respeito disso? Digamos, por exemplo, que eu tenha abandonado o catolicismo, o protestantismo, e tudo isso. Além disso, eu tenho uma profissão e sei que é necessário que eu tenha conhecimento nessa área. Percebo, porém, como é importante que eu não seja capturado no processo do conhecimento psicológico, e contudo não consigo abandoná-lo. Ele está sempre se esquivando; estou brincando de pregar peças com ele. É como um jogo de esconde-esconde. Está bem! Dissemos que essa é a parede que tenho de derrubar. Não, eu não — essa é a parede que tem que ser derrubada. E dissemos que ela pode ser derrubada por meio do amor e da inteligência. Não estamos pedindo uma coisa extremamente difícil?

DB: É difícil.

K: Eu estou deste lado da parede, e você está me pedindo para ter esse amor e essa inteligência que a destruirão. Mas eu não sei o que é esse amor, o que é essa inteligência, porque estou preso aqui, neste outro lado da parede. Eu percebo logicamente, de forma sensata, que o que você diz é preciso, verdadeiro, lógico, e vejo sua importância, mas a parede é tão resistente, tão dominante e poderosa que não consigo atravessá-la. Dissemos outro dia que a parede poderia ser derrubada por meio da visão intuitiva — se a visão intuitiva não for transformada numa idéia.

DB: Sim.

K: Quando a visão intuitiva é discutida, há o perigo de fazermos uma

abstração dela; isso significa que nos afastamos do fato, e que a abstração se torna extremamente importante. O que quer dizer, mais uma vez, conhecimento.

DB: Sim, a atividade do conhecimento.

K: Assim, estamos novamente de volta!

DB: Penso que a dificuldade geral é que o conhecimento não está simplesmente sentado ali, como uma forma de informação, mas é extremamente ativo, reunindo e modelando todos os momentos em função do conhecimento passado. Desse modo, mesmo quando levantamos essa questão, o conhecimento fica o tempo todo à espera, e depois age. Toda a nossa tradição supõe que o conhecimento não é ativo e sim passivo. Mas na verdade ele é ativo, embora as pessoas geralmente não pensem dessa maneira. Elas acham que ele está apenas sentado ali.

K: Ele está esperando.

DB: Esperando para agir. E não importa o que tentemos fazer a respeito, o conhecimento já estará agindo. No momento em que percebermos que esse é o problema, ele já terá agido.

K: Sim. Mas será que eu o percebo como um problema, ou como uma idéia que devo executar? Percebe a diferença?

DB: O conhecimento, automaticamente, transforma tudo numa idéia, que devemos executar. Essa é a maneira global como ele é construído.

K: A maneira global como temos vivido.

DB: O conhecimento não pode fazer nada além disso.

K: Como podemos romper isso, mesmo que seja por um segundo?

DB: Parece-me que se pudéssemos ver, observar, estar conscientes — se o conhecimento pudesse estar consciente de si mesmo enquanto trabalha... A questão é que o conhecimento parece trabalhar de modo inconsciente, simplesmente esperando, e depois agindo, quando então ele já rompeu a ordem do cérebro.

K: Estou muito preocupado com isso, porque onde quer que eu vá é isso o que está acontecendo. É algo que tem de ser resolvido. Você diria que a capacidade de escutar é muito mais importante que tudo isso, que quaisquer explicações, ou lógica?

DB: Isso se reduz ao mesmo problema.

K: Não, não. Não se reduz. Eu quero ver se existe a possibilidade de, ao escutar completamente o que você está dizendo, a parede ser derrubada. Você entende? Será que existe essa possibilidade? — Estou tentando descobrir, senhor — Sou um homem comum e você está me dizendo tudo isso, e eu percebo que isso é verdadeiro. Estou de fato profundamente envolvido com o que você está dizendo, mas por alguma razão a chama não acende; todo o combustível está ali, porém não há fogo. O que farei então? Esse é o meu eterno apelo!

DB: O cérebro tem a capacidade de escutar; temos de perguntar se o homem comum está tão cheio de opiniões que não consegue escutar.

K: Não podemos ouvir com opiniões; é como se estivéssemos mortos.

DB: Penso que o conhecimento possui todos os tipos de defesas. É possível que, digamos, o homem comum, tenha essa percepção? É isso realmente o que você está perguntando, não é?

K: Sim. Mas deve haver uma comunicação entre você e esse homem, algo tão forte que o próprio ato de ele o escutar, e de você comunicar-se com ele, produz efeito.

DB: Sim, e então você tem de abrir caminho através das suas opiniões, através de toda a estrutura.

K: Naturalmente. É por isso que esse homem veio até aqui — para isso. liquidou com todas as igrejas e doutrinas. Compreende que o que foi dito aqui é verdadeiro. Quando você se comunica com ele, sua comunicação é forte e autêntica, porque você não está falando com base em conhecimento ou opiniões. Um ser humano livre está tentando se comunicar com esse homem comum. Ele consegue, contudo, ouvir com a intensidade com que você, o comunicador, está transmitindo a ele? Ele quer escutar alguém que esteja falando a verdade, e quando isso é feito, alguma coisa ocorre no seu interior. Isso acontece porque está escutando ardentemente.

Isso é semelhante ao que ocorre quando você, como um cientista, diz alguma coisa a um dos seus alunos. Você está falando a respeito de algo que deve ser tremendamente importante, porque você lhe deu vida. E o estudante desistiu de muita coisa apenas para vir até você. É culpa do comunicador o fato de o ouvinte não recebê-lo instantaneamente? Ou o ouvinte é incapaz de escutá-lo?

DB: Bem, se ele for incapaz de escutar, nada poderá ser feito. Digamos porém, que alguém que tenha eliminado algumas dessas defesas se aproxime, embora existam outras das quais ele não tem consciência — isso é um pouco menos simples do que o que você descreveu.

K: Sinto que isso é de algum modo terrivelmente simples. Se pudéssemos escutar com todo o nosso ser, o cérebro não seria capturado pela rotina. Geralmente, na comunicação, alguém está dizendo algo e alguém o está absorvendo, mas há um intervalo entre o que está sendo dito e o que está sendo absorvido.

DB: Sim.

K: E o perigo está nesse intervalo. Se eu não absorver completamente, não escutar com todo o meu ser, estará acabado. Escutar é difícil por não haver nisso nenhuma sombra de prazer? Você não está oferecendo qualquer prazer, qualquer gratificação. Você está dizendo que é assim; tome-o. Mas minha mente está tão envolvida com o prazer que ela não ouvirá nada que não seja completamente satisfatório ou agradável.

Também percebo o perigo de se buscar a satisfação e o prazer, de modo que também ponho isso de lado. Não há prazer, nem recompensa, nem castigo. No escutar, há somente a pura observação.

Chegamos então ao seguinte ponto: a observação pura, que na realidade é escutar, é o amor? Penso que sim.

Mas, se você afirmar isso, minha mente então dirá: "Dê-me isso; diga-me o que fazer." Mas quando lhe peço que me diga o que fazer, estou de volta ao campo do conhecimento. É tão instantâneo. Eu me recuso então a lhe perguntar o que fazer. Então, onde estou? Você se referiu à percepção sem qualquer motivo ou direção. A percepção pura é o amor. E nessa percepção o amor é a inteligência. Não são três coisas separadas, são uma coisa só. Você mostrou isso muito cuidadosamente, passo a passo, e cheguei àquele ponto em que tenho um sentimento com relação a isso. Mas ele se vai tão rapidamente. O problema então começa: "Como vou fazê-lo voltar?" Mais uma vez, a lembrança dele, que é o conhecimento, o impede.

DB: O que você está dizendo é que cada vez que ocorre uma comunicação, o conhecimento começa a trabalhar de várias formas diferentes.

K: Percebe, então, que é extremamente difícil livrar-se do conhecimento.

DB: Poderíamos perguntar por que o conhecimento não espera até que seja requisitado.

K: Isso significa estarmos psicologicamente livres do conhecimento, mas quando surgir a necessidade, atuarmos baseados na liberdade e não no conhecimento.

DB: Mas o conhecimento surge para inspirar sua ação, embora não seja sua causa.

K: Isso significa liberdade com relação ao conhecimento. E quando estamos livres, é com base na liberdade e não no conhecimento que nos comunicamos. Isto é, há comunicação a partir do vazio. Quando usamos palavras, elas são o produto do conhecimento, mas se originam desse estado de completa liberdade. Suponhamos agora que eu, como um ser humano comum, tenha atingido o ponto onde há essa liberdade, e que a comunicação ocorre a partir dele — você, como um eminente cientista, conseguirá se comunicar comigo sem qualquer barreira? Entende o que estou dizendo?

DB: Sim. Há essa liberdade com relação ao conhecimento quando o conhecimento é encarado como informação. Mas normalmente ele parece ser mais do que informação, e o próprio conhecimento não percebe que ele não está livre.

K: Ele nunca está livre. E para que eu compreenda a mim mesmo, tenho de estar livre para olhar.

Como você se comunicará comigo, que cheguei num ponto em que estou ardendo por receber o que você está dizendo, e desejo isso tão completamente que o conhecimento psicológico é eliminado? Ou será que estou me enganando por pensar que estou nesse estado?

DB: Bem, esse é o problema: o conhecimento está constantemente se iludindo.

K: Minha mente está então sempre se iludindo? Então o que farei? Voltemos a isso.

DB: Mais uma vez acho que a resposta é escutar.

K: Por que não escutamos? Por que não compreendemos isso *imediatamente?* Podemos fornecer todas as razões superficiais — velhice, condicionamento, preguiça, e assim por diante.

DB: Mas seria possível encontrar a razão profunda disso?

K: Penso que está no fato de o conhecimento, que é o "mim", ser tremendamente forte enquanto idéia.

DB: Sim, é por isso que tentei dizer que a idéia tem um tremendo significado e uma enorme importância. Por exemplo, suponha que você tem idéia de Deus; isso se reveste de um tremendo poder.

K: Ou posso ter a idéia de que sou inglês ou francês; isso me confere uma grande energia.

DB: E isso cria então um estado corpóreo que parece o próprio ser do *self.* A pessoa, porém, não o vivência como mero conhecimento. ..

K: Sim, mas não estamos dando voltas e voltas e voltas? Parece-me que é isso que está acontecendo.

DB: Bem, eu estava me perguntando se há qualquer coisa que poderia ser comunicada com relação a esse poder esmagador que parece acompanhar o conhecimento...

K: . . . e a identificação.

DB: Isso parece ser algo que vale a pena ser aprofundado.

K: O que significa, em sua raiz, "identificação"?

DB: Sempre o mesmo.

K: Sempre o mesmo; exatamente. Exatamente! Não há nada de novo sob o Sol.

DB: Você diz que o *self* é sempre o mesmo. Tenta ser sempre o mesmo

em essência, e até em detalhe.

K: Sim, sim.

DB: Penso que é isso que está errado com o conhecimento. Ele tenta se envolver com o que é sempre o mesmo, e então ele empaca. O próprio conhecimento tenta descobrir aquilo que é permanente e perfeito. Quero dizer, mesmo independentemente de qualquer um de nós. É como construí-lo dentro das células.

K: Disso surge a pergunta: é possível escutar diligentemente? Estou usando a palavra "diligentemente" no sentido de precisão.

DB: Na verdade, isso significa esforçar-se.

K: Naturalmente. Esforçar-se, tirar o máximo da coisa. Tem de haver alguma outra maneira de lidarmos com toda essa questão intelectual. Usamos um bocado dela e essa capacidade intelectual nos conduz à parede nua. Qualquer que seja a direção por onde eu venha, acabo sempre chegando à parede, que é o "mim", com meu conhecimento, meu preconceito, e tudo o mais. O "mim" então diz: "Tenho de fazer algo a respeito disso." E isso ainda é o "mim".

DB: O "mim" quer sempre ser constante, mas ao mesmo tempo tenta mudar.

K: Tenta colocar um casaco diferente. É sempre o mesmo. Portanto, a mente que funciona com o "mim" é sempre a mesma mente. Meu Deus, veja, voltamos ao mesmo ponto!

Nós tentamos tudo — o jejum, todos os tipos de disciplina — para nos livrarmos do "mim" com todo seu conhecimento e ilusões. Tentamos nos identificar com outra coisa, que é a mesma coisa. Voltamos então ao problema fundamental: o que fará com que a parede nua desapareça completamente?

Penso que isso só será possível quando o homem que está bloqueado puder dar total atenção ao que o homem livre estiver dizendo. Não há outra maneira de derrubar a parede — não é através do intelecto, nem das emoções, nem de qualquer outra coisa. Quando alguém que atravessou a parede, que a derrubou, diz: "Ouça, pelo amor de Deus", e eu o ouço com minha mente aberta, então está acabado. Você sabe o que estou dizendo?

Não tenho nenhum sentimento de esperança de que alguma coisa aconteça, ou de que alguma coisa volte, ou de preocupação com o futuro. A mente está vazia, e portanto está escutando. Está acabado.

Para que um cientista descubra algo novo, ele deve ter um certo vazio a partir do qual haverá uma percepção diferente.

DB: Sim, mas apenas no sentido de que normalmente o assunto é limitado, e assim a mente poderá ficar vazia com relação a esse assunto particular, permitindo a descoberta através de uma visão intuitiva nessa área. Mas não estamos questionando essa área particular. Estamos questionando todo o conhecimento.

K: É extraordinário quando nos aprofundamos nisso.

DB: E você estava dizendo que o término do conhecimento é o Vedanta.

K: Esta é a verdadeira resposta.

DB: Geralmente, porém, as pessoas sentem que têm de manter o conhecimento numa área para poder questioná-lo em outra. Você percebe que as pessoas poderiam achar preocupante a pergunta: com que conhecimento questiono todo o conhecimento?

K: Sim. Com que conhecimento questiono meu conhecimento? Exatamente.

DB: De certo modo, realmente temos conhecimento, pois vimos que toda essa estrutura de conhecimento psicológico não tem sentido, que é inconsistente e não tem significado.

K: A partir desse vazio sobre o qual estávamos falando haveria uma base ou uma fonte onde todas as coisas têm sua origem? A matéria, os seres humanos, suas capacidades, suas idiotices — começaria ali todo o movimento?

DB: Poderíamos considerar que é assim. Mas vamos tentar esclarecê-lo um pouco. Temos o vazio.

K: Sim, o vazio no qual não há movimento de pensamento como conhecimento psicológico, e portanto onde não há tempo psicológico.

DB: Embora ainda tenhamos o tempo do relógio. ..

K: Sim, mas já fomos além disso; não vamos voltar atrás. Não há tempo psicológico, nenhum movimento de pensamento. Seria esse vazio o começo de todo movimento?

DB: Bem, você diria que o vazio é a base?

K: É isso que estou perguntando. Vamos examinar isso com mais vagar.

DB: Estávamos dizendo antes que existe o vazio, e que além dele encontra-se a base.

K: Eu sei, eu sei. Vamos discutir isso mais detalhadamente.

18 de setembro de 1980, Brockwood Park, Hampshire

DOZE

A MENTE NO UNIVERSO

KRISHNAMURTI: Falamos outro dia sobre uma mente que está completamente livre de todo movimento, de todas as coisas que o pensamento colocou ali, o passado, o futuro, e assim por diante. Antes de abordarmos isso, porém, gostaria de discutir o fato do homem estar preso a atitudes e valores materialistas, e de perguntar qual é a natureza do materialismo.

DAVID BOHM: Bem, em primeiro lugar, materialismo é o nome de uma certa doutrina filosófica...

K: Não estou me referindo a isso. Quero explorar o assunto.

DB: A matéria é tudo que existe.

K: Ou seja, a natureza e todos os seres humanos reagem fisicamente. Essa reação é sustentada pelo pensamento. E o pensamento é um processo material. Assim sendo, a reação na natureza é uma resposta materialista.

DB: Penso que a palavra "materialista" não está bem correta. Ela é a resposta da matéria.

K: A resposta da matéria; vamos colocá-lo dessa forma. Assim está melhor. Estamos falando que temos uma mente vazia, e que chegamos ao ponto em que a parede foi derrubada. Vamos chegar a esse vazio e ao que está além dele, ou através dele — mas antes de fazê-lo, quero saber: toda reação é matéria?

DB: Matéria é movimento. Poderíamos dizer que há evidência nesse sentido, que a ciência encontrou um número enorme de reações que são atribuídas aos nervos.

K: Você diria então que a matéria e o movimento são as reações que há em toda matéria orgânica?

DB: Sim, toda matéria como nós a conhecemos está sujeita à lei da ação e da reação. Cada ação possui uma reação que lhe corresponde.

K: Dessa forma, ação e reação constituem um processo material, bem como o pensamento. Agora, a questão é irmos além disso.

DB: Mas antes de dizermos isso, algumas pessoas poderão achar que não há significado em irmos além. Essa seria a filosofia do materialismo.

K: Mas é muito, muito superficial viver apenas nessa área. Certo? Não há realmente nenhum significado nisso.

DB: Talvez devêssemos nos referir a uma coisa que as pessoas têm dito — que a matéria não é meramente ação e reação, mas pode ter um movimento criativo. Veja, a matéria pode criar formas novas.

K: Mas isso ainda está nessa área.

DB: Sim. Vamos tentar esclarecer isso. Temos que levar em conta que há formas muito sutis de materialismo que poderão ser difíceis de serem detectadas.

K: Vamos começar. Você consideraria o pensamento como um processo material?

DB: Sim. Bem, algumas pessoas poderão argumentar que é ao mesmo tempo material e que também transcende o material.

K: Sei. Já discuti isso. Mas ele não é.

DB: Como podemos dizer isso de modo simples, para torná-lo claro?

K: Qualquer movimento do pensamento é um processo material.

DB: Bem, temos de ampliar isso para que não se tome arbitrário. Como uma observação, podemos perceber que o pensamento é um processo material. Porém, como vamos constatar isso?

K: Como poderíamos perceber que o pensamento é um processo material? Acho que isso está bastante claro. Acontece uma experiência, um incidente, que é registrado, e que se transforma em conhecimento. Desse conhecimento surge o pensamento e ocorre a ação.

DB: Sim. Dizemos então que isso é o pensamento. Ele ainda está vindo do passado. Você está dizendo então que algo novo que passe a existir não é parte desse processo?

K: Sim, se deve existir algo novo, o pensamento, como um processo material, deve acabar. Evidentemente.

DB: E depois ele poderá usá-lo mais tarde.

K: Mais tarde, sim. Espere, veja o que vai acontecer mais tarde. Dizemos então que toda ação, reação e ação a partir dessa reação é movimento da matéria.

DB: Sim, um movimento muito sutil de matéria.

K: Então uma vez que a nossa mente está dentro dessa área, ela tem de ser um movimento de matéria. É possível então que a mente vá além da reação? Esse é o próximo passo. Como dissemos antes, ficamos irritados, e essa é a primeira reação. A reação a isso então, a segunda reação é: "Não devo ficar irritado." A terceira ação é: "Devo me controlar ou justificar minha atitude." É um processo permanente de ação e reação. Alguém pode ver que isso é um movimento contínuo que não tem fim?

DB: Sim. A reação é contínua, mas parece num dado momento haver terminado, e no momento seguinte parece ser um novo movimento.

K: Mas ainda é reação.

DB: Ainda é a mesma mas se apresenta de forma diferente.

K: Ela é sempre exatamente a mesma...

DB: Mas se apresenta sempre de maneira diferente, sempre nova.

K: Naturalmente. É exatamente isso. Você diz alguma coisa, eu me irrito, mas essa irritação é uma reação.

DB: Sim, apenas *parece* ser algo repentinamente novo.

K: Mas não é.

DB: Mas temos de ter consciência disso, entende? Em geral, a mente tende a não percebê-lo.

K: Somos sensíveis com relação a isso, estamos alertas ao problema. Haverá então um término da reação se estivermos vigilantes e atentos; se compreendermos não apenas de modo lógico, mas através de uma visão intuitiva desse processo de reação, ele poderá, naturalmente, terminar. É por isso que é muito importante compreendermos esse processo, antes de discutirmos o que é uma mente vazia, e se há alguma coisa além disso, ou se nesse próprio esvaziamento da mente há alguma outra qualidade.

Então essa mente vazia é uma reação? Uma reação aos problemas da dor, do prazer e do sofrimento? Uma tentativa de escaparmos disso tudo e alcançarmos um estado onde não há nada?

DB: Sim, a mente sempre poderá fazer isso.

K: Ela pode inventar. Agora chegamos ao ponto de peguntar se essa qualidade de vazio não será uma reação. Certo, senhor? Antes de continuarmos, gostaria de saber se é possível ter-se uma mente que esteja, de fato, *completamente* vazia de todas as coisas que o pensamento reuniu.

DB: De modo que o pensamento deixe de agir.

K: Isso mesmo.

DB: Por um lado, talvez você possa dizer que essa reação é causada pela natureza da matéria, que está continuamente reagindo e se movendo. A matéria, então, seria afetada por esse *insight?*

K: Não estou entendendo muito bem. Ah, compreendo! A visão intuitiva afeta as células do cérebro que contêm a memória?

DB: Sim. A memória está continuamente reagindo e se movendo, como fazem o ar e a água, e tudo que está à nossa volta.

K: Afinal de contas, se eu não reagir fisicamente, estarei paralisado; mas reagir incessantemente também é uma forma de paralisia.

DB: Bem, a espécie errada de reação! Reação em torno da estrutura psicológica. Assumindo, porém, que a reação em torno da estrutura psicológica tenha começado na humanidade, por que ela deveria parar algum dia? A reação causa outra reação, e outra, e poderíamos esperar que ela continuasse para sempre, e que nada a interrompesse.

K: Somente a visão intuitiva relativa à natureza da reação acaba com a reação psicológica.

DB: Está dizendo então que a matéria é afetada pela visão intuitiva que transcende a matéria.

K: Sim, transcende a matéria. Esse vazio está, então, dentro do próprio cérebro? Ou ele é algo que o pensamento concebeu como sendo vazio? Temos de ser muito claros.

DB: Sim. Mas não importa o que discutamos, não importa qual seja o assunto, o pensamento começa a querer fazer alguma coisa a respeito, porque o pensamento sempre acha que pode contribuir de alguma forma.

K: Exatamente.

DB: O pensamento no passado não compreendeu que não tem qualquer contribuição útil a fazer, e manteve o hábito de afirmar que o vazio é muito bom. Conseqüentemente, o pensamento diz: "Tentarei gerar o vazio."

K: Naturalmente.

DB: O pensamento está tentando ser útil!

K: Já acabamos com tudo isso. Já vimos a natureza do pensamento, de seu movimento, do tempo, e tudo o mais. Mas eu quero descobrir se esse vazio está dentro da própria mente ou além dela.

DB: O que você entende por mente?

K: A mente é o todo — emoções, pensamento, consciência, o cérebro — esse todo é a mente.

DB: A palavra "mente" tem sido usada de várias maneiras. Agora você a está empregando de determinada forma, no sentido de que ela representa

o pensamento, o sentimento, o desejo e a vontade — todo o processo material.

K: Sim, todo o processo material.

DB: Que as pessoas chamaram de não-material!

K: Isso mesmo. A mente, porém, é todo o processo material.

DB: Que ocorre no cérebro e nos nervos.

K: Em toda a estrutura. Podemos perceber que essa reação materialista pode ter um fim. E a próxima pergunta que vou fazer é se esse vazio está do lado de dentro ou do lado de fora. (Do lado de fora, no sentido de estar em outro lugar.)

DB: Onde ele estaria?

K: Não creio que *esteja* em outro lugar, mas estou apenas fazendo a pergunta ...

DB: Bem, qualquer coisa desse tipo é um processo material.

K: Está dentro da própria mente, e não do lado de fora. Correto?

DB: Sim.

K: Então qual é o próximo passo? Esse vazio não contém nada? Nem uma coisa?

DB: Nem uma coisa, e com isso estamos nos referindo a nada que possua forma, estrutura, estabilidade.

K: Sim. Tudo isso, forma, estrutura, reação, estabilidade, capacidade. Então o que é? É a energia total?

DB: Sim, movimento de energia.

K: Movimento de energia. Não é movimento de reação.

DB: Não é movimento de coisas que reagem umas às outras. O mundo pode ser encarado como sendo formado por diversas coisas que reagem umas às outras e isso é um tipo de movimento: mas estamos dizendo que

há uma espécie diferente de movimento.

K: Totalmente diferente.

DB: Não há nada nele.

K: Não há nada nele e, dessa forma, não pertence ao tempo. Isso é possível? Ou estamos apenas nos entregando à imaginação? A algum tipo de sensação romântica, promissora e agradável? Não creio que isso seja verdade porque já eliminamos tudo isso, passo a passo, até chegarmos a este ponto. Não estamos, portanto, nos iludindo. Dizemos, então, que o vazio não possui um centro, como o "mim", e todas as reações. Nesse vazio há um movimento de energia intemporal.

DB: Quando nos referimos à energia intemporal, poderíamos repetir o que já dissemos a respeito de o tempo e o pensamento serem um só.

K: Sim, naturalmente.

DB: Então você estava dizendo que o tempo só pode entrar num processo material?

K: Exatamente.

DB: Se tivermos uma energia que seja intemporal, mas que apesar disso se mova...

K: Sim, que não seja estática...

DB: Nesse caso, é o movimento?

K: O que é o movimento daqui para ali?

DB: É uma forma.

K: Uma forma. Ou de ontem para hoje, e de hoje para amanhã.

DB: Há vários tipos de movimento.

K: Então, o que é o movimento? Há um movimento que não seja um movimento? Entende? Há um movimento que não tenha nem começo nem fim? Que seja diferente do pensamento, que tem um início e um fim.

DB: A não ser que esteja dizendo que o movimento da matéria pode ter início e não ter fim; o movimento reativo. Não está falando disso, está?

K: Não, não estou falando disso. O pensamento tem um começo e o pensamento tem um fim. Há um movimento da matéria como reação, e o término dessa reação.

DB: No cérebro.

K: Sim. Mas há vários tipos de movimentos. Isso é tudo que sabemos. E alguém se aproxima e diz que há um tipo totalmente diferente de movimento. Para que compreendamos isso, porém, temos de estar livres do movimento do pensamento, e do movimento do tempo, para que possamos entender um movimento que não seja. ..

DB: Bem, há duas coisas a respeito desse movimento. Ele não tem início nem fim, mas também não é definido como uma série de sucessões a partir do passado.

K: Naturalmente. Não há causação.

DB: Mas veja bem, a matéria pode ser encarada como uma série de causas; isso pode não ser adequado. Mas agora você está dizendo que esse movimento não tem começo nem fim; que não é o resultado de uma série de causas que se seguem umas às outras.

K: Portanto, quero entender verbalmente um movimento que não é um movimento. Estou sendo claro?

DB: Então, por que é chamado de movimento se não é um movimento?

K: Porque não é imóvel, é ativo.

DB: É energia.

K: Possui uma tremenda energia; logo, nunca pode ficar parado. Mas nessa energia ele tem a imobilidade.

DB: Penso que temos de reconhecer que a linguagem comum não consegue transmitir isso adequadamente, mas a própria energia está imóvel, mas também se movimenta.

K: Mas nesse movimento há um movimento de imobilidade. Isso soa estranho?

DB: Pode-se dizer que o movimento emerge da imobilidade.

K: Exatamente. É isso que ele é. Dissemos que esse vazio está na mente. Não possui causa nem efeito. Não é um movimento de pensamento, de tempo. Não é um movimento de reações materiais. Não é nada disso. O que significa: É a mente capaz dessa extraordinária imobilidade sem qualquer movimento? Qual ela está completamente imóvel, há um movimento que emerge dela.

DB: Creio que mencionei anteriormente que algumas pessoas, como Aristóteles, tinham essa noção no passado; nós discutimos isso. Ele falou a respeito do motor imóvel, quando tentou descrever Deus, entende?

K: Ah, Deus, não. Não quero fazer isso!

DB: Não deseja descrever Deus, mas várias pessoas no passado tinham uma noção parecida com essa. Depois ela saiu de moda, eu acho.

K: Que tal fazermos com que ela fique na moda?!

DB: Não estou dizendo que Aristóteles teve a idéia certa. Ele estava apenas pensando numa coisa semelhante, embora provavelmente diferente sob muitos aspectos.

K: Era um conceito intelectual ou uma realidade?

DB: É muito difícil de dizer porque é muito pouco conhecido.

K: Portanto, não temos de introduzir Aristóteles.

DB: Apenas queria assinalar que o conceito de um movimento de imobilidade não é uma loucura, porque outras pessoas bastante respeitáveis se envolveram com algo semelhante.

K: Estou contente! Estou contente por ser convencido de que não estou maluco!

E este movimento a partir da imobilidade é o movimento da criação? Não estamos falando sobre o que os poetas, os escritores e os pintores cha-

mam de criação. Para mim, isso não é criação; apenas capacidade, habilidade, memória e conhecimento operando. Neste caso, penso que essa criação não se expressa na forma.

DB: É importante estabelecer uma diferença. Normalmente pensamos que a criação se expressa na forma, ou como estrutura.

K: Sim, como estrutura. Já vimos que não somos malucos, e portanto podemos continuar! Diria que esse movimento, por não pertencer ao tempo, é eternamente novo?

DB: Sim. É eternamente novo no sentido de que a criação é eternamente nova. Certo?

K: A criação é eternamente nova. Veja, esse frescor é o que os artistas estão tentando descobrir. Conseqüentemente eles se envolvem em todos os tipos de absurdos, mas poucos atingem o ponto em que a mente se torna completamente silenciosa, e desse silêncio surge esse movimento que é sempre novo. O momento em que esse movimento se expressa...

DB: ... a primeira expressão é no pensamento?

K: É exatamente isso.

DB: E isso pode ser útil, mas depois se torna fixo e se transforma numa barreira.

K: Um erudito indiano disse-me certa vez que antes de as pessoas começarem a esculpir a cabeça de um deus, ou qualquer outra coisa, tinham de entrar num estado profundo de meditação. No momento certo, pegavam o martelo e o cinzel.

DB: A coisa surgia então do vazio. Temos aí outro ponto. Os aborígenes australianos desenhavam figuras na areia para que elas não fossem permanentes.

K: Exatamente.

DB: Talvez possamos encarar o pensamento dessa maneira. Veja, o mármore é excessivamente estático, e dura milhares de anos. Assim, embora o

escultor que criou a obra possa ter compreendido o processo, as pessoas que vieram depois a vêem como uma forma fixa.

K: Que relação isso tem com minha vida diária? De que modo isso atua através das minhas ações, através das minhas reações físicas comuns ao barulho, à dor, às diversas formas de perturbação? Que relação tem o físico com esse movimento silencioso?

DB: Bem, na medida em que a mente estiver silenciosa, o pensamento estará ordenado.

K: Estamos chegando a algum lugar. Diria que o movimento silencioso, com seu frescor infinito, corresponde à ordem total do universo?

DB: Poderíamos considerar que a ordem do universo emerge desse silêncio e desse vazio.

K: Qual é então a relação dessa mente com o universo?

DB: A mente particular?

K: Não; a mente.

DB: A mente em geral?

K: A mente. Acabamos com o geral e o particular, e além disso existe a mente.

DB: Diria que ela é universal?

K: Não gosto de usar a palavra universal.

DB: Universal no sentido de que está além do particular. Mas talvez essa palavra seja difícil.

K: Podemos encontrar outra palavra? Global não. Uma mente que esteja além do particular?

DB: Bem, poderíamos dizer que ela é a fonte, a essência. Ela foi chamada de absoluto.

K: Tampouco quero usar a palavra "absoluto".

DB: Absoluto significa literalmente aquilo que está livre de todas as limitações, de toda dependência.

K: Está bem, se concordar que "absoluto" significa estar liberto de toda dependência e limitação.

DB: De todos os relacionamentos.

K: Usaremos então essa palavra.

DB: Ela possui conotações infelizes.

K: Naturalmente. Mas vamos usá-la no momento apenas para a conveniência do nosso diálogo. Há essa imobilidade absoluta, e nessa imobilidade ou a partir dela há um movimento, e esse movimento é eternamente novo. Qual é a relação dessa mente com o universo?

DB: Com o universo da matéria?

K: Não, com todo o universo: com a matéria, as árvores, a natureza, o homem, os céus.

DB: Essa é uma pergunta interessante.

K: O universo está em ordem; seja destrutiva ou construtiva, é sempre ordem.

DB: Veja bem: a ordem tem a característica de ser absolutamente necessária; em certo sentido, não pode ser de outra maneira. A ordem que normalmente conhecemos *não é* absolutamente necessária. Poderia ser mudada; poderia depender de outra coisa.

K: A erupção de um vulcão é ordem.

DB: É a ordem do universo todo.

K: Exatamente. Agora, no universo há ordem e essa mente que está imóvel está completamente em ordem.

DB: A mente profunda, o absoluto.

K: A mente absoluta. Essa mente então é o universo?

DB: Em que sentido ela é o universo? Temos de compreender o que significa dizer isso, entende?

K: Significa perguntar se há uma separação, ou uma barreira entre essa mente absoluta e o universo. Ou eles são a mesma coisa?

DB: São a mesma coisa.

K: É aí que eu quero chegar.

DB: Ou temos dualidade de mente e matéria, ou elas são a mesma coisa.

K: Exatamente. Isso é presunção?

DB: Não necessariamente. Quero dizer que essas são apenas duas possibilidades.

K: Quero estar bem certo de que não estamos pisando em alguma coisa que na verdade necessita de uma abordagem bastante sutil - que precisa de muito cuidado. Entende o que estou querendo dizer?

DB: Sim. Vamos voltar para o corpo. Dissemos que a mente que pertence ao corpo — o pensamento, o sentimento, o desejo, a mente geral e a particular — é parte do processo material.

K: Totalmente.

DB: E não é diferente do corpo.

K: Isso mesmo. Todas as reações são processos materiais.

DB: E, portanto, o que em geral chamamos de mente não é diferente do que chamamos de corpo.

K: Exatamente.

DB: Agora você está tomando isso muito maior ao dizer: considere todo

o universo. E perguntamos se aquilo a que denominamos mente no universo é diferente do que chamamos de universo em si.

K: É isso mesmo. Entende, então, por que sinto que deve haver ordem na nossa vida do dia-a-dia, mas não a ordem do pensamento.

DB: Bem, o pensamento é uma ordem limitada, ele é relativo.

K: Exatamente. Portanto deve haver uma ordem que seja...

DB: ... livre de limitação.

K: Sim. Em nossa vida diária temos que ter isso — o que significa ausência de conflito, nenhuma contradição.

DB: Tomemos a ordem do pensamento. Quando ele é racional, está em ordem. Mas quando há contradição, a ordem do pensamento desmorona, atinge o seu limite. O pensamento funciona até que atinja uma contradição, e esse é o seu limite.

K: Dessa forma, se em minha vida diária houver uma ordem completa, na qual não haja qualquer perturbação, qual é a relação dessa ordem com a ordem que nunca termina? Esse movimento silencioso da ordem, dessa coisa extraordinária, afeta minha vida diária, quando tenho uma ordem psicológica interna? Entende minha pergunta?

DB: Sim. Dissemos, por exemplo, que o vulcão é uma manifestação da ordem total do universo.

K: Exatamente. Ou um tigre matando um veado.

DB: A questão é, então, se um ser humano em sua vida corriqueira pode ser semelhante a isso.

K: Perfeito. Caso contrário, não vejo qual é o ponto do outro — do universal.

DB: Bem, não há qualquer ponto para o ser humano. Veja, algumas pessoas diriam: quem se importa com o universo? Nós nos preocupamos apenas com a nossa própria sociedade, e com o que *nós* estamos fazendo. Mas isso desmorona porque está cheio de contradições.

K: Obviamente. É apenas o pensamento que diz isso.
Nesse caso, esse universo, que está numa ordem total, afeta *de fato* minha vida diária.

DB: Sim. Penso que os cientistas poderão perguntar como. Veja, alguém poderá dizer: "Entendo que o universo é constituído de matéria, e que as leis da matéria afetam nossa vida diária". Mas não está tão claro como ele afeta a mente; e se há essa mente absoluta que afeta a vida diária.

K: Ah! O que é minha vida diária? É algo desordenado e formado por uma série de reações. Certo?

DB: Sim, é basicamente isso.

K: E o pensamento está sempre lutando para trazer ordem a isso. Mas quando ele o faz, ainda há desordem.

DB: Porque o pensamento está sempre limitado por suas próprias contradições.

K: Naturalmente. O pensamento está sempre criando desordem, pois ele próprio é limitado.

DB: Sempre que tenta ultrapassar o limite, ocorre desordem.

K: Correto. Entendi, eu me aprofundei nisso, tenho um *insight* da coisa, de forma que tenho uma espécie de ordem em minha vida. Mas essa ordem ainda é limitada. Reconheço isso, e afirmo que essa existência é limitada.

DB: Contudo, algumas pessoas aceitariam isso, e perguntariam: "Por que deveríamos ter mais?"

K: Não estou tendo mais.

DB: Mas outros poderiam dizer: "Seríamos felizes se pudéssemos viver numa vida material, com a verdadeira ordem."

K: Direi: vamos fazer isso! Isso deve ser feito! Mas no próprio ato de fazê-lo, temos de compreender que é limitado.

DB: Sim, até mesmo a ordem mais elevada que possamos produzir é limitada.

K: E a mente percebe sua limitação e diz: vamos transcender isso.

DB: Por quê? Algumas pessoas diriam: por que não ser feliz dentro desses limites, continuamente ampliando-os, tentando descobrir novos pensamentos, uma nova ordem? O artista descobrirá novas formas de arte, o cientista uma nova espécie de ciência.

K: Mas tudo isso será sempre limitado.

DB: Há com freqüência o sentimento de que só podemos ir até certo ponto, e aceitarmos que isso é tudo o que é possível.

K: Você se refere ao sentimento de que devemos aceitar a condição humana?

DB: Bem, as pessoas diriam que o homem poderia fazer muito melhor do que está fazendo.

K: Sim, mas tudo isso ainda é a condição humana, um pouco modificada, um pouco aperfeiçoada.

DB: Algumas pessoas diriam tremendamente modificada.

K: Mas, ainda assim, limitada!

DB: Sim. Vamos tentar esclarecer o que está errado com a limitação.

K: Nessa limitação não há liberdade, apenas uma liberdade limitada.

DB: Sim. Finalmente, então, alcançamos a fronteira da nossa liberdade. Alguma coisa faz com que reajamos e, através da reação, caímos em contradição.

K: Sim, mas o que acontece quando percebo que estou sempre me movendo dentro de determinada área ...?

DB: Então, estou sob o controle das forças.

K: É inevitável que a mente se rebele contra isso.

DB: Esse é um ponto importante. Você percebe que a mente deseja liberdade. Certo?

K: Obviamente.

DB: Ela afirma que a liberdade é o que há de mais valioso. Então, será que aceitamos isso, e o vemos exatamente como um fato?

K: Ou seja, percebo que dentro dessa limitação, sou um prisioneiro.

DB: Algumas pessoas se acostumam a isso e dizem: "aceito isso".

K: Eu *não* aceitarei isso! Minha mente diz que deve haver liberdade com relação a essa prisão. Sou um prisioneiro, e a prisão é muito agradável, muito refinada e tudo mais. Mas ainda é limitada, embora afirme que deva haver liberdade para além de tudo isso.

DB: Qual é a mente que diz isso? A mente particular do ser humano?

K: Ah! Quem diz que deve haver liberdade? Oh, isso é muito simples. A própria dor, o próprio sofrimento, exige que avancemos.

DB: Essa mente particular, embora aceite a limitação, acha o processo doloroso.

K: Naturalmente.

DB: E, por isso, essa mente particular sente de alguma forma que a coisa não está correta. Mas não consegue evitá-la. Parece haver uma necessidade de liberdade.

K: A liberdade é necessária, e qualquer impedimento à liberdade é regressão. Certo?

DB: Essa necessidade não é uma necessidade externa causada pela reação.

K: A liberdade não é uma reação.

DB: A necessidade de liberdade não é uma reação. Algumas pessoas di-

riam que por termos estado na prisão reagimos dessa maneira.

K: Então, onde estamos? Veja bem, isso significa que devemos estar livres da reação, livres da limitação do pensamento, livres de todo o movimento do tempo. Sabemos que deve haver completa liberdade com relação a isso tudo, antes que possamos efetivamente compreender a mente vazia, e a ordem do universo, que é nesse caso a ordem da mente. Estamos pedindo muito. Estamos dispostos a ir tão longe?

DB: Bem, você sabe que a não-liberdade tem seus atrativos.

K: Naturalmente, mas não estou interessado nesses atrativos.

DB: Mas você perguntou se estamos dispostos a ir tão longe. Portanto, isso parece sugerir que pode haver algo atraente nessa limitação.

K: Sim. Encontrei a segurança, a tranqüilidade e o prazer na não-liberdade. Percebo que no prazer ou na dor não há liberdade. A mente afirma, não como uma reação, que devemos ficar livres disso tudo. Chegar a esse ponto e largar tudo sem conflito, requer sua própria disciplina, sua própria visão intuitiva. É por isso que perguntei àqueles que realizaram alguma investigação sobre tudo isso: "Podemos ir tão longe assim? Ou as reações do corpo — as responsabilidades com relação à vida diária, com relação à esposa, aos filhos, e tudo o mais — impedem essa sensação de completa liberdade? Os monges, os santos, e os sannyasis disseram: Tendes de abandonar o mundo."

DB: Já discutimos isso.

K: Sim. Essa é outra forma de idiotice, embora lamente colocá-la assim. Já eliminamos *tudo* isso, de modo que me recuso a discuti-lo novamente. Pergunto então: o universo e a mente que se esvaziou disso tudo são uma coisa só?

DB: São uma coisa só?

K: Não são separados, são um só.

DB: Está dizendo, então, que o universo material é como se fosse o corpo da mente absoluta.

K: Sim, isso mesmo.

DB: Talvez isso seja uma maneira pitoresca de colocar as coisas!

K: Temos de ser muito cuidadosos para não cair na armadilha de pensar que a mente universal está sempre presente.

DB: O que você diria então?

K: O homem disse que Deus está sempre presente; Brahma, ou o princípio mais elevado, está sempre presente, e tudo que temos de fazer para alcançá-lo é nos purificarmos. Essa também é uma declaração muito perigosa, porque poderíamos dizer, então, que existe o eterno em mim.

DB: Mas acho que isso é projeção.

K: Naturalmente!

DB: Há uma dificuldade lógica em dizermos que ele está sempre presente, porque "sempre" implica tempo, e estamos tentando discutir uma coisa que não tem nada a ver com o tempo. Desse modo, não podemos considerar que ela está aqui, ali, agora ou novamente!

K: Chegamos ao ponto onde há essa mente universal, e a mente humana pode ser parte dela quando houver liberdade.

20 de setembro de 1980, Brockwood Park, Hampshire

TREZE

PODEM OS PROBLEMAS PESSOAIS SER RESOLVIDOS? PODE A FRAGMENTAÇÃO TERMINAR?

KRISHNAMURTI: Cultivamos uma mente que pode resolver quase todo problema tecnológico. Mas aparentemente, os problemas humanos nunca foram solucionados. Os seres humanos estio dominados pelos seus problemas: os problemas da comunicação, do conhecimento, dos relacionamentos, os problemas do céu e do inferno; toda a existência humana transformou-se num vasto e complexo problema. E aparentemente tem sido assim, através da história. Apesar do seu conhecimento, apesar dos seus séculos de evolução, o homem nunca esteve livre de problemas.

DAVID BOHM: Sim, de problemas insolúveis.

K: Coloco em dúvida se os problemas humanos são insolúveis.

DB: Quero dizer, da maneira como são colocados agora.

K: Do modo como se apresentam agora, naturalmente, esses problemas se tornaram incrivelmente complexos e insolúveis. Nenhum político, cientista ou filosofo vai resolvê-los, nem mesmo através de guerras e assim por diante! Por que então os seres humanos em todo o mundo não foram capazes de resolver os problemas diários da vida? Quais são as coisas que impedem a solução completa desses problemas? Será por que nunca voltamos nossas mentes para isso? Será por que passamos todos os nossos dias, e provavelmente metade da noite, pensando a respeito de problemas tecnológicos, de modo que não temos tempo para o outro tipo de problema?

DB: É parcialmente assim. Muitas pessoas acham que o outro tipo deveria cuidar de si próprio.

K: Mas por quê? Estou perguntando neste diálogo se será possível não termos absolutamente problemas humanos — apenas problemas tecnológicos, que podem ser solucionados. Mas os problemas humanos parecem insolúveis. Será por cáusa da nossa educação, das nossas tradições profundamente enraizadas, que aceitamos as coisas como elas são?

DB: Bem, isso é certamente parte da coisa. Esses problemas se acumulam à medida que a civilização envelhece, e as pessoas continuam a aceitar coisas que criam problemas. Por exemplo, há hoje muito mais nações no mundo do que antigamente, e cada uma cria novos problemas.

K: Naturalmente.

DB: Se voltarmos no tempo .. .

K: ... uma tribo se torna uma nação .. .

DB: E então o grupo deve lutar com seu vizinho.

K: Os homens usam essa tecnologia maravilhosa para se matarem uns aos outros. Mas estamos falando a respeito de problemas de relacionamento, problemas de falta de liberdade, dessa sensação de incerteza e medo constantes, do esforço de trabalhar para sua subsistência, pelo resto da vida. A coisa toda parece tão extraordinariamente errada.

DB: Penso que as pessoas perderam isso de vista. Falando de um modo geral, elas aceitam a situação na qual se encontram, procuram tirar o melhor partido dela, tentando solucionar alguns pequenos problemas para aliviar as circunstâncias. Elas nem mesmo encarariam seriamente toda essa situação.

K: As pessoas religiosas, porém, criaram um tremendo problema para o homem.

DB: Sim. Também estão tentando resolver problemas. Quero dizer que todo mundo está preso dentro de seu pequeno fragmento individual, solucionando o que acham que podem resolver, mas tudo isso termina no caos.

K: No caos e nas guerras! É isso que estamos dizendo. Vivemos no caos. Mas quero descobrir se posso viver sem um único problema o resto da minha vida. Isso é possível?

DB: Bem, eu me pergunto se deveríamos chamar essas coisas de problemas, entende? Um problema deveria ser algo que é razoavelmente solucionável. Se colocarmos o problema de como alcançar um determinado resultado, isso pressupõe que podemos racionalmente descobrir uma maneira de fazê-lo tecnologicamente. Mas, psicologicamente, o problema não pode ser encarado desse modo; ou seja, propor um resultado que devemos alcançar, e então descobrir uma maneira de fazê-lo.

K: Qual é a raiz disso tudo? Qual é a causa de todo esse caos humano? Estou tentando chegar a isso de um ângulo diferente, descobrir se há um fim para os problemas. Veja, pessoalmente, eu me recuso a ter problemas.

DB: Alguém poderá argumentar com você a esse respeito e dizer que talvez você não esteja sendo provocado por nada.

K: Fui desafiado outro dia a respeito de algo muito, muito sério. Isso não é um problema.

DB: Então é uma questão de esclarecimento. Parte da dificuldade é esclarecimento da linguagem.

K: Esclarecimento, não apenas da linguagem, mas do relacionamento e da ação. Surgiu um problema outro dia que envolveu muitas pessoas, e uma certa ação teve de ser tomada. Porém, para mim, pessoalmente, isso não foi um problema.

DB: Temos de tomar claro o que está querendo dizer, porque sem um exemplo, não consigo entender.

K: Com um problema quero me referir a algo que tem de ser resolvido, alguma coisa com que nos preocupamos; algo que estamos questionando, e com que estamos incessantemente preocupados. Refiro-me também a dúvidas e incertezas, e a ter que tomar algum tipo de atitude da qual nos arrependeremos mais tarde.

DB: Vamos começar com o problema técnico onde a idéia surgiu primeiro. Temos um desafio, algo que precisa ser feito, e dizemos que isso é um problema.

K: Sim, isso é geralmente chamado de problema.

DB: Ora, a palavra problema baseia-se na idéia de apresentarmos uma coisa — uma possível solução — e depois tentarmos alcançá-la.

K: Ou, termos um problema mas não sabermos como lidar com ele.

DB: Se tivermos um problema e não tivermos a menor idéia de como lidar com ele ...

K: ... sairemos pedindo conselho às outras pessoas, e ficaremos cada vez mais confusos.

DB: Isso já seria uma mudança com relação à simples idéia de um problema técnico, onde normalmente temos alguma noção do que fazer.

K: Realmente sabemos? Certamente os problemas técnicos são relativamente simples.

DB: Eles trazem com freqüência desafios que exigem uma análise profunda e uma mudança de idéias. Geralmente sabemos o que fazer para resolver um problema técnico. Por exemplo, se há falta de comida, o que temos de fazer é descobrir meios e modos de produzir mais alimentos. Contudo, podemos fazer a mesma coisa com um problema psicológico?

K: Essa é a questão. Como podemos lidar com isso?

DB: Bem, que tipo de problema vamos discutir?

K: Qualquer problema que surja nos relacionamentos humanos.

DB: Digamos que as pessoas não conseguem chegar a um acordo; elas estão constantemente em atrito umas com as outras.

K: Sim, vamos tomar isso como exemplo. Parece ser quase impossível que um grupo de pessoas consiga pensar juntas, ter o mesmo ponto de vista e a mesma atitude. Não estou me referindo a elas copiarem umas às outras, naturalmente. Mas cada pessoa emite sua opinião e é contestada por outra - e isso continua o tempo todo, em todos os lugares.

DB: Está bem. Podemos dizer então que o nosso problema é trabalhar-

mos juntos, pensarmos juntos?

K: Trabalharmos juntos, pensarmos juntos, cooperarmos uns com os outros sem a participação de assuntos monetários.

DB: Essa é outra pergunta, se as pessoas trabalharão juntas se forem muito bem pagas.

K: Logo, como resolvemos esse problema? Num grupo, todos apresentamos opiniões diferentes, e não concordamos de forma alguma. E parece quase impossível abandonarmos nossas opiniões.

DB: Sim, essa é uma das dificuldades, mas não estou certo de que possamos encarar isso como um problema, e perguntar: o que faremos para abandonar as opiniões?

K: Não, naturalmente. Mas isso é um fato. Mesmo observando isso, e percebendo a necessidade de todos nos reunirmos, as pessoas, ainda assim, não conseguirão abandonar suas opiniões, suas idéias, suas próprias experiências e conclusões.

DB: Freqüentemente isso poderá não parecer a elas como opiniões, e sim como verdade.

K: Sim, elas poderiam dizer que isso é um fato. Mas o que um homem pode fazer a respeito dessas divisões? Percebemos a necessidade de trabalharmos juntos — não por algum ideal, crença, princípio ou deus. Em diversos países do mundo, e até nas Nações Unidas, eles não estão trabalhando juntos.

DB: Algumas pessoas poderão dizer que não temos apenas opiniões, mas também interesses próprios. Se duas pessoas possuírem interesses próprios conflitantes, não há maneira alguma, enquanto elas estiverem apegadas a eles, de trabalharem juntas. Como podemos romper isso?

K: Se me mostrarem que devemos trabalhar juntos, e também a importância disso, também perceberei que é importante. Mas não posso fazê-lo!

DB: Esse é o ponto. Não é suficiente nem mesmo perceber que a cooperação é importante, e ter a intenção de alcançá-la. Com essa incapacidade surge um novo fator. Por que é que não conseguimos levar a cabo nossas intenções?

K: Podemos apresentar muitos motivos para isso, mas essas causas, motivos e explicações não resolvem o problema. Voltamos à mesma coisa — o que fará com que a mente humana mude? Vemos que essa mudança é necessária, e contudo somos incapazes ou não estamos dispostos a mudar. Que fator — que *novo* fator — é necessário para que isso ocorra?

DB: Bem, sinto que é a capacidade de observar profundamente o que é que está segurando a pessoa e impedindo-a de mudar.

K: A atenção, então, é o novo fator?

DB: Sim, é isso que quis dizer. Mas temos também de considerar que tipo de atenção.

K: Vamos discutir em primeiro lugar o que é atenção.

DB: Ela poderá ter significados diversos para pessoas diferentes.

K: Naturalmente, como de costume, há tantas opiniões!

Onde há atenção, não há problema. Onde há a falta de atenção, surgem todos os tipos de dificuldades. Portanto, sem transformar a própria atenção num problema, o que queremos dizer quando nos referimos a ela? Podemos entendê-la, não verbalmente, não de forma intelectual, mas profundamente, no nosso sangue? Obviamente, a atenção não é concentração. Não significa um esforço, uma experiência, uma luta para ficar atento. Você terá de me mostrar a natureza da atenção, o que significa que quando há atenção, não há nenhum centro a partir de onde "Eu" presto atenção.

DB: Sim, mas é isso que é difícil.

DB: Não transforme isso num problema.

DB: O que quero dizer é que as pessoas vêm tentando isso por um longo tempo. Penso que há, em primeiro lugar, alguma dificuldade na compreen-

são do significado de atenção, devido ao conteúdo do próprio pensamento. Quando uma pessoa está olhando, poderá pensar que está prestando atenção.

K: Não, nesse estado de atenção não há pensamento.

DB: Mas então como paramos o pensamento? Veja, enquanto o pensamento está ocorrendo, há uma impressão de atenção — que não é atenção. Mas as pessoas pensam, supõem que estão prestando atenção.

K: Quando supomos que estamos prestando atenção, na verdade não é isso que está ocorrendo.

DB: Como podemos então transmitir o verdadeiro significado de atenção?

K: Ou será que para descobrirmos o que é atenção, devemos examinar o que é desatenção?

DB: Sim.

K: E através da negação chegarmos ao positivo. Quando estou desatento, o que acontece? Na minha desatenção sinto-me solitário, deprimido, ansioso, e assim por diante.

DB: A mente começa a se dispersar e a ficar confusa.

K: Ocorre a fragmentação. E, na minha falta de atenção, identifico-me com muitas outras coisas.

DB: Sim, e isso pode ser agradável — mas também pode ser doloroso.

K: Descubro, mais tarde, que o que era agradável transforma-se em dor.
Tudo isso então é um movimento no qual não há atenção. Correto? Estamos chegando em algum lugar?

DB: Não sei.

K: Sinto que a atenção é a verdadeira solução para tudo isso - uma mente que é realmente atenta, que compreende a natureza da desatenção e se afasta dela!

DB: Mas em primeiro lugar, qual é a natureza da desatenção?

K: A indolência, a negligência, o egoísmo, a autocontradição — tudo isso é a natureza da desatenção.

DB: Sim. Veja bem: uma pessoa egoísta poderá achar que está prestando atenção, mas está simplesmente preocupada consigo mesma.

K: Sim. Se houver autocontradição em mim, e eu prestar atenção nisso para não ser autocontraditório, isso não é atenção.

DB: Mas podemos tomar isso claro, porque ordinariamente alguém poderá pensar que isto *é* atenção.

K: Não, não é. É simplesmente um processo de pensamento, que diz: "Eu sou isso, não devo ser aquilo."

DB: Então você está dizendo que essa tentativa de vir a ser não é atenção.

K: Sim, exatamente. Porque a transformação psicológica engendra a desatenção.

DB: Sim.

K: Não é muito difícil, senhor, livrarmo-nos da transformação? Essa é a raiz da coisa. Acabar com a transformação.

DB: Sim. Não há atenção, e é por isso que esses problemas existem.

K: Sim, e quando assinalamos isso, o prestar atenção também se transforma num problema.

DB: A dificuldade está no fato de que a mente prega peças, e, ao tentar lidar com isso, faz a mesma coisa novamente.

K: É claro. A mente, que é tão cheia de conhecimento, de presunção, de autocontradição, e de tudo mais, pode chegar a um ponto onde se encontra psicologicamente incapaz de se mover?

DB: Não há nenhum lugar para onde ela possa se mover.

K: O que eu diria a uma pessoa que chegou a esse ponto? Eu me aproximo de você; estou cheio de confusão, ansiedade, e de uma sensação de desespero, não apenas com relação a mim mesmo, mas também ao mundo. Chego nesse ponto e quero ultrapassá-lo. E isso, portanto, se torna um problema para mim.

DB: Então estamos de volta; mais uma vez há uma tentativa de transformação, entende?

K: Sim. É aí que quero chegar. É essa então a raiz de tudo isso? O desejo de transformação?

DB: Bem, deve estar próximo a isso.

K: Como posso encarar então, sem o movimento da transformação, toda essa coisa complexa que sou eu?

DB: Parece que não vimos o todo. Não olhamos para o todo da transformação quando dissemos: "Como posso prestar atenção?" Parte disso parece ter escapulido, e se tomado o observador. Certo?

K: Psicologicamente a transformação foi a maldição de tudo isso. Um homem pobre quer ser rico, e um homem rico quer ser mais rico; o tempo todo ocorre esse movimento de transformação, tanto externa como internamente. E embora isso acarrete muita dor e algumas vezes o prazer, essa sensação de transformação, de obtenção, de conseguir psicologicamente, fez com que minha vida se tornasse tudo que ela é. Agora percebo isso, mas não posso interrompê-lo.

DB: Por que não podemos interrompê-lo?

K: Vamos analisar isso. Em parte estou preocupado em me transformar porque há uma recompensa no final; além disso, estou evitando a dor ou a punição. E sou capturado nesse ciclo. Essa é provavelmente uma das razões por que a mente continua tentando se tornar alguma coisa. E a outra talvez seja uma ansiedade ou um medo profundamente enraizado de que se não me transformar em alguma coisa, estarei perdido. Sinto-me incerto e inseguro, de forma que a mente aceitou essas ilusões e disse: não posso acabar com esse processo de transformação.

DB: Mas por que a mente não acaba com ele? Também temos de discu-

tir a questão de sermos capturados por essas ilusões.

K: Como vai me convencer de que estou preso numa ilusão? Não vai conseguir, a não ser que eu mesmo perceba isso, e não posso percebê-lo porque minha ilusão é extremamente forte. Essa ilusão foi alimentada, cultivada pela religião, pela família, e assim por diante. Ela está tão profundamente enraizada que me recuso a abandoná-la. É isso que está acontecendo com um grande número de pessoas. Elas dizem: "Quero fazer isso, mas não posso". Considerando essa situação, o que devem fazer? As explicações, a lógica e todas as diversas contradições, as teorias, poderão ajudá-las? É evidente que não.

DB: Porque tudo é absorvido pela estrutura.

K: O que vem a seguir?

DB: Veja, se elas dizem: "Quero mudar", também há o desejo de não mudar.

K: Naturalmente. O homem que diz: "Quero mudar", também pensa lá no fundo: "Na verdade, por que eu deveria mudar?" Os dois caminham juntos.

DB: Temos então uma contradição.

K: Tenho vivido nessa contradição, eu a aceitei.

DB: Por que deveríamos aceitá-la?

K: Porque é um hábito.

DB: Mas quando a mente está saudável, não aceitará uma contradição.

K: Mas nossa mente não está saudável. A mente está tão enferma, tão corrupta, tão confusa que mesmo que apontemos todos os perigos, se recusará a vê-los.

Como então podemos ajudar um homem que esteja preso nisso a perceber claramente o perigo da transformação psicológica? Vamos colocar as coisas da seguinte maneira: a transformação psicológica implica a identificação com uma nação, com um grupo, e tudo o mais.

DB: Sim, a manutenção das opiniões.

K: Opiniões e crenças; tive uma experiência, ela me dá satisfação, vou me fixar nela. Como você pode me ajudar a me libertar disso? Ouço suas palavras — parecem bastante corretas, mas não consigo me afastar de tudo isso.

Eu me pergunto se há outro fator, outro modo de comunicação, que não se baseie em palavras, conhecimento, explicações, recompensa e punição. Há outra forma de comunicação? Veja bem, há perigo nisso também. Tenho certeza de que há uma maneira que não é verbal, analítica ou lógica, que não representa uma falta de sanidade mental.

DB: Talvez haja.

K: Minha mente sempre se comunicou com outra através de palavras, explicações e lógica, ou por meio da sugestão. Deve haver outro elemento que transponha tudo isso.

DB: Ele passará através da incapacidade de escutar.

K: Sim, da incapacidade de escutar, da incapacidade de observar, de ouvir, e assim por diante. Deve haver um método diferente. Encontrei diversos homens que estiveram com um determinado santo, e dizem que na sua companhia todos os problemas são resolvidos. Mas quando voltam às suas vidas diárias, voltam ao antigo jogo.

DB: Não houve inteligência nisso, entende?

K: Aí está o perigo. Eles se sentem quietos e não-verbais na presença desse santo, e acham que os seus problemas estão resolvidos.

DB: Mas isso ainda vem do exterior.

K: Naturalmente. É como quando vamos à igreja. Numa igreja antiga, ou numa catedral, nós nos sentimos extraordinariamente quietos. É a atmosfera, a estrutura; a própria atmosfera faz com que nos sintamos tranqüilos.

DB: Sim, ela transmite não-verbalmente o significado de quietude.

K: Isso não é nada. É como incenso!

DB: É superficial.

K: Totalmente superficial; evapora como incenso! Empurramos tudo isso para o lado, e então, o que nos resta? Não uma influência externa, um deus, ou algum salvador. O que me resta? O que há que pode ser transmitido, que atravessará a parede que os seres humanos construíram para si próprios?

Será o amor? Essa palavra tomou-se corrompida, carregada, suja. Mas se limparmos essa palavra, será o amor o fator que transporá essa engenhosa abordagem analítica? Será o amor o elemento que está faltando?

DB: Bem, temos de discutir isso; talvez algumas pessoas estejam um pouco cautelosas com relação a essa palavra.

K: Estou indescritivelmente cauteloso!

DB: E, conseqüentemente, da mesma maneira como as pessoas resistem a escutar, também resistirão ao amor.

K: E por isso que eu disse que ela é uma palavra arriscada.

DB: Dissemos outro dia que o amor contém inteligência.

K: Naturalmente.

DB: Que também é desvelo; com amor queremos nos referir àquela energia que também contém inteligência e desvelo; tudo isso .. .

K: Espere um minuto: você possui aquela qualidade e eu estou preso na minha miséria, ansiedade, etc., e você está tentando penetrar com aquela inteligência nessa massa de escuridão. Como pretende fazê-lo? Isso surtirá efeito? Se não, nós, os seres humanos, estaremos perdidos. Entende, senhor? Conseqüentemente, inventamos Jesus, Buda, Krishna — imagens que se tomaram sem sentido, superficiais e absurdas.

O que faremos então? Penso que esse é o outro fator. Atenção, percepção, inteligência e amor — você traz tudo isso para mim, e eu sou incapaz de recebê-lo. Digo: "soa agradável; posso senti-lo mas não posso retê-lo." Não posso retê-lo porque no momento em que eu sair desta sala, estarei perdido!

DB: Realmente esse é o problema.

K: Sim, esse é o verdadeiro problema. Seria o amor algo externo, como o céu (Se todos esses elementos estão do lado de fora)? Seria o amor algo externo que você me traz, que você desperta em mim, que me dá como um presente — ou será que há essa qualidade na minha escuridão, ilusão e sofrimento? É evidente que não, não pode haver.

DB: Então onde ele está?

K: Esse é o ponto. O amor não é seu ou meu; ele não é pessoal, nem uma coisa que pertença a alguém; o amor não é isso.

DB: Esse é um ponto importante. De modo análogo, disse que o isolamento não pertence a uma pessoa, embora tenhamos a tendência de pensar no isolamento como um problema pessoal.

K: Naturalmente. É um terreno comum para todos nós. A inteligência também não é pessoal.

DB: Mais uma vez, isso contraria toda a nossa maneira de pensar, entende?

K: Sei.

DB: Todo mundo diz que esta pessoa é inteligente, e que aquela não é. Essa então pode ser uma das barreiras a tudo isso, o fato de que por trás do pensamento comum de todo o dia há o pensamento mais profundo da humanidade; mas geralmente nos sentimos divididos, e dizemos que essas diversas qualidades ou pertencem a nós ou não pertencem a nós.

K: Concordo. É a mente fragmentária que inventa tudo isso.

DB. Isso foi inventado, mas nós o assimilamos verbalmente e não-verbalmente, através da inferência, desde a infância. Conseqüentemente isso é penetrante, é a base dos nossos pensamentos, de todas as nossas percepções; devemos, pois, questioná-lo.

K: Já o fizemos — já dissemos que a mágoa não é minha mágoa, que a mágoa é humana, e assim por diante.

DB: Mas como as pessoas irão ver isso, uma vez que uma pessoa que esteja vivenciando a mágoa sente que ela é sua mágoa pessoal?

K: Penso que isso ocorre em parte devido à nossa educação, e em parte devido à nossa sociedade e às nossas tradições.

DB: Mas está implícito em toda a nossa maneira de pensar. Temos então de saltar para fora disso, percebe?

DB: Talvez possamos perceber que o amor não é pessoal.

K: Terra não é terra inglesa, ou terra francesa; terra é terra!

DB: Estava pensando num exemplo da física: se o cientista ou o químico estiver estudando um elemento como o sódio, ele não diz que é o seu sódio, ou que outra pessoa está analisando o sódio *dela.* E, naturalmente, eles comparam os seus apontamentos, etc.

K: Exatamente, sódio é sódio.

DB: Sódio é sódio, universalmente. Temos de dizer então que o amor é amor, universalmente.

K: Sim. Mas veja, minha mente se recusa a perceber isso, porque sou terrivelmente pessoal, estou terrivelmente preocupado "comigo e com meus problemas". Eu me recuso a abandonar isso. Quando você diz que sódio é sódio, é muito simples; posso ver isso. Mas quando diz que a mágoa é comum a todos nós, isso é difícil.

DB: Isso não pode ser feito com o tempo, mas demorou muito para que a humanidade percebesse que sódio é sódio, entende?

K: O amor é uma coisa que é comum a todos nós?

DB: Bem, na medida em que existe, ele tem que ser comum.

K: Naturalmente.

DB: Talvez ele não exista, mas se existir, tem que ser comum.

K: Não tenho certeza de que ele não existe. A compaixão não é "eu sou compassivo". A compaixão está ali, é algo que não é o "mim".

DB: Se nós dissermos que a compaixão é a mesma coisa que o sódio, ela é universal. Nesse caso, a compaixão de todas as pessoas é a mesma.

K: Compaixão, amor e inteligência. Não podemos ter compaixão sem inteligência.

DB: Diremos então que a inteligência também é universal!

K: Evidentemente.

DB: Mas temos métodos para testar a inteligência individualmente nas pessoas, entende?

K: Oh, não.

DB: Mas será que isso é parte da coisa que está atrapalhando?

K: Parte desse modo de pensar discordante e fragmentário.

DB: Bem, pode haver o pensamento holístico, embora não estejamos nisso ainda.

K: O pensamento holístico então não é pensamento; é algum outro fator.

DB: Algum outro fator que ainda não abordamos.

K: Se o amor é comum a todos nós, por que sou cego com relação a ele?

DB: Acho que é em parte porque a mente se assusta; ela simplesmente se recusa a levar em conta uma mudança de conceito tão fantástica com relação ao modo de encarar as coisas.

K: Mas você acabou de dizer agora mesmo que sódio é sódio.

DB: Veja bem, temos bastante evidência disso em todos os tipos de experimentos, elaborados através de muito trabalho e experiência. Con-

tudo, não podemos fazer isso com o amor. Não podemos entrar num laboratório e demonstrar que amor é amor.

K: Oh, não. O amor não é conhecimento. Por que a nossa mente se recusa a aceitar um fator tão evidente? Será por causa do medo de se abandonar os antigos valores, padrões e opiniões?

DB: Penso que é por causa de algo mais profundo. É difícil de detectar, e não é uma coisa simples, embora o que você propôs seja uma explicação parcial.

K: Que é uma explicação superficial, eu sei. A causa será a ansiedade profundamente enraizada, o anseio por uma segurança total?

DB: Mas isso, mais uma vez, está baseado na fragmentação.

K: Naturalmente.

DB: Se aceitarmos que estamos fragmentados, inevitavelmente desejaremos ficar completamente seguros, porque quando estamos fragmentados estamos sempre em perigo.

K: Será essa a raiz de tudo? Esse impulso, essa exigência, esse anseio por estarmos totalmente seguros em nosso relacionamento com todas as coisas? Por sermos infalíveis?
Na verdade, só há completa segurança no nada!

DB: Não é a necessidade de segurança que está errada, e sim as fragmentações. O fragmento não pode certamente ter segurança.

K: Isso está correto. Assim como cada país que tenta estar seguro: não está seguro.

DB: Mas a segurança completa poderia ser alcançada se todos os países se unissem. A maneira como colocou a coisa soa como se devêssemos viver eternamente na insegurança, percebe?

K: Não esclarecemos bem isso.

DB: Faz sentido desejarmos a segurança, mas estamos examinando isso da maneira errada. Como podemos transmitir que o amor é universal, que

ele não é pessoal, a um homem que tem vivido completamente na rotina limitada da realização pessoal? Parece-me que o primeiro ponto é: ele questionará sua personalidade estreita, "inigualável"?

K: Algumas pessoas a questionam; elas percebem a lógica do que estamos discutindo e, contudo, curiosamente, pessoas que levam esse assunto bastante a sério, tentaram encontrar a totalidade da vida através do jejum, da tortura - em resumo, de todas as maneiras. Não podemos, porém, apreender, perceber, ou ser o todo por meio da tortura. O que faremos então? Digamos que eu tenha um irmão que se recusa a ver tudo isso, e como tenho grande afeição por ele, quero afastá-lo da fragmentação. Tentei comunicar-me com ele verbalmente, e algumas vezes não-verbalmente, por meio de um gesto ou de um olhar; mas tudo isso ainda vem do exterior. E talvez seja essa a razão pela qual ele resiste. Posso mostrar ao meu irmão que essa chama pode ser despertada nele mesmo? Isso significa que ele tem de me escutar, mas meu irmão se recusa a escutar.

DB: Parece que há algumas ações que não são possíveis. Se uma pessoa está presa num determinado pensamento como a fragmentação, ela não o consegue mudar, porque há inúmeros outros pensamentos por trás dele.

K: Naturalmente.

DB: Pensamentos que ela não conhece. Ela não está na verdade livre para executar sua ação, devido a toda a estrutura de pensamento que a está impedindo.

K: Como posso ajudar, então — uso essa palavra com muito cuidado — o meu irmão? Qual é a raiz de tudo isso? Falamos a respeito de nos tomarmos conscientes — mas tudo isso é verbal; pode ser explicado de diversas maneiras — a causa, o efeito, e todo o resto. Depois que explico tudo isso, ele diz: "Você me deixou onde eu estou". E minha inteligência, minha afeição, diz: "Não posso abandoná-lo." E isso significa que o estou pressionando?

Não estou usando qualquer tipo de pressão, ou de recompensa; minha responsabilidade é que não posso abandonar um outro ser humano. Não é a responsabilidade do dever e de toda essa coisa desagradável; é a responsabilidade da inteligência dizer tudo isso a ele. Há uma tradição na índia que conta que uma pessoa que se chama Maitreya Buda fez um juramento de que não se tornaria o Buda supremo até que tivesse libertado outros seres humanos também.

DB: Totalmente?

K: Sim. Veja, a tradição não mudou nada. Como pode uma pessoa que tenha essa inteligência, essa compaixão, esse amor, que não é por um país, por uma pessoa, por um ideal ou por um salvador, transmitir essa pureza a outra? Morando com ela e conversando com ela? Você percebe que a coisa toda pode se tornar mecânica.

DB: Diria que essa questão nunca foi realmente solucionada?

K: Penso que não. Mas temos de solucioná-la, entende? Ela não foi resolvida, mas a nossa inteligência nos diz que devemos solucioná-la. Não, não penso que a inteligência diga isso; a inteligência diz que esses são os fatos, e talvez algumas pessoas consigam captar a coisa.

DB: Bem, parece-me que há na verdade dois fatores: um é a preparação por parte da razão para mostrar que isso tudo faz sentido; e a partir dai' possivelmente algumas pessoas irão captar a coisa.

K: Já fizemos isso, senhor. O mapa já foi exposto, e ele o viu bem claramente; os conflitos, a miséria, a confusão, a insegurança e a transformação. Tudo isso está extremamente claro; mas quando chega ao fim do capítulo, ele volta ao começo. Ou talvez ele tenha um lampejo da coisa, e o seu anseio de captar esse lampejo e de manter-se nele transforma-se numa memória. Entende? E começa todo o pesadelo!

Quando mostrarmos a ele bem claramente o mapa, poderemos também apresentar-lhe algo muito mais profundo do que isso, que é o amor? Ele está procurando tudo isso, mas o peso do corpo, do cérebro, da tradição - tudo isso o puxa para trás. Portanto, ele se encontra numa batalha permanente — e penso que a coisa toda está completamente errada.

DB: O que está errado?

K: A maneira como estamos vivendo.

DB: Muitas pessoas já devem estar vendo isso agora.

K: Indagamos se o homem deu um passo na direção errada, e penetrou num vale de onde não é possível escapar. Não é possível que seja assim; isso é por demais deprimente e aterrador.

DB: Penso que algumas pessoas refutariam isso. O próprio fato disso ser tio aterrador não o toma falso. Penso que você teria de fornecer um motivo mais forte para afirmar que a coisa não é verdadeira.

K: Oh, sim.

DB: Consegue perceber na natureza humana alguma possibilidade de uma verdadeira mudança?

K: Naturalmente, caso contrário nada teria sentido; seríamos macacos, máquinas. Veja, a faculdade da mudança radical é atribuída a alguma influência externa, e conseqüentemente olhamos para isso, e nos perdemos nisso. Se não olharmos para ninguém, e estivermos completamente livres da dependência, a solidão será comum a todos nós. Isso não é isolamento. É um fato evidente que quando percebemos tudo isso — a estupidez e a irrealidade da fragmentação e da separação — estamos naturalmente sozinhos. Esse senso de solidão é comum, e não pessoal.

DB: Sim, mas o senso ordinário de que a pessoa está sozinha é pessoal no sentido de que cada indivíduo o sente como sendo seu.

K: A sensação de estar sozinho não é solidão.

DB: Penso que todas as coisas fundamentais são universais, e portanto você está dizendo que quando a mente se aprofunda, ela se associa a uma coisa universal.

K: Exatamente.

DB: Que pode ou não chamar de absoluto.

K: O problema é fazer com que a mente mergulhe muito, muito profundamente dentro de si mesma.

DB: Sim. Ocorreu-me uma coisa agora. Quando começamos com um problema particular, nossa mente é muito superficial, e depois nós nos dirigimos a algo mais geral. A palavra "geral" tem a mesma raiz de "gerar"; o *genus é* a origem comum. ..

K: Gerar, naturalmente.

DB: Quando nos dirigimos a uma coisa mais geral, uma profundidade é gerada. Mas se prosseguirmos mais ainda, o geral ainda será limitado porque é pensamento.

K: Isso está bastante correto. Mas para nos aprofundarmos, precisamos não apenas de uma tremenda coragem como também do senso de seguir permanentemente o mesmo fluxo.

DB: Bem, isso não é bem persistência; também é limitado, certo?

K: Sim, a persistência também é limitada. Caminha ao lado de uma mente religiosa no sentido de que ela é persistente em sua ação, seus pensamentos, e assim por diante; mas ainda é limitada. Se a mente puder ir do particular para o geral, e do geral.. .

DB: . . . para o absoluto, para o universal. Muitas pessoas, porém, diriam que isso é muito abstrato, e que não possui qualquer ligação com a vida diária.

K: Eu sei. Contudo, ela é uma coisa essencialmente prática, e não uma abstração.

DB: Na verdade, é o particular que é abstração.

K: Exatamente. O particular é o mais perigoso.

DB: E também é o mais abstrato, porque só atingimos o particular através da abstração.

K: Claro, claro.

DB: Penso que isso talvez seja parte do problema. As pessoas sentem que desejam uma coisa que realmente as afete na vida diária; não querem simplesmente se perder em conversas e, portanto, dizem: "Todas essas generalidades insípidas não nos interessam."

É verdade que o que estamos discutindo deve funcionar na vida diária, mas a vida diária não contém a solução para os seus problemas.

K: Não. A vida diária é o geral e o particular.

DB: Os problemas humanos que surgem na vida diária não podem ser resolvidos ali.

K: É necessário irmos do particular para o geral; depois devemos nos aprofundar ainda mais partindo do geral, e aí talvez se encontre a pureza do que chamamos de compaixão, amor e inteligência. Isso porém significa entregar nossa mente, nosso coração e todo nosso ser a essa investigação.

Já falamos agora por bastante tempo; penso que chegamos a algum lugar.

27 de setembro de 1980, Brockwood Park, Hampshire